

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**  
**MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

Fernanda Lília de Almeida

**Além das montanhas:** saberes e costumes mineiros na tela do *Terra De Minas*

Juiz de Fora

2023

**Fernanda Lília de Almeida**

**Além das montanhas:** saberes e costumes mineiros na tela do *Terra de Minas*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: profa. dra. Christina Ferraz Musse

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Almeida, Fernanda Lília.

Além das Montanhas: : Saberes e Costumes Mineiros na Tela do Terra de Minas / Fernanda Lília Almeida. -- 2023.

190 f. : il.

Orientadora: Christina Ferraz Musse

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2023.

1. Telejornalismo. 2. Mineiridade. 3. Memória. 4. Terra de Minas. 5. Tradição. I. Musse, Christina Ferraz , orient. II. Título.

**Fernanda Lília de Almeida**

**Além das montanhas:** saberes e costumes mineiros na tela do *Terra de Minas*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

BANCA EXAMINADORA

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christina erraz Musse - Orientadora**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia de Albuquerque Thomé**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Veiga França**  
Universidade Federal de Minas Gerais

Juiz de Fora, 21 / 07 / 2023.



Documento assinado eletronicamente por Christina Ferraz Musse, Professor(a), em 21/07/2023, às 17:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Claudia de Albuquerque Thome, Professor(a), em 21/07/2023, às 17:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por RENNAN LANNA MARTINS MAFRA, Usuário Externo, em 21/07/2023, às 17:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Vera Regina Veiga França, Usuário Externo, em 25/07/2023, às 09:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Fernanda Lilia de Almeida, Usuário Externo, em 04/08/2023, às 10:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 1376340 e o código CRC 9DCD76E5.

---

Ao Pedro, por fazer-me sempre aprendiz. À minha mãe Rosa Helena, pela inspiração. E ao meu pai Walter, pelas memórias silenciosas e sempre vivas.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio e compreensão. À dona Rosa Helena, minha mãe, inspiração em todas as horas, para esta e outras muitas realizações. Além do apoio, estava cuidando do meu filho para eu me entregar à pesquisa. Com ela, estavam outras duas mulheres, Vera e Bruna, que são exemplos de força e que me encorajavam a cada dia. Vocês me deram mais que segurança, foram meu porto seguro em todo esse tempo. Ao meu Pedro, que me faz ser uma pessoa melhor todos os dias.

À jornalista que sempre admirei e que foi entrevistada ao longo de toda a pesquisa, Soraia Vasconcelos. Há mais de 20 anos a conheci em uma reportagem para o *Terra de Minas* e ela, mineiramente, indicou-me caminhos. Talvez o mais importante deles tenha sido o que me trouxe até aqui. Com voz pausada, com muito apreço pela reportagem de TV e domínio pelas coisas de Minas, Soraia mostrou-me que para falar de mineiridade é preciso ver belezas em detalhes, nas sutilezas, tem que saber ouvir as vozes do “interior”. Aliás, foi ouvindo muitas histórias que me senti à vontade para contá-las. E a jornalista que se tornou amiga estava lá, incentivando-me a trazer sempre uma Minas que ainda não havia sido mostrada na TV. Obrigada por tudo, Sôra.

À amiga Marcíssima, no superlativo desde muitos e muitos anos. Nos conhecemos no cursinho, fizemos a faculdade juntas. O meu TCC foi feito no computador dela (sempre generosa). Hoje a doutora Márcia Costa foi a maior incentivadora dessa dissertação. Do projeto à finalização tem a colaboração sempre precisa dessa mineira de Rio Pomba e de um coração do tamanho do mundo, que ela tanto gosta de explorar.

Por falar em amizades, não se faz uma dissertação sem o apoio e a ajuda de pessoas especiais. Também dos tempos da Facom: Najla Passos, obrigada pelas dicas, por me ouvir, por contribuir com a sua experiência nas aulas e por me encorajar num início tão difícil, depois de mais de 20 anos longe da academia. À amiga e doutora Renata Vargas, que me deu dicas preciosas de organização de estudos, ajudou-me com a sua leitura na área, textos e inspirou-me pelo exemplo.

E os amigos e parceiros do trabalho, na TV? Obrigada, Gabriel Landim e Luciana Moraes, ela futura doutora e pontualíssima com todas as tarefas. Ele era a minha segurança digital, meu suporte TI. Formávamos um trio de estudos e isso foi importante diariamente nas discussões de textos, no encorajamento de cada atividade, cada artigo.

Na TV passo a maior parte do meu dia, então o agradecimento vai também para muitos colegas que contribuíram com a minha pesquisa: Letícia Braga, que sempre me fazia acreditar que seria possível. Fatinha, guardiã da memória da TV em Juiz de Fora. À Fran Rocha, dona da chave de um tesouro chamado Cedoc (Centro de Documentação). As duas sempre empolgadas com cada preciosidade descoberta nos arquivos. Obrigada à doutora e colega Patrícia Amaral pelos empréstimos de livros, por Halbwachs, Nora, pelas dissertações impressas e por me ouvir. A Graci Soares, que virou colega na academia e com quem tive ótimas trocas.

Aos colegas profissionais que atuam no Acervo da TV Globo Minas. Em nome da Ana Clara, agradeço a presteza de todos. Vocês foram fundamentais para a realização da pesquisa, cedendo o relatório de programas realizados ao longo de dez anos e reportagens especiais que só podem ser acessadas nos arquivos da emissora.

Aos professores do PPGCOM. Depois de 25 anos da graduação, vocês foram importantíssimos nessa minha caminhada pelo mestrado: compreensivos, acessíveis, incentivadores e generosos. Quanto conhecimento pude absorver! Minha grande admiração pelo Paulo Roberto.

À Cláudia Thomé, pela gentileza de sempre, por aceitar participar da minha banca, por ter-me dado dicas e direcionamentos importantes na qualificação. Encantei-me pela “videoteratura”!

Ao Rennam Mafra, obrigada por ter me ouvido em um momento em que achei que não seria possível. Conhecimento e empatia, qualidades desse grande mestre. Obrigada por todas as orientações na qualificação e por saber que poderia contar com você.

Um obrigada carinhoso aos colegas do grupo de pesquisa Comcime. Susane, Talita, Aurora, João Gabriel, Thalisson e Graci Noceli.

E o que dizer da minha orientadora? A admiração por ela é dos tempos que eu a via na televisão. Eu a assistia e sonhava em ser repórter como ela. Tive a felicidade de tê-la como professora na graduação, um orgulho. E muitos anos depois, Musse me acolheu como orientanda, mesmo sabendo da distância que havia entre o meu ritmo de vida e o mundo acadêmico. A pandemia nos separou fisicamente, o meu trabalho também, e ela sempre entendeu. Ouviu-me, orientou-me! Mui generosa, compartilhava o que tinha: muito conhecimento.

Doutora Christina Musse, obrigada por tanto!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

## RESUMO

Esta pesquisa buscou identificar que tipo de memória e identidade mineira são retratadas e reportadas nos primeiros 10 anos de exibição do programa semanal *Terra de Minas*, reproduzido em todas as afiliadas da Rede Globo, em Minas, entre 2001 e 2011. Neste estudo, utilizou-se a metodologia da Análise de Conteúdo (AC). Serviram de aporte teórico os conceitos sobre memória de Andreas Huyssen e Ecléa Bosí, os estudos de mineiridade de Vera França, além do entendimento da televisão como lugar de memória e de construção da história, conforme Marialva Barbosa. A análise dos temas e da forma de produção do programa (reportagem e edição) apontou que a revista eletrônica elege como proposta ressaltar determinadas tradições e riquezas culturais e artísticas do estado, a despeito de todas as contradições econômicas e sociais enfrentadas nas diversas regiões das Gerais. Conclui-se que o programa opta por criar uma representação identitária unificada das muitas narrativas possíveis sobre Minas, e, assim, privilegia o enquadramento editorial em que o conteúdo é marcado pelo tom bucólico e poético, perpetuado nas tradições rurais.

**Palavras-chave:** Telejornalismo. Mineiridade. Memória. *Terra de Minas*. Tradição.

## ABSTRACT

This research had the goal to identify the type of memory and the identity of the people from Minas Gerais that is portrayed and reported in the first 10 years of the weekly program *Terra de Minas*, reproduced in all Rede Globo affiliates, in Minas, between 2001 and 2011. In this study, the Content Analysis (CA) methodology was used. The concepts of memory by Andreas Huyssen and Ecléa Bosí, the studies of the typical traditions from Minas Gerais by Vera França, as well as the understanding of television as a place of memory and construction of History by Marialva Barbosa, served as theoretical support. The analysis of the themes and the form of production of the program (reporting and editing) pointed out that the electronic magazine chooses as a proposal to highlight certain traditions and cultural and artistic riches of the state, despite all the economic and social contradictions faced in the various regions of Minas Gerais. It is concluded that the program chooses to create a unified identity representation of the many possible narratives about Minas, and, thus, favors the editorial framework, in which the content is marked by the bucolic and poetic tone, perpetuated in rural traditions.

**Keywords:** TV News. Typical traditions from Minas Gerais. Memories. *Terra de Minas*. Tradition.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Construção da TV Industrial.....	24
Figura 2 – <i>Frame</i> da entrevista de Geraldo Mendes à TV Integração.....	25
Figura 3 – Juscelino Kubitscheck, Sérgio Mendes e Geraldo Mendes.....	25
Figura 4 – Programa de auditório da TV Industrial.....	27
Figura 5 – Geraldo Mendes no estúdio do programa <i>Geraldo Mendes Convida</i> .....	27
Figura 6 – Antena em formato helicoidal – TV Industrial, Juiz de Fora.....	27
Figura 7 – Roberto Marinho em visita à Juiz de Fora.....	29
Figura 8 – Telejornal <i>A Marcha do Mundo</i> , com Darci José e Danúbio Bezerra.....	32
Figura 9 – Orlei Moreira, apresentador do bloco local do JN na década de 1970.....	34
Figura 10 – Área de cobertura da TV Integração em Minas Gerais.....	36
Figura 11 – <i>Frame</i> da reportagem com o técnico em eletrônica Edes Barbosa.....	37
Figura 12 – Mapa de cobertura da TV Globo em Minas Gerais.....	40
Figura 13 – Mapa – site do governo.....	54
Figura 14 – Fotografias de pôr do sol: serra da Canastra e Ouro Preto.....	56
Figura 15 – <i>Frame</i> do cenário e créditos editores: Soraia Vasconcelos e Elias Cacharrel.....	69
Figura 16 – <i>Frame</i> de imagens da primeira vinheta de abertura do <i>Terra de Minas</i> .....	70
Figura 17 – Sequência de <i>frames</i> na abertura do primeiro <i>Terra de Minas</i> .....	73
Figura 18 – Sequência de <i>frames</i> do VT sobre religiosidade.....	74
Figura 19 – <i>Frame</i> da passagem da repórter, no VT sobre a culinária mineira.....	76
Figura 20 – <i>Frames</i> de violeiros e da apresentadora entrevistando dois personagens.....	77
Figura 21 – Sequência de <i>frames</i> do artista plástico Carlos Bracher.....	78
Figura 22 – <i>Frame</i> da reportagem: almoço típico.....	108
Figura 23 – <i>Frame</i> do mapa de cobertura da TV Globo e afiliadas .....	108
Figura 24 – <i>Frames</i> da vinheta do <i>Terra de Minas</i> com a música de Paula Fernandes.....	124
Figura 25 – <i>Frame</i> da apresentadora na abertura do programa especial sobre Ouro Preto.....	132
Figura 26 – <i>Frames</i> da passagem do repórter Emerson Penha.....	133
Figura 27 – <i>Frames</i> externos de Ouro Preto.....	133
Figura 28 – <i>Frames</i> dos entrevistados da reportagem especial sobre Ouro Preto.....	134
Figura 29 – <i>Frames</i> de casarões em Ouro Preto .....	134
Figura 30 – <i>Frame</i> da entrevista de Adélia Prado.....	140
Figura 31 – <i>Frames</i> da abertura da reportagem: artesanato no Vale do Jequitinhonha.....	141

Figura 32 – <i>Frame</i> da abertura da repórter no Vale do Jequitinhonha.....	141
Figura 33 – <i>Frames</i> de Lira Marques Borges e as máscaras de barro.....	142
Figura 34 – <i>Frames</i> de Ulisses Mendes e os personagens.....	142
Figura 35 – <i>Frames</i> da Maria Helena e as panelas de barro.....	143
Figura 36 – <i>Frames</i> externos do Vale do Jequitinhonha.....	143
Figura 37 – <i>Frames</i> da d. Isabel Mendes da Cunha e peças de artesanato .....	144
Figura 38 – <i>Frame</i> do último <i>take</i> da reportagem.....	144
Figura 39 – <i>Frames</i> da reportagem temática sobre o congado mineiro.....	150
Figura 40 – <i>Frames</i> de instrumentos musicais do congado.....	151
Figura 41 – <i>Frames</i> de enquadramentos variados na captação de entrevistas .....	154
Figura 42 – <i>Frames</i> da reportagem sobre a produção de rapaduras na fazenda .....	157
Figura 43 – <i>Frames</i> da reportagem sobre culinária para grávidas.....	159
Figura 44 – <i>Frame</i> da passagem da repórter Fernanda Lília, gestante.....	160
Figura 45 – <i>Frames</i> da conversa à mesa.....	161
Figura 46 – <i>Frame</i> da cozinha e fogão à lenha.....	162
Figura 47 – <i>Frames</i> da reportagem sobre ferrovias em Formiga.....	167
Figura 48 – <i>Frames</i> de uma roda de viola no mutirão do carro de boi.....	168
Figura 49 – <i>Frame</i> da passagem de Odilon Amaral, na casa do músico João Bosco.....	169
Figura 50 – <i>Frames</i> da casa do artista João Bosco.....	169
Figura 51 – <i>Frame</i> do Rio Piranga.....	170
Figuras 52 – <i>Frames</i> das imagens que cobriram a música de Fernando Brant e Tavinho Moura .....	174
Figura 53 – <i>Frames</i> de imagens de uma procissão pelas ruas desordenadas de Ouro Preto..	174

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – TV Integração.....	40
Quadro 2 – EPTV.....	40
Quadro 3 – INTER TV.....	40
Quadro 4 – TV Globo Minas.....	41
Quadros 5 e 6 – Grade de programação da TV Globo Minas e Afiliadas.....	42
Quadro 7 – Retranças de reportagens exibidas no 1º ano.....	88
Quadro 8 – Retranças de reportagens exibidas no 2º ano.....	92
Quadro 9 – Retranças de reportagens exibidas no 3º ano.....	96
Quadro 10 – Retranças de reportagens exibidas no 4º ano .....	100
Quadro 11 – Retranças de reportagens exibidas no 5º ano .....	104
Quadro 12 – Retranças de reportagens exibidas no 6º ano .....	109
Quadro 13 – Retranças de reportagens exibidas no 7º ano .....	113
Quadro 14 – Retranças de reportagens exibidas no 8º ano .....	117
Quadro 15 – Retranças de reportagens exibidas no 9º ano .....	120
Quadro 16 – Retranças de reportagens exibidas no 10º ano .....	125
Quadro 17 – Decupagem – <i>Terra de Minas</i> – Especial Ouro Preto.....	135
Quadro 18 – Decupagem – <i>Terra de Minas</i> – Artesanato no Vale do Jequitinhonha.....	145
Quadro 19 – Decupagem – <i>Terra de Minas</i> – Especial congado mineiro.....	151
Quadro 20 – Decupagem – <i>Terra de Minas</i> – Especial Comida para Mulheres Grávidas .....	162
Quadro 21 – Decupagem – <i>Terra de Minas</i> – Especial Música Mineira.....	170

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantidade de minutos de cada assunto abordado.....	80
Gráfico 2 – Categorias x números de reportagens – 1º ano.....	88
Gráfico 3 – Categorias x números reportagens – 2º ano.....	91
Gráfico 4 – Categorias x números reportagens – 3º ano.....	96
Gráfico 5 – Categorias x números reportagens – 4º ano.....	100
Gráfico 6 – Categorias x números reportagens – 5º ano .....	104
Gráfico 7 – Categorias x números reportagens – 6º ano .....	109
Gráfico 8 – Categorias x números reportagens – 7º ano.....	113
Gráfico 9 – Categorias x números reportagens – 8º ano .....	117
Gráfico 10 – Categorias x números reportagens – 9º ano .....	121
Gráfico 11 – Categorias x números reportagens – 10º ano .....	125
Gráfico 12 – Reportagens ao longo de 10 anos, em categorias.....	130

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 A TELEVISÃO ABRE CAMINHOS PELO INTERIOR DE MINAS .....</b>	<b>20</b>
2.1 DUAS EMISSORAS E HISTÓRIAS DE PIONEIRISMO .....	22
2.1.1 De TV Industrial à TV Globo .....	23
2.1.2 TV Triângulo, afiliada à Globo: pioneirismo no Brasil.....	30
2.2 ANOS 80 E A CONSOLIDAÇÃO DA TV NO INTERIOR DE MINAS .....	36
2.2.1 A televisão no norte de Minas .....	37
2.2.2 O sinal da Globo no leste de Minas.....	38
2.2.3 Da Globo à EPTV, pouca mudança na TV do sul de Minas Gerais.....	39
2.3 A TELEVISÃO E O REGIONALISMO: ALÉM DA NOTÍCIA .....	41
<b>3 MINEIRIDADE PRESENTE NAS LEMBRANÇAS .....</b>	<b>48</b>
3.1 AS MUITAS MINAS .....	53
3.2 MINAS EM IMAGENS: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ALMA .....	55
3.3 HUMANIZAÇÃO DA HISTÓRIA NA TV .....	60
<b>4 A CONSTRUÇÃO DA MINEIRIDADE NO PROGRAMA <i>TERRA DE MINAS</i> .....</b>	<b>68</b>
4.1A COR DO OURO NO PRIMEIRO <i>TERRA DE MINAS</i> .....	72
4.2 UMA CANASTRA DE HISTÓRIAS EM MAIS DE MIL REPORTAGENS .....	81
4.3 MINEIRAMENTE, AVE PALAVRAS .....	83
4.4 ESPELHOS DA MINEIRIDADE .....	85
4.4.1 Primeiro ano: construindo uma narrativa para chamar de Minas.....	87
4.4.2 Segundo ano: o gosto de Minas.....	91
4.4.3 Terceiro ano: viajando pelo interior.....	95
4.4.4 Quarto ano: pelas montanhas Gerais.....	99
4.4.5 Quinto ano: “Minas são muitas” .....	104
4.4.6 Sexto ano: a culinária na mesa.....	107
4.4.7 Sétimo ano: em alta definição .....	113
4.4.8 Oitavo ano: a história que passa pelo colonial.....	116
4.4.9 Nono ano: os costumes da roça .....	120

4.4.10 Décimo ano: no seio de Minas.....	123
<b>5 ANÁLISE DE CONTEÚDO: TEMAS GERAIS.....</b>	<b>127</b>
5.1 NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS NA TELA.....	130
5.2_CIDADE E TURISMO.....	131
5.3 ARTE E ARTESANATO.....	139
5.4 RELIGIOSIDADE, TRADIÇÃO E FESTA.....	148
5.5 <i>TERRA</i> NA COZINHA: A CULINÁRIA.....	155
5.6_MÚSICA PARA CONTAR E OUVIR.....	166
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>1756</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>181</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O casario colonial, cuidadosamente preservado ao redor da pequena praça, com ruas de pedras desiguais. As montanhas emoldurando o cenário, como em um filme ou em uma novela de época. Do lado de dentro das janelas de vidraças, uma mesa posta com louças coloniais e quitutes da fazenda: broa de fubá, pão de queijo e biscoito de polvilho frito no fogão à lenha. O cheirinho do café passado no coador de pano quase pode ser sentido, nas lembranças. É fechar os olhos e as imagens dessa Minas Gerais bucólica e rural vêm à memória.

Nascida e criada em fazenda, essas lembranças me acompanham. Talvez por esse motivo, falar de Minas e descrever essas faces das Gerais seja uma necessidade, uma busca prazerosa, uma forma de compartilhar memórias e vivências. As imagens que surgem da infância, na fazenda colonial com alpendre de madeira, são referências de um passado ainda presente na vida de uma jornalista que gosta de contar e ouvir histórias.

Tornei-me repórter de TV, mas para enxergar-me uma narradora, precisava ouvir muitas histórias. Afinal, quem ouve, conta melhor. Já dizia Walter Benjamim: “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros” (BENJAMIM, 1986, p. 217).

E contar histórias sobre os costumes e riquezas típicos da roça na televisão surgiu com a possibilidade de fazer reportagens e ir além da notícia factual. Reportar e mostrar Minas passou a ser mais que um trabalho. Era uma forma de comunicar e de dar voz a diferentes personagens do interior. Passou também a ser uma busca por histórias “dos antigos” – é assim que se fala na roça, quando vamos ouvir pessoas mais experientes. Uma paixão descoberta a cada reportagem que buscava, no passado, explicações para o que a memória não deixava adormecer.

De repórter à mestranda. Depois de mais de 20 anos de experiência em programas telejornalísticos de TV aberta, contando histórias de diferentes cantos das Minas Gerais, a volta ao passado se deu por meio dos livros e para tentar escrever uma história bem diferente. Agora, o desejo era estudar e pesquisar o que foi feito por muito tempo, seguindo a intuição e a paixão de uma mineira do interior pelas coisas simples, uma paixão por compartilhar com diferentes públicos histórias dos outros, histórias ouvidas para reportá-las. Volto à academia para levantar questões nem tão simples. A Minas plural, diversa, de influência de outras culturas, de diferentes sotaques, tem as suas memórias referenciadas em telejornais da TV aberta, de mineiro para mineiro? Como os programas de TV mostram a memória não oficial das Minas Gerais? Em busca dessas respostas partiu o interesse por entender se o veículo de comunicação

de maior penetração popular ajuda a manter a imagem tão cristalizada de um povo e suas tradições. O corpus da pesquisa será um programa telejornalístico semanal que, ao longo de vinte anos, tem a proposta de unir o estado por meio de uma linguagem identitária.

Minas Gerais sempre teve um lugar de destaque no cenário cultural do Brasil. Sua gente, seus costumes, sua culinária, seus poetas, músicos, escritores e artistas fizeram com que a cultura mineira se expandisse para além de nossas montanhas e fosse reverenciada por todo o país e pelo mundo. E para mostrar as belezas desta fantástica terra, a equipe de jornalismo da Globo em Minas e afiliadas no Estado produzem o TERRA DE MINAS. O programa é uma revista eletrônica leve, com belas imagens, música, poesia, cultura, culinária, turismo e personagens (TERRA..., 2021).

Cada região das Minas Gerais tem uma característica. A Zona da Mata, pela proximidade, tem uma ligação direta com o estado do Rio de Janeiro. O sul de Minas recebe influência até no sotaque de São Paulo. O Triângulo, que tem área limítrofe entre dois grandes rios da Federação, acaba sendo um ponto de ligação entre São Paulo e Goiás: está aí uma referência forte para os mineiros que vivem nessa região das Gerais. No norte, o jeito baiano e a comida típica do sertão mostram que, naquelas terras, o mineiro diz “oxente, minino!”.

Um estado e suas referências: no estilo de vida, no sotaque, na música, na arquitetura, na culinária – e esta tem uma ligação direta com as nossas lembranças. O fogão à lenha e a fumaça da chaminé parecem anunciar: tem café quentinho saindo, tem broa no forno, tem cheirinho de afeto, de casa de vó, de casa de tio, de algum parente, de algum vizinho, de uma casa de roça. Mesmo quem nunca morou no interior tem essa referência de passado por meio das imagens que vêm à memória, quando se descreve uma cozinha mineira. Lembranças nos mais diferentes sentidos. O apito do trem, o sino das igrejas barrocas e o barulho de água na pedra, anunciando uma cachoeira por perto. É ouvir para se transportar para um tempo longínquo ou mesmo não vivido.

Minas é também visual. Está na poesia de Adélia Prado: “Uma ocasião, meu pai pintou a casa toda de alaranjado brilhante. Por muito tempo moramos numa casa, como ele mesmo dizia, constantemente amanhecendo” (PRADO, 1993, p. 36). Essa imagem é imediata. A memória da poetisa compartilhada em verso nos mostra que Minas é dos sentidos. Mesmo que o mineiro não saiba diretamente, ele é tocado por essas referências.

Neste trabalho pretendemos pesquisar o universo de um programa de TV como importante campo para construção de uma memória coletiva. Mas qual memória de Minas é retratada e resgatada no programa de TV *Terra de Minas* da Rede Globo? Será que a Minas

exibida no telejornal semanal de caráter documental vai além do ouro e das montanhas Gerais? A Minas do programa *Terra de Minas*, nos primeiros 10 anos, é a Minas que figura na memória dos mineiros? São questões que buscaremos elucidar, levantando edições especiais do programa da emissora de TV aberta, exibido aos quatro cantos do estado. Ele era produzido, captado e editado por mineiros. Mostrava, além de histórias e curiosidades das Gerais, crônicas do cotidiano desse estado tão cercado por influências, mas que mantém suas próprias características.

E essa identidade presente na culinária, no artesanato, na arquitetura, na música, está sempre nos lembrando onde vivemos; nossas raízes, nossas memórias. Uma presença forte e que passou a fazer parte do cotidiano do mineiro que assistia ao programa de TV *Terra de Minas*, que ia ao ar aos domingos pela manhã e que depois passou a ser exibido aos sábados à tarde. Uma forma de unir telespectadores por meio da transmissão em rede estadual. A TV Globo transmitia o programa para todas as cinco emissoras afiliadas. No ano de 2001, eram a TV Globo, em Belo Horizonte, e mais cinco emissoras pelo interior do estado: EPTV, sul de Minas, a partir de Varginha; TV Integração, de Uberlândia; TV Panorama, com sinal saindo de Juiz de Fora; TV Leste, com sede em Governador Valadares e TV Grande Minas, de Montes Claros.

Além da programação padronizada da Globo, partindo do Rio de Janeiro e São Paulo para todas as afiliadas no país, como telenovelas, jogos de futebol e telejornais em rede nacional, o que era comum a todas as emissoras em relação ao estado de Minas era a transmissão do telejornal diário e de caráter factual e estadual, o *Bom Dia Minas*. Os outros telejornais: *PTVI* (praça TV 1) conhecido pelo grande público como *MGI* e *PTV2* (praça TV 2), o *MG2*, eram voltados para o público regional de cada emissora. Até hoje, são programas com maior espaço para o localismo.

Mas, em outubro de 2001, a TV Globo Minas lançou o programa semanal *Terra de Minas* dentro da grade de exibição de programas telejornalísticos. Ele era pautado pela história, culinária, curiosidades e valores tradicionais da cultura mineira, com espaço para o resgate da memória e de valores perdidos no dia a dia. Essa volta ao passado se dava por diferentes simbologias e experiências: por meio da música, das imagens, das fotografias, das entrevistas carregadas de saudosismos e até por meio das locações, em igrejas, museus e cenários compostos com elementos de diferentes épocas. Para Musse, Henriques e Thomé (2015), o registro da memória de um grupo social é também o registro da memória do país.

Gravar depoimentos de história de vida de personagens de uma determinada cidade é registrar parte da memória social da nação, isto é, vai além da relação com o Estado, como a cidadania, ultrapassa sim esta relação, criando narrativas pontuadas pelo afeto, a emoção, os laços de pertencimento e identificação. (MUSSE; HENRIQUES; THOMÉ, 2015).

Buscamos pesquisar como a prática jornalística se constitui de elementos memorialísticos na construção do discurso televisivo, sobrevivendo ao factual presente diariamente nos telejornais. Nesse mundo de transformações, cada vez mais rápidas e fluidas, “a memória funciona como um laço de pertencimento, uma referência de estabilidade, que reúne pessoas em torno do prazer, às vezes acompanhado da nostalgia, de lembrar” (ARANTES; MUSSE; 2013, p. 383).

Portanto, esta pesquisa se justifica por mostrar que o espaço dedicado ao telejornalismo com viés memorialístico e documental pode ser importante para a preservação da história não oficial e da memória oral, além de contribuir para uma discussão sobre a diversificação das narrativas jornalísticas. E, analisando o ambiente onde são constituídos os elementos memorialísticos nas narrativas jornalísticas do programa, contribuimos para que outros programas com a mesma proposta se estabeleçam nesse cenário cada vez mais fugaz, de notícias rápidas e superficiais.

O corpus é composto por cinco reportagens especiais do *Terra de Minas* da TV Globo. A seleção leva em conta a primeira reportagem de um programa especial de cada categoria analisada na pesquisa, ao longo de 10 anos. O estudo é importante para se discutir a memória de costumes por meio de narrativas e de depoimentos de fontes oficiais e de personagens, que estão longe das páginas históricas, mas são significativos no contexto da preservação da memória e da identidade. O material utilizado na pesquisa foi gentilmente cedido pelo Departamento de Acervo da TV Globo Minas: um relatório com as retrancas das reportagens feitas para o programa em dez anos. Através desse suporte, foi possível categorizar os temas mais abordados, em qual ano, em quais cidades e nas datas em que foram exibidos. Além do relatório com setenta e uma páginas, a TV Globo Minas também forneceu para a pesquisa edições especiais do *Terra de Minas*, que são encontradas somente nos arquivos da emissora, tais como: primeira edição do programa, o programa especial sobre artesanato e a edição comemorativa de dez anos do *Terra de Minas*. Contamos também com um programa especial sobre Ouro Preto, encontrado no canal do YouTube, disponibilizado por Fabrício Veloso, que gravou o *Terra*, na época. Além desses materiais mencionados, tivemos acesso, ainda, ao meu arquivo pessoal. Lembrando que, nos primeiros dez anos do programa, tive proximidade com

toda a equipe de criação, elaboração e edição do programa, já que eu atuava na reportagem na TV Integração, na cidade de Divinópolis, região centro-oeste de Minas. Eu contribuía com sugestões de pauta e com reportagens na região.

Com o registro de histórias e tradições por meio da TV, o público tem acesso ao passado no conforto de casa. Basta estar atento ao que é oferecido especificamente por programas de documentários audiovisuais, sejam eles de entretenimento ou de jornalismo. Mas é importante ressaltar que essa volta ao passado é feita através de uma curadoria de profissionais envolvidos nos programas para produzir o tão falado prazer nostálgico destacado por Andreas Huyssen no livro *Seduzidos pela memória*. O autor fala da necessidade de se voltar ao passado.

Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado, que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX (HUYSSSEN, 2000, p. 9).

Buscamos, por meio da Análise de Conteúdo (AC), classificar os símbolos memorialísticos que mais surgem nas reportagens que fazem o resgate da Minas de tradições e costumes rurais. Além de investigar se a Minas Gerais plural e com diversas influências é também retratada em um programa que se orgulha de mostrar o mineiro e suas tradições enraizadas. O trabalho usa o suporte teórico sobre memória de Andreas Huyssen (2000), Ecléa Bosi (2018) e o conceito de experiência de Walter Benjamin (1986). Analisamos as narrativas, considerando que é importante lembrar que a televisão se transforma em lugar de memória e de construção da história, segundo Marialva Barbosa (2016). Além disso, buscamos nos estudos sobre mineiridade de Vera França (1998) e Alceu Amoroso Lima (1944) explicações para questões identitárias de Minas Gerais.

No capítulo 2, abordamos uma só Minas, unida por meio da tela, após a interiorização da televisão no país. Iremos mostrar como foi a efetivação do processo de instalação de televisão em todo o interior do estado e mais especificamente em duas regiões de Minas: Triângulo e Zona da Mata, pioneiras na transmissão do sinal da TV aberta. Também abordamos a televisão como “guardiã da memória”, nos mais diferentes gêneros jornalísticos. Afinal, as imagens vistas na TV passam a carregar símbolos de uma memória coletiva, compartilhada e capaz de eternizar saberes e costumes. “Os meios de comunicação realizam ‘trabalhos de memória’, classificando o mundo para o público, selecionando e ordenando a realidade social, tornando-se, dessa forma, ‘senhores da memória’ da sociedade” (BARBOSA, 2007, p.133).

No capítulo 3, falamos da identidade mineira que assola a nossa memória e nossas lembranças, a partir de representações reforçadas pelas imagens de Minas Gerais exibidas em programas de TV. A Minas que passa pela cozinha, que tem os contornos das montanhas nas mais diferentes regiões, e que carrega na religiosidade mais que símbolos, mas uma referência até midiática. Destaca-se que um programa de TV que figura dentro do gênero jornalístico mais documental tem nas lembranças e na memória uma forma bucólica e poética de enxergar o jeito mineiro vivido e exaltado. Ainda abordamos, nesse tópico, a diversidade das Minas Gerais, capaz de produzir memórias distintas e ao mesmo tempo de uma sinergia comum em todo o estado.

Já no capítulo 4, entramos na parte empírica da pesquisa, descrevendo o programa que se dedica a falar e a mostrar Minas Gerais e suas histórias e riquezas culturais. Apresentamos a decupagem do *Terra de Minas* que foi ao ar no dia 21/10/2001, o programa de número 01. Com base no relatório disponibilizado pela TV Globo Minas, foi possível separar as retrancas das reportagens por categorias e fazer um levantamento ano a ano. Isso possibilitou termos uma visão geral das abordagens temáticas ao longo de cada temporada anual. Gráficos com uma relação quantitativa ajudam a nos dar um panorama do programa.

A Análise de Conteúdo compõe o capítulo 5, onde foram estudadas cinco reportagens, que abrem programas especiais de cada categoria pesquisada. Isso para averiguar se nessas edições a narrativa remete à memória, a partir das seguintes referências: seleção de personagens que tenham passados a serem lembrados, entrevistas em cenários escolhidos para produzir no espectador a sensação da volta ao passado, uso estratégico da direção de fotografia, além de recursos técnicos na edição, como sonoplastia específica para enfatizar uma espécie de nostalgia. Concluindo, tecemos os comentários gerais acerca do *Terra de Minas*, um programa que mineiramente escolhe uma narrativa mais lenta, como se fosse um caso, para contar histórias que tenham apelo ao passado.

## 2 A TELEVISÃO ABRE CAMINHOS PELO INTERIOR DE MINAS

A televisão é um veículo de comunicação que chegou e revolucionou o século passado, acelerando a transmissão de informações por meio de imagens e sons. No Brasil, foi no dia 18 de setembro de 1950 que o empresário paraibano Assis Chateaubriand fez a primeira transmissão oficial, com a TV Tupi-Difusora – um marco para a comunicação na América Latina, já que tal país foi o primeiro na América do Sul e o sexto no mundo a ter uma emissora de TV.

Nesse sentido, “A TV Tupi-Difusora começou transmitindo imagens para apenas cerca de 500 aparelhos receptores na cidade de São Paulo, mas três meses depois já havia 2 mil aparelhos funcionando ali” (JAMBEIRO, 2002, p. 51). Ao longo da década de 1950, foram criadas outras emissoras, a exemplo da TV Record e da TV Excelsior. Contudo, para Jambeiro (2002), somente na década de 1960 a televisão se consolida e adquire “contornos de indústria”.

Nos anos 50 a televisão era operada como uma extensão do rádio, de quem herdou os padrões de produção, programação e gerência, envolvidos num modelo de uso privado e exploração comercial. Nos anos 60 a televisão começou a procurar seu próprio caminho, a adquirir processos de produção mais adequados às suas características enquanto meio e transformou-se assim no poderoso veículo de transmissão de ideias e de venda de produtos e serviços que é hoje (JAMBEIRO, 2002, p. 53).

Destaca-se que o que contribuiu para essa consolidação, fazendo a TV traçar o seu caminho e a se firmar no cenário de comunicação de massa, foi, sem dúvida, a introdução do *vídeo-tape* (VT), com o qual se tornou possível estabelecer uma programação horizontal. Chegava-se à era das telenovelas e a veiculação de um mesmo programa em emissoras de cidades diferentes, o que possibilitava o crescimento dos anúncios publicitários. Assim, “A veiculação de um mesmo programa em vários dias da semana criou o hábito de assistir televisão rotineiramente” (MATTOS, 2002, p. 87), uma fidelização que se inicia com as telenovelas e se consolida com os telejornais em rede nacional. É o que Dominique Wolton (1986) classifica como “mudança radical” na comunicação, a partir do momento em que a TV colocou a imagem no primeiro plano: “Não só o espetáculo em imagem seduzia imediatamente, como também a janela para o mundo...” (WOLTON, 1996, p. 5).

Afinal, o mundo se via e se mostrava por meio das imagens do cinema e da televisão. Foi, portanto, uma experiência capaz de mudar o estilo de vida das pessoas que abandonaram velhos hábitos para seguir o que era mostrado na tela.

O pesquisador em televisão Sérgio Mattos (2002) diz que os primeiros anos da TV no Brasil foram marcados pelo amadorismo e pela dificuldade de produção, até porque somente na década de 1960 é que começa a expansão de emissoras fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Era a imagem em movimento e a espetacularização chegando ao interior de forma popular. Era uma janela se abrindo para o mundo, mas também uma forma de mostrar o que existia nos mais diferentes rincões. Uma troca de conhecimentos e de vivências por meio da tela.

Ela é, ao mesmo tempo, uma formidável abertura para o mundo, o principal instrumento de informação e divertimento da maior parte da população e, provavelmente, o mais igualitário e o mais democrático. Ela também é um instrumento de libertação, pois cada um se serve dela como quer, sem ter de prestar contas a ninguém: essa participação à distância, livre e sem restrições, reforça o sentimento de igualdade que ela busca e ilustra o seu papel de laço social (WOLTON, 1996, p. 65).

As emissoras não ficaram restritas ao eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Em Belo Horizonte, a televisão foi introduzida, em 1955, pelo mesmo empresário Assis Chateaubriand, precursor da TV no Brasil. Para o pesquisador Flávio Lins (2011), a emissora chegava com a proposta de ser “A TV dos Mineiros”, sendo que o nome também remetia a um símbolo da capital do estado: Itacolomi, nome de um pico na região central de Minas Gerais. Uma proposta de emissora com programação feita em Minas, para os mineiros e que ficou no ar por 25 anos: “Acreditamos que a TV Itacolomi foi o último sopro de mineiridade na televisão em Minas, e, a partir do seu fechamento, no dia 18 de julho de 1980, as redes de TV com sede no Rio de Janeiro e São Paulo passaram a produzir a maior parte da programação veiculada em Belo Horizonte” (BRANDÃO; LINS; MAIA, 2011, p. 12). Essa programação com enfoque na mineiridade, com uma grade local e específica para assuntos, costumes e interesses de Minas Gerais, seria mais evidenciada no ambiente que foi sendo conquistado e efetivado pelo telejornalismo ao longo dos anos.

Porém, a capital do estado de Minas Gerais acompanhava as tendências do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em 1963, era inaugurada a TV Belo Horizonte, que seria vendida para as Organizações Globo e entraria no ar como TV Globo Minas, em fevereiro de 1968. Ela seria a quarta emissora própria da Rede Globo, que já iniciara uma programação integrada entre as cidades do Rio, São Paulo e Belo Horizonte. “A TV Globo em Minas foi inaugurada em 1968. Nos primeiros anos, a programação era transmitida do Rio de Janeiro e tinha, entre os destaques, o Jornal Nacional, as novelas e os programas Capitão Furacão e Sítio do Pica-Pau Amarelo” (MEMÓRIA GLOBO, 2004). Todos esses programas mencionados eram gerados no Rio de

Janeiro, enquanto a programação local na Globo Minas ficava restrita ao que era produzido pelo departamento de jornalismo.

Surgiu assim uma emissora do Grupo Globo em Belo Horizonte, mas não era a única retransmissora de *broadcasting* no estado. Minas Gerais contava com outras emissoras independentes tanto na capital, como no Triângulo e na Zona da Mata, o que conferia a essas regiões uma importância na década de 1960.

## 2.1 DUAS EMISSORAS E HISTÓRIAS DE PIONEIRISMO

Parafraseando Guimarães Rosa, “Minas são muitas” e de diferentes regiões das Gerais surgiram histórias de pioneirismo relacionadas à implantação de emissoras de TV. Contudo, vamos nos ater às emissoras que futuramente viriam a fazer parte do conglomerado Globo de Televisão, com raízes no Rio de Janeiro.

Em 1964, foram lançadas duas emissoras no interior do estado de Minas Gerais: a TV Triângulo, em Uberlândia, e a TV Industrial, em Juiz de Fora. Os dois canais foram criados por empresários visionários que acreditavam no momento desenvolvimentista pelo qual o país passava. Eram municípios longínquos, separados no estado de Minas, com suas características regionais.

Na época, Uberlândia vivia um crescente desenvolvimento, depois de entrar para a rota logística entre São Paulo e a capital Federal. Brasília havia sido inaugurada<sup>1</sup> e a rodovia BR-050, que ligava a maior cidade do país à capital, passava pelo Triângulo Mineiro: Uberaba e Uberlândia. “Todos os caminhos levam a Brasília”, disse então o presidente Juscelino Kubistchek. Dessa feita, o corredor logístico abria as portas para o desenvolvimento regional, fortalecendo Uberlândia como cidade estratégica comercialmente pela facilidade de aproximação com os grandes centros. Foi nesse período efervescente em que houve a criação da TV Triângulo: “O nome TV Triângulo foi escolhido pelo advogado Wilson Ribeiro, o primeiro diretor da emissora. O que ele queria, com isso, era mostrar que o sinal chegaria para os municípios que, geograficamente, estavam dentro do triângulo” (AMARAL, 2008, p. 59).

Juiz de Fora, por sua vez, recebia influência direta do Rio de Janeiro. A cidade que era conhecida como a Manchester Mineira<sup>2</sup> tinha, em 1964, cerca de 300 mil habitantes. Na década

---

<sup>1</sup> Brasília foi inaugurada no dia 21 de abril de 1960 pelo presidente Juscelino Kubitschek.

<sup>2</sup> Manchester Mineira: Juiz de Fora era conhecida assim devido ao pioneirismo na industrialização. Diferente de outras cidades do Estado, não teve influência da cultura colonial de Minas.

de 1960, um outro fato pode ter sido fundamental para o momento de desenvolvimento: a criação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Assim, a cidade mineira localizada mais perto do Rio, “[...] que fervilhava com o cinema e o rádio nos anos 40 e 50, na década de 60, foi seduzida pela TV” (LINS, 2010, p. 37) e vivia uma efervescência cultural desenvolvimentista. Flávio Lins (2010) ainda destaca que, antes da TV Industrial, Juiz de Fora recebia o sinal de três emissoras cariocas, o que permite visualizar que a influência da chamada Cidade Maravilhosa era forte também culturalmente, por meio da arte e da música. Nesse contexto, A TV Industrial chegava para mostrar essa riqueza pioneira, com uma programação que reforçava uma identidade que se orgulhava da proximidade com os cariocas.

### 2.1.1 De TV Industrial à TV Globo

Em entrevista à TV Integração por ocasião dos 70 anos da TV no Brasil<sup>3</sup>, Geraldo Mendes, um dos fundadores da TV Industrial, ao lado do pai, Sérgio Mendes, e do irmão, Gudesteu Mendes, contou sobre o início do sonho para a montagem de uma emissora, na cidade de Juiz de Fora:

Meu pai dizia o seguinte: ele sabia que meu irmão e eu gostávamos de música, cantávamos. E falou: vamos fazer uma coisa. Vocês não querem ter uma rádio, não? Falamos: uma boa ideia, pai. Aí, lutamos para obter uma rádio. E essa concessão nos foi dada pelo Getúlio Vargas, em 1954, na véspera da morte dele.<sup>4</sup> Jantamos com Getúlio Vargas. Ele disse para meu pai que ele gostava muito do papai: filhinho, tá aqui o presente pra vocês. Vai sair amanhã publicado no Diário Oficial a concessão da Rádio Difusora Minas Gerais. E através da rádio, fomos buscando nos aperfeiçoar, fazendo mais jornalismo mesmo e compramos a Rádio Industrial. Na cláusula que nós compramos tinha uma abertura: que se houvesse algum dia um canal de televisão para Juiz de Fora, esse canal seria dado à TV Industrial por garantia do Governo Federal. Foi assim que surgiu (MENDES, 2020).

O sonho de construir uma televisão foi ousado. Na entrevista concedida à repórter Fernanda Lília e exibida na TV Integração, dentro do MG1, em 28 de setembro de 2020, Geraldo Mendes relembra curiosidades da época:

Houve uma revista espanhola que dizia sobre a nossa televisão. Que dizia que a Televisão Industrial de Juiz de Fora foi feita por três loucos: quem projetou, quem financiou e quem construiu. Era o Armando Favaco, o arquiteto; o construtor foi Tales Costa e o papai financiando (MENDES, 2020).

<sup>3</sup> Os 70 anos da chegada da TV no Brasil foram comemorados no dia 18 de setembro de 2020.

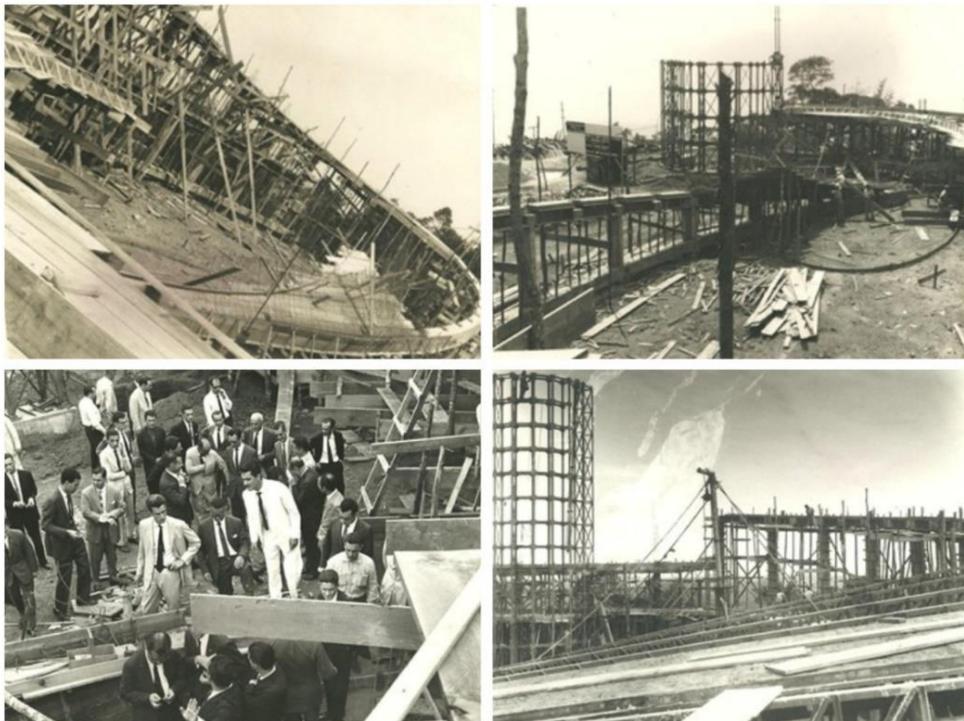
<sup>4</sup> O presidente Getúlio Vargas morreu na manhã do dia 24 de agosto de 1954, após suicídio.

O local escolhido foi o Morro do Imperador, popularmente conhecido como Morro do Cristo, a 930 metros de altitude e com uma vista para toda a cidade. Destaca-se, ainda, que uma estrada foi construída para levar os equipamentos até o local (2020).

(...) construímos a televisão e nós tínhamos prazo pra colocá-la no ar. O prazo seria de dois anos. Eu fiquei três meses lá em cima no Morro do Cristo, acompanhando a obra. A obra foi feita em ritmo acelerado. Nós tínhamos até uma musiquinha pela rádio que dizia “se quiser ver é só subir o morro” e nós estávamos lá trabalhando. (...). Vamos fazer um estúdio perto da torre para ter a propagação da imagem. Foi feito assim, por essa razão (MENDES, 2020).

Toda a construção gerava curiosidade, até porque era um acontecimento não só para Juiz de Fora, como também para Minas Gerais e até para o país. Virou, assim, uma atração, ao passo que a obra era visitada por autoridades: “Juscelino Kubitschek veio a Juiz de Fora e fez questão de ir lá” (MENDES, 2020). Somado a isso, a família Mendes ia registrando toda a evolução em fotografias, o que nos ajuda a entender qual o tamanho e a importância do feito de erguer uma emissora em uma cidade do interior.

Figura 1 – Construção da TV Industrial.



Fonte: Arquivo pessoal de Geraldo Mendes.

Figura 2 – *Frame* da entrevista de Geraldo Mendes concedida à TV Integração



Fonte: Mendes (2020).

Figura 3 - Juscelino Kubitschek, Sérgio Mendes e Geraldo Mendes



Fonte: Arquivo pessoal de Geraldo Mendes.

Em sua dissertação de mestrado, Frederico Belcavello (2010) fala da inauguração da TV Industrial em Juiz de Fora, no dia 29 de julho de 1964, destacando que esse fato foi notícia no Jornal *O Lince* (1964). Desse modo, entrava no ar uma das emissoras pioneiras no país que chegou com uma programação local para valorizar o que era genuinamente juiz-forano. “A Inauguração. A primeira pessoa a participar foi [sic] Geraldo Magela Tavares e Walter

Monachesi: ‘Está no ar a TV Industrial, nasceu aqui, é gente de casa’, foi a primeira frase, depois outras pessoas falaram” (MENDES, 2020).

Com a presença de autoridades e grande massa popular, realizou-se no dia 20 de julho a inauguração da TV Industrial de Juiz de Fora, da Organização Sérgio Mendes. (...) O ato inaugural contou com a celebração pela primeira vez da missa em português, pelo Rev. Arcebispo D. Geraldo M. M. Penido, tendo a seguir as autoridades presentes uso da palavra para externarem a satisfação do acontecimento, após falar pela TV Industrial o Dr. Maurício e Campos Bastos. Todos foram unânimes em ressaltar o trabalho e a dedicação do dr. Sérgio Mendes e de seus filhos Geraldo e Gudesteu Mendes, que dotaram Juiz de Fora de uma estação de televisão geradora de programas, cobrindo assim uma lacuna de há muito reclamada, principalmente porque foi JF a pioneira na América Latina em transmissão de televisão e por coincidência a cargo da Rádio Industrial, uma das emissoras da Organização Sérgio Mendes, graças ao técnico Olavo Bastos, hoje não mais residindo em JF (BELCAVELLO, 2010, p. 92).

Assim foi marcada a inauguração de uma emissora que chegou com a proposta de reforçar o orgulho da comunidade local, a “juizforaneidade” (BELCAVELLO, 2010). O mesmo autor ainda afirma que havia uma tentativa de levar o sotaque juiz-forano para a tela da TV, mostrando tal questão por meio da pesquisa que fez no jornal *O Lince* (1964):

Dos programas montados, às vezes de improviso, temos gostado de “Em nome da Lei”, com Carlos Netto; “Juiz de Fora em 3-D”, com o engenheiro Itamar Franco; “Música Imortal” e “Mesa de bar”, com Luiz Araújo; “Entrevistas”, com Maurício de Campos Bastos e outros; “Resenha Esportiva”, com Geraldo Magela Tavares, sem falar nas exibições de conjuntos musicais e artistas locais. Enfim, depois de feita a programação definitiva, é que poderemos tirar a conclusão do valor artístico e qualidades do roteiro do Canal 10. Até agora tem sido na base da improvisação. (BELCAVELLO, 2010, p. 107.)

Do que não há dúvida é da ousadia de se fazer TV nessa época. Os programas eram diversificados e atraíam não só telespectadores. Havia toda uma logística montada para levar a população do centro da cidade para o auditório da emissora no morro do Imperador: a TV Industrial colocava um ônibus para levar esse público até os estúdios (MENDES, 2020). O autor conta, orgulhoso, que “O Itamar começou a fazer o programa ‘Juiz de Fora em três dimensões’ na nossa TV e foi eleito prefeito de Juiz de Fora”. Também comenta que o nome do programa era “Geraldo Mendes Convida” e que “Nós fazíamos entrevistas! Com muito prazer. Entrevistei Rondon Pacheco, governador de Uberlândia” (MENDES, 2020).

Figura 4 – Programa de auditório da TV Industrial



Fonte: Arquivo pessoal de Geraldo Mendes.

Figura 5 – Geraldo Mendes no estúdio do programa *Geraldo Mendes Convida*



Fonte: Arquivo pessoal de Geraldo Mendes.

Figura 6 – Antena em formato helicoidal – TV Industrial, Juiz de Fora



Fonte: Arquivo pessoal de Geraldo Mendes

Com programas de auditório, jornalismo, entrevistas e, principalmente, programação esportiva, a TV Industrial seguiu com o foco local. Como indicado por Musse (2008, p. 4), “Os programas produzidos na cidade envolviam vários gêneros: educativos, jornalísticos, auditório, variedades, etc. Os outros 20% da programação eram completados pela projeção de filmes e a compra de programas”. A autora ainda escreve que a programação local durante a semana era em média de oito horas diárias, mas, aos fins de semana, chegava a 13 horas de programação. Desse modo, a TV Industrial, que fazia parte de uma Rede de Emissoras Independentes, comprava apenas alguns programas das emissoras maiores, como TV Tupi, TV Gazeta, TV Rio e TV Globo. A emissora de Juiz de Fora, então, resistiu até o fim da década de 1970, quando foi vendida para o Grupo Globo, do empresário e jornalista Roberto Marinho.

Há várias hipóteses sobre o fim da TV Industrial, vendida à Rede Globo de Televisão, em 1980. Além dos aspectos estritamente pessoais, como o falecimento em curto espaço de tempo de dois dos três sócios (o irmão, Gudesteu, e o pai, Sérgio), ficando no comando da emissora apenas Geraldo Mendes, há outras considerações: nunca a emissora apresentou uma saúde financeira desejável, seja por má administração ou por falta de investimento do mercado publicitário local (MUSSE, 2008, p. 6).

Em sua pesquisa, Belcavello (2010) esclarece que a TV Industrial foi fechada no dia 29 de novembro de 1979 e que a TV Globo Juiz de Fora estreou em 14 de abril do ano seguinte. Na entrevista à TV Integração, Geraldo Mendes (ALMEIDA, 2020) pediu para não falar sobre esse processo de venda da emissora à família Marinho. Porém, no arquivo pessoal, há o registro da fotografia do jornalista e empresário Roberto Marinho quando veio a Juiz de Fora, antes de fechar o negócio da compra.

Figura 7 – Roberto Marinho em visita a Juiz de Fora



Fonte: Arquivo pessoal de Geraldo Mendes.

A partir da década de 1980, a TV Globo Juiz de Fora passa a transmitir uma programação em rede, com o Rio de Janeiro. Era a chegada, na cidade, do Padrão Globo, uma homogeneização de qualidade presente em todas as empresas do grupo Organizações Globo. Nessa época, aponta Musse (2008), além da TV Industrial, chegavam à cidade a retransmissão de imagens da TVE, desde 31 de maio de 1981, e da TV Bandeirantes, desde 25 de dezembro de 1982. A emissora da cidade, com programação local, passou a se restringir ao telejornalismo e, ainda assim, era um espaço pequeno na grade de programação da Globo.

Musse (2008) mostra, na sua pesquisa, quais eram os programas noticiosos: *MGTV Primeira edição*, *MGTV Segunda edição* e boletins na programação de um minuto cada, o *Globo Cidade*. “Na década de 80, a produção diária de noticiosos e programas de utilidade pública se limitava a cerca de 13 minutos diários” (p. 9). A autora expõe, ainda, que a TV Globo Juiz de Fora, canal 5, ao contrário da TV Industrial, passa a ter uma área de cobertura bem maior: não era mais a TV da Manchester Mineira, pois abrangia 218 municípios da Zona da Mata, Vertentes e sul de Minas. Foi apenas em 1988 que a região do sul do estado passou a contar com a TV Varginha, que viria a ser do Grupo EPTV – Emissoras Pioneiras de Televisão. Essa divisão de área de cobertura é estabelecida pela TV Globo de acordo com a distribuição do sinal, com as concessões de canais e com o mercado publicitário.

Dezoito anos transcorreram e a Globo Juiz de Fora passou a se chamar TV Panorama em 1998. Tornou-se, assim, uma TV regionalizada e com maior espaço para o localismo, tanto que um departamento de marketing específico foi criado para atender Juiz de Fora e suas características regionais. Programas como Panorama Entrevista (2006) e Panorama Esporte deram localismo para uma programação pasteurizada pela Globo na década de 1980. Nessa perspectiva, “O estímulo à nova regionalização faz com que o espaço reservado ao telejornalismo local cresça de 15 minutos para aproximadamente 50 minutos diários” (COUTINHO; MATA, 2011, p. 363). Era a transição para uma outra fase da TV em Juiz de Fora. O Grupo Globo passava por um momento em que foi se desfazendo das emissoras fora das capitais do país. A TV Panorama foi vendida para o empresário Omar Resende Peres, que montou um grupo de comunicação: televisão, rádio, portal de internet, jornal impresso e uma empresa de eventos, a OP.COM.

O Grupo Panorama foi importante para o jornalismo de Juiz de Fora. Mas sem investimentos específicos na TV, não se sustentou. A emissora passou por uma fase de sucateamento tecnológico e, em 2009, teve 50% das ações vendidas para a antiga TV Triângulo, hoje TV Integração. Em 2012, foram vendidos os outros 50% e a TV Juiz de Fora passou a fazer parte do Grupo Integração, com sede em Uberlândia.

A TV Panorama, afiliada à Rede Globo com sede em Juiz de Fora, agora é TV Integração. A emissora, que atinge 105 municípios e 1,9 milhão de telespectadores, passa a ser 100% da empresa que já atua com três exibidoras, sendo uma em Uberlândia, uma em Ituiutaba e outra em Araxá. (NERY, 2012)

Juiz de Fora e as outras cidades geradoras de sinal do Grupo Integração passaram a ter uma ligação direta, afinal, estavam todos na mesma empresa. Mais uma vez, o espaço voltado para o localismo foi diminuído. Assim, saíram da grade de programação o Panorama Entrevista, o Panorama Revista e o Panorama Esporte. Conseqüentemente, a TV em Juiz de Fora passou a ter somente espaço para o telejornalismo.

### **2.1.2 TV Triângulo, afiliada à Globo: pioneirismo no Brasil**

Uberlândia, por sua vez, tinha cerca de 130 mil habitantes em 1964 (IBGE, 2010) e, mesmo não sendo a principal cidade do Triângulo Mineiro, na época Uberaba era referência, vinha em um crescente desenvolvimento impulsionado pela inauguração de Brasília, em 1960. A cidade, localizada em um eixo importante, entre São Paulo e a capital Federal, acabou por se

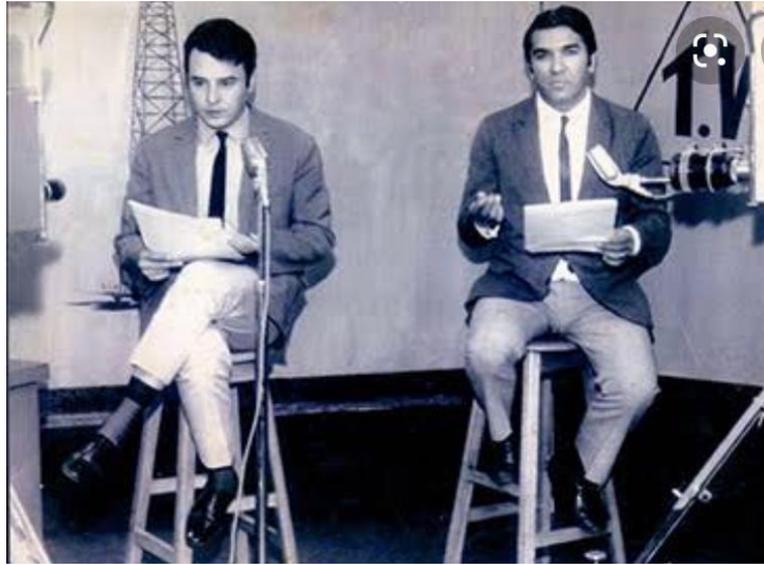
beneficiar, sendo que “Esse processo era reforçado pelo fato do governador de Minas, e ex-ministro da Casa Civil, ser o uberlandense Rondon Pacheco”, segundo Temer (1998, p. 145).

Em sua dissertação sobre a implantação da TV Triângulo em Uberlândia, Temer (1998) fala sobre esse momento no Triângulo Mineiro. A pesquisa da autora aponta que a emissora foi idealizada pelo empresário Adib Chueire, que após conseguir a liberação do Governo Federal teve a parceria de um outro empresário, Edson Garcia Nunes para juntos fundarem a primeira emissora do interior do Estado. Assim foi instalada na cidade com a proposta de mudanças e de promover movimentação no mercado de bens e consumo, o que era o alicerce para a sobrevivência da TV. Temer mostra ainda que, no dia 1º de maio de 1964, praticamente um mês após o golpe de 31 de março, entrava no ar a TV Triângulo, canal 8 – prefixo ZYA – com a razão social “Rádio e TV Uberlândia Ltda.” (TEMER, 1998, p. 20). “Essa foi a fase mais experimental da TV, quando todos, sem exceção, estavam descobrindo ‘o que era aquilo’. Boa parte das transmissões constitui-se apenas da filmagem de fotos recortadas das grandes revistas da época, coladas na parede e filmadas com a câmera parada” (TEMER, 1998, p. 96). A transmissão era toda ao vivo e, ainda segundo a pesquisadora, as matérias eram recortadas de jornais de São Paulo e lidas, já as notícias locais eram apuradas por telefone, assim como nas rádios.

Temer considera que o telejornal era mais social, uma vez que não se falava em tragédia, talvez em função do momento político. A emissora, que era partidária do movimento emancipacionista do Triângulo Mineiro, por meio do telejornalismo, fazia cobertura dos eventos regionais: “Basicamente essa cobertura se dava através de reportagens de eventos festivos, aniversários das cidades e similares” (TEMER, 1998, p. 117).

A emissora tinha uma vasta programação local dedicada a humorísticos, entrevistas e até telenovelas, sendo intercalada com filmes para dar tempo de reorganizar o cenário. Nessa perspectiva, “A chegada do *videotape* representou uma pequena revolução na TV Triângulo. O número de programas locais foi bastante reduzido e, com isso, a televisão esvaziou repentinamente” (TEMER, 1998, p. 106). Passou-se a adquirir programas das emissoras do Rio de Janeiro e de São Paulo e, com o espaço local diminuído para as áreas artísticas, o foco foi maior no telejornalismo. Programas eram feitos seguindo o formato que já era consolidado nas emissoras de rádios da época e as notícias eram lidas pelos apresentadores dos telejornais locais. O primeiro telejornal constante da TV Triângulo foi veiculado até o início da década de 1970. Intitulado Telejornal *A Marcha do Mundo*, contou com os apresentadores Darci José e Danúbio Bezerra.

Figura 8 – Telejornal *A Marcha do Mundo*, com Darci José e Danúbio Bezerra



Fonte: Arquivo da TV Integração.

Foi no início da década de 1970 que a emissora passou por uma transição administrativa. “Em 31 de agosto de 1971, no feriado que marcava o aniversário de Uberlândia, sem que ninguém desconfiasse do assunto, a TV foi vendida” (TEMER, 1998, p. 138). A emissora foi comprada pelo empresário Tubal de Siqueira e Silva, que iniciou a aproximação com a TV Globo. Até então, a programação retransmitia filmes e novelas que eram compradas das TVs Excelsior, Tupi e Record. Os programas eram exibidos com uma semana de atraso, porque eram enviados de São Paulo para Uberlândia pelo ônibus, uma vez por semana. Essas informações estão gravadas em um depoimento do empresário e proprietário da TV Integração (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO TV INTEGRAÇÃO, 2019), Tubal de Siqueira e Silva, hoje com 86 anos, que gravou três horas de entrevista para o *Memória Globo*, em 25 de março de 2019. O material encontra-se arquivado na emissora e ainda não está disponível no site *Memória Globo*. Sobre esse tópico, Siqueira Silva (2019) conta como era a aventura de se fazer televisão no interior do país, naquela época:

A coisa é a seguinte. A complicação antes da Globo foi o que me levou à Globo. Porque às vezes demoravam a chegar os malotes de São Paulo e os malotes não eram colocados no dia. Então éramos obrigados a exibir o que já tinha sido exibido às vezes por duas noites, no caso das novelas. A Record era produtora das novelas, e às vezes, um exemplo: nós exibíamos no dia, o capítulo 73 e na próxima noite seria o 74, pela ordem 75 e assim sucessivamente. Só que não chegando os capítulos nós exibíamos o mesmo 73, ou seja, em reprise. E alegávamos na gravação em *slide* que, atendendo a inúmeros pedidos da região, nós estaríamos excepcionalmente, reprisando aquele capítulo para atender aos telespectadores. E assim a tapeação funcionava muito bem. Com boa intenção, mas tapeação (SIQUEIRA SILVA, 2019).

Tubal de Siqueira Silva (2019) continua a contar como foi a aproximação da Globo, que, nessa época, ainda não tinha emissoras afiliadas:

Em 1969, eu ia muito ao Rio (...). Eu assistia ao *Jornal da Globo*, ao *Jornal Nacional*, às oito da noite. Tinha um top de três segundos e entrava às oito em ponto. Podia acertar os relógios. Eu achava aquilo simplesmente espetacular, notícia completa. O noticiário era muito bom (SIQUEIRA SILVA, 2019).

O empresário explica que estava no Rio de Janeiro e procurou a emissora no Jardim Botânico com a intenção de comprar o *Jornal Nacional* e levar para ser exibido em Uberlândia. O negócio foi firmado entre ele, Tubal de Siqueira e Silva, Walter Clark e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. “Boni falou assim, mas você é meio maluco, como você vai exibir esse jornal? Aí, eu falei: – Bom! Eu recebo uns programas lá de São Paulo por ônibus. Cês pega [*sic*], manda de ônibus pra mim pra São Paulo e de São Paulo vai pra Uberlândia” (SIQUEIRA SILVA, 2019). Começava, assim, a interiorização da TV Globo pelo Brasil.

E assim ficou combinado. Segunda-feira, às segundas-feiras, a Globo mandava o *Jornal Nacional* exibido no Rio para a Globo de São Paulo que era a antiga TV Paulista. E, na segunda próxima, a Globo de São Paulo exibia o noticiário da segunda anterior, no Rio, e mandava pra mim. Portanto, com duas semanas de atraso, nós exibíamos aqui o *Jornal Nacional* (SIQUEIRA SILVA, 2019).

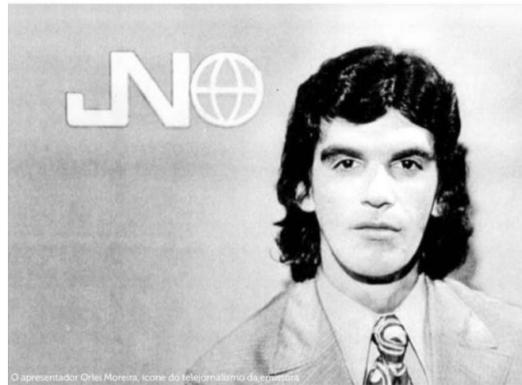
Siqueira Silva (2019) conta ainda que Uberlândia não era a última cidade na rota da exibição. Depois de ser exibido em Uberlândia, os filmes ou novelas que vinham do Rio e de São Paulo seguiam para Goiânia, fechando um ciclo com um atraso de quase um mês em relação à cidade de origem.

Com o intuito de fugir desse giro e de colocar Uberlândia mais próxima das realidades das capitais na época, foram comercializados com a TV Globo três programas: o *Jornal Nacional*, o *Chacrinha* de quarta-feira e o *Planeta dos Homens*. Sobre isso, destaca-se: “Programa muito bom na época. Aí eu fiquei numa felicidade extrema. Dois bons programas da Globo e mais o jornal” (SIQUEIRA SILVA, 2019).

Além disso, o caminho para a filiação com o grupo Globo aconteceu com a exibição de mais programas. Siqueira Silva (2019) reforça que o negócio com a Globo foi muito bom para a saúde financeira da TV Triângulo: “Aquilo ali foi uma experiência maravilhosa, porque eu não tinha que desembolsar dinheiro. A Globo tinha participação na venda nacional e na venda local. Somava tudo, 70 por cento era deles, trinta por cento nosso. Que valia a pena” (SIQUEIRA SILVA, 2019).

Com a afiliação às Organizações Globo, a TV Triângulo não poderia ter mais programação comprada das emissoras de São Paulo, como da TV Excelsior e da TV Record. A emissora passava a receber toda a grade do Rio de Janeiro bem mais compacta, em que o espaço para o localismo se restringia ao telejornalismo (1998, p. 149). O *Jornal Nacional* tinha um espaço de três minutos para as notícias locais, que eram apresentadas pelo jornalista Orlei Moreira.

Figura 9 - Orlei Moreira, apresentador do bloco local do JN na década de 1970



Fonte: Arquivo TV Integração.

Em entrevista à Ana Carolina Temer, o jornalista Orlei Moreira contou que “Mudou a referência, passamos a ver o jornal de fora, e queríamos fazer igual a eles, passagem, entrevista, tudo igualzinho. Mas não tínhamos equipamento...” (MOREIRA, 1998, p. 149). Era uma nova forma de fazer telejornalismo que chegava ao interior, como bem coloca a pesquisadora Amaral (2008), sem falar das exigências feitas pela TV Globo, como a compra de equipamentos para se atingir o padrão estabelecido pela emissora nas capitais: “Por exigência da Rede, são comprados os vídeos quadruplex<sup>5</sup>, que davam maior resolução, eram de mais fácil manuseio e, quando necessário, podiam editar cortes.” (TEMER, 1998, p. 150).

O jornalismo foi se fortalecendo e o espaço destinado às coberturas locais e regionais foi sendo preenchido. Tanto que, nos anos 80, a TV Triângulo não retransmitia a programação que vinha da capital do estado. O *Bom Dia Minas*, exibido da Globo Minas para o interior, não era retransmitido em Uberlândia. No Triângulo, a programação do BDMG era local.

O fim da década de 1980 representa conquistas da emissora. Em 1989, é fundada a TV Pontal em Ituiutuba com sinal estendido para Uberaba, em 1991, é inaugurada a terceira emissora do grupo TV Jaguará em Araxá. Em 1997, a

<sup>5</sup> Quadruplex - primeiro sistema de gravação de imagens e sons desenvolvido pela empresa americana Ampex. Tanto o áudio quanto o vídeo utilizavam as fitas em rolo.

Rede Globo passa a ter ações da emissora de Tubal Vilela de Siqueira. A área de cobertura é ampliada e os municípios na região de Divinópolis passam a ser cobertos pelo sinal de Araxá, cuja emissora muda de nome passando a ser conhecida como TV União. O mesmo ocorre com a TV Pontal, que se transforma na TV Ideal. Como resultado das ampliações, novos 35 municípios ficam sob o olhar da emissora que começa a formar um grupo; dessa forma, a rede passava a integrar uma área geográfica no Estado que não pertencia só ao Triângulo Mineiro. O antigo nome não cabia mais, por isso, em 2001 a emissora recebeu o nome de Rede Integração (AMARAL, 2008, p. 64).

A emissora em expansão passou a oferecer uma programação homogênea para todas as cidades da área de cobertura. Todas tinham o *MGTV Primeira Edição*, o *MGTV Segunda Edição* e os boletins exibidos durante a programação. Cada geradora exibia um telejornal com apresentadores diferentes e cenários distintos, por mais que seguissem um padrão estabelecido pela Globo. Destaca-se que o que havia de ligação entre elas era a troca de reportagens factuais, as quais valiam para todas, e matérias frias e de comportamento. Dessa forma, o centro-oeste do estado começava a ser visto no Triângulo, e vice-versa.

Em 2003, um programa semanal que apresentava a preocupação de não exagerar na localização da reportagem para que o telespectador não se sentisse distante do assunto começou a ser exibido na Rede Integração para unir todas as cidades da área de cobertura, envolvendo as regiões centro-oeste, Triângulo, Pontal, Alto Paranaíba e noroeste de Minas – era o *MG Rural*. Apresentado direto de Araxá, por ser uma cidade localizada entre Triângulo e centro-oeste e por ter uma vocação forte para o agronegócio, configurou um passo importante para o pensamento de uma emissora em rede regional.

Assim, a Rede Integração foi se firmando na liderança regional de televisão, mas com vocação também para atender aos padrões exigidos pela TV Globo. Tanto que, em 2008, foi criado o Núcleo Rede, a fim de dar um atendimento específico à TV Globo e formar profissionais capazes de suprir a demanda nos telejornais em Rede Nacional. Visualizou-se, portanto, que a TV Integração estava disposta a expandir suas fronteiras. Ainda no mesmo ano, a emissora adquiriu 50% da TV Panorama e, em 2012, finalizou a compra dos outros 50%, tornando-se a emissora com uma área de cobertura, que além do Triângulo, centro-oeste, Alto Paranaíba e noroeste, abrangeria também a Zona da Mata e Vertentes.

Hoje, o Grupo da TV Integração tem cinco emissoras, com sedes em Uberlândia, Uberaba, Ituiutaba, Araxá e Juiz de Fora.

Figura 10 – Área de cobertura da TV Integração em Minas Gerais



Fonte: TV Integração.

## 2.2 ANOS 80 E A CONSOLIDAÇÃO DA TV NO INTERIOR DE MINAS

Na década de 1980, as duas emissoras pioneiras – a TV Industrial, em Juiz de Fora, e a TV Triângulo, em Uberlândia – viriam a se tornar parte do mesmo conglomerado a partir do único canal TV Globo do Rio de Janeiro. Uma delas passando a ser empresa do grupo carioca, no caso de Juiz de Fora, e a outra, por sua vez, passando a ser uma afiliada da Globo, no caso de Uberlândia. Empresas distintas que comungam de uma programação que se popularizou com a transmissão de telenovelas e de programas vistos em todo o Brasil, criando laços entre os telespectadores.

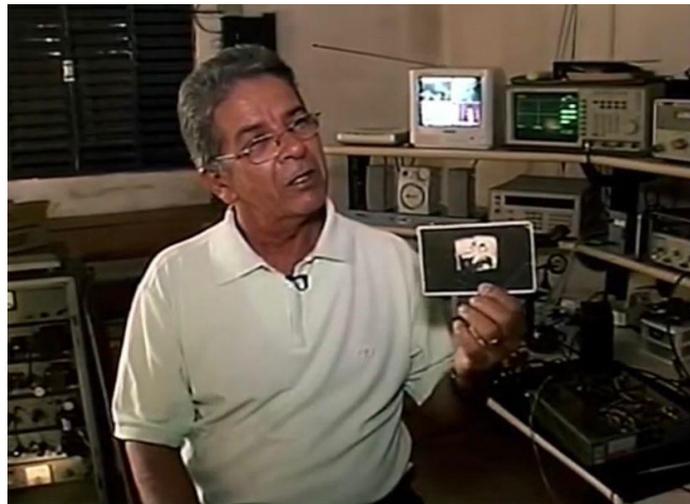
A televisão, como sempre dizemos, é o “espelho” da sociedade. Se ela é seu espelho, isso significa que a sociedade se vê – no sentido mais forte do pronome reflexivo – através da televisão, que esta lhe oferece uma representação de si mesma. E ao fazer a sociedade refletir-se, a televisão cria não apenas uma imagem e uma representação, mas oferece um laço a todos aqueles que a assistem simultaneamente. Ela é, além disso, um dos únicos exemplos em que essa sociedade se reflete, permitindo que cada um tenha acesso a essa representação (WOLTON, 1996, p. 124).

E uma emissora que tem a sua programação focada na divulgação em Rede Nacional vai criando esses laços. A mesma novela assistida no Triângulo era vista concomitantemente na Zona da Mata, nas Vertentes, no sul, no norte e no leste do estado. Na década de 1980 essa expansão de emissoras em rede vai se consolidando pelo interior de Minas.

### 2.2.1 A televisão no norte de Minas

Com um atraso de mais de uma década, a população de Montes Claros teve a tão sonhada televisão gerada diretamente do norte de Minas. Até chegar o ano de 1980, o que se tem são histórias de tentativas frustradas de obter um bom sinal e um contato direto com o que acontecia no Brasil e no mundo por meio da TV. Em um programa de televisão pela efeméride dos 30 anos da TV em Montes Claros, as lembranças de quem ajudou e participou do feito foram evidenciadas e exibidas em 2010, pela InterTV Grande Minas. A reportagem especial mostrou que o primeiro contato da população de Montes Claros com uma televisão foi em 1964 por meio do sinal da TV Itacolomi, retransmissora da TV em Belo Horizonte. Sobre isso, destaca-se que foi “História que o técnico em eletrônica Edes Barbosa (2010) acompanhou: ‘Foi através de uma única repetidora instalada em Pentáurea, aí na Serra de Pentáurea, que recebia o sinal direto de Belo Horizonte. Então era um sinal flutuante, frágil’”.

Figura 11 – *Frame* da reportagem com o técnico em eletrônica Edes Barbosa



Fonte: MGTV, 2010.

O repórter João Edwar (2010) continua a contar a história. Segundo ele, em 1966, a Miss Montes Claros, Virgínia Barbosa, concorreu ao Miss Brasil e a população se frustrou ao não conseguir ver a conterrânea que vivia um momento histórico na TV, já que, na época, o sinal era ruim e não chegava à cidade. O mesmo iria acontecer em 1970, com a Copa do Mundo.

Nesse contexto, a vontade de montar uma emissora era grande, como conta o jornalista Elias Siufi, um dos fundadores da TV Montes Claros: “Em 1974, nós ganhamos a concorrência, mas teve um problema de denúncias e foram anulados todos os processos de concorrência de TV e de rádio naquela época, nos Ministério [sic]. Aí nós entramos de novo e em 1976 nós

ganhamos um canal” (SIUFI, 2010)<sup>6</sup>. Foram mais de três anos de construção e, em 14 de setembro de 1980, entrava no ar a TV Montes Claros, como afiliada da TV Bandeirantes. Apenas em primeiro de junho de 1987 é que a TV Montes Claros passou a ser afiliada à Rede Globo, retransmitindo a programação produzida pela Globo Minas em Belo Horizonte. Por fim, em 1996, a TV Globo comprou 50% da emissora: “Nessa época, expandiu seu sinal para as regiões Norte, Central e Noroeste, além dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, atingindo cerca de 170 municípios, numa área equivalente a 42% do estado de Minas Gerais” (INTERTV, 2022). A TV Montes Claros passou, então, a se chamar TV Grande Minas e foi adquirida totalmente pela TV Globo quatro anos depois, em 2000. Porém, em outubro de 2003, foi negociada com o grupo InterTV, que possuía emissoras de TV em outros estados, como Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte.

### **2.2.2 O sinal da Globo no leste de Minas**

A década de 1980 foi bastante efervescente na distribuição e na consolidação de sinal de TV em toda Minas Gerais. As emissoras de televisão foram se fortalecendo e entrando em Rede, mas a região leste do estado não tinha uma geradora local de sinal de TV. A liberação de um canal para Governador Valadares ocorreu apenas em 1983, sendo que foram dois anos de preparativos até entrar no ar, em 1985, a TV Minas, que retransmitia o sinal da TV Manchete. Porém, isso foi por pouco tempo, pois, em 1987, a TV Montes Claros afiliou-se à TV Globo e mudou de nome, passando a se chamar TV Leste, já que o sinal estava em expansão e chegou a cobrir 100 municípios da região.

Contudo, a história da emissora do leste de Minas com a TV Globo se encerraria em 2008, quando a emissora deixou de ser afiliada do Grupo Globo para afiliar-se à Record TV. Em nota à imprensa, na época, a Rede Globo informou que: “(...) busca ter alinhamento de políticas em diferentes áreas para homogeneizar a ação da rede. No caso da TV Leste, avaliamos que a gestão estava aquém de nossos padrões de qualidade e informamos que, por isso, o contrato não seria renovado quando expirasse seu prazo” (CASTRO, 2008). A movimentação de emissoras no leste de Minas não parava aí.

Criada em 2007, com sede em Coronel Fabriciano, a TV dos Vales nasceu afiliada à TV Record. Era a forma de manter uma programação nacional voltada para as regiões leste, Vale

---

<sup>6</sup> Em 20 de julho de 1976, o presidente Ernesto Geisel assinou o decreto de outorga do canal 4 VHF, para Montes Claros (SIUFI, 2010).

do Rio Doce, Vale do Aço, Mucuri e Vale do Jequitinhonha. Todavia, em menos de um ano, o contrato com a TV Record foi rompido para afiliar-se à TV Globo, que já havia rescindido com a TV Leste. Hoje, a emissora de Coronel Fabriciano é a InterTV dos Vales, afiliada a duas sucursais nas cidades de Governador Valadares e Teófilo Otoni e integra o grupo que, além da Inter TV Grande Minas, administra outras emissoras na região dos lagos e no norte fluminense, tendo a sua sede em Natal, no Rio Grande do Norte.

### **2.2.3 Da Globo à EPTV, pouca mudança na TV do sul de Minas Gerais**

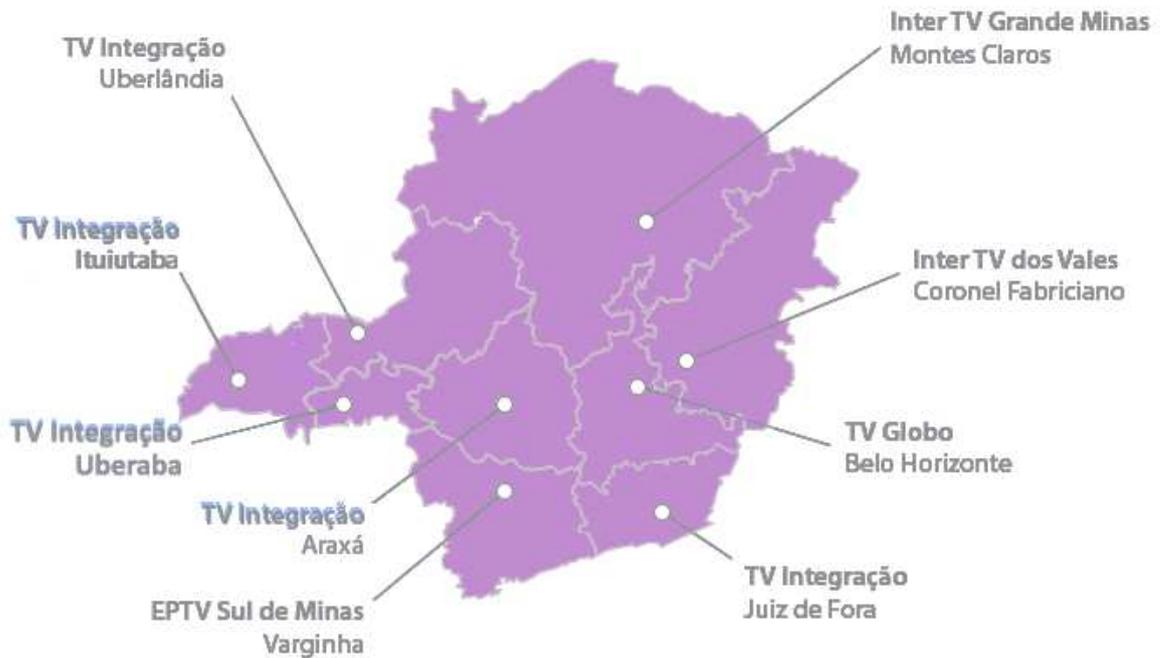
A região do Sul de Minas Gerais teve o primeiro contato com TV a partir da TV Globo de Juiz de Fora. O sinal da Zona da Mata era transmitido para Varginha e região desde que as Organizações Globo compraram a TV Industrial em 1980. Somente no fim da década, com toda reformulação de área de cobertura feita pela TV Globo, é que o sul de Minas passou a contar com um sinal exclusivo para a região: era a chegada da EPTV Sul de Minas, no dia 8 de agosto de 1988 (EPTV, 2022).

A EPTV é uma emissora que nasceu em Campinas em outubro de 1979 já como afiliada da TV Globo. A empresa foi fundada pelo então secretário de estado de São Paulo, José Bonifácio Coutinho Nogueira. O site oficial da emissora traz a informação de que o presidente das Organizações Globo, o jornalista Roberto Marinho, esteve presente na inauguração da emissora. Sobre isso: “A EPTV é composta por quatro emissoras afiliadas à Rede Globo, com sedes no interior de São Paulo (Campinas, Ribeirão Preto e São Carlos) e no Sul de Minas (Varginha). A EPTV Sul de Minas conta com sucursais em Poços de Caldas (MG) e Pouso Alegre (MG)” (EPTV, 2022).

Diante do exposto, pode-se concluir que Varginha e região não tiveram uma TV local com programação específica para a cidade. Nos tempos da Globo, a programação telejornalística era apresentada de Juiz de Fora e, depois que passou a receber o sinal da EPTV, continuou a receber a programação homogeneizada pela Globo e também pelo que era produzido para Campinas.

Hoje Minas conta com três grupos de emissoras afiliadas ao sistema Globo de Televisão: TV Integração, EPTV e Inter TV, além da TV Globo Minas, que faz a cobertura da região metropolitana e de cidades da área mais central do Estado. Cada uma delas, com uma história e atuações diferentes em sua região, segue o mesmo padrão estabelecido pela Globo na maior parte da programação exibida, sendo que o diferencial corresponde à abordagem local nos telejornais e na grade optativa, aos fins de semana.

Figura 12 – Mapa de cobertura da TV Globo em Minas Gerais



Fonte: Estado Minas Gerais (2022).

Quadro 1 – TV Integração

Sede	Cidades de abrangência	População estimada
Juiz de Fora	102	2.180.004
Uberlândia	52	1.839.017
Uberaba	8	418.644
Ituiutaba	1	105.294
Araxá	69	1.576.393

Fonte: Elaborado pela autora a partir do site da Rede Globo Estado Minas Gerais (2022).

Quadro 2 – EPTV

Sede	Cidades de abrangência	População estimada
Varginha	160	2.901.242

Fonte: Elaborado pela autora a partir do site da Rede Globo Estado Minas Gerais (2022).

Quadro 3 – INTER TV

Sede	Cidades de abrangência	População estimada
------	------------------------	--------------------

Montes Claros	134	2.407.402
Coronel Fabriciano	160	2.576.972

Fonte: Adaptado pela autora a partir do site da Rede Globo Estado Minas Gerais (2022).

Quadro 4 – TV Globo Minas

Sede	Cidades de abrangência	População estimada
Belo Horizonte	166	7.431.172

Fonte: Elaborado pela autora a partir do site da Rede Globo Estado Minas Gerais (2022).

### 2.3 A TELEVISÃO E O REGIONALISMO: ALÉM DA NOTÍCIA

Três grupos de emissoras afiliadas, de diferentes cidades e regiões, além da capital do estado. Aquilo que poderia ser um grande mosaico no ar é organizado de acordo com as características regionais e mercadológicas, sendo que as regras de programação são estabelecidas pela TV Globo não só para Minas Gerais, mas para todo o país<sup>7</sup>: há a definição do que é exibido em redes nacional, estadual e local. Existe, ainda, uma grade de programação diária, de segunda a sexta-feira, e outra para os fins de semana, na qual há espaço para programas denominados optativos, em que a emissora define se ocupa o espaço destinado a ela ou se exhibe o que a Globo vai adotar nas cidades sedes (Rio de Janeiro ou São Paulo). A diferença entre Rio e São Paulo se dá por escolhas locais, tais como: jogo de futebol de cada campeonato ou *Globo Comunidade*, com foco na cidade. Esses são dois exemplos de programas locais dentro das capitais.

É importante ressaltar que, dentro do site oficial da TV Globo, existem tabelas com a programação de cada estado. Nessa perspectiva, separamos os dados de um dia da semana da TV Globo e de afiliadas em Minas, com os horários de todos os programas e com as indicações: Rede (vai ao ar em todo o país, via satélite), Estadual (programa gerado a partir da Globo Minas) e o Local (produzido pelas emissoras afiliadas para cada área de cobertura). Mostramos, ainda, uma outra grade de fim de semana, em que estão listados os horários optativos, disponíveis para as afiliadas.

<sup>7</sup> A Rede Globo tem 120 emissoras afiliadas em todo o país. Elas são responsáveis pela cobertura de TV aberta em 98,45% dos municípios (BRASIL COBERTURA, 2022).

## Quadros 5 e 6 – Grade de programação da Globo Minas e Afiliadas

Globo Minas e Afiliadas – 15/03/2022

Horário	Programa	Exibição
00:00	Jornal da Globo	Rede
02:00	Conversa com Bial	Rede
03:00	Cinema I	Rede
04:00	Hora 1	Rede
06:00	BDMG	Estadual
08:00	Tele local	Local
08:30	BDBR	Rede
09:30	Mais Você	Rede
10:45	Encontro com Fátima	Rede
12:00	PTV I	Local
13:00	Globo Esporte (BH)	Local
13:25	Jornal Hoje	Rede
14:45	Novela	Rede
15:30	Sessão da Tarde	Rede
17:00	Vale a Pena ver de novo	Rede
18:25	Novela I	Rede
19:10	PTV II	Local
19:40	Novela II	Rede
20:30	Jornal Nacional	Rede
21:30	Novela III	Rede
22:30	BBB 22	Rede
23:45	Cinema ou PGM esp.	Rede

Globo Minas e Afiliadas – sábado, 19/03/2022

Horário	Programa	Exibição
00:10	Sessão Globoplay	Rede
00:55	Jornal da Globo	Rede
01:45	Conversa com Bial	Rede
02:25	Corujão	Optativo
04:05	Corujão 2	Optativo
06:00	Globo rep. (reprise)	Optativo
06:50	É De Casa	Optativo
07:50	É De Casa	Rede
12:00	PTV I	Local
13:00	Globo Esporte (BH)	Local
13:25	Jornal Hoje	Rede
14:10	O Melhor da Escolinha	Optativo
15:15	Sessão de Sábado	Optativo
16:45	Caldeirão	Rede
18:35	Novela I	Rede
19:20	PTV II	Local
19:45	Novela II	Rede
20:30	Jornal Nacional	Rede
21:25	Novela III	Rede
20:30	Jornal Nacional	Rede
21:30	Novela III	Rede
22:50	BBB 22	Rede
23:35	Altas Horas	Rede

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações do site *Meu Guia* (2022), da emissora.

Observamos que o espaço diário dedicado ao localismo é de cerca de 2h30, considerando que, além dos programas exibidos, há boletins de no máximo 1 minuto nos intervalos comerciais e chamadas para os telejornais. Somada a isso, toda a programação local durante a semana é especificamente jornalística. Desse modo, as curiosidades e os assuntos voltados para arte ou entretenimento locais dividem espaço com o factual diário nas notícias.

É interessante pontuar que, independentemente da região, o telejornal local é o que estabelece uma relação de pertencimento com o telespectador. Como bem coloca a pesquisadora Iluska Coutinho (2007).

Neste território o telespectador se reconhece e convive com mensagens que constituem um repertório comum, capaz de “enlaçar” dada comunidade. Uma das estratégias utilizadas pelas emissoras de TV locais para alcançar a proximidade com seus telespectadores é a promoção de eventos e campanhas da própria emissora que são noticiados nos telejornais locais (COUTINHO, 2007, p. 6).

Ao telejornalismo das emissoras regionais cabe considerar a realidade pelo interior, dando ênfase ao localismo e às identidades regionais, valorizando, por conseguinte, a cultura popular. Vizeu (2009) bem fala que o mundo está presente na “telinha” e que os jornalistas organizam esse mundo, tornando-o mais compreensível. Isso porque “O jornalismo, em particular o televisivo, é uma forma de conhecimento crítico que tem como preocupação

interpretar a realidade social” (VIZEU, 2006, p. 77). Nessa perspectiva, o telejornalismo, sendo regional ou não, surge também com uma função de explicar o mundo para o telespectador a partir da linguagem e da mensagem transmitida.

Quanto mais as palavras (ou o texto como um todo) forem “familiares” ao telespectador, maior será o grau de comunicação. As palavras e as estruturas das frases devem estar o mais próximo possível de uma conversa. Devemos usar palavras simples e fortes, elegantes e bonitas, apropriadas ao significado e à circunstância da história que queremos contar (PATERNOSTRO, 1999, p. 85).

Para Campos (2013), as emissoras pelo interior agregam fatores de interesses comunitários, uma forma de combater a homogeneização das grandes redes televisivas de massa. Por esse ângulo,

As notícias veiculadas no telejornal possuem características capazes de conquistar a atenção do telespectador, ou seja, elas agregam fatores que estão, de certa forma, ligados aos interesses da comunidade. Dessa forma, o telejornalismo regional contempla aspectos que podem ajudar a criar e ou fortalecer a identidade do indivíduo e da sociedade local (CAMPOS, 2013, p. 56).

Por meio dos telejornais de cada região as emissoras trabalham as diferenças geográficas, dando relevo ao localismo como forma de reforçar a identidade de cada lugar. Só na TV Integração são quatro jornais na hora do almoço, o *PTV I* (Praça TV)<sup>8</sup>, também chamado de *MGI*, sendo um para cada região de cobertura: Triângulo Norte, em Uberlândia; Triângulo Sul, em Uberaba; centro-oeste, em Divinópolis; e Zona da Mata, com jornal apresentado em Juiz de Fora. Na EPTV (Emissoras Pioneiras de Televisão), o *PTV I* recebe o nome de *Jornal da EPTV I* e é apresentado de Varginha. Na Inter TV, são dois jornais distintos: um deles apresentado de Montes Claros e o outro de Coronel Fabriciano, ambos com o nome de *MGI*. O *PTV I* editado e apresentado da capital também tem um foco local, com pautas direcionadas para a região metropolitana de Belo Horizonte. Ao todo, em Minas Gerais, são oito edições de telejornais locais, só na hora do almoço. Por fim, destaca-se que o *PTV II* também tem a mesma característica local.

Além desses dois programas na grade da TV Globo e afiliadas, com espaço para o localismo de cada cidade e região, há um telejornal com uma proposta de unificação do estado

---

<sup>8</sup> PTV: sigla que significa Praça TV. É usada pela TV Globo para se referir ao jornalismo local das emissoras afiliadas pelo país, já que em cada emissora os jornais têm nomes diferentes. Ex: *MGTV*, *RJTV*, *NETV*, *JA*. Quando a Globo faz alguma comunicação oficial, ela usa *PTVI* e *PTVII*.

por meio da notícia, que é o *BDMG (Bom Dia Minas)*. Apresentado de Belo Horizonte de segunda a sexta-feira, das 6h às 8h, é transmitido para todas as emissoras do grupo em rede estadual. Destaca-se que:

O Bom Dia Minas mostra as primeiras notícias do dia em todo o estado, além de tudo o que aconteceu à noite e na madrugada. O programa também traz muita prestação de serviços, com tudo o que o telespectador precisa saber sobre trânsito e previsão do tempo, além de informações sobre economia, emprego e o dia a dia das cidades (PROGRAMAS, 2022).

Quando a TV mostra um fato ou uma história por meio do telejornalismo, ajuda a criar uma consciência, aproximando, também, realidades. Stuart Hall (2000) já apontava que a identidade é marcada por símbolos, que são dispostos de forma que a comunidade passe a se identificar. Assim,

Para lidar com a fragmentação do presente, algumas comunidades buscam retornar a um passado perdido, ordenado por lendas e paisagens, por histórias de eras de ouro, antigas tradições, por fatos heroicos e destinos dramáticos localizados em terras prometidas, cheias de paisagens e locais sagrados (HALL, 1999, p. 23).

Está aí a força vista hoje no telejornalismo local, o qual não é feito apenas de notícias factuais, acontecimentos. Dentro de uma grade de horários a ser preenchida pelas emissoras, observamos espaço para história, turismo, agenda de eventos, serviços, arte e cultura, além de crônicas do cotidiano. É local, portanto, para o reforço da identidade cultural que pode ser destacada em diferentes ações. A culinária na televisão, por exemplo, estabelece uma ligação com as memórias do telespectador.

A cozinha estabelece uma identidade entre nós - como seres humanos (isto é, nossa cultura) – e nossa comida (isto é, a natureza). A cozinha é o meio universal pelo qual a natureza é transformada em cultura. A cozinha é também uma linguagem por meio da qual falamos sobre nós próprios e sobre nossos lugares no mundo (HALL, 2000, p. 43).

A culinária, a poesia, a arquitetura, o folclore e as atrações turísticas de Minas passam a figurar em pautas de comportamento comuns aos telejornais das emissoras Globo no fim dos anos 80 – época em que todas as emissoras do estado estavam estabelecidas e delimitadas em suas regiões. Partiu da capital a iniciativa de ter reportagens de turismo sobre Minas aos sábados. Também veio de Belo Horizonte a ideia de que essas reportagens fossem exibidas em todas as regiões: havia uma escala de exibição e, com base nisso, as emissoras faziam as produções. Com isso, a exuberância da serra de Ibitipoca podia ser vista no norte de Minas,

assim como o Triângulo conhecia as artesãs do vale do Jequitinhonha. Assim, por meio da TV, a proposta da emissora é de que Minas fosse se conhecendo e se reconhecendo.

Desse modo, a TV aparecia como elo nas Minas Gerais. Mais que uma companhia, uma fonte de conhecimento e uma janela para o mundo, podia ser também uma janela para se olhar para dentro. Isso porque a televisão é um meio de comunicação de massa que “é e será aquilo que nós fizermos dela” (MACHADO, 2000, p. 12); um veículo em movimento. Machado (2001) diz ainda que existem muitas teorias sobre o que é e o que pode ser a TV: pode estar ligada à vida do cotidiano, à cultura popular ou, ainda, ao espaço público. Ainda reitera que TV é um “dispositivo audiovisual através do qual uma civilização pode exprimir a seus contemporâneos os seus próprios anseios e dúvidas, as suas crenças e descrenças, as suas inquietações, as suas descobertas e os voos de sua imaginação” (MACHADO, 2001, p. 11). A teoria de Jesús Martín-Barbero (1993) aponta que a TV está ligada a mecanismos de mediação entre emissores e receptores. De qualquer modo, o fato é que a televisão é o veículo de comunicação de massa que tem grande alcance e possibilidades variadas de produção e criação.

Televisão é um termo muito amplo, que se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos: compreende desde aquilo que ocorre nas grandes redes comerciais, estatais e intermediárias, sejam elas nacionais ou internacionais, abertas ou pagas, até o que acontece nas pequenas emissoras locais de baixo alcance, ou o que é produzido por produtores independentes e por grupos de intervenção em canais de acesso público (MACHADO, 2001, pp. 12-13).

Fatos históricos, jornalísticos ou cenas do cotidiano são transmitidos e reproduzidos por meio do veículo de comunicação de massa, considerado herdeiro do rádio. Para Machado (2001), a TV se fundamenta no discurso oral e faz da palavra uma aliada da imagem, sua matéria-prima principal. Esse veículo de comunicação de massa que mostra, exhibe e dá espaço para diferentes manifestações culturais tem, no telejornalismo, um papel de referência: “Os telejornais cumprem claramente uma função pública” (COUTINHO, 2010, p. 4). Alfredo Vizeu complementa destacando que os telejornais começam a fazer parte do cotidiano do brasileiro: “Para a maioria da sociedade, eles representam a única fonte de informação sobre o mundo que os cerca. Através dos noticiários televisivos, a sociedade tem a possibilidade de alcançar uma série de fatos aos quais não teriam outra forma de acesso” (VIZEU, 2006, p. 100). Está aí uma importância que é atribuída ao telejornalismo.

Além disso, Pernisa (2011, p. 33) diz que o telejornalismo passa a ter uma ligação com a realidade do cotidiano, a ponto de que, aquilo que não é noticiado, não ganha existência:

“Diante disso, aqueles que selecionam os fatos que estarão nas telas e, portanto, nas casas dos telespectadores, são responsáveis por criar o mundo real”.

E é por meio dos telejornais que a televisão explica o mundo para o cidadão comum: essa é uma das constatações de Musse (2010). Essa afirmação, muitas vezes, vai além da notícia, podendo ser feita em formatos diferentes dentro do telejornalismo: dos telejornais em rede nacional aos regionais, passando pelo espaço da programação local diária. Além, é claro, de programas semanais com ênfase em uma narrativa que prioriza o regionalismo, por meio de histórias de vida, da memória coletiva e da identidade regional. São programas de caráter mais documental, com espaço para tradição oral e entrevistas. “Apesar do motor do jornalismo se pautar no factual, no tempo presente, nas notícias ‘quentes’, a mídia trabalha também com o tempo passado, ajudando a relembrar acontecimentos que tiveram relevância para a história de uma comunidade” (ARANTES; MUSSE, 2012, p. 2).

Nas TVs regionais há um espaço na programação e mesmo no telejornalismo, para riquezas culturais, históricas e datas comemorativas, contribuindo, assim, para uma maior valorização de tradições, folclores e costumes que poderiam se perder com o tempo. São reportagens sem factualidade ou que poderiam perder o sentido se não estivessem em um quadro com o objetivo de reforçar o conteúdo histórico e cultural. Entre os tantos quadros específicos para esse fim em telejornais, citamos dois que estiveram no ar em 2020 no MG1 da TV Integração em Juiz de Fora: *Crônicas da Cidade* e *Memória do MG*. Neles, a abordagem dos assuntos é aleatória, tocando em pontos sobre arquitetura, culinária e costumes. Nota-se, então, que o telejornal tem a notícia do dia a dia e, com esse quadro aberto, consegue dedicar um espaço semanal para cumprir o papel de resgate de memória. Está aí a importância dos diferentes gêneros jornalísticos.

É importante também ressaltar que a prática jornalística pode se constituir de elementos memorialísticos na construção de uma narrativa que busca aproximar histórias de vida por meio de subgêneros telejornalísticos, tais como: o documental, o de reportagens especiais e o de retrospectivas. Guilherme Jorge Rezende (2009) reúne essas subcategorias e ainda fala sobre a entrevista, destacando que,

Na TV, a entrevista transmite além da mensagem verbal o que o jornalismo impresso nem sempre consegue transmitir, a exposição da intimidade do entrevistado, mediante diversas formas de comunicação analógicas: expressões corporais, faciais, de entonação, figurino e maquiagem (REZENDE, 2009, p. 1).

Há um universo de costumes e tradições do interior do estado que são passados de geração em geração e que ganham espaço na tela da TV por meio da cultura oral. A partir de

programas especiais, essas tradições passam a ter visibilidade e a figurar nas lembranças, constituindo um importante campo para construção de uma memória coletiva.

Gravar depoimentos de história de vida de personagens de uma determinada cidade é registrar parte da memória social da nação, isto é, vai além da relação com o Estado, como a cidadania, ultrapassa sim esta relação, criando narrativas pontuadas pelo afeto, a emoção, os laços de pertencimento e identificação (MUSSE; HENRIQUES; THOMÉ, 2015).

Ir além da notícia, do factual fugaz, e do acontecimento no telejornalismo, mostrando fatos que não teriam espaço na corrida pelos *clicks* e *views* não é estar na contramão da força midiática. Muito pelo contrário: pode ser uma forma de contribuir com a história não oficial, uma maneira de resgatar e preservar uma memória adormecida.

### 3 MINEIRIDADE VIVA NAS LEMBRANÇAS

A fotografia está envelhecida no canto da mesa ao lado do jarro de flores artificiais. O sol que entra pelas frestas é preciso e todo dia incide sobre o mesmo porta-retratos, deixando-o cada vez mais amarelado: cenário esquecido por quem vive na casa de janelas de madeira, paredes descascadas pelo tempo. Mas esse canto do velho casarão ganha vida quando é contado e lembrado em um certo momento. Seja por um descendente, seja por uma luz artificial para destacar o *set* perfeito em uma gravação de algum caso a ser lembrado. Nas histórias contadas na TV, um cantinho adormecido pode se tornar assaz interessante, instigante; pode mexer com as memórias de quem tem viva a Minas das imagens, das histórias, dos mitos.

As Minas têm identidades estabelecidas no passado rural longínquo, mas ainda hoje são referências nas mais diferentes esferas. A pesquisadora da UFMG Vera França (1998) se refere a esse apego ao passado como “aura” em torno do nome Minas. “Quer se trate de montanhas, de sua história, de seus mitos de origem, de seus casos ou do comportamento normal de sua gente; há em todo canto uma espécie de ‘alma mineira’” (FRANÇA, 1998, p. 69). Essa é uma das representações da mineiridade que abordamos ao longo da pesquisa.

Levar essa representação para as telas da TV é contribuir para a valorização de um estado por meio de sua tradição, que em Minas Gerais é muito ligada ao campo, ao meio rural. Esse legado que se vê em diferentes pontos do estado transporta a pessoa para um passado, mesmo que ela não o tenha vivido. É um “ser mineiro”, que foi destacado por Alceu Amoroso Lima em “Voz de Minas: ensaio de sociologia brasileira”, de 1944. O autor falava do mineiro como: “é o homem do passado. O passado não larga o mineiro, em toda a sua vida. É a sua força. É a sua estabilidade. É a sua dignidade” (LIMA, 1983, p. 29).

Com essas palavras ele fez uma interpretação para o homem das Minas Gerais, dotado de qualidades que iam além da estima pela memória, mas que tinha apreço pelo equilíbrio, a ponderação e a sobriedade. O pesquisador Walderez Simões Costa Ramalho (2014) complementa que essa presença forte do passado passa a ser compreendida e interpretada como uma virtude capaz de ser fundamental no fortalecimento de uma identidade.

O mineiro muito mais “eterno” do que “moderno” deve manter as suas tradições como um antídoto às vicissitudes da modernidade, a qual não encontra nas montanhas mineiras ambiente favorável. Para Lima, não se trata de recusar totalmente a modernidade, ou fazer de Minas Gerais um centro anacrônico de memória do passado, mas de afirmar a continuidade legítima e necessária da tradição para o fortalecimento da sua própria “natureza”. (RAMALHO, 2014, p.10).

Esse mineiro do passado é uma figura presente em diferentes épocas. Vera França, (1998, p. 69) bem coloca que os viajantes que por aqui passaram em missões no século XIX registravam em livros e anotações particularidades de Minas e do povo que aqui vivia. “Os viajantes e outros ensaístas sempre estiveram de acordo quanto à natureza afável e acolhedora do mineiro” (FRANÇA, 1998, p. 71). Um deles foi o naturalista francês August de Saint-Hilaire (2004), que exaltava a hospitalidade de Minas Gerais. Mas para França (1998) outras características eram também ressaltadas como inteligência e também uma certa timidez. Em seu livro *A voz de Minas*, Alceu Amoroso Lima ressaltava a perspicácia do mineiro. “Percebe de longe o que acontece ou o que está para suceder. Mas não dá sinal que o sabe. Guarda para si ou comenta com os íntimos. Não é fácil enganar um mineiro, apesar do que contam as anedotas” (LIMA, 1983 p. 22).

O jeito de levar a vida entre montanhas e rios, de receber os viajantes nas fazendas ou mesmo nos arraiais e pequenas cidades passou a ser uma referência. “Assim é que o mineiro não é apenas aquele nascido em Minas Gerais: é ainda um personagem envolvido por uma forte carga simbólica” (FRANÇA, 1998, p. 68). Uma simbologia que vai além dos costumes e que passou a ter um nome: “mineiridade”.

Em 1946, o sociólogo e então deputado Gilberto Freyre, esteve em Belo Horizonte para uma conferência intitulada “Ordem, Liberdade, Mineiridade”, onde ressaltava o papel político do mineiro no pós-guerra. Segundo Vera França, é nessa conferência que se usa o termo “mineiridade” pela primeira vez. A autora recorre ao escritor Paulo Pinheiro Chagas para falar deste termo que implica um universo de valores, crenças e simbolismos.

Pinheiro Chagas definiu dois tipos distintos que convergem e compõem o homem mineiro: o tipo rural e o tipo minerador. O primeiro se caracteriza por sua estabilidade, sem bom senso, sua severidade, o sentimento grave da ordem. O segundo, pelo espírito de aventura, a insubordinação, a intemperança, o amor pela liberdade (FRANÇA, 1998, p. 72).

O que se percebe é um antagonismo que se complementa no que diz respeito a um ser mineiro e a uma mineiridade. “Avesa aos extremismos, a mineiridade propõe a conciliação, a moderação, o equilíbrio entre ordem e liberdade, unidade e diversidade, pessoal e impessoal, local e universal” (RAMALHO, 2014, p.10). E assim o termo mineiridade foi sendo apropriado e usado de forma a revelar características e imagens de Minas. “A mineiridade é, e pode ser, muito mais do que essas interpretações afirmaram sobre a nossa “essência” (RAMALHO, 2014,

p.14). Arantes e Musse (2012) também analisaram essa definição complexa e reforçam esse simbolismo que ao longo de gerações torna-se única.

A mineiridade é, portanto, uma construção simbólica criada com o objetivo de unificar as várias Minas em uma só. E embora o conceito sirva aos ideais definidores de uma possível identidade mineira, não consegue dar conta da totalidade e da diversidade do Estado. Conseqüentemente, alguns mineiros sentem-se representados e se identificam com os valores da mineiridade, enquanto outros não se reconhecem (ARANTES; MUSSE, 2012, p. 7).

Podemos dizer que não se trata de uma identidade mineira em questão, mas diferentes ou mesmo um conjunto de características de mineiros diversos e com costumes distintos. E esse simbolismo de diferentes frentes tem algumas particularidades que reforçam o sentimento de pertencer a uma comunidade: o saudosismo. Está aí uma representação do mineiro destacada pela pesquisadora Vera França (1998). “O misticismo, o onirismo e a tendência nostálgica do mineiro são frequentemente relacionadas à geografia acidentada de Minas, à paisagem áspera e enclausurada das regiões montanhosas. Essa geografia provoca também um sentimento de falta, e o mineiro das montanhas é também saudosista do mar” (FRANÇA, 1998, p. 73).

Esse apego ao passado e ao provincianismo típicos não são características somente do homem mineiro de origem rural. Para Ramalho (2014), o vínculo estrutural com o campo existe mesmo na metrópole, Belo Horizonte<sup>9</sup>. A capital, planejada para ser uma referência modernista, traz mineiramente traços das Gerais nas lembranças e nas muitas histórias ouvidas, contadas, musicadas, nas artes, na culinária, no artesanato, no jeito de andar e no sotaque cadenciado. É como se o mineiro levasse no nome, mais que o peso do minério, também o passado carregado de nostalgia. França (1998) bem coloca que, devido à pluralidade, o mineiro de todas as regiões se enxerga na capital. E “Minas são muitas”, já dizia o escritor Guimarães Rosa que, nas andanças pelos diferentes rincões, cavalejou com tropeiros, ouviu histórias e, elegantemente, como um mineiro raiz, descreveu o estado no artigo “Minas Gerais”, no livro *Ave Palavra*.

É a Mata, cismontana, molhada ainda de ventos marinhos, agrícola ou madeireira, expressamente fértil. É o sul, cafeeiro, assentado na terra-roxa de declives ou em colinas que europeias se arrumam, quem sabe uma das mais tranquilas jurisdições de felicidade neste mundo. É o triângulo, avançado, forte, franco. É o oeste, calado e curto nos modos, pastoril, um tanto baiano em trechos, ora nordestino na intratabilidade da caatinga, e recebendo em si o Polígono das Secas. É o centro, corográfico, do Rio das Velhas, calcário, ameno, claro, aberto à alegria de todas as vozes novas. É o Noroeste, dos

<sup>9</sup> Belo Horizonte foi inaugurada em 12 de dezembro de 1897 – os trabalhos de construção duraram quatro anos – a cidade entrou no século XX com menos de 15 mil habitantes – 13.472 –, segundo estimativas (FRANÇA, 1998, p. 54).

chapadões, dos campos-gerais, que se emendam com os de Goiás e da Bahia esquerda, e vão até Piauí e ao Maranhão ondeantes (ROSA, 1978, p. 217).

Voltar no tempo em Minas pode parecer redundância, mas é viajar pelas lembranças de família, independentemente de onde seja esse núcleo: afinal Minas é diversa em suas raízes e regiões. Temos a Minas colonial, a Minas das serras, a Minas modernista e a Minas do folclore; do café e também do leite; dos sertões e das matas; da política e da simplicidade. Minas da fé. França (1998, p. 92) fala que essa pluralidade vai ser unificada e coesa a partir da mineiridade. Ou seja, a mineiridade une os mineiros por meio de um conjunto de valores, crenças e símbolos. Entre eles está a religiosidade. “As numerosas festas, cheias de pompa e exibicionismo, contavam com a participação de toda a sociedade – uma participação ritualizada e hierarquizada, ricos, pobres, escravos e até índios” (FRANÇA, 1998, p. 78).

A necessidade de buscar explicações e suporte nas raízes é vista como um apreço à memória em diferentes épocas. Pierre Nora já dizia que a memória é a vida (1983, p. 9) e que está em constante evolução, mas precisa ser alimentada. Para Nora (1983) não há memória espontânea. Por isso, a importância das celebrações, das efemérides, das atas e das marcas que o mineiro realiza de norte a sul, de leste a oeste, passando pela Minas central: para manter vivas as lembranças. Em cada canto os costumes vão sendo passados a diferentes gerações como forma de manter tradições. Muitas vezes, traços e características registrados pelo senso comum são transformados em ditados e reforçados pelos próprios mineiros: “Mineiro trabalha em silêncio; Mineiro dá um boi para não entrar numa briga, e uma boiada pra não sair; Mineiro não vende a prazo nem paga à vista; Mineiro, a gente vai com o milho, ele já vem com o fubá” (FRANÇA, 1998, p. 72). Assim, os costumes são mantidos, jargões preservados, passados de geração em geração.

Essa volta ao passado, por meio da recordação do outro, tem valor e ganha espaço nas mais diferentes formas. Vamos nos ater aqui a um programa de TV semanal, o *Terra de Minas*, que ia ao ar nas manhãs de domingo, na TV Globo Minas e Afiliadas. Com caráter mais documental, o telejornal explorava uma Minas Gerais mais bucólica, poética, onde imagens de arquivo, objetos históricos e datas comemorativas eram ressignificados por meio da memória dos personagens. Uma lembrança qualificada pela pauta da TV, uma escolha do jornalista para levar ao ar uma reportagem nos moldes do que já foi pré-estabelecido em reunião de pauta ou pela chefia. “Sabemos que a mídia não transporta a memória pública inocentemente; ela a condiciona na sua própria estrutura e forma” (HUYSSSEN, 2000, p. 22).

Os depoimentos sonoros são norteadores de velhas histórias a serem lembradas e narradas. Se Walter Benjamin afirma que “A informação só tem valor no momento em que é

nova” (1986, p. 7), essa informação exibida na televisão pode se tornar nova a cada momento em que é assistida, por um novo telespectador. Afinal, ela contém elementos que, independentemente da época, mexem com sentimentos, revivem o passado.

A história oral, como história de vida ou a história das pessoas comuns, anônimas, ainda é pouco estudada nos cursos de graduação em jornalismo e até pouco utilizada pelos profissionais da comunicação em suas reportagens investigativas, mas revela ferramentas muito interessantes de trabalho, em especial, para a articulação das entrevistas em profundidade e que existem o acesso privilegiado às lembranças dos entrevistados. (MUSSE; ARANTES, 2013, p. 385).

É o que Ecléa Bosi chama de “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas”. O que não percebemos pode estar vivo na memória. A vivência e a experiência compartilhadas passam a ter o valor renovado. O que foi destaque ou notícia no passado pode ser também revivido agora, diante de um outro ângulo, outro espectador, mesmo que o meio ou narrador sejam os mesmos.

Diante desse contexto, partimos da hipótese de que o programa da TV Globo, o *Terra de Minas*, desempenha a função destacada por Marialva Barbosa de: “senhor da memória” (BARBOSA, 2007, p. 137), dando destaque às lembranças e valorizando símbolos que remetem a tempos longínquos e tradições passadas entre famílias. “Produzem, assim, escolhas, classificando o mundo, retendo assuntos com os quais, em princípio, o público se identifica. (BARBOSA, 2007, p. 137). As reportagens mostram, por meio do retorno e valorização das raízes, uma experiência que as gerações do presente não viveram. Dessa forma, o programa é capaz de intensificar passados desprezados pela modernização forçada e acelerada. O que está vivo na memória sobrevive de formas diversas. E Ecléa Bosi não nos deixa esquecer a importância das referências. “O desenraizamento é condição desagregadora da memória” (BOSI, 2018, p. 28). Daí a importância de símbolos, que nos lembram o passado: “tudo fala, o teto, as esculturas, as pinturas” (BOSI, 2018, p. 27). Historiadores e pesquisadores falam, personagens populares também têm muito a contar e eternizar por meio de depoimentos.

Em televisão, o que se fala fica registrado em arquivos para a posteridade. A proposta do programa *Terra de Minas*, na sua concepção, era mostrar as muitas Minas e suas singularidades. De norte a sul, de leste a oeste, dos sertões às matas. Das Minas às Gerais.

Sobre o *Terra de Minas*, informa o site da Rede Globo:

Minas Gerais sempre teve um lugar de destaque no cenário cultural do Brasil. Sua gente, seus costumes, sua culinária, seus poetas, músicos, escritores e artistas fizeram com que a cultura mineira se expandisse para além de nossas

montanhas e fosse reverenciada por todo o país e pelo mundo. E para mostrar as belezas desta fantástica terra, a equipe de jornalismo da Globo em Minas e afiliadas no Estado produzem o Terra de Minas. O programa é uma revista eletrônica leve, com belas imagens, música, poesia, cultura, culinária, turismo e personagens (TERRA..., 2021).

Mas para falar dessa pluralidade do estado, é preciso entender a formação das influências mineiras.

### 3.1 AS MUITAS MINAS

Minas das Minas, Minas das Gerais, Minas dos campos, Minas dos planaltos e das serras. Analisando com minúcias o que escreveu Rosa (1978, p. 217), para quem “Minas são muitas ou pelo menos várias” (conforme já citado neste trabalho) vemos um estado que recebe diversas influências e tem, em cada região, singularidades. O autor se refere, por exemplo, à zona minerológica, a mais antiga, como: “Minas geratriz, do ouro, que evoca e informa o seu nome”. E segue descrevendo mais sete regiões sem esquecer de mencionar os “Campos Gerais”.

Para Rosa (1978), a região das matas tem ares marinhos. É a área do estado que recebe influência direta dos estados do Rio e Espírito Santo. A geografia aproximou realidades; famílias de um lado da divisa ou do outro mantêm costumes parecidos: sotaques, culinária, arquitetura, folclore e também nas artes. O mesmo acontece no sul de Minas, cafeeiro, e que tem São Paulo como uma grande referência. Continuando na análise do escritor, o Triângulo que está entre dois rios da Federação – o Rio Paranaíba, que divide Minas e Goiás e o Rio Grande, que divide Minas e São Paulo – é chamado de forte, por Rosa, que segue destacando as referências dos vizinhos. No norte a caatinga traz a herança da Bahia e do sertão nordestino, com uma marca identitária no sotaque e no artesanato em barro.

O que Rosa (1978) evidenciou em texto e poesia foi chamado pelo escritor americano John Wirth (1982), autor de *O Fiel da Balança: Minas Gerais na Federação Brasileira*, de *mosaico mineiro*. Segundo ele:

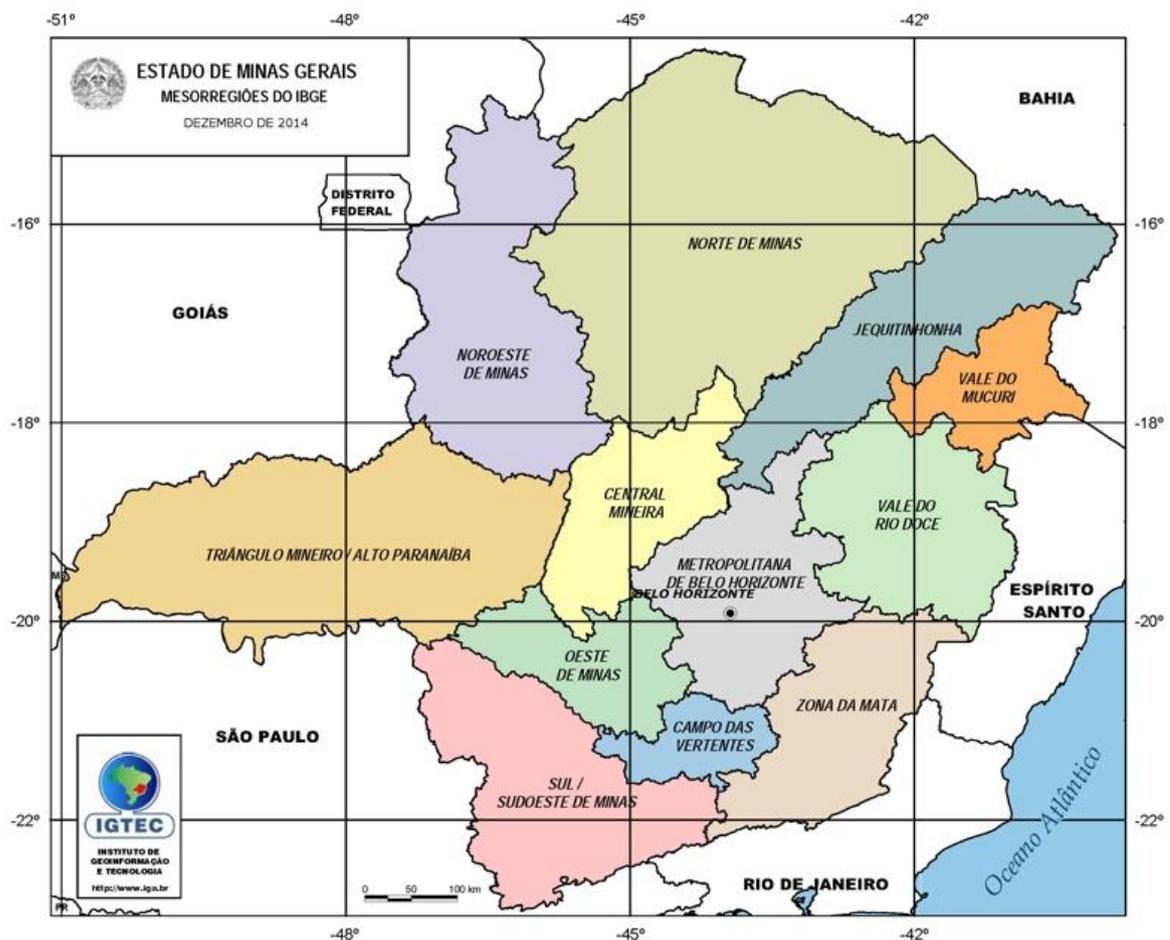
Cada região mineira se desenvolveu numa linha diferente de tempo, dando ao Estado uma longa história de crescimentos desarticulados e descontínuos, em que estas articulavam muito mais com outras unidades do país com as quais possuíam vizinhança do que com a unidade política que integravam (WIRTH, 1982, p. 41).

J. Wirth parte de fontes do governo estadual e faz um estudo sobre os anos iniciais da República, época em que Minas era delimitada em sete grandes regiões econômicas: norte, sul,

leste, oeste, central, Mata e Triângulo. Para o pesquisador, as regiões de Minas não se articulavam, apesar de serem interligadas por uma unidade político administrativa.

Minas Gerais faz divisa com outros 6 estados da Federação: São Paulo (sul e sudoeste), Rio de Janeiro (sudeste), Mato Grosso do Sul (oeste), Goiás e Distrito Federal (noroeste), Espírito Santo (leste) e Bahia (norte e nordeste). Pelo (IBGE) foram estabelecidas as mesorregiões: “O processo social como determinante, o quadro natural como condicionante e a rede de comunicação e de lugares como elemento da articulação espacial”. (MINAS GERAIS, 2010).

Figura 13 – Mapa – site do governo



Fonte: Minas Gerais (2010).

São 12 mesorregiões estabelecidas pelo IBGE para Minas Gerais: noroeste de Minas, norte de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, central Mineira, metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Rio Doce, oeste de Minas, sul e sudoeste de Minas, Campos das Vertentes e Zona da Mata. Juntas, essas regiões compõem a geopolítica estadual. Além das 12 mesorregiões, existem ainda as 66 microrregiões.

De acordo com o órgão, este sistema de divisão tem aplicações importantes na elaboração de políticas públicas e no subsídio ao sistema de decisões quanto à localização de atividades econômicas, sociais e tributárias. Contribui também para as atividades de planejamento, estudos e identificação das estruturas espaciais de regiões metropolitanas e outras formas de aglomerações urbanas e rurais (MINAS GERAIS, 2010). Essas regiões têm características específicas, principalmente no que se refere à cultura e às referências diretas de outras federações. Ademais, foi um dos motivos que levaram a pesquisadora Simone Rocha (2003) a fazer uma outra delimitação, a partir das “regiões culturais” do estado. Uma forma de ter um olhar diferenciado para as divisas e regiões oficiais. Nas palavras da autora:

Segundo Diegues, as regiões culturais e suas respectivas influências seriam:

- 1) Região central: berço da mineração e a única que carrega consigo as trações contidos no discurso da mineiridade.
- 2) Norte e Nordeste: cuja influência viria sobretudo da Bahia.
- 3) Triângulo mineiro e Alto Paranaíba: São Paulo e Goiás, donde surge a ideia da produção do caipira do centro do Brasil.
- 4) Sul de Minas: ligado a São Paulo. (ROCHA, 2003, p. 5)

Na década de 1980, quando tem o início da expansão das emissoras de televisão no estado, o sinal de transmissão e as concessões também seguiam essas demarcações regionais. O que era exibido na televisão – no Triângulo por exemplo – se restringia à área dos municípios de Uberaba e Uberlândia, onde havia uma emissora consolidada. O que em grande parte também contribuiu para uma certa segregação de costumes dentro do próprio estado. O dia a dia e as tradições do sul de Minas representados na televisão não eram vistos no norte.

As “muitas Minas” são distintas, algumas distantes, com sotaques diferentes. Mesmo com tudo isso, elas têm semelhanças no que podemos chamar de “mineiridade”.

### 3.2 MINAS EM IMAGENS: A REPRESENTAÇÃO DE UMA ALMA

O sol se põe, alaranjado no cerrado mineiro, gigante. O cair da luz pode ser visto de outro ângulo também, entre as montanhas em meio à mata, nas águas de um rio caudaloso, sobre o telhado de um casarão colonial ou entre vagões de alguma composição de trens. Basta fazer uma descrição que a imagem vem à memória. São algumas das imagens de Minas que figuram nas recordações do mineiro. Uma memória que pode não ter sido vivida, mas será lembrada por algum ângulo mostrado em imagens na TV, no cinema, em uma fotografia.

Figura 14 – Fotografias de pôr do sol: serra da Canastra e Ouro Preto



Fontes: serra da Canastra (arquivo pessoal da pesquisadora) Ouro Preto (COSTA, 2019).

Há uma “aura” em torno do nome Minas. Quer se trate de montanhas, de sua história, de seus mitos de origem, de seus casos ou do comportamento normal de sua gente; há em todo canto uma espécie de “alma mineira” sobre a qual muito já se falou, e a partir da mesma recortou-se e construiu-se uma noção: a mineiridade (FRANÇA, 1998, p. 69).

Alma cantada e retratada em romances, mas também mostrada pela tela da TV. O aparelho na sala de casa aproxima realidades e une as diferentes Minas. E isso foi possível por meio de programas jornalísticos, onde as muitas Minas passaram a se ver através da tela. Imagem e som passam a figurar na memória. Dominic Wolton (1996) diz que a TV é a abertura para o mundo, além de igualitária e democrática. “Ela também é um instrumento de libertação, pois cada um se serve dela como quer, sem ter de prestar contas a ninguém: essa participação à distância, livre e sem restrições, reforça o sentimento de igualdade que ela busca e ilustra o seu papel de laço social” (WOLTON, 1996, p. 65). Ainda na opinião de Wolton, em uma sociedade individualista, a TV é companheira e testemunha da vida cotidiana, “Memória do tempo imóvel” (1996, p. 11).

A televisão é testemunha de acontecimentos, fatos, mas também pode contribuir para ajudar a preservar imagens. A imagem narrada está na imaginação, na lembrança e é eternizada em arquivos de TV. Como diria Arlindo Machado (2000), a televisão se aplica a uma gama imensa de possibilidades. No telejornalismo não só grandes acontecimentos são parte da História. As imagens veiculadas na mídia passam a ser conhecidas e essas passam a ter marcas do passado. Para Vera França (2012), o jornalismo se constrói em torno do acontecimento.

A tarefa do jornalismo é farejá-los, identificá-los, e então narrar. Nesse âmbito, a teoria do jornalismo desenvolve toda uma tipologia da notícia para definir e classificar o que é ou não é relevante, hierarquizando fatos em função de sua importância, abrangência, impacto, interesse (FRANÇA, 2012, p. 12).

Portanto, o que vai ao ar nos telejornais passa a figurar no passado e na memória do telespectador. “A notícia perde a sua natureza perecível e ganha uma segunda vida, afastando-se do conceito base que levou à sua produção: a novidade. Feita história, a notícia ganha novas propriedades e passa a constituir uma unidade de memória” (CANAVILHAS, 2004, p. 7). Diante dessa afirmação de João Canavilhas (2004), consideramos que o telejornalismo pode também estar ligado à memória coletiva.

Para o sociólogo Maurice Halbwachs, as lembranças compartilhadas são conteúdo de uma memória coletiva (1990). Nas palavras dele, “nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (p. 25). E quando a TV rememora situações e acontecimentos por meio de imagens ou mesmo de depoimentos, ela está criando e ditando uma memória coletiva, uma lembrança estabelecida por ela.

A televisão é um veículo de comunicação de massa que tem hoje um papel importante como “guardiã da memória” (BARBOSA, 2007). Fatos que marcaram a humanidade são revistos a partir de imagens exibidas na TV. “Se a igreja, o Estado, a Ciência, puderam, ao longo dos séculos, falar do passado, sendo seu discurso considerado crível, aos jornalistas é dado no presente o estatuto de produção de um discurso acreditado como verídico” (BARBOSA, 2007, p.135). E esse “poder”, conferido ao veículo de comunicação, passa por produções telejornalísticas factuais, e também por programas de comportamento de caráter regional onde são exibidas reportagens com enfoque em histórias de vida, personagens curiosos, valorizando a experiência e o ambiente onde as reportagens são captadas. São edições que valorizam o “trabalho de memória” (2007, p. 133).

Marialva Barbosa diz que os meios de comunicação classificam o mundo para o público. Dessa forma, os profissionais da área se tornam “senhores da memória”. “A primeira opção é selecionar o que vai ser narrado. Produzem assim, escolhas classificando o mundo, retendo assuntos com os quais, em princípio, o público se identifica” (BARBOSA, 2007, p. 133).

As reportagens exibidas, sejam baseadas em acontecimentos factuais ou em histórias enfocando o comportamento, nos trazem à memória fatos e acontecimentos que foram formados pelas imagens que vimos na TV. Cantarella (2010) fala das lembranças que tinha de lugares onde não esteve pessoalmente. São as memórias visuais criadas a partir de referências. Citando Brasília, ela diz que conhece a cidade, mas o que vem à memória dela é uma imagem pronta, oferecida pela indústria cultural, pela TV bem posicionada a mostrar o plano piloto da capital do país. E é assim ao vermos uma chamada de televisão, ao assistirmos a uma retrospectiva

com imagens bem selecionadas para marcar a lembrança do telespectador ou ao acompanharmos a comemoração de datas específicas, em programas especiais de TV. Musse e Arantes (2012) falam do poder dessas efemérides na construção de uma memória. “A tarefa de lembrar, transformar em notícia fatos passados como dias específicos e comemorações influenciam na formatação do imaginário das cidades, na medida em que imprimem uma valorização desses elementos” (ARANTES; MUSSE, 2012, p. 2). As autoras colocam ainda que o resgate dessa memória está ligado à identidade (2012). Daí a importância de se mostrar, revisitar histórias e personagens, abrir para o público fatos e costumes.

Independente da emissora, sendo ela pública ou não, as matérias de comportamento com enfoque na história e nos costumes de uma cidade ou região têm formato parecido: personagens contando uma história, imagens relacionadas ao assunto e um especialista para corroborar a história. Assim, personagens falam de experiências vividas, de experiências que podem ser compartilhadas. Benjamin (1986) entendia a experiência como uma “orientação para assuntos de natureza prática [que] é um traço característico de muitos contadores de histórias natos. (...) em qualquer caso, o contador de história é um homem que sabe dar conselhos aos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1986, p. 151).

Ainda nessa linha, em *O Narrador*, Benjamin (1986) sugere irmos atrás de uma vivência: “A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 1986, p. 214). E é por meio da história contada e relembada que a reportagem pode mexer com a imaginação de quem está do outro lado da tela. Em muitos momentos, quando se relembra uma história do passado, o repórter não tem o recurso da imagem, precisando ser o narrador e, ao mesmo tempo, estar em busca do bom narrador. “‘Quem viaja tem muito a contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (BENJAMIN, 1985, p. 214). São esses dois estilos de vida que, para Benjamin, produzem boas linhagens de narradores.

E onde tem um contador de histórias tem um ouvinte. Partindo dessa afirmação, a televisão se fundamenta em assuntos que são de interesse popular. Muitas vezes o apelo à memória é um gatilho usado para estabelecer uma maior identidade com o telespectador, que pode não lembrar do que está sendo dito ou mesmo de uma imagem. Mas para a pesquisadora Eclea Bosi (2018, p. 44), ao ouvir o depoimento oral, o sujeito mnêmico revive as suas experiências com nova intensidade.

As reportagens registram depoimentos orais de personagens que buscam nas lembranças de vida, de família e do cotidiano uma forma de reavivar o passado. No contexto de cada captação, as histórias se fazem presentes nas nossas lembranças.

Neste sentido, podemos dizer que o tom coloquial, a produção de diálogos e a construção de personagens arrancados do mundo comum não devem ser explicados apenas como simulação do que é familiar para o público, e sim como exigência dos telespectadores, que a partir do texto compõem sua própria expressividade (BARBOSA, 2007, p. 136).

E João Canavilhas (2004) complementa:

O recurso de um indivíduo às recordações de outros faz com que a memória individual seja, também, uma memória colectiva na medida em que se alicerça num conjunto de memórias que passam de geração e geração, sendo compartilhadas por vários indivíduos que tomam contacto com elas através da escrita ou da oralidade. (CANAVILHAS, 2004, p. 5).

Portanto, o espaço dedicado ao telejornalismo com viés memorialístico e documental pode ser importante para a preservação não oficial da história e da memória oral. Bosi (2018) nos fala sobre a valorização da tradição e memória oral para um trabalho de crônica do cotidiano. “Os velhos, as mulheres, os negros os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (BOSI, 2018, p. 15).

Quando uma emissora de TV lança um programa específico com o objetivo que mexer com a memória do telespectador, ela está estabelecendo um vínculo com o passado e contribuindo com a formação de uma identidade (BOSI, 2018, p. 6). Identidade regional que se firma com o passar do tempo e que tem na memória a percepção “impregnada de lembranças”.

Essa busca pelo passado pode levar o telespectador a vivenciar experiências não vividas, mas que estão na memória por meio das histórias e das lembranças dos narradores. Impressões registradas por um viajante, no período colonial, até hoje são vivas na memória de quem conhece e narra sobre Minas. Na sua segunda viagem, passando por Minas Gerais, o naturalista francês Auguste Saint-Hilaire fala da sua impressão: “Não foi sem uma certa emoção que me vi de novo nesta terra hospitaleira, onde havia permanecido durante 15 meses e onde havia recebido tantas atenções e gentilezas” (SAINT-HILAIRE, 2004, p. 41). O mineiro hospitaleiro, gentil, atencioso, não está só nas narrações em livros e registros históricos. Pode estar em depoimentos na TV aberta, o que corrobora para a imagem cristalizada do mineiro. É o que está vivo na nossa memória. E todas as lembranças passam pelos sentidos, que podem ser reavivados por meio de imagens e sons.

### 3.3 HUMANIZAÇÃO DA HISTÓRIA NA TV

A televisão é um veículo de comunicação que se fundamenta na oralidade e na imagem. Com esses elementos juntos se conta histórias. Em *A Televisão Levada a Sério*, Arlindo Machado (2000) bem define: “dispositivo audiovisual através do qual uma civilização pode exprimir a seus contemporâneos os seus próprios anseios e dúvidas, as suas crenças e descrenças, as suas inquietações, as suas descobertas e os voos de sua imaginação” (MACHADO, 2000, p. 11).

Em mais de 70 anos de televisão no Brasil, os gêneros televisivos foram se aprimorando, mas a base ainda é a mesma. Atinge-se o público por meio de telenovelas e dramaturgias, telejornalismo, programas de auditórios, espetáculos esportivos. A TV é um veículo plural e popular e, talvez por isso, por muito tempo tenha carregado estigmas. Arlindo Machado (2000 p. 9) dizia que não soava inteligente dizer-se apaixonado por TV. Em contrapartida ele falava que soava inteligente falar da literatura, do cinema, considerados sinônimos de refinamento. Mas o próprio autor rebatia: “existe também vida inteligente na televisão” (MACHADO, 2000, p. 10).

A despeito de todos os discursos popularescos e mercadológicos que tentaram e ainda tentam explicá-la, a televisão acumulou, nestes últimos cinquenta anos de sua história, um repertório de obras criativas muito maior do que normalmente se supõe, um repertório suficientemente denso e amplo para que se possa inclui-la sem esforço entre os fenômenos culturais mais importantes de nosso tempo. (MACHADO, 2000, p. 17)

Uma das funções importantes da TV foi ter estabelecido os gêneros que ao longo do tempo vão moldando a forma de se fazer, contar e perpetuar histórias que poderiam se perder. De certa feita, é o gênero que orienta o uso da linguagem. “São eles: as formas fundadas no diálogo, as narrativas seriadas, o telejornal, as transmissões ao vivo, a poesia televisual, o videoclipe e outras formas musicais” (MACHADO, 2000, p. 71).

De tudo o que a TV se propõe a fazer e a entregar, o que tem mais força está no discurso oral. Como no início da sua história, a “palavra oralizada” (2000, p. 72) leva ao telespectador a mensagem. Se é no telejornalismo, ela pode estar na cabeça<sup>10</sup> de um apresentador, na narração

---

<sup>10</sup> Cabeça: é a notícia propriamente dita lida pelo apresentador no estúdio de televisão e semelhante ao “lead” do jornalismo impresso, a qual conta ao telespectador o que aconteceu. É por meio da cabeça que o apresentador chama uma reportagem, normalmente escrita pelo editor do telejornal.

em *off*<sup>11</sup> do repórter, na sonora<sup>12</sup> do entrevistado, na entrevista direta, na passagem<sup>13</sup> do repórter, ou mesmo no diálogo a ser captado pelo condutor da história. E nesse veículo, onde a força oral é tamanha, é importante também que o narrador se aproprie desse poder na hora de conduzir a conversa, ou seja, na hora de fazer as perguntas, que muitas vezes são usadas no contexto da edição. Lins (2004) já dizia: perguntar não é uma tarefa fácil.

Conversar, orientar uma conversa, “desprogramar”, atrapalhar o menos possível, mas intervir de alguma forma, estas são questões que não se resolvem de ‘uma vez por todas’. Não há manual das perguntas corretas. A cada vez que acontece uma entrevista, surgem resoluções diferentes, com seus erros e acertos. Estamos sempre ameaçados ‘sob o risco do real’ (LINS, 2004, p. 146).

Complementando essa importante abordagem sobre o “saber perguntar” para uma narrativa, Consuelo Lins (2004) destaca o depoimento do cineasta Eduardo Coutinho: “Às vezes você intervém e faz a pergunta boa; às vezes você faz a pergunta errada; às vezes eu não falo e sinto que devia ter falado. Você erra a todo momento. Erra e acerta. Não há ciência nisso. Às vezes a pergunta imbecil gera uma resposta absolutamente fantástica” (COUTINHO *apud* LINS, 2004, p. 150). Mas, Coutinho (2004) ainda reforça a importância da sensibilidade para também respeitar o silêncio.

Isso nos mostra que há uma complexidade na montagem do que podemos chamar de oralidade imagética, já que o que se fala ou ouve nos leva para um lugar de imagem, para uma interpretação e entendimento de um discurso que comungue imagem e som.

Dessa forma, vemos a importância da narrativa, com o apoio de imagens para se tornar um enredo atraente. Paternostro (2000) evidencia que imagem e texto precisam ter sinergia. Em TV deve-se organizar o que se diz e o que se mostra, a fim de evitar redundância. Imagem e

---

<sup>11</sup> *Off*: “texto do repórter que ampara as imagens do fato que cobrem a narração, deve estar adequadamente conjugado com as informações visuais que o telespectador vê na tela” (REZENDE, 2000, p. 156).

<sup>12</sup> Sonora: designa o depoimento de um entrevistado. Muitas vezes, ela entra em uma reportagem sem a intervenção do repórter.

<sup>13</sup> Passagem: a passagem pode ser descrita como um tipo de cena na qual o repórter, localizado na arena dos acontecimentos, estabelece uma relação direta com o apresentador do telejornal e com o telespectador. A passagem constitui o instante em que a figura do repórter na arena dos acontecimentos aparece em cena. Nela os planos verbal e icônico se encontram de tal maneira articulados que o telejornal se apropria do acontecimento que aparentemente deu origem à notícia. Trata-se de uma cena instituída por meio da mobilização de uma tela perfurada, pois quando o apresentador delega voz ao repórter, ele o convoca para o tempo e espaço do telejornal; e é neste momento que toda a notícia se inscreve no interior do noticiário (LEAL; VALLE, 2009, p. 142).

texto devem se complementar e não repetir a informação, mas sempre tendo como aliada a tecnologia:

Tecnicamente falando, um telejornal é composto de uma mistura de distintas fontes de imagem e som: gravações em fita, filmes, material de arquivo, fotografias, gráficos, mapas, textos, além de locução, música e ruídos. Mas, acima de tudo e fundamentalmente, o telejornal consiste de tomadas em primeiro plano enfocando pessoas que falam diretamente para a câmera (posição *stand-up*), sejam elas jornalistas ou protagonistas: apresentadores, âncoras, correspondentes, repórteres, entrevistados, etc. (MACHADO, 2000, p. 103-104).

Com tudo isso é possível construir narrativas. Machado (2000) destaca os três tipos principais de narrativas televisivas, a saber: em primeiro, as novelas e teledramas em narrativas seriadas; em segundo, as narrativas de história completa, com começo, meio e fim, mas que a cada episódio vem com um roteiro diferente, mantendo apenas os personagens centrais e o terceiro tipo seriam aquelas com temas, histórias distintas e isoladas. “É o caso de todas aquelas séries em que os episódios têm em comum apenas o título genérico e o estilo das histórias, mas cada unidade é uma narrativa independente” (MACHADO, 2000, p. 84).

Aqui fazemos uma analogia com os programas telejornalísticos semanais, que têm a cada edição temáticas diferentes: música, turismo, culinária, história, artes, meio ambiente ou religiosidade. Podemos citar o *Globo Repórter*<sup>14</sup>, o *Terra da Gente*<sup>15</sup> e o *Viação Cipó*<sup>16</sup>, programas de telejornalismo em TV aberta e no mesmo formato. Feitos a partir de um argumento ou história, contados por meio de uma narração em *off*, ilustrados com *takes* recentes ou de arquivos, com imagens que podem também ser fotografias e sustentados por entrevistas ou depoimentos de personagens que contam e são os fios condutores da narrativa daquele produto audiovisual.

Esses programas que também beiram o documental são menos formais que os telejornais diários – e eles não contam necessariamente com a apresentação em estúdio, por exemplo. Uma outra característica desses programas semanais de jornalismo é a participação do apresentador, fora do seu espaço normalmente delimitado por luzes, bancadas e enquadramentos

---

<sup>14</sup> *Globo Repórter* é um programa jornalístico semanal brasileiro produzido e apresentado pela TV Globo que vai ao ar nas noites de sexta-feira. Estreou em 3 de abril de 1973, em substituição ao extinto *Globo Shell Especial* (MEMÓRIA GLOBO, 2020).

<sup>15</sup> O programa *Terra da Gente* é produzido pela EPTV e exibido nas quatro emissoras do grupo. Vai ao ar aos sábados, às 14h. Trata de perto a rica biodiversidade presente nas nossas regiões, no Brasil e no mundo. Estreou em junho de 1997. (TERRA..., 2021).

<sup>16</sup> *Viação Cipó*: no ar desde 2003, é um programa semanal exibido na TV Alterosa, afiliada do SBT, em Minas Gerais. Mostra paisagens, as tradições da cultura, culinária e curiosidades de Minas. E tem como bordão: “Se Minas são muitas, domingo ela é uma só! Só aqui na Viação Cipó”.

estabelecidos. Em muitas edições o apresentador também encara a tarefa de reportar e entrevistar. Para isso ele deixa o estúdio e participa da reportagem como narrador, diminuindo a distância com o espectador. Aliás, a boa condução das entrevistas, sem o tempo cronometrado, sem a exigência de um *deadline*<sup>17</sup>, é outro diferencial na aproximação com o telespectador, na humanização da narrativa.

No que tange ao papel de condutor da história, as pesquisadoras Christina Ferraz Musse e Mariana Musse (2010) abordam no artigo “A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações” a tarefa do entrevistador como um importante elo para estabelecer uma narrativa, que possa ser jornalística ou documental.

A entrevista é um dos recursos primordiais para ilustrar, fundamentar e legitimar a narrativa jornalística. Seja na elaboração de um minucioso perfil ou na agilidade da confecção de um “povo fala”, é raro o produto audiovisual que não lance mão da entrevista como elemento fundamental para contextualizar e garantir o status de verdade que caracteriza os gêneros telejornalístico e documental. (MUSSE; MUSSE, 2010, p. 7).

Musse e Musse (2010) ainda reforçam o papel do entrevistador para construir e resgatar traços da memória ao extraírem experiências e lembranças de personagens, por meio de relatos da própria vida. E em televisão se faltam imagens o passado pode vir nos depoimentos sonoros e nas lembranças de quem viveu a história, através de objetos, cenários ou mesmo fotografias. Aliás, a memória é trabalhada na condução das mais diferentes narrativas, por meio de um retorno ao passado.

No livro *O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo* (2004), Consuelo Lins destaca trechos de entrevistas do cineasta Eduardo Coutinho sobre o período em que trabalhou no *Globo Repórter*, quando o programa começa a ser uma referência no modo de contar histórias por meio de *videotape*. Ele destaca o plano de captação de imagem mais longo, visto mais frequentemente em cinema e que passa também a ser observado em edições de telejornalísticos semanais de TV: “E o plano longo é o plano essencial, é aquele que tem o acaso, o tempo morto, que interessa muito mais do que o tempo vivo” (COUTINHO, 2004, p. 21).

Aqui também destacamos que o silêncio, em televisão, tem um fator importante na narrativa. “Ressalvas, evasivas, insinuações, as mais ínfimas descontinuidades no ritmo da nossa fala registram a presença do interlocutor e expressam muito do que não é dito ou está

---

<sup>17</sup> *Deadline*: A palavra *deadline* é um termo usado frequentemente em todos os setores empresariais. Em português, o termo pode ser traduzido como prazo final. Em uma redação telejornalística é o prazo para a entrega do material editado para a exibição.

pressuposto na conversa. Nossa fala é penetrada pelas antecipações que fazemos do que achamos que pensa e vai dizer nosso interlocutor” (LINS, 2004, p. 109).

Diante do exposto, vimos que o entrevistador, repórter ou narrador passam a ter um papel diferenciado no gênero documental ou de telejornalismo semanal, onde há um crescimento da participação do profissional, humanizando a história de forma mais pessoal, sem distâncias e formalidades.

As reportagens televisivas atuais têm quebrado a regra que estabelecia o papel de mediador ao repórter televisivo. Não só a aparição dos repórteres televisivos tem aumentado no interior das reportagens, com a inserção de um número maior de boletins, como também, o modo destas aparições que têm transformado o repórter em ator do processo social, tirando-o do patamar de mediador dos fatos do mundo para os telespectadores: o repórter está se tornando, ele próprio, protagonista, sendo quase dispensável, em muitas reportagens, a sonora dos entrevistados que vivenciaram ou testemunharam os fatos por eles narrados (EMERIM, 2010, p. 12).

E esse formato telejornalístico semanal permite menos rigidez de posicionamento da notícia e a não obrigatoriedade do *lead*<sup>18</sup>. Em algumas situações notamos espontaneidade da equipe, que se deixa filmar, numa forma de romper com o jornalismo formal e distante. Notamos que nesse tipo de VT “o repórter participa da ação e deixa de ser um mero observador para tornar-se parte da narrativa” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 52).

O pesquisador Lauro Morais (2015) complementa, quando se refere ao jornalismo de turismo: “(...) essa presença do repórter torna-se ainda mais acentuada, devido ao caráter narrativo e informal do jornalismo turístico” (MORAIS, 2015, p. 95). Morais diz ainda que expor sensações e impressões na reportagem garante movimento e ação, o que acaba aproximando a matéria de tevê de um infoentretenimento. E nessas reportagens é comum o uso de imagens em movimento nas chegadas às locações: características muitas vezes atribuídas ao cinema novo, dos anos 60, aproximando-se também do que pode ser chamado de crônica na televisão.

No artigo intitulado “Videoteratura nostálgica nas crônicas audiovisuais da quarentena”, os pesquisadores Cláudia Thomé e Marco Aurélio Reis (2020) discorrem sobre a crônica no audiovisual a partir de uma leitura do escritor Muniz Sodré: “é possível aceitar que a notícia seja uma fotografia do acontecimento; a reportagem, um pequeno filme, e a crônica, um

---

<sup>18</sup> *Lead*: em jornalismo, o *lide* (do inglês *lead*; em latim *incipit*) é a primeira parte de uma notícia. Geralmente é o primeiro parágrafo com duas linhas posto em destaque que fornece ao leitor informação básica sobre o conteúdo, respondendo às perguntas: quem, o que, quando, onde, como e por quê?

caleidoscópio, ou seja, a possibilidade de uma visão multifacetada do cotidiano” (SODRÉ, 2009, p. 145). Reis e Thomé (2017) destacam que o cronismo se faz presente, na TV, nos mais diversos estilos. Dentro dos programas de entretenimento e nos de telejornalismo, é um gênero que tem uma herança na literatura. Os pesquisadores ainda fazem uma categorização das crônicas:

A crônica sazonal é aquela que traz temáticas próprias e um período, como por exemplo, uma determinada estação do ano. As crônicas memorialistas contam a história de um lugar ou a trajetória de alguém e, em sua maioria, apresentam imagens de arquivo, ressignificando um tempo passado a partir do olhar no presente. A crônica noticiada tem o gancho em acontecimentos recentes, fazendo ou não referência ao noticiário, mas dando destaque a uma função informativa, podendo apresentar sonoras e passagens do repórter/cronista (REIS; THOMÉ, 2020, p. 326).

Além disso, os autores fazem um recorte do cronismo audiovisual, destacando critérios a serem observados quando falamos ou nos referimos às crônicas específicas para TV: pautas curiosas, uso de elementos que remetem à memória, música ambiente, destaque para as imagens: sejam elas de arquivo ou não, a participação do narrador/repórter e o diálogo íntimo, chamando o telespectador para a história.

“Por cotidiano pitoresco, identifica-se temática que não é usada para uma pauta telejornalística rotineira. Já o BG é outro elemento narrativo pouco comum no dia a dia das emissoras. A videoteratura indica quando a imagem é elemento fundamental para a compreensão da crônica” (REIS; THOMÉ, 2020, p. 328). A tudo isso soma-se a memória e a nostalgia de fatos passados, que podem estar ou não na crônica. A narração na primeira pessoa e percepções pessoais também são um diferencial do cronismo.

O cronismo está em quadros específicos de programas de TV. Um deles é o *Jornal Hoje*<sup>19</sup>, que tem a tradição de exibir reportagens por meio de diferentes olhares. Os quadros e colunas marcaram os anos do JH. Da década de 1970 até os tempos atuais foram 25, de acordo com os registros no site Memória Globo (2022). A maioria deles tem na retranca a marca do crismo televisivo. Nos anos 1970: *Nelson Mota e Big Boy; Hoje no Rio; Crônicas de Rubem Alves. Anos 1980 e 1990: Ponto de Vista; Você; Culinária; Certo e Errado. Anos 2000: Repórter em Ação; O Novo Som do Brasil; Profissões; O Brasil Aplauda; Hoje em Família; Mercado de Trabalho; Melhor é Possível; Histórias Inesquecíveis; Conversa ao Vivo; Tô de*

---

<sup>19</sup> Jornal Hoje: também conhecido pela sigla JH, é um telejornal brasileiro, produzido e exibido pela TV Globo. O noticiário do Brasil e do mundo é apresentado com uma linguagem leve e informal, na hora do almoço. O telejornal estreou no dia 21 de abril de 1971 tendo o compromisso com a notícia, mas também em dedicar parte de seu tempo à arte, comportamento, moda, cidadania, defesa do consumidor. (QUADROS..., 2022).

*Folga. Anos 2010: Intercâmbio.com; Vai dar o que falar; Câmera JH; Hoje em Casa.com; Cara Nova; Sala de Emprego; Crônicas do JH e Brasil que eu quero.* Para Thomé e Reis (2017), o JH foi um marco na adaptação de crônicas literárias para a TV.

Mas o gênero cresce também ao longo dos anos nos programas de telejornais diários, em quadros semanais regionais. A TV Integração, afiliada da TV Globo no interior de Minas Gerais, exibe no telejornal *MGI*, aos sábados, em suas cinco emissoras nas cidades de Juiz de Fora, Divinópolis, Uberlândia, Uberaba e Ituiutaba o quadro *Crônicas da Cidade*. Nesse *fade* jornalístico são abordados temas que normalmente não estariam nas pautas factuais, nas notícias do dia a dia.

Em pesquisa no Globoplay, plataforma de *streaming* da Rede Globo onde é possível encontrarmos todos os telejornais da TV Globo e afiliadas, percebe-se que há uma escala entre as cidades da área de cobertura para a exibição das reportagens do quadro *Crônicas da Cidade*. Em fevereiro de 2022, o quadro exibiu uma reportagem sobre o modernismo em Cataguases e a influência da Semana de Arte Moderna, que completava 100 anos no interior de Minas Gerais.<sup>20</sup> E o quadro continua abordando pautas variadas, levando o telespectador a conhecer uma cachoeira na serra da Canastra com sua natureza preservada, onde nasce o Rio São Francisco, ou mesmo mostrando o cotidiano da pequena cidade de Itapecerica<sup>21</sup>. Abordagens diferentes para temas que não entrariam em pauta no telejornal diário sem um gancho factual, de fato. As matérias tinham as mesmas características: imagens bem produzidas, edição mais lenta e com a participação do repórter dentro da história: conhecendo, participando e vivenciando a experiência de estar naquele local para reportar o que vê e o que aprendeu.

E nessas reportagens especiais, com o foco em história, memória, arquitetura ou turismo, o espaço para a participação do repórter para além da notícia é uma forma de estar mais próximo do espectador sem prejuízo para a informação. O “bom jornalismo nada tem a ver com a indiferença, com a neutralização do sujeito” como nos lembra Bucci (2000, p. 94) no livro *Sobre ética e imprensa*. Para ele, banir a emoção da informação é banir a humanidade do jornalismo (p. 95). Quando o telespectador está entregue a uma narrativa, ele tem reações ao assistir: de incredulidade, admiração, espanto. É natural que o repórter também o tenha e, de forma espontânea, essa reação pode ser importante para se narrar o fato, pois “as emoções devem integrar a reportagem, assim como integram a alma humana – e, de fato, estão presentes

<sup>20</sup>Crônicas da Cidade: reportagem exibida no *MGI*, 12/02/2022. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/10295751/>.

<sup>21</sup>Crônicas da cidade: reportagem exibida no *MGI*, 05/02/2022. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/10360570/>.

nas mais marcantes passagens do jornalismo, nos melhores textos, nas grandes manchetes, nas fotos que fizeram história” (p. 94).

#### 4 A CONSTRUÇÃO DA MINEIRIDADE NO PROGRAMA *TERRA DE MINAS*

O olhar é de Minas para dentro de Minas. Essa é a percepção ao reassistir ao primeiro programa do *Terra de Minas*, da Globo e emissoras afiliadas que entrava no ar no dia 21 de outubro de 2001. Um telejornalismo semanal, apresentado pela jornalista Vívian Santos e tendo na chefia e direção a jornalista Soraia Vasconcelos. Além da delimitação geográfica reforçada na linguagem, na apresentação e até no nome, construindo um pertencimento mineiro, ele já inicia com exibição também para 166 países pela Globo Internacional. É a Minas tipo exportação por meio de seu aspecto fotográfico e também pelo apelo turístico e histórico.

O que é evidenciado no programa são as belezas naturais, culturais, artísticas, a riqueza da culinária e os costumes em diferentes regiões das Gerais. Sempre com um viés histórico, buscando referência em uma memória afetiva. Dar voz a Minas seria a proposta do *Terra*, como era carinhosamente chamado pela equipe da TV Globo e afiliadas. A cada semana o programa trazia histórias de uma cidade ou região de Minas Gerais. Com a característica de ouvir personagens não oficiais também, buscava mostrar uma Minas que não está nas páginas dos livros históricos, mas que está na memória.

O projeto do Terra de Minas nasceu da intenção de criar um espaço privilegiado pra gente mostrar arte, folclore, tradições, culinária, patrimônio, belezas naturais, curiosidades, enfim, a cultura de Minas Gerais. Obviamente que isso já aparecia nos telejornais locais da Globo Minas. Mas aparecia no meio de *hard news* e não com o tempo que a gente achava que seria o interessante. Ou seja, uma câmera mais lenta, mais tempo para que as pessoas dessem os depoimentos e pudessem falar à vontade, contar as suas histórias. Nos telejornais não havia tempo pra isso. De modo que o projeto nasce assim. Com essa intenção de privilegiar o que pra grande parte dos mineiros significa, vamos dizer assim: meio até que recorrendo a um chavão, o espírito de Minas. (VASCONCELOS, 2022)

Ainda segundo a idealizadora do programa, Vasconcelos (2022), “havia uma preocupação em destacar a mineiridade, mas sem estereótipos”. A jornalista Soraia Vasconcelos participou da concepção do programa desde o início e era a responsável pela aprovação das pautas, a edição de texto das reportagens e a montagem da edição. Tinha a seu lado o editor de imagens Elias Cacharrel, que era responsável por selecionar imagens, sonorizar e montar cada matéria. Ali, em uma ilha de edição, isolados do acontecimento que assola o jornalismo diário, os dois profissionais davam o tom mineiro ao programa.

Figura 15 – *Frame* geral da fazenda, com os créditos dos dois editores: Soraia Vasconcelos e Elias Cacharrel



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

Na vinheta de abertura são 14 *takes*<sup>22</sup>. Em cores quentes, planos abertos e em detalhes que mostram uma Minas do ouro e das montanhas gerais, de costumes e personagens. Abre-se a vinheta com uma imagem de montanha ao amanhecer e fecha-se a vinheta com a imagem de uma sequência de montanhas ao anoitecer. Em 15 segundos, a vinheta faz um passeio pela Minas rural, colonial, passando pelas artes, pelo artesanato, evidenciando o ouro no fechamento do ciclo, da *mineiridade* e com cores quentes: em tons de ouro, de sol, de terra, madeira e de fogo.

---

<sup>22</sup> *Take* ou tomada é a gravação feita pelo repórter cinematográfico de um plano ou imagem. Durante uma gravação é normal que uma mesma cena seja gravada mais de uma vez. Cada vez que se aperta o *play*, tem-se um *take*, que pode ser curto ou longo, parado ou em movimento.

Figura 16 – *Frames* de imagens da primeira vinheta de abertura do *Terra de Minas*



Fonte: Elaborado pela autora, com imagens do Acervo da TV Globo Minas.

A Minas moderna, de vanguarda, presente na capital, não é lembrada na abertura do *Terra de Minas*. Optou-se por mostrar o passado como patrimônio do mineiro, uma escolha que ficou evidente em todas as reportagens do primeiro programa. Ao assistir, o telespectador já era transportado para aquele lugar: espectador de uma saudosa Minas do ouro e das montanhas gerais – na verdade uma representação de Minas Gerais feita pela ótica dos editores chefes da Globo e afiliadas, voltando às raízes do que tanto orgulha o mineiro: sua culinária, sua música, arte e religiosidade. Uma Minas longe de problemas sociais, de desastres ambientais e longe das agruras do trabalho escravo, que ainda hoje é uma vergonha e uma realidade no interior do estado.

Nesse contexto, Minas é captada pelas lentes do programa e se revela padronizada, por mais que tenha diferenças regionais. É evidenciada a Minas “que vende”, a Minas fotografada e exibida nas telas e em folhetos turísticos. Para as pesquisadoras Musse e Pernisa (2009), essa Minas tem um discurso mítico e não contempla a diversidade de narrativas.

Minas sempre parece estacionada num momento cristalizado da história: é a Minas barroca, das cidades coloniais, do ouro e do diamante, das igrejas, dos tropeiros, do sertão, que surge resgatada nos folhetos de turismo, mas também nas páginas dos cadernos especiais da imprensa escrita, nos textos de teledramaturgia, nas datas comemorativas, em especial aquelas do calendário religioso, em que as imagens das procissões do Senhor Morto ou os tapetes decorados de Corpus Christi têm entrada garantida nos telejornais de rede da mídia televisiva. As muitas outras Minas não são objeto de atenção especial, não costumam ocupar espaço na agenda noticiosa nacional (MUSSE; PERNISA, 2009, p. 4).

O *Terra de Minas* destaca as tradições do estado, viajando pelas cidades do interior, tendo elos entre todas: a religiosidade, alguns costumes e a culinária. Por mais que as regiões

exibidas nas reportagens sejam distantes, a fartura à mesa é mostrada de forma semelhante em cada lugar, arraial, fazenda ou capital. Os cadernos de receitas com folhas amareladas pelo tempo estão em quase todos os VT's de receitas. Os segredos das cozinheiras e quitandeiras são desvendados com o passar das narrativas. Essa pauta presente na maioria dos programas mostra uma das formas de construção de uma identidade mineira.

Hall (2014) já dizia que aquilo que comemos diz sobre a nossa cultura. “A cozinha é um meio universal pelo qual a natureza é transformada em cultura. A cozinha é também uma linguagem por meio da qual ‘falamos’ sobre nós próprios e sobre nossos lugares no mundo. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias” (HALL 2014, p. 43). O autor reforça que os alimentos que consumimos podem indicar posições religiosas e étnicas, assim como se as pessoas são ricas ou cosmopolitas.

A mesa posta com quitutes mineiros à base de queijos, mandioca e milho é mais que uma pauta sobre gastronomia. É uma maneira de falar da herança deixada pelos primeiros habitantes dessas terras. É também uma forma de construção de uma mineiridade, há muito reforçada na literatura desde os tempos dos viajantes do Brasil Colônia. August Saint-Hilaire, John Mawe e Johan Emanuel Pohl, em viagens ao interior do Brasil a pedido da coroa portuguesa, retrataram Minas e seus costumes, principalmente à mesa. A comida era escassa, seja na região das minas de ouro ou nos campos com destino a Goiás. Mas à mesa as famílias se reuniam. Se referindo ao que anotou Saint-Hilaire, Eduardo Frieiro (1982) destaca: “Em dias de festa, ou quando recebiam pessoas estranhas, servia-se às refeições galinha cozida. Alimentavam-se os negros, ao almoço e à ceia, com farinha de milho misturada com água quente, o angu, propriamente dito, no qual punham um naco de toucinho, e ao jantar davam-lhes feijão” (FRIEIRO, 1982, p. 75).

No livro *Feijão, Angu e Couve*, Frieiro (1982) resgata a origem da comida mineira por meio do relato dos viajantes. Fala da escassez no passado. Mas hoje é ao redor da mesa que está uma das identidades do mineiro, seja ele da capital ou interior. As imagens fechadas e mais amareladas, combinando cores de contraluz, com som ambiente mais alto, deixando o telespectador ouvir o barulho do alho na gordura ou da couve sendo passada na banha, mexe com os sentidos, aumentando a sensação de pertencimento àquela cultura. Está aí uma das estratégias do *Terra de Minas* para estabelecer uma conexão *intramineiros*.

Mais que um programa para mostrar o que Minas tem de mais louvável, o *Terra* pode ser considerado também um elo entre as diferentes regiões. França (1998) bem coloca: “A diversidade de Minas e a pluralidade de suas sub-regiões criam também a necessidade de coesão, e a mineiridade exerce igualmente a função de unificação” (FRANÇA, 1998, p. 92).

Uma só Minas a ser mostrada. Um campo aberto, no início dos anos 2000. Para a jornalista Soraia Vasconcelos (2022), era um grande campo a ser explorado. “O que até então havia, não só na Globo Minas, mas também em outras emissoras de Minas de maneira geral, o que havia era um espaço restrito pra essa cultura que a gente queria mostrar”. Na entrevista, Soraia ainda conta que o retorno desse projeto em visibilidade e prestígio dentro da emissora foi rápido. O programa, que estreou na grade às 7h da manhã, em pouco tempo passou a ser exibido aos sábados, ao meio-dia: “que era um horário bem mais reconhecido na grade da Globo Minas” (VASCONCELOS, 2022).

#### 4.1 A COR DO OURO NO PRIMEIRO *TERRA DE MINAS*

Eram 7h da manhã de um domingo de 21 de outubro de 2001, quando entrava no ar o primeiro *Terra de Minas*. O programa era exibido em rede estadual pela Globo Minas e em todas as emissoras afiliadas, simultaneamente. Em três blocos, sua primeira edição mostrou 5 reportagens que abordaram: história, culinária, música, artesanato e artes plásticas. Todas no mesmo estilo, *off* (texto) e sonoras (depoimentos). O que chamava a atenção para a época era a linguagem lenta, com uma edição mais devagar e com um ritmo diferente que um telejornal, normalmente, teria.

Sem um estúdio ambientando ou espaço para o apresentador, o *Terra de Minas* estava no chão, na terra; poderia viajar pela história e pelos lugares. Era mais que mostrar as curiosidades, era estar presente nelas. O programa seguia a cadência da música composta pelo musicista Marcus Viana, *Pátria Minas/Imaculada* (2001), a começar pela vinheta de abertura em tons terrosos.

Após a vinheta, seguia um VT com *off* e coberto com imagens cuidadosamente produzidas para se obter o tom do *Terra*. Os ângulos buscavam favorecer a narrativa simples, mas que convidava o telespectador para uma volta no tempo.

Há muitos anos, há séculos, das encostas das montanhas, do fundo dos rios surgiu o ouro. Riqueza oculta, revelada virou história. Atrás de um brilho, de um sonho, muita gente chegou a província. O princípio foi nos povoados, nas fazendas. Cenários da terra de promessas, de esperança. *Terra de Minas*. (TERRA..., 2001).

A cena seguinte é o surgimento da imagem de um casarão de fazenda se fundindo à apresentadora Vívian Santos em um *take* feito por uma grua<sup>23</sup>, onde a casa colonial de telhado de barro e de janelas azuis é evidenciada, formando o cenário vivo para o início de uma história na televisão mineira. Era o primeiro telejornal da emissora a ser apresentado em um ambiente externo.

Com relação à gravação do programa fora do estúdio, é uma história curiosa. Um acaso, digamos assim, que acabou mudando o formato do programa e foi um feliz acaso. Na verdade, nós começamos desenhando um estúdio para o Terra de Minas, uma ambientação dentro do estúdio. Depois concluímos que o estúdio era muito frio pra proximidade que a gente gostaria de criar entre o telespectador e o programa. A ambientação, por mais que fosse aos cenários mineiros, ela dentro do estúdio tirava aquele clima que a gente gostaria de dar ao programa, que era o clima da intimidade, da familiaridade, da proximidade mesmo com o telespectador. Então, na segunda etapa, nós procuramos vários cenários, cidades próximas a Belo Horizonte, fazendas, onde a gente poderia ter a oportunidade de gravar as cabeças do programa com tranquilidade e com esse espírito que a gente queria alcançar (VASCONCELOS, 2022).

E o primeiro programa foi então gravado em uma fazenda no município de Lagoa Santa, na região metropolitana, tendo a área externa como cenário nas tomadas ao ar livre e cenários internos que foram usados para ambientar a abertura de outras reportagens.

Figura 17 – Sequência de *frames* na abertura do primeiro *Terra de Minas*



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

Em um dia de apresentações, Vívian Santos fala o seguinte texto: “É numa dessas fazendas que estreamos hoje o Programa *Terra de Minas*. Estamos em Lagoa Santa. Neste casarão do século XIX, antiga rota dos bandeirantes” (TERRA..., 2001). O texto segue em *off*:

Uma casa única que restou como exemplo de um estilo arquitetônico. Na fachada, características urbanas, nos fundos a varanda e escadas, típicas da arquitetura rural no ciclo do ouro. Muitos cômodos, piso de tábuas. Forro de esteiras. A capela em estilo rococó. Ao lado do casarão, a senzala (TERRA..., 2001)

<sup>23</sup> Grua: a grua de cinema ou TV consiste em um sistema de guindaste onde a câmera é instalada em uma extremidade e na outra são inseridos pesos que servem para equilibrar, criando-se um sistema de gangorra. Com ela é possível filmar do alto, dando movimento à cena e ao objeto a ser captado.

Neste momento a repórter caminha subindo a escadaria em movimento e continua a narrar:

A fazenda servia de pousada para os tropeiros. Eles paravam aqui para descansar antes de seguir viagem. E nessas viagens, eles sempre carregavam um oratório. Aos poucos, esse objeto de devoção passou a fazer parte das vidas das famílias. Isso ajuda a entender a tradição religiosa do povo mineiro. (TERRA..., 2001)

Essa foi a abertura do *Terra de Minas*. Um texto que destacou a história do estado, e logo já mostrou a locação, levando o telespectador para longe do estúdio formal a que estávamos acostumados nos telejornais. Foi 1 minuto e 43 segundos – o suficiente para ambientar o telespectador. A apresentadora que inicia o programa em *off* surge em um cenário capaz de mexer com a memória do telespectador. Uma memória qualificada pela direção do programa que escolhe mostrar uma Minas colonial, para falar de todas as outras.

Figura 18 – Sequência de *frames* do VT sobre religiosidade



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

O programa tem início com um sobe som de sinos em fusão com uma cantoria de mulheres em uma igreja: “dai-nos a bênção, ó virgem mãe”, e o *take* se funde a oração da Ave Maria. São usadas imagens de mulheres ajoelhadas em *takes* fechados nos rostos marcados pelo tempo e nas mãos com terços. A primeira reportagem foi da jornalista Soraia Vasconcelos,

sobre religiosidade do povo mineiro. Há muito uso de som ambiente das rezas e orações, mas a repórter não aparece em vídeo. Os entrevistados é que guiam o telespectador por meio dos depoimentos sobre fé. É como que pedindo licença para entrar em uma seara alheia. É telejornal iniciando a prosa com o telespectador por meio da espiritualidade.

Alceu Amoroso Lima (1983) bem destacou no seu clássico livro *A voz de Minas* que o mineiro é naturalmente religioso. “A fé católica é um dos dados fundamentais da civilização mineira, não só por tradição, mas por vocação. Exatamente porque o catolicismo concilia as duas tendências paradoxalmente concomitantes da alma mineira – o realismo e o misticismo” (LIMA, 194, p. 111). Como se as duas tendências se unissem em uma conexão vocacional. Ao mostrar essa força espiritual na TV o programa reforça esse traço da identidade mineira destacada pelo escritor. Lima (1983) ainda aponta que o mineiro tem uma vocação para o mistério, evidenciado nas reportagens pelos enquadramentos subjetivos, na escolha por imagens de vela acesas, contas de terços e mãos cerradas.

Na sequência do programa, o enfoque vai para a culinária. Em uma edição com imagem fechada, em tons quentes e com o uso e reforço de áudio dois – que é o destaque do áudio natural, o que é também chamado no meio audiovisual de *sobe som* – para mexer com os sentidos do telespectador. A matéria começa com sonoras de pessoas famosas sobre a comida mineira: Sérgio Reis e Beto Guedes dão depoimentos sobre os pratos de preferência. E os dois artistas recorrem às memórias. Beto Guedes lembra do frango ao molho pardo e diz que o prato o remete infância. Sérgio Reis canta trecho da música *Menino da Porteira*, para lembrar as viagens a Minas e o que comia: “toda vez que eu viajava pela estrada de Ouro Fino...”

A reportagem mostra a origem da comida mineira e tem uma personagem que conduz a história, dona Lucinha, cozinheira afamada na capital. Ela é creditada dessa forma, sem mais apresentações, mas fala com propriedade sobre a origem dos pratos mineiros. A repórter Adriana Araújo entra na reportagem em um cenário típico: uma cozinha mineira e um fogão a lenha. É onde, em passagem, ela introduz:

Quem não tem um prato preferido? Aquele que traz uma lembrança do passado. A boca enche d’água e coração de saudade. É assim. O que nós comemos conta um pouco da nossa história. E dá pra conhecer melhor a história do nosso estado por um roteiro diferente. Viajando pelas panelas, pelos sabores de Minas (TERRA..., 2001).

Figura 19 – *Frame* da passagem da repórter, no VT sobre a culinária mineira



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

O texto segue em *off* e, explorando a história de Minas, conta sobre as aventuras dos bandeirantes em busca do ouro. Nessa viagem se deparam com outra riqueza: a gastronômica. “Atravessar as montanhas em busca do ouro! Nas terras das Minas Gerais, os Bandeirantes encontraram o que cobijavam e o que não queriam” (TERRA..., 2001). E entra o primeiro depoimento da personagem, dona Lucinha (Maria Lúcia Clementino Nunes): “É uma contradição verdadeira. Porque riqueza em abundância e fome também em abundância. Então era preciso usar astúcias para encontrar alimentos. Mas inteligentemente, eles usavam aquilo que o índio comia”. E aí são destacados os ingredientes como folhas, mandioca, o milho também chamado de ouro em pencas. A herança não vem só dos indígenas, mas também dos portugueses e dos africanos, por meio de tantos escravizados que para cá foram trazidos. Essa é a forma de apresentar a comida típica consumida em Minas Gerais e o programa a chama de “comida mineira”. Mas para o escritor Eduardo Frieiro (1982), o que se consome aqui não é exclusividade do povo mineiro.

No segundo bloco, o destaque foi para a música. E quem conduz a entrevista – ou melhor, “a prosa” – é a apresentadora: “Na festa típica mineira, nunca pode faltar a viola. E para manter essa tradição, existe em Belo Horizonte uma escola de violeiros e uma orquestra. A orquestra mineira de violas” (SANTOS, 2001). A imagem deriva para os nove violeiros que cantam a música *Chico Mineiro*, canção eternizada na interpretação de Tônico e Tinoco<sup>24</sup>. Em uma reportagem em que o enfoque foi mostrar a riqueza da moda de viola raiz, teve pouco uso

<sup>24</sup> Tônico e Tinoco foi uma dupla caipira, considerada uma das duplas mais importantes da história da música raiz. Em 64 anos de carreira, Tônico e Tinoco realizaram quase 1.000 gravações, divididas em 83 discos. (WIKIPÉDIA, 2022).

de texto e muito bate-papo, em uma conversa entre entrevistadora e personagens, violeiros e contadores de histórias musicadas.

A apresentadora, na condução da narrativa, faz uma entrevista com o ator e cantor mineiro, Jackson Antunes. Ele vai relembrando canções, modas de viola e esse é o ritmo de todo o bloco, onde são alternadas as canções e casos, contados e cantados. Aí podemos lembrar o que Alceu Amoroso Lima (1983) escreveu sobre o “mineirismo” e o amor à poesia: todo mineiro é romancista ou contista de nascimento; todo mineiro é contador de anedotas. Versos musicados ao som da viola foi o que vimos nessa estreia do *Terra de Minas*.

Figura 20 – *Frame* de violeiros e da apresentadora entrevistando dois personagens



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

O último bloco do primeiro *Terra de Minas* foi dedicado ao artesanato e às artes e todo ambientado em Ouro Preto e Mariana. Com uma janela de vitrais ao fundo, Vívian Santos grava a cabeça do bloco, a abertura em um cenário interno: “Quando se fala em Minas, logo se pensa em ouro, pedras preciosas, minério. Mas os moradores de um distrito de Mariana vivem de uma outra riqueza, o artesanato” (TERRA..., 2001).

A reportagem se inicia com o nascer do sol, com uma imagem “esquentada” em tons dourados. Ambientada nos pequenos distritos de Cachoeira do Brumado, vai devagar mostrando os talentos locais e os ofícios: o “fazedor” de panelas de pedra sabão e esteiras de bambu, a fiadeira que faz tapetes de fibra da piteira e o escultor de madeiras. Todo o VT segue a mesma sequência: apresenta o personagem, mostra a sua produção, enfoca que o ofício é passado para diferentes gerações e é encerrado com uma sonora para mudar de assunto. Essa foi a forma – bem dentro do padrão telejornalístico da Globo – de apresentar as histórias.

E o bloco segue com um personagem que ganha mais destaque: o artista plástico Carlos Bracher. Ele é inserido no contexto da cidade de Ouro Preto, onde vive e faz a sua arte. E é destacado em texto (2001) que a inspiração está na arquitetura da cidade colonial. A reportagem

tem um BG (*background*) forte, de música clássica, barroca, no ritmo do artista que articula e circula pelas ruas íngremes de Ouro Preto e diz:

Como é bonito tudo isso, né? Essas janelas com arcadas. Tudo tão bem profissional, tudo em seus lugares devidos. Essas caídas sonoras desses telhados, como que pousando sobre as casas. Esse subir e descer é que faz essa grande melodia dessa cidade, essa grande poesia...Aqui nasceu a Inconfidência. E o grande grito de independência desse país foi dado aqui nessas pedras, nessas ladeiras (TERRA...2001).

Figura 21 – Sequência de *frames* do artista plástico Carlos Bracher



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

A reportagem foi construída de forma a levar o telespectador junto com o artista pelas ruas da cidade colonial. Os depoimentos ocorrem em pontos variados, assim como os enquadramentos diferenciados, dando a sensação de movimento pelas ruas de pedra. O ritmo da história é também do artista que, enquanto fala da paixão por Minas, vai criando a sua cidade com referências da velha Ouro Preto. O VT encerrou o programa de estreia deixando evidente qual Minas estava sendo ali apresentada desde o início do programa de 25 minutos de duração.

Nos três blocos há o uso de *BG*'s<sup>25</sup> ao ritmo das imagens, *takes* mais longos, captações externas e uma edição mais lenta, valorizando o movimento e o tempo de cada personagem e história. Assim foi a primeira edição, já mostrando o que viria pela frente. Um telejornalístico com pautas voltadas para tradições e costumes, que busca dar ênfase à arte e à mineiridade, valorizando os mitos sobre Minas Gerais. Um programa que segue um padrão já aguardado do que é e do que se mostra em Minas, sem rupturas e sem surpresas. As fontes oficiais são pessoas conhecidas pela mídia, as cidades são aquelas que dialogam com a época mais rica da antiga província, a Inconfidência é exaltada como símbolo de todo um povo, e não um movimento de uma determinada elite.

A pesquisadora Fernanda Maurício da Silva, em seu artigo “Tramas do tempo no telejornalismo local: temporalidades sociais no programa *Terra de Minas*” faz uma análise da temporalidade, destacando a mineiridade como fio condutor de cada edição, mas também tendo o passado como um tempo mais autêntico. “Muito do programa *Terra de Minas* consiste em dar visibilidade aos locais onde se pode encontrar tais valores tradicionais. As práticas e diferentes modos de viver dizem de outra temporalidade, de um passado que o programa procura resgatar enquanto resíduo, enquanto aspecto ainda ativo na sociedade” (SILVA, 2020, p.1). Esse passado considerado de riquezas culturais leva o telespectador a viajar pelo tempo e história. É o que Silva (2020) destaca como sendo um modelo próximo de programas turísticos feitos para realçar as belezas de um estado e seus vilarejos cheios de curiosidades, receitas passadas de gerações e uma identidade característica regional.

Dentro desse gênero é importante ressaltar o que colocou Pasternostro (2000): que o telejornalismo desempenha um grande papel na produção e na divulgação de informações no Brasil. Em muitas situações, um papel didático, dando voz a narrativas que por muito tempo ficaram silenciadas pela história formal. “[As pessoas] buscam nos meios de comunicação não apenas o conhecimento dos fatos que acontecem mundo afora, mas, também, o entretenimento tão necessário de forma que o imaginário seja estimulado, fazendo da fantasia um antídoto para resistir aos desencantamentos de sua existência” (CARVALHO, 2007, p. 282).

Pode-se dizer, portanto, que o *Terra de Minas* nasce, em 2001, passa ser um espaço dedicado a falar da cultura mineira, em um recorte editorial conhecido. Foi concebido para

---

<sup>25</sup> BG: abreviatura de *background*. Do inglês, fundo ou segundo plano. No áudio, é utilizado para descrever o som em segundo plano. Define os sons colocados em volume mais baixo, porém audível, em paralelo com o *off*. Pode ser o barulho de pessoas falando, de uma cachoeira ou uma música. No vídeo, é a imagem ou cenário de fundo (TV).

figurar no “trilho televisivo”<sup>26</sup> que permeia o jornalismo e o entretenimento. Com elementos de reforço à memória por meio de símbolos, o primeiro programa foi encerrado com uma frase do artista plástico Carlos Bracher. “Não se deve deixar de amar, essa coisa, da cultura dessa cidade. Essa cidade é uma cidade da emoção, sempre da emoção” (TERRA..., 2001). E o texto é coberto com imagens de Ouro Preto, numa referência à Minas que foi mostrada e que viria a ser evidenciada nos próximos programas.

A mensagem passada na estreia é assaz clara: em 25 minutos, o telejornal buscou no passado referências de uma Minas Gerais poética, erudita, porém com representação popular por meio dos personagens da religiosidade, dos artesãos e das escolhas das músicas. Mas pudemos observar um paradoxo. O programa não trouxe à tona identidades desconhecidas, pelo contrário: fez um reforço à identidade dos livros de história, que “romantiza” a Minas colonial. Não há crítica aos bandeirantes, não há abordagem sobre o trabalho escravista. O programa escolhe editorialmente uma narrativa sobre a identidade mineira, que é a mais idealizada, romantizada, lírica.

Gráfico 1 – Quantidade de minutos de cada assunto abordado



Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>26</sup> Trilho: termo usado no departamento de programação das emissoras que caracteriza uma sequência de programas. Exemplo: o trilho jornalístico, na TV Integração, afiliada à Globo, é iniciado com o H1, depois tem o *Bom Dia Praça*, na sequência o *BDBR*. Um dos trilhos do entretenimento, no sábado, começa com o *Cê Viu*, depois o *Tô Indo* e encerra a tarde com o programa *Caldeirão do Mion*.

Foi 1 minuto e 34 segundos contextualizando Minas e sua história e apresentando o programa. Na sequência, 3 minutos e 32 segundos sobre religiosidade, com depoimentos emocionados sobre fé e 5 minutos e 8 segundos sobre a história da culinária mineira. Depois, mais 4 minutos e 41 segundos apresentando o lado raiz da música mineira e *causos* de violeiros. O tempo maior do programa foi dedicado ao artesanato, onde foram entrevistados três artesãos. E o tempo dedicado às artes plásticas foi de 3 minutos e 12 segundos, com a entrevista de Carlos Bracher, um pintor conhecido por transpor para as telas a riqueza das formas da Minas colonial.

#### 4.2. UMA CANASTRA DE HISTÓRIAS EM MAIS DE MIL REPORTAGENS

Canastra, jacá ou mesmo baú: utensílios típicos do interior do estado por onde era possível transportar cargas em lombos de animais. No sentido figurado, pode ser também um lugar para depositar lembranças ou memórias. A escritora mineira Adélia Prado, em uma das suas poesias intitulada *O que a memória ama fica eterno* (2015), fala da vivência, da experiência: “Quanto mais vivemos, mais eternidades criamos e nos damos conta do que guardamos em nossos baús secretos” (PRADO, 2015). Esses guardados podem estar na memória, mas é importante também que estejam fortalecidos em arquivos organizados. Sejam eles escolas, igreja, família, Estado ou oficialmente em estrutura capaz de arquivar documentos, fatos e histórias.

Doutrinas, contos, relatos mitos inscritos em uma trama narrativa, são as pedras angulares de memórias fortemente estruturadas que contribuem, no interior de um grupo ou de uma sociedade, para orientar duravelmente as representações, crenças, opiniões e para manter a ilusão de compartilhamento absoluto e unânime (CANDAUI, 2021, p. 182)

As memórias de dez anos do programa *Terra de Minas* estão bem preservadas no arquivo da TV Globo Minas, em um grande “baú digital”, com diferentes retrancas<sup>27</sup> para viajar no tempo e na história de um telejornal semanal. Atendendo à solicitação da pesquisa, o departamento de acervo da emissora emitiu um relatório dos primeiros dez anos do programa. Com ele, temos acesso a todos os assuntos pautados nesse tempo e a ordem de exibição. Um material fundamental para que pudéssemos analisar como a narrativa memorialística foi abordada ao longo dos primeiros dez anos.

---

<sup>27</sup> Retranca: é o nome que se dá à reportagem para identificá-la em arquivos, para ser mencionada em um *script*, principalmente em televisão. Normalmente tem no máximo três palavras, para facilitar a busca.

O programa número 1 foi ao ar no dia 21 de outubro de 2001. A partir dessa data toda semana eram exibidas reportagens inéditas. Somente no mês de janeiro, mês de férias da equipe, o programa era reprisado. Eram escolhidas reportagens ao longo do ano e eram reexibidas aos fins de semana de janeiro. No primeiro ano, o programa ia ao ar aos domingos e depois passou a ser exibido aos sábados. A apresentadora gravava as cabeças inéditas e o *Terra* de reprise era montado com matérias previamente selecionadas pela editora chefe, Soaria Vasconcelos:

A seleção das reprises era feita com base no engajamento que o programa gerava entre o público. E esse engajamento era medido, não por números, digamos frios de audiência, mas por retornos que a gente tinha através da Central de Atendimento ao Telespectador, o antigo CAT. A gente percebia pelos telefonemas que chegavam diretamente na redação, por e-mails que a gente recebia em grande quantidade, principalmente enviados por brasileiros que assistiam pela Globo Internacional. Naquela época ainda não tinha WhatsApp e redes sociais como hoje. Mas esses elementos eram suficientemente claros para indicar os programas que tinham tido uma maior eloquência para o público. (VASCONCELOS, 2022).

O relatório emitido pelo Centro de Documentação da Globo para a nossa pesquisa não contempla as reprises, somente as reportagens inéditas listadas. Mas com essa relação podemos fazer várias leituras sobre o perfil do que a TV Globo e afiliadas levaram ao público por dez anos, no *Terra de Minas*. Por meio das retrancas, temos importantes apontamentos, como por exemplo: no primeiro ano do *Terra de Minas*, o enfoque foi basicamente na região metropolitana e central, com a maioria dos VT's feitos pela equipe da Globo Minas. Desde a estreia, as cabeças da apresentadora na abertura, passagem de bloco e encerramento sempre foram ambientadas em diferentes cenários externos. A primeira edição foi gravada em uma fazenda em Lagoa Santa.

No segundo programa já havia uma outra ambientação possível e aí, a gente então percebeu que essa era uma estratégia interessante. É! Movimentar o programa, fazer com que as cabeças e a gravação das cabeças também viajassem por cenários diferentes. Que isso também traria mais uma informação, agregava mais uma informação para o programa e punha a apresentadora em cenários onde o telespectador gostaria de estar, porque eram cenários bonitos, agradáveis (VASCONCELOS, 2022).

Os cenários ambientavam os assuntos e, além de chamar a atenção do telespectador pela imagem relacionada à reportagem abordada, faziam referência à temporalidade – muitas vezes ajudando a contar a história da passagem do tempo em Minas Gerais.

A gravação das cabeças passou a ser definida não apenas pelas questões estratégicas de facilidade de acesso, de bom entendimento com fazendas e instituições, porque nós gravamos também em museus e instituições desse tipo: bibliotecas, em hotéis, mas principalmente pela afinidade com o tema do

programa. Aos poucos, passamos a ter uma rede de parceiros e as pessoas se sentiam honradas em receber a equipe de gravação do *Terra de Minas*. (VASCONCELOS, 2022).

Assim, o programa ia viajando, literalmente, por Minas Gerais e ocupando um espaço latente por anos, e que aos poucos rememorava histórias fechadas em gavetas, em baús e canastras, em cadernetas amareladas pela ação do tempo. Vera França (1998) diria que o mineiro tão ligado às raízes é também atraído pelo longínquo. E o que parecia velho e esquecido era aos poucos descortinado, afinal, tudo é novo em terras ainda não exploradas.

O mineiro, orgulhoso da sua terra, passa a conhecer “Raridades da Biblioteca do Caraça”, “A linguagem dos sinos de Mariana”, “A festa do Divino em Diamantina”, “Receita de costelinha de porco com mamão” ou o “Museu da Cachaça de Caeté”. Esses foram alguns dos temas mostrados e reportados no primeiro ano do *Terra*. Alguns desses temas eram exibidos pela primeira vez na TV, eram novos para quem assistia, mas mexiam com uma memória ocultada pela vivência, distância ou geografia. Segundo Ecléa Bosi (2003), a memória parte do presente ávido por um passado, mesmo que ele não nos pertença mais.

Muitas histórias e *causos* o mineiro conhece por meio da história passada por gerações e gerações e isso se dá de formas diversas. Uma delas é lembrada por Bosi (2003) ao citar os objetos biográficos que se incorporam à vida de quem os detém: “o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha esportista, a máscara do enólogo, o mapa-múndi do viajante... Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador” (BOSI, 2003, p. 26). Esses objetos biográficos bem guardados e preservados passam a sair das canastras, dos guardados de diferentes famílias mineiras e são mostrados na TV, no programa que vem mexer com a memória e com as lembranças. E isso pode gerar uma empatia com o telespectador de tal forma que o faz sentir saudades de um tempo em que não viveu.

#### 4.3 MINEIRAMENTE, AVE PALAVRAS

Nesta seção, nosso objetivo é descrever as temáticas abordadas ao longo dos 10 anos do *Terra de Minas*. Conforme mencionado, com o relatório emitido pelo departamento de acervo da TV Globo Minas cedido à pesquisa, tivemos acesso aos assuntos pautados nos primeiros 10 anos do *Terra de Minas*. A abordagem era variada e nos primeiros meses, por mais que o programa falasse de Minas Gerais, as reportagens foram feitas mostrando a Minas da capital histórica e região central: Ouro Preto, Congonhas, Sabará, Tiradentes, São João Del Rei, Diamantina e arredores.

O material disponibilizado nos mostra que foram 440 programas e 1.339 produtos em 10 anos. Não podemos dizer que todos esses produtos são reportagens, porque alguns programas foram realizados ao vivo e, nesses casos, tiveram entrevistas e notas cobertas<sup>28</sup>, além das matérias. E na relação disponibilizada pelo acervo da TV Globo Minas não há uma discriminação do que era *link*, entrevista, nota coberta ou reportagem. São listadas apenas as retrancas que, em televisão, são palavras-chave para localizar uma reportagem, estejam elas em um script, em um arquivo ou mesmo em uma pauta para a equipe que vai para campo. Por meio da retranca (ou seja, de poucas palavras) é possível saber o tema da reportagem. Exemplo: Peirópolis e os fósseis de dinossauro; Grão Mogol, cidade presépio; As belezas de Botumirim; Curiosidades do Mercado Central; Artesanato em cabaças. Essas são algumas retrancas. Elas vêm dispostas no chamado “espelho do programa” (termo que será explicado no item seguinte) para o editor de imagens saber a ordem em que serão exibidas. Portanto, retrancas: palavras que definem o rumo de uma boa prosa. Palavras que dão direcionamento ao repórter, ao editor. Em televisão, não são apenas palavras. No *Terra de Minas* elas trazem, mineiramente, um sentido à narrativa.

O levantamento é possível após ler os espelhos dos programas, onde constam as retrancas e muitas palavras chaves. A partir dessa pesquisa, definimos cinco temáticas ou categorias sob as quais estão agrupados os episódios dos 10 anos estudados: Culinária; Arte e Artesanato; Música; Cidade e Turismo; Religiosidade, Tradição e Costumes. A partir do segundo ano, surge uma outra categoria: Concursos, quando é lançado, no início da temporada, um concurso de culinária.

Com relação às categorias, fazemos a partir de agora um detalhamento para deixar evidente que foi realizada uma análise de conteúdo capaz de fornecer elementos por meio dos vídeos gravados, nos possibilitando classificar com clareza os sinais relacionados à memória mineira.

**1 - Cidade e Turismo.** Os VT's, em algum momento, devem contar uma história, seja de pessoas ou das cidades; ou devem ter elementos turísticos claros, tais como localização, belezas naturais, a exploração de caminhos e todas as reportagens que exibam museus, já que museu tem sempre uma relação com a memória e com a história de alguém, lugar ou cidade. Arquitetura também é alocada nessa categoria.

---

<sup>28</sup> Nota coberta – A nota coberta é gravada e narrada pelo apresentador do telejornal. É uma informação em off, sem sonoras. Apenas coberta com imagens. Normalmente o apresentador faz uma introdução do assunto e segue a nota coberta, complementando a informação.

2 - **Religiosidade, Festa e Tradição.** Com essas três palavras definidas, foi feita a curadoria das reportagens nessa categoria. Aí estavam as reportagens sobre as tradições religiosas, das mais diversas: procissões, missas, terços e as muitas festas católicas, de matriz africanas ou folclóricas: Festa de Congado, Festa do Rosário, Carnaval, Festa do queijo, do Carro de boi... Assim os VT's iam sendo separados para esta categoria que ainda reunia as muitas tradições mineiras, lendas e “causos contados” por personagens. Os VT's que reuniam coleções e colecionadores também foram direcionados para essa categoria, por se tratar de uma tradição no interior, assim como os que mostram os costumes típicos.

3 - **Arte e Artesanato.** O nome da retransmissão já deixa bem claro o que iremos encontrar nessa categoria. Minas e seus mais diversos artesanatos foram mostrados. A reportagem poderia ser feita em uma igreja ou em uma pequena cidade, até mesmo em uma festa, mas havendo a demonstração, o como fazer e o passo a passo, o tema entrou na categoria dos artesãos. Com relação às artes, a categoria está aberta às mais diversas manifestações artísticas: artes plásticas, literatura e teatro.

4 - **Culinária.** Essa categoria trouxe reportagens que buscaram mostrar a origem da comida mineira, o modo de preparar alimentos e pratos. Mesmo falando de tradição, ao conter algum passo a passo, ensinando a fazer a iguaria, o tema entrou na categoria “culinária”.

5 - **Música.** Inclui reportagens contendo algum profissional com instrumento ou vocal e que abordasse a história da música. Trabalhos com vozes à capela também entravam na categoria. Foram feitas reportagens com corais de várias cidades e igrejas.

6 - **Concursos.** Essa foi uma categoria que só apareceu no *Terra de Minas* a partir do segundo ano do programa, quando foi lançado um concurso para escolher o prato que seria feito nas famílias mineiras no fim do ano. O programa com o resultado do concurso foi ao ar antes do Natal, no dia 21 de dezembro de 2002.

#### 4.4 ESPELHOS DA MINEIRIDADE

Um reflexo ou uma cópia fiel, assim pode ser definido o objeto espelho. Mas em televisão ele ganha uma outra definição. Dentro do telejornal, os assuntos são dispostos no que é denominado *script* ou espelho. Quando se tem um espelho de telejornal em mãos, você tem o esqueleto, a forma; você tem em lauda impressa, digitada, o que o telespectador tem na tela. A ordem com que estão dispostas as reportagens e assuntos abordados é importante também para se contar uma história, para dar sequência a uma narrativa. Nas palavras de Rezende (2000, p. 146), “o espelho sintetiza a organização do telejornal em blocos, a ordem das matérias em cada

bloco, bem como os intervalos comerciais, das chamadas e do encerramento”. Ademais, o espelho do telejornal ajuda a organizar as ideias para o telespectador.

Um programa jornalístico semanal de televisão pode ser temático ou dividido em assuntos variados. O tema de cada programa ou os temas das reportagens que vão ser exibidas nas edições normalmente são definidos pela equipe formada por editores, produtores e repórteres dentro do que se espera daquele programa. No caso do programa semanal *Terra de Minas*, a editora Soaria Vasconcelos lembra que a seleção do que ia ao ar “era sempre baseada nos critérios que nortearam a criação do programa: ou seja, mostrar as nossas belezas naturais, a culinária, o folclore, a arte, fatos históricos e a culinária” (VASCONCELOS, 2023). Isso por meio de depoimentos, imagens, “objetos biográficos” e das memórias de mineiros.

O *Terra de Minas*, na edição número 1, mostrou o que viria pela frente. Foi um retrato, ou fazendo uma analogia com um telejornal, o *Terra 1* foi um “espelho” do que seria apresentado pelos próximos anos na tela da Globo Minas e afiliadas, mostrando a história e as tradições que são uma forte referência no estado. Do cenário de telenovela, enfatizando uma fazenda colonial, à comida típica feita no fogão à lenha, passando pela música, pelo artesanato e pelas ladeiras de Ouro Preto. Esse foi o *Terra de Minas* de estreia e que levaria as tradições de um povo para as telas da TV, eternizando costumes.

Para levar essa Minas e a mineiridade para os lares que assistiam à TV, sintonizados nos canais da Globo, o Terra buscava temas que ainda não tinham sido mostrados em veículos de massa, relembra a editora-chefe, Soraia Vasconcelos, que explica também como eram definidas as pautas.

Havia vários critérios para a definição das pautas dos programas. Tanto podia ser assuntos mais factuais – festas, por exemplo, datas históricas ou religiosas, ou algum fato marcante daquela ocasião – como também podiam ser sugestões dos repórteres, das equipes de maneira geral que traziam das ruas. Isso era muito frequente. Pautas que as afiliadas indicavam. Isso também acontecia com bastante frequência, né? A gente tinha uma equipe de algumas pessoas muito envolvidas com o programa, inclusive nas afiliadas da TV e essas pessoas apresentavam várias sugestões. Sugestões de telespectadores também eram muito frequentes, que enviavam por e-mail ou através da central de atendimento ao telespectador ou diretamente para a redação da TV por telefone. (VASCONCELOS, 2022)

Mas, ao longo dos dez primeiros anos, foram exibidos programas monotemáticos ou aqueles que abordavam uma só cidade. Foram também realizadas edições festivas para comemorar efemérides e para unir os telespectadores mineiros em torno de um assunto. Houve um concurso para escolher “A imagem de Minas”. Nos programas de um só tema, Vasconcelos ressalta como era a escolha do assunto a ser abordado:

Programas que tinham temas e têm grande afinidade com isso que os mineiros, de maneira geral, identificam como sendo patrimônio da sua cultura, da sua história. Como por exemplo: carro de boi, Trem de Ferro, o fogão a lenha. Acaba que esses temas tinha uma identidade e uma representatividade que justificava a produção do programa inteiro. (VASCONCELOS, 2022)

#### **4.4.1 Primeiro ano: construindo uma história para chamar de Minas**

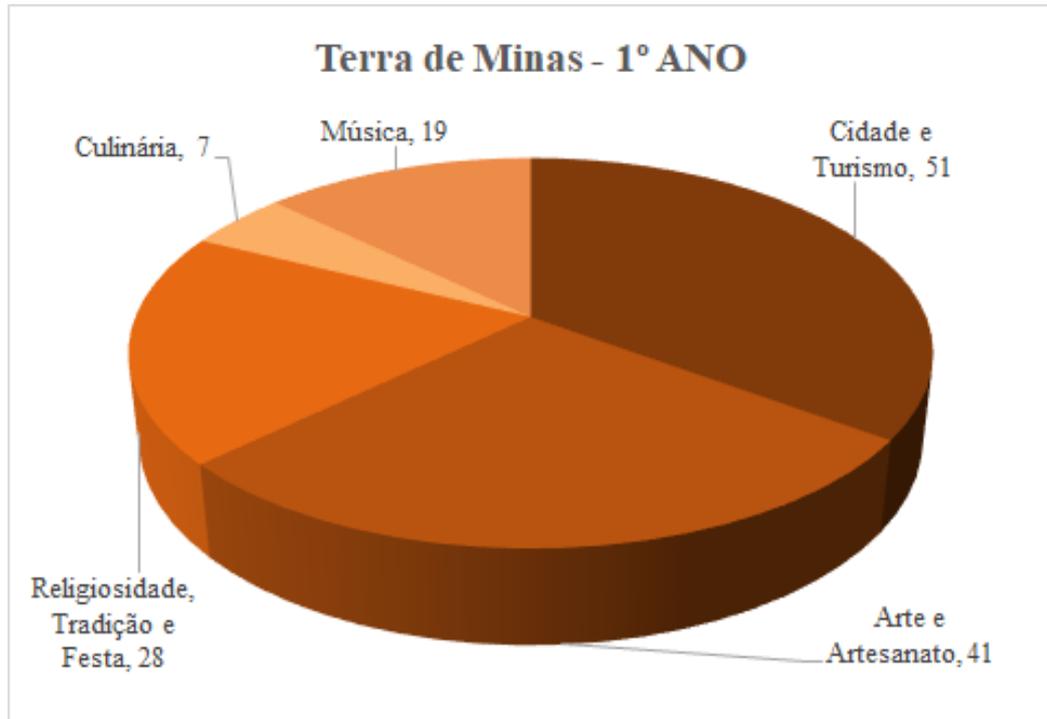
Um passeio por Minas e suas tradições em 43 programas. No total foram 150 e uma reportagem inéditas em um ano do *Terra de Minas*. A partir de uma análise quantitativa, pudemos observar que nesse primeiro ano as pautas mais abordadas foram relacionadas a turismo e histórias de pequenas cidades, costumes e tradições. Em seguida, o tema artes e artesanato foi o mais mostrado em Minas Gerais. Essa foi a imagem de uma identidade escolhida para ser retratada na TV Globo e afiliadas no programa semanal.

É importante deixar evidente o período que compreende o primeiro ano do *Terra de Minas*. Foi de 21 de outubro de 2001 a 26 de outubro de 2002. Estabelecemos o término do mês de outubro para definir o ano corrido de cada período e observamos que há reportagens inéditas em todos os meses que compreendem o ano em discussão.

Era um período fértil de assuntos a serem pautados. Existia novidade em todos os temas e foram 18 programas na região de área de cobertura da Globo Minas, ou seja, mostrando a Minas da região metropolitana, histórica e central. É no programa exibido no dia 23 de março que a pauta aborda uma cidade de outra região: a produção de cristais, na cidade de Poços de Caldas, no Sul de Minas. A partir daí observamos, por meio das retrancas, que há uma abordagem de temas fora da região central de Minas. Há reportagens evidenciando cidades do Triângulo Mineiro e também no norte de Minas.

No primeiro ano, o ineditismo dos temas reforça a condução de reportagens com características de abordagens turísticas. Cidades que nunca haviam aparecido na tela da TV eram mostradas como novidade, reforçando o que disse Pasternostro (2000) sobre a importância do telejornalismo na divulgação de informações.

Gráfico 2 – Categorias x números de reportagens – 1º ano



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 7 – Retranças de reportagens exibidas no 1º ano

ANO 1			
CATEGORIAS	RETRANÇAS	QTD.	
TURISMO & CIDADE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• AS CURIOSIDADES DA SERRA DO CIPÓ</li> <li>• SIMPLICIDADE É CHARME DE COCAIS</li> <li>• AS BELEZAS DA GRUTA DE MAQUINÉ</li> <li>• AS BELEZAS DO CARAÇA</li> <li>• A NATUREZA DA SERRA DO CARAÇA</li> <li>• PEDRAS PRECIOSAS DAS MG</li> <li>• CAVALEIROS E O CAMINHO DOS BANDEIRANTES</li> <li>• VISITA À MINA DA PASSAGEM, MARIANA</li> <li>• RAPAZES PELA ESTRADA REAL</li> <li>• TREM ENTRE SOUZA AGUIAR E BARBACENA</li> <li>• MUSEUS DA CIDADE DE CAETÉ</li> <li>• CAETÉ E ESPORTES RADICAIS</li> <li>• CULTIVO DE ORQUÍDEAS EM NOVA LIMA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CLIP CENAS TERRAS DE MINAS</li> <li>• TRIÂNGULO E CRIAÇÃO ZEBU</li> <li>• EXPORTAÇÃO DA CARNE DE ZEBU PARA A EUROPA</li> <li>• MARIA DA FÉ, A CIDADE DO FRIO</li> <li>• MONTE VERDE, CIDADE DE CLIMA E CONSTRUÇÕES BEM DIFERENTES</li> <li>• CULTIVO DO MORANGO MOVIMENTA A ECONOMIA DE ESTIVA</li> <li>• CAPELINHA, DIST. FANTASMA</li> <li>• MONTE SIÃO E CAVERNA ARTIFICIAL</li> <li>• GRUTA REI DO MATO, 7 LAGOAS - HISTÓRIA DE ITABIRITO</li> <li>• O SOSSEGO DE ITABIRITO</li> <li>• S.R TERRA QUELJO CANASTRA</li> </ul>	51

- TREM ENTRE SÃO JOÃO DEL REI E TIRADENTES
- PASSEIO POR TIRADENTES
- CRISTAIS DE POÇOS CALDAS
- ATRAÇÕES: CAXAMBU E SÃO LOURENÇO
- BELEZAS: DISTRITOS DO SERRO
- BIRIBIRI, O CHARME
- HISTÓRIA DE BH E SUA ARQUITETURA
- MILHO, PATRIMÔNIO PATOS MG
- PARQUE EST. DO RIO PRETO
- TURISTAS EM LAVRAS NOVAS
- BELEZAS DA SERRA DA CANASTRA
- RAPEL NA SERRA DA CANASTRA
- ANIMAIS SOBREVIVEM NA SERRA DA CANASTRA
- SUL DE MINAS, PRODUTOR DE CAFÉ DO PAÍS
- BARÕES CAFÉ SUL DE MINAS
- PESCARIA RIO SÃO FRANCISCO
- ESTRADA DE FERRO EM MG
- TREM DE BELO HORIZONTE A VITÓRIA
- PASSEIO NA MARIA-FUMAÇA
- SÃO LOURENÇO A SOLEDADE DE MINAS
- JANELAS E SACADAS CENÁRIO DE MUITAS HISTÓRIAS
- ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS ANTIGAS: ARAGUARI, CURVELO E DIVINÓPOLIS
- A HISTÓRIA CACHAÇA EM MINAS
- MUSEU DA CACHAÇA, CAETÉ
- O PROCESSO DE PRODUÇÃO ARTESANAL DA CACHAÇA
- CASARÕES DE SANTA LUZIA

RELIGIOSIDADE,  
TRADIÇÃO &  
FESTA

- A RELIGIOSIDADE DO POVO MINEIRO
- OS CAUSOS DE MINAS
- IGREJAS N.S DO CARMO, EM SABARÁ
- AS MUITAS DEVOÇÕES A N. SENHORA
- RARIDADES DA BIBLIOTECA DO CARAÇA
- COMEMORAÇÃO NATAL NA SERRA DA PIEDADE
- DANÇA A FOLIA DE REIS
- RECUPERAÇÃO IGREJA N.S. CARMO EM MARIANA
- A LINGUAGEM DOS SINOS DE MARIANA
- BONECOS GIGANTES CARNAVAL MARIANA
- O CHARME DAS MÁSCARAS DE CARNAVAL
- MARCHINHAS DE CARNAVAL BH
- DEVOÇÃO SANTA LUZIA
- VIDA CONVENTO DE MACAÚBAS
- ZELADOR IGREJA DE DIAMANTINA HÁ 50 ANOS
- CRIANÇAS DE OURO PRETO COROAM NOSSA SENHORA
- FESTA DO DIVINO DIAMANTINA
- ENCONTRO DE CARROS DE BOI EM FORMIGA
- ROTINA LENHEIRAS DE LAVRAS NOVAS
- ANTÔNIO SANTO CASAMENTEIRO
- AUTÊNTICA FESTA JUNINA BH
- MARIANA CONSERVA IGREJAS HISTÓRICAS
- FESTA DO ROSÁRIO SERRO
- N.S. ABADIA, EM ROMARIA
- SERESTA, A MAIS FAMOSA TRADIÇÃO DE DIAMANTINA
- HISTÓRIAS LENDAS DIAMANTINA
- TRADIÇÃO DAS CARRANCAS DE PIRAPORA
- ORIGEM DE ALGUNS SOBRENOMES

28

ARTE &  
ARTESANATO

- ARTESÃOS CACHOEIRA DO BRUMADO
- CARLOS BRACHER E OURO PRETO
- MULHERES ARTE COM PALHA DO MILHO
- 
- TEATRO MORADORES DE SÃO GONÇALO DO BAÇÃO
- FEIRA AFONSO PENA, A MAIOR
- ARTE DISTRITO DE BICHINHO

41

- JORGE FONSECA, ARTISTA FAZ LOCOMOTIVA PELAS LINHAS
- ARTISTA PLÁSTICO JOSÉ ASSUNÇÃO
- AS OBRAS DE ALEJADINHO
- CAMINHONEIRO ESCULTURAS SUCATA
- HISTÓRIA DE GUIMARÃES ROSA
- RARIDADES BIBLIOTECA DO CARAÇA
- PANORAMA DO PALÁCIO DAS ARTES
- OBRAS ARTISTA PLÁSTICA ELISA PENA
- PEDRAS PRECIOSAS DAS MINAS GERAIS
- PRESÉPIOS CERAMISTAS DO SALÃO DO ENCONTRO
- RECUPERA IGREJA N.S CARMO, EM MARIANA
- LINGUAGEM SINOS DE MARIANA
- SAPATEIRO MARIANA ARTISTA
- ARTESÃO - ESTEIRAS DE BAMBU
- ESPECIALISTAS RECUPERAM ESTRAGOS OBRAS ARTE
- MONTANHAS INSPIRAÇÃO PARA A ARTISTA MÔNICA SARTORI
- LEONARDO, MESTRE DA CERÂMICA SARAMENHA
- GUIGNARD VIVO OURO PRETO
- TRÊS ARTISTAS TIRADENTES
- TIRADENTES CENOGRÁFICA NOVELA CORAÇÃO ESTUDANTE
- AÇO: MECÂNICO ARTISTA PLÁSTICO
- GERAÇÕES E MALHAS EM MONTE SIÃO
- MILHO: ARTES EM PATOS MG
- MULHERES DA VILA MARIQUINHAS E OFICINA DE BORDADO
- AS TECEDERAS DE BOA VISTA
- ARTESÃO DE CONGONHAS E PANELA DE PEDRA SABÃO
- OFICINAS NO CENTRO CULTURAL DE CONGONHAS
- MARIONETISTAS GIRAMUNDO
- SERVAS, ESCULTOR BARROCO
- SÃO ROQUE DE MINAS E SEUS TALENTOS
- FABRICAÇÃO DOS SINOS
- ARTESÃO CAJURU FABRICA OS TAMBORES FOLIA DE REIS
- MULHERES CARMO DO CAJURU E O TEAR
- AS CARRANCAS DE PIRAPORA
- ARTE DOS TAPETES ARRAIOLO

## CULINÁRIA

- AS ORIGENS DA COMIDA MINEIRA
- D LUCINHA FAZ COSTELINHA DE PORCO COM MAMÃO VERDE
- QUEIJO, RAPADURA, BISCOITO E CAFÉ DA ROÇA ITAGUARA, FAMOSA PELA FABRICAÇÃO DE RAPADURA
- CULINARISTA PREPARA VACA ATOLADA
- SERRO: QUEIJO MAIS FAMOSO DE MINAS
- EMPRESÁRIA ENSINA A PREPAR BOLACHA TÍPICA DE PORTUGAL

7

## MÚSICA

- ORQUESTRA MINEIRA DE VIOLAS
- JACKSON ANTUNES CANTA COM ORQUESTRA MINEIRA DE VIOLAS
- MILTON NASCIMENTO MÚSICA PARA POEMA "AMO-TE MUITO" INTERPRETADA PELO CORAL DA FUNDAÇÃO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
- SABARÁ BANDA MAIS ANTIGA DE MINAS
- VESPERATA E BOLERATA: MÚSICOS DE DIAMANTINA E SERRO
- ORQUESTRA DA FAMÍLIA RODRIGUES NO CARAÇA
- CHICO LOBO INTERPRETA TERRA DE MINAS
- CORAL ADOLESCENTES DE SANTA LUZIA
- CORAL ARS NOVA, O MAIS PREMIADO NO BRASIL
- CIA DE DANÇA DE MINAS GERAIS APRESENTA SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO
- SERESTA, A MAIS FAMOSA TRADIÇÃO DE DIAMANTINA
- ENTREVISTA COM PENA BRANCA E SEU NOVO PARCEIRO TARCÍSIO
- CANTOR SÉRGIO REIS

19

- GRUPO UAKTI E SONS INUSITADOS
- GRUPO SKANK FALA SOBRE BH
- MARCHINHAS DE CARNAVAL RESISTEM EM BH
- MODAS DE VIOLA COM CHICO LOBO E PENA BRANCA
- CATIRA, AO SOM DA VIOLA
- RODA DE VIOLA

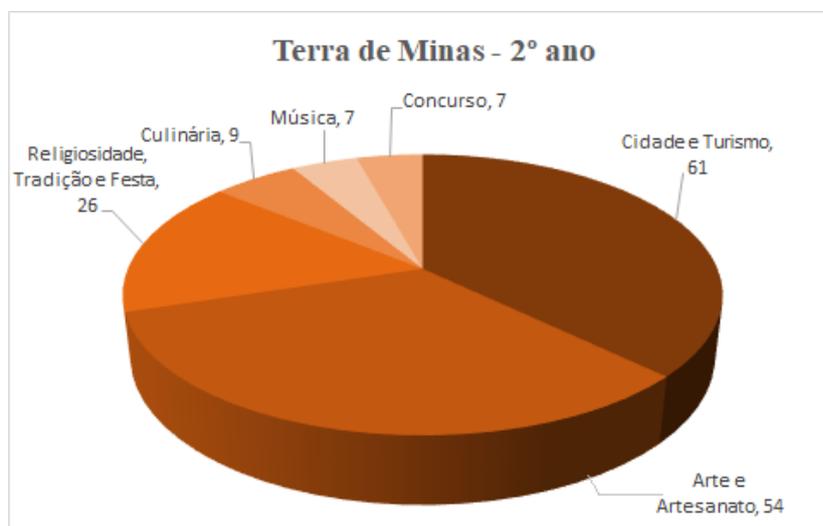
Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.4.2 Segundo ano: o gosto de Minas

O período que compreende o segundo ano do *Terra de Minas* vai de 2 de novembro de 2002 a 25 de outubro de 2003. A partir do segundo ano o programa não tem as matérias inéditas no mês de janeiro. São quatro semanas de férias e as reportagens mais representativas e atemporais são reprisadas. O tema Cidade e Turismo foi notoriamente o mais representado no período, seguido por Artes e Artesanatos. Mas logo no início desse segundo ano, mais especificamente no dia 09 de novembro de 2002, o programa lançava um concurso de culinária para escolher as receitas que melhor representavam Minas.

A efeméride pelo segundo ano do *Terra* foi marcada por um programa especial no dia 18 de outubro de 2003, onde foi mostrada uma região de Minas Gerais de natureza exuberante, a serra do Cipó. A cidade escolhida nesse recorte regional foi Conceição do Mato Dentro. Um município que representou o que o programa mostrou ao longo daquele ano: história e memória, religiosidade, música e riqueza ambiental, bem ilustrada pela cachoeira do Tabuleiro, considerada a maior queda d'água de Minas Gerais.

Gráfico 3 - Categorias x números de reportagens – 2º ano



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 8 – Retranças de reportagens exibidas no 2º ano

ANO 2			
CATEGORIAS	RETRANÇAS	QTD.	
TURISMO & CIDADE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• HOSPITAL EM CRUZÍLIA: ASFALTO GRAÇAS A DRUMMOND</li> <li>• TEMPORADA JABOTICABA EM SABARÁ</li> <li>• CHARRETES, ATRAÇÃO TURÍSTICA</li> <li>• PEIRÓPOLIS, FÓSSEIS DE DINOSSAURO</li> <li>• A CIDADE HISTÓRICA DE CATAS ALTAS</li> <li>• GRÃO MOGOL, CIDADE PRESÉPIO</li> <li>• UM PASSEIO PELO MERCADO CENTRAL</li> <li>• COMERCIANTES TAMBÉM FAZEM PARTE DA HISTÓRIA DE BH</li> <li>• A HISTÓRIA DA CIDADE DE PARACATU</li> <li>• VISITA À FAZENDA DE FLORESTAL</li> <li>• AS BELEZAS DE BOTUMIRIM</li> <li>• ESTRANGEIROS ESCOLHEM SANTO ANTÔNIO DO LEITE PARA VIVEREM</li> <li>• AS MINAS DE OURO PRETO</li> <li>• OURO PRETO: ÉPOCA DA COBRANÇA DE IMPOSTOS E DA FUNDIÇÃO DE OURO</li> <li>• OURO PRETO É A CIDADE DAS PEDRAS</li> <li>• UM PASSEIO POR TIRADENTES</li> <li>• MACACOS E SÃO SEBASTIÃO DAS ÁGUAS CLARAS TRILHA DE MOTOS EM MACACOS</li> <li>• SANTA BÁRBARA - IGREJA E ESTAÇÃO FERROVIÁRIA REFORMADOS</li> <li>• SOJA, O OURO VERDE DO CERRADO</li> <li>• A EVOLUÇÃO TÊXTIL EM MINAS</li> <li>• VIAGEM PELA ESTRADA REAL</li> <li>• FAZENDAS CARMO DO RIO CLARO</li> <li>• VENDINHAS DE MINAS RESISTEM AO TEMPO</li> <li>• O PRAZER DE UMA PESCARIA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• BELEZAS NATURAIS DE FURNAS</li> <li>• CIDADE DE CAXAMBU</li> <li>• AS ATRAÇÕES DE ARAXÁ</li> <li>• POÇOS DE CALDAS, A CIDADE DOS NAMORADOS</li> <li>• CAMBUQUIRA E SÃO LOURENÇO</li> <li>• BELEZA DO PARQUE DO CAPARAÓ</li> <li>• AS LAVOURAS E CACHOEIRAS DA SERRA DO CAPARAÓ</li> <li>• MUSEU ARQUIDIOCESANO DE ARTE SACRA, EM MARIANA</li> <li>• RESTAURADORES E A MEMÓRIA DE UM TEMPO ANTIGO</li> <li>• ALTO CAPARÓ E O MAIOR OBSERVATÓRIO PARTICULAR</li> <li>• SUBIDA AO PICO DA BANDEIRA, O PONTO MAIS ALTO DE MINAS</li> <li>• FAZENDAS DO VALE DO PIRANGA</li> <li>• A PAZ DE SANTANA DOS MONTES</li> <li>• PEQUENAS CIDADES MINEIRAS RESISTEM AO PROGRESSO</li> <li>• A HISTÓRIA DE SÃO JOÃO DEL REI</li> <li>• A VIAGEM DOS CARREIROS DO NOROESTE DO ESTADO</li> <li>• MUSEU GUARDA LEMBRANÇAS SOBRE OS TROPEIROS</li> <li>• ATRAÇÕES DE OLIVEIRA</li> <li>• FORMIGA, TRABALHO FEMININO</li> <li>• SERRA DA MOEDA GUARDA HISTÓRIA DE MINAS GERAIS</li> <li>• MINAS É O BERÇO DO CAMPOLINA</li> <li>• MANGALARGA MARCHADOR DE CRUZÍLIA</li> <li>• FLORES CRESCEM NO CERRADO DA SERRA DO CIPÓ</li> </ul>	61

- BARRO PRETO, DISTRITO REMANESCENTE DE UM QUILOMBO
- CAMPANHA, A CIDADE MAIS ANTIGA DO SUL DE MINAS
- INGLESES HERANÇA EM NOVA LIMA
- MUSEU DO OURO, EM SABARÁ
- TUDO NO MERCADO DE MONTES CLAROS
- A HISTÓRIA DE FURNAS
- MARGENS DO LAGO DE FURNAS
- CARMO DO RIO CLARO, TERRA DE GENTE HABILIDOSA
- A BLZ DAS ROSAS DE BARBACENA
- SÃO BARTOLOMEU, DISTRITO DE OURO PRETO
- DOIS ANOS DO TERRA DE MINAS
- ESPECIAL DE CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO
- CACHOEIRA DO TABULEIRO, A MAIOR QUEDA D'ÁGUA DE MINAS
- SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO
- MUSEU E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS

RELIGIOSIDADE,  
TRADIÇÃO &  
FESTA

- CASOS E LENDAS DE SABARÁ
- A TRADIÇÃO DAS PALMAS EM SABARÁ
- A FESTA DO CONGADO EM UBERLÂNDIA
- NOVAS IMAGENS DA IGREJA DO CARMO, EM MARIANA
- A TRADIÇÃO DO PRESÉPIO EM SABARÁ
- O PRESÉPIO DO PIPIRIPAU
- PRESÉPIO ANIMADO DE ALFENAS/VARGINHA
- A TRADIÇÃO ITALIANA EM BELO HORIZONTE
- O VOCABULÁRIO ANTIGO DO NOROESTE DE MINAS E A CULTURA ORIENTAL DE PARACATU
- OS ENTERROS NA ANTIGA VILA RICA
- CARRO DE BOI E TROPA DE BURROS NA ZONA RURAL DE MARIA DA FÉ
- ORATÓRIOS, UM CANTINHO PARA CONVERSAR COM DEUS
- RITUAIS SEMANA SANTA MARIANA
- IRMÃS PREPARAM AS HÓSTIAS DA IGREJA DE MARIANA
- PROCISSÃO DE MISTÉRIOS E LENDAS EM MARIANA
- MAIO: COROAÇÕES EM MARIANA
- DIAMANTINA RECUPERA A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO
- OS SANTOS DO MÊS DE JUNHO
- LENDAS DAS IGREJAS MINEIRAS
- FANTASMAS SÃO JOÃO DEL REI
- LENDAS DE SÃO JOÃO DEL REI
- EX-TROPEIROS RELEMBRAM VIAGENS NOS LOMBOS DE BURRO
- O TALENTO DOS AMANSADORES DE ANIMAIS
- PEÕES EM RODEIO DE PEQUI
- DESCENDENTES DE ESCRAVOS HABITAM ANTIGO QUILOMBO EM BRUMADINHO
- A RELIGIOSIDADE DE CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO

26

ARTE &  
ARTESANATO

- HOMENAGEM - CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE - 100 ANOS
- ADÉLIA PRADO RELEMBRA DRUMMOND
- POEMAS DE DRUMMOND MINAS GERAIS
- A RENDA TURCA DE BICO DE SABARÁ
- A TRADIÇÃO DAS PALMAS EM SABARÁ
- A PRODUÇÃO ARTESANAL TACHOS COBRE
- A TRADIÇÃO DOS CANIVETES EM MARTINÉSIA E TUPACIGUARA
- ARTESÃOS DE PRADOS FAZEM ARTE EM BLOCOS DE MADEIRA
- O TEAR EM RESENDE COSTA
- PEÇAS EM CERÂMICA E O COLORIDO DA INFÂNCIA

54

- A CESTARIA DE LAVRAS NOVAS
- A ARTE DE MANOEL DA COSTA ATAÍDE
- OS PRESÉPIOS FOLHA DE BANANEIRA DE CARANDAÍ
- O PRESÉPIO PAPEL ALUMÍNIO ARTESÃO DE UBERLÂNDIA
- A TRADIÇÃO DO PRESÉPIO EM SABARÁ
- O PRESÉPIO DO PIPIRIPAU
- O PRESÉPIO ALFENAS/VARGINHA
- MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS DE BH
- ARTESÃOS DE OURO BRANCO
- ARTESANATO COM BAMBU DE BH
- A ARTE DA SELARIA EM CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO
- PRODUÇÃO DE FUMO DE ROLO NO SUL DE MINAS
- BONECAS DE PALHA DE MILHO DE UMA ARTESÃ DE SANTA BÁRBARA
- BORDADEIRAS DE ESMERALDAS
- ARTESANATO SOBREVIVÊNCIA DOS MORADORES DE ITINGA
- RUSSO FAZ FACAS ARTESANAIS EM TIRADENTES
- BICHINHOS: EM CADA CASA, UMA OFICINA DE ARTE
- VELAS ARTESANAIS
- QUADROS COM PEDRAS PRECIOSAS
- OURO PRETO CARP. PEQUENOS ORATÓRIOS
- AS PANELEIRAS DE INHAÚMA
- LUTHIER FABRICA AS VIOLAS MG
- OS SANTEIROS DO SUL DE MINAS
- OURIVES DE DIAMANTINA FAZ JÓIA COM CASCA DE COCO
- TIRADENTES FÁBRICA DE TERÇOS ANTIQUÁRIOS PEÇAS HISTÓRICAS EM SUAS COLEÇÕES
- ESCULTOR DE LAGOA SANTA CRIA PEÇAS TAMANHO ORIGINAL
- SÃO JOÃO DEL REI/PEÇAS DE ESTANHO DO BRASIL
- ARTESÃOS FABRICAVAM ACESSÓRIOS DE TROPEIROS
- ARTESÃ CRIA ARTE EM CABAÇAS
- ARTISTA DE SÃO BRÁS USA A NATUREZA COMO MATÉRIA-PRIMA
- ESCULTORES SÃO JOÃO DEL REI
- JAPONESA - CERÂMICA EM BRUMADINHO
- FOLHAS E SEMENTES SÃO JÓIAS
- ARTE PARA MONTARIA
- ARTE DE DESIDRATAR PLANTAS
- ARTISTAS ELEMENTOS DA TERRA PARA COMPOR OBRAS
- ESCULTOR LAGOA SANTA PEÇAS ARTESÃOS DE BH - MINIATURAS
- ARTESÃOS FAZEM PEÇAS EM MADEIRA, PEDRA E ARGILA
- TAPIRA FABRICA O MONJOLO
- ARTISTA MANTÉM A TRADIÇÃO DOS BRINQUEDOS ANTIGOS
- BONECOS E BICHINHOS DE MADEIRA EM CURVELO
- A ARTE DE CÉSAR BALBI

## CULINÁRIA

- A PRODUÇÃO ARTESANAL DE AÇÚCAR MASCAVO NA ZONA DA MATA
- DOCEIRAS DE PEIRÓPOLIS/RECEITA DE GOIABADA CASÇÃO
- TIRADENTES, A CIDADE DA BOA MESA
- CULINARISTA ENSINA A FAZER FRANGO AFRO-MINEIRO
- A ORIGEM DO QUEIJO PRATO
- CARNE DE SOL, A MAIS FAMOSA DO NORTE DE MINAS
- CIDA GOMES ENSINA A PREPARAR A TOMATADA
- CHEFE DE COZINHA FALA DOS TEMPEROS MINEIROS
- FLORES SE TRANSFORMAM EM LICORES E GELÉIAS

MÚSICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• OS ROUXINÓIS DE DIVINÓPOLIS</li> <li>• HISTÓRIA E MUSICALIDADE SÃO ATRAÇÕES DE PRADO</li> <li>• MAIO: COROAÇÕES EM MARIANA</li> <li>• JOVEM DO NORTE DE MINAS FAZ E TOCA A RABECA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• SÃO BRÁS DO SUAÇUÍ, EMBALADA PELA MÚSICA</li> <li>• GRUPOS RESGATAM MÚSICAS ANTIGAS E FOLCLÓRICAS</li> <li>• MÚSICA DO TERRA DE MINAS</li> </ul>	7
CONCURSO & SÉRIE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• LANÇAMENTO DO CONCURSO DE CULINÁRIA DO PROGRAMA TERRA DE MINAS</li> <li>• LEITÃO DESOSSADO - RECEITA VENCEDORA DO CONCURSO</li> <li>• SALADA - RECEITA VENCEDORA DO CONCURSO</li> <li>• FAROFA DE MOELAS - RECEITA VENCEDORA DO CONCURSO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ROMEU E JULIETA - RECEITA VENCEDORA DO CONCURSO DE RECEITAS DO TERRA DE MINAS</li> <li>• LOMBO RECHEADO - RECEITA VENCEDORA DO CONCURSO</li> <li>• PUDIM DE GABINETE - RECEITA VENCEDORA DO CONCURSO</li> </ul>	7

Fonte: Elaborado pela autora.

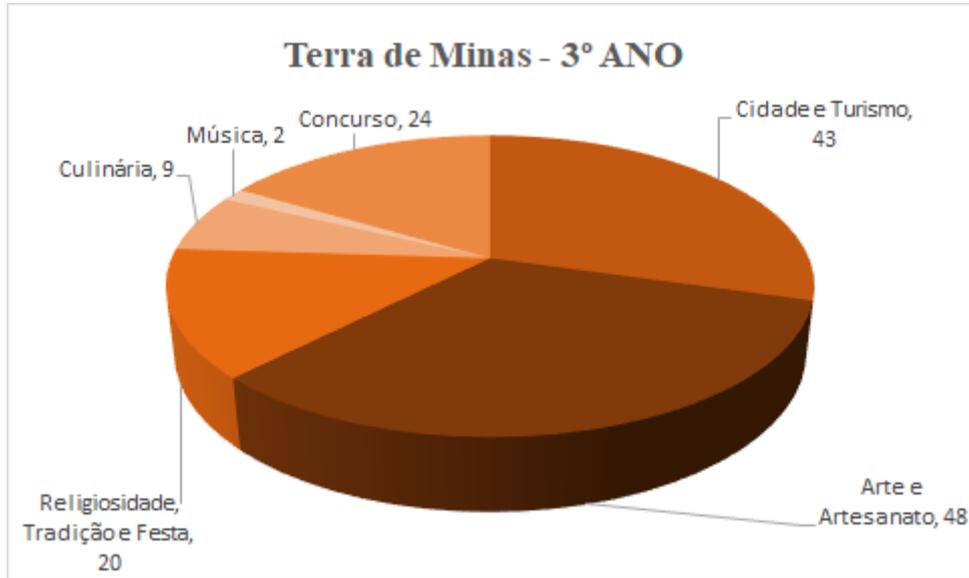
#### 4.4.3 Terceiro ano: viajando pelo interior

O terceiro ano do *Terra de Minas* é iniciado em primeiro de novembro de 2003 e vai até o dia trinta de outubro de 2004. O que se percebe é que há um equilíbrio maior nos temas abordados ao longo do ano. As pautas relacionadas a turismo e cidades ainda têm uma constância, mas não têm o predomínio das abordagens de anos anteriores. Analisando as retrancas percebe-se que há mais reportagens fora da área de cobertura da Globo Minas, ou seja, o programa viaja mais para outras regiões do estado.

Esse ano foi marcado por séries especiais e por um concurso para escolher “A imagem que melhor identifica Minas”. O lançamento foi no dia 19 de junho de 2004 e durante um mês foram mostradas reportagens sobre símbolos mineiros: igrejas, a Maria Fumaça, fogão a lenha, cachoeiras, o artesanato do Vale do Jequitinhonha e a arte de Aleijadinho. Por esse motivo, no ano três temos uma categoria voltada para concursos e séries especiais. Foram duas séries que abordaram a riqueza cultural e histórica de Ouro Preto e Congonhas.

No dia 31 de julho de 2004 o programa estreou com uma nova apresentadora, a jornalista Juliana Perdigão. Juliana assumia também a função de produtora do programa e Vívian Santos, que estava na apresentação desde o início, passou a assumir a bancada do *MGII*, telejornal diário que vai ao ar às 19h na Globo Minas. A mudança na apresentação não alterou o perfil das reportagens exibidas.

Gráfico 4 – Categorias x números de reportagens – 3º ano



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 9 – Retranças de reportagens exibidas no 3º ano

ANO 3		
CATEGORIAS	RETRANCAS	QTD.
TURISMO & CIDADE	<ul style="list-style-type: none"> <li>CHARRETES SOBREVIVEM EM PORTEIRINHA</li> <li>RAVENA, A TERRA DA BANANA</li> <li>SÃO DOMINGOS DO PRATA E SEU PASSADO HISTÓRICO</li> <li>APICULTURA, NEGÓCIO EM EXPANSÃO EM SÃO DOMINGOS DO PRATA</li> <li>FUNDAÇÃO ENCAMINHA CRIANÇAS CARENTES DE SÃO DOMINGOS DO PRATA</li> <li>JEQUITIBÁ, A CAPITAL MINEIRA DO FOLCLORE</li> <li>ITACOLOMI, UM PONTO DE REFERÊNCIA NA HISTÓRIA DE MINAS</li> <li>DISTRITO DE OURO PRETO GUARDA HISTÓRIAS DO TEMPO DO OURO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>UM FIM DE SEMANA NA FAZENDA</li> <li>AS BELEZAS DO PANTANAL MINEIRO</li> <li>CAVALEIROS PERCORREM A ESTRADA REAL</li> <li>O PRIMEIRO COLÉGIO INTERNO DE MINAS</li> <li>COMÉRCIO E AGROPECUÁRIA EM UBERLÂNDIA</li> <li>AS FAZENDAS QUE CONTAM A ORIGEM DE UBERLÂNDIA</li> <li>MUSEU CONTA HISTÓRIA DE UBERLÂNDIA</li> <li>BOMBEIRO CULTIVA CHÁS EM SÍTIO DE MATEUS LEME</li> <li>OS MAPAS DO CAMINHO DO OURO</li> </ul>
		43

- MANGUEIRA VAI RETRATAR MINAS NO CARNAVAL
- MINEIROS ENVOLVIDOS COM O DESFILE DA MANGUEIRA
- AS HISTÓRIAS DA FAZENDA DA JAGUARA
- DONA CASA COLEÇÃO XÍCARAS
- A VILA RICA DO SÉCULO XIX
- **SÉRIE OURO PRETO: 1º PROGRAMA**
  - O SURGIMENTO DA CIDADE
  - O MOVIMENTO DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA
  - CONJUNTO ARQUITETÔNICO DA CIDADE PATRIMÔNIO MUNDIAL
- **SÉRIE OURO PRETO: 2º PROGRAMA**
  - O INTERIOR DOS SOBRADOS
  - OS QUINTAIS DA CIDADE
  - COSTUMES PRESERVADOS PELOS MORADORES DA CIDADE
- HISTÓRIA ESCOLA DE MINAS DE OURO PRETO
- OS RELÓGIOS DE MARIANA
- ORIGEM DOS NOMES DE CIDADES DE MINAS AS BELEZAS DO PARQUE ESTADUAL DO RIO DOCE (ESTRÉIA JULIANA PERDIGÃO)
- UMA CAVALGADA PELA REGIÃO DE VAZANTE
- FAMÍLIA DE MÁRIO CAMPOS VIVE DA PLANTAÇÃO DE VERDURAS
- A ROTINA DE UMA FAZENDA NA REGIÃO METROPOLITANA DE BH
- FAMÍLIAS DE SANTA LUZIA QUE NÃO TÊM MUROS ENTRE AS CASAS
- OS ENCANTOS DO SUL DE MINAS
- ARQUITETURA DE POÇOS DE CALDAS
- FURNAS: SUSTENTO E LAZER
- ITAPECERICA, A CIDADE PADRES
- UMA CAVALGADA ENTRE BOTUMIRIM E ITACAMBIRA
- AS CURIOSIDADES DA FEIRA DE ARAÇUAÍ
- A HISTÓRIA DE ALVINÓPOLIS

RELIGIOSIDADE,  
TRADIÇÃO &  
FESTA

- EX-VOTOS EXPRESSAM FÉ E GRATIDÃO
- TRADIÇÕES PRESERVADAS - TURVO
- HOMENS REZAM O TERÇO - UBERLÂNDIA
- AS TRADIÇÕES DE BONFIM
- RITUAL PRESÉPIO EM SABARÁ
- LEMBRANÇAS - ANTIGOS E NOVOS NATAIS
- CASAMENTO A CAVALO EM TAPIRA
- **SÉRIE OURO PRETO: 2º PROGRAMA**
  - CELEBRAÇÕES DA SEMANA SANTA
- CIDADES DE MINAS NOMES RELIGIOSOS
- CIDADES MINEIRAS NOMES CURIOSOS
- IGREJA DE ELÓI MENDES TEM TORRE DE 55 METROS
- SINOS DE SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO TÊM NOMES
- GRUPO FOLCLÓRICO DE MOÇAMBIQUE
- CURVELO E A DEVOÇÃO A SÃO GERALDO
- SALA DE MILAGRES NA FESTA DE SÃO GERALDO
- FESTA DE SÃO GERALDO MOVIMENTA CURVELO
- PROCISSÃO EM DEVOÇÃO A SÃO GERALDO
- OS BENZEDEIROS DE MINAS
- VIÚVAS LAGOA DA PRATA SE REÚNEM PARA TROCAR IDÉIAS
- A TRANQUILIDADE VILAS DE BH

20

ARTE &  
ARTESANATO

- CRIANÇAS APRENDEM A BORDAR
- TRICÔ CIRCULAR, TRADIÇÃO DE SANTA MARIA DE ITABIRA
- ITABIRA PRESERVA A ARTE DO FRIVOLITÊ
- O ARTESANATO DAS MARIAS DA TERRA
- O TRABALHO CERÂMICA DIVINÓPOLIS
- MULHERES DE BH FAZEM COLCHAS DE RETALHOS
- TECELAGEM, OFÍCIO/MULHERES DE UBERLÂNDIA
- ARTISTAS QUE FABRICAM XÍCARAS
- **ESPECIAL DE CONGONHAS**
  - CURIOSIDADES SOBRE O PROFETA DANIEL
  - ARTISTAS CRIAM PROFETAS INSPIRADOS EM ALEIJADINHO

48

- A ARTE QUE VEM DA PLANTAÇÃO DE BANANA
- IRMÃOS GANHAM A VIDA FABRICANDO FONTES
- A ARTE POPULAR DE SÃO DOMINGOS DO PRATA
- O ARTESANATO DE BUCHA VEGETAL E DO TEAR
- ARTISTA PLÁSTICA DE MARIANA CRIA PINHEIRO DE NATAL EM CEDRO
- ARTISTA PLÁSTICA FAZ ESPANTALHOS EM CERÂMICA
- PEDRO BRAGA, CONTADOR DE HISTÓRIAS PERSONAGEM DE FILME
- **SÉRIE OURO PRETO: 2º PROGRAMA**
  - ARTISTAS QUE SE INSPIRAM NA FÉ
- **SÉRIE OURO PRETO: 4º PROGRAMA**
  - OS ARTISTAS QUE EMBELEZARAM AS IGREJAS
  - PEDRA SABÃO, MATÉRIA-PRIMA DOS ARTESÃOS
  - O VALOR DO TOPÁZIO IMPERIAL
  - QUATRO ARTISTAS PINTAM OURO PRETO
- FAZENDA MESQUITA É RECRIADA EM MAQUETE
- ARTESÃO DE ITABIRITO FAZ BRINQUEDOS ANTIGOS E REcria CENÁRIOS EM MINIATURA
- ARTESÃOS CRIAM FLORES EM PEDRA SABÃO
- ARTISTA PLÁSTICO REPRODUZ CASARÕES E IGREJAS
- RESTAURAÇÃO DE OBRAS EM CONGONHAS
- ARTESÃOS QUE FABRICAM MOINHOS
- PRODUTOR RURAL APROVEITA CÔCO MACAÚBAS
- AS ESCULTURAS DE MESTRE RIBEIRO
- CURIOSIDADES SOBRE O PROFETA AMÓS
- PROFETAS DE ALEIJADINHO SOFREM VANDALISMO
- 
- OUTRAS CURIOSIDADES DOS PROFETAS DE ALEIJADINHO
- QUADROS E DESENHOS INSPIRADOS EM ALEIJADINHO
- ENCERRAMENTO DO PROGRAMA ESPECIAL DE CONGONHAS
- ARTISTA CRIA ORATÓRIOS EM CAIXA DE FÓSFORO
- ART. ENCENAM PEÇA SOBRE LAVRAS NOVAS
- ARTESÃOS FAZEM CARROS DE BOI EM MADEIRA (ESTRÉIA JULIANA PERDIGÃO COMO APRESENTADORA)
- LATÕES DE LEITE VIRAM OBRA DE ARTE
- SEU JUCA, FABRICANTE DE VIOLINOS DE ITAPECERICA
- BIÓLOGO PINTURAS EM OVOS DE AVESTRUZ
- ARTE FEITA COM COQUINHOS E CABAÇAS
- TRÊS GERAÇÕES DE UMA FAMÍLIA E O AMOR AOS TRENS DE FERRO
- BELO-HORIZONTINOS FABRICAM MINIATURAS DE TRENS
- ARTISTA FAZ TELA E ARAMES DE CONSTRUÇÃO
- ARTESÃ FAZ TINTA DE TERRA
- ARTISTA/ MOSAICO EM CABAÇAS
- DUAS ARTESÃS DE LAFAIETE

## CULINÁRIA

- VINHO DE JABUTICABA, TRADIÇÃO DE CATAS ALTAS
- JUCA DOCEIRO, FIGURA FOLCLÓRICA DE SABARÁ
- **ESPECIAL DE CONGONHAS:**
  - AS QUITANDAS DA CIDADE
- UM PASSEIO PELA GASTRONOMIA MINEIRA
- QUEIJO DO SERRO, PATRIMÔNIO DE MINAS
- A ORIGEM DO PÃO DE QUEIJO
- O PRAZER DE COZINHAR NO FOGÃO A LENHA
- O PRAZER DE SE REUNIR EM VOLTA DO FOGÃO A LENHA
- SEXTA-FEIRA, O DIA DA QUITANDA

9

## MÚSICA

- MARCUS VIANA TOCA A MÚSICA DO CONCURSO A IMAGEM DE MINAS
- FAMÍLIA DE ARAGUARI FORMA GRUPO MUSICAL TREM DE MINAS

2

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>CONCURSO DA IMAGEM QUE MELHOR IDENTIFICA MINAS GERAIS</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ IGREJAS? IMAGEM DE MINAS</li> <li>○ MARIA FUMAÇA</li> <li>○ CACHOEIRA CASCA D'ANTA</li> <li>○ SANTUÁRIO DO BOM JESUS DO MATOSINHOS</li> <li>○ A CERÂMICA DO VALE DO JEQUITINHONHA</li> <li>○ FOGÃO A LENHA E COMIDA MINEIRA</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ BELEZA DA CACHOEIRA CASCA D'ANTA, FINALISTA DO IMAGEM DE MINAS</li> <li>○ MARIA FUMAÇA EMOCIONA MINEIROS</li> <li>○ SANTUÁRIO DO BOM JESUS DE MATOSINHOS/ALEIJADINHO</li> <li>○ FOGÃO A LENHA MODA EM MG</li> <li>○ AS SURPRESAS DA PRAÇA TIRADENTES</li> </ul>	
CONCURSO & SÉRIE	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ GRUTA DE MAQUINÉ</li> <li>○ A HISTÓRIA DA PRAÇA TIRADENTES</li> <li>○ IGREJA DE SÃO JOÃO DEL REI</li> <li>○ MERCADO DE DIAMANTINA</li> <li>○ COLÉGIO DO CARAÇA, SÍMBOLO</li> <li>○ MÚSICA DE MARCUS VIANA SOBRE O CONCURSO "IMAGEM DE MINAS"</li> <li>○ BELEZA DA CACHOEIRA CASCA D'ANTA, FINALISTA DO IMAGEM DE MINAS</li> <li>○ MARIA FUMAÇA EMOCIONA MINEIROS</li> <li>○ SANTUÁRIO DO BOM JESUS DE MATOSINHOS/ALEIJADINHO</li> <li>○ FOGÃO A LENHA MODA EM MG</li> <li>○ AS SURPRESAS DA PRAÇA TIRADENTES</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>FINAL DO CONCURSO A IMAGEM DE MINAS:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ OS DOZE CENÁRIOS DO CONCURSO "A IMAGEM DE MINAS"</li> <li>○ CARLOS BRACHER PINTA A IMAGEM DE MINAS</li> <li>○ COLECIONADOR TEM POSTAIS COM OS CENÁRIOS A IMAGEM DE MINAS</li> <li>○ MARCUS VIANA TOCA A MÚSICA DO CONCURSO A IMAGEM DE MINAS</li> <li>○ CONCURSO A IMAGEM DE MINAS ENTUSIASMOU OS MINEIROS</li> <li>○ FINAL DO CONCURSO</li> <li>○ SANTUÁRIO DO CONGONHAS É A IMAGEM DE MINAS</li> </ul> </li> </ul>	24

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.4.4 Quarto ano: pelas montanhas Gerais

De seis de novembro de 2004 a vinte e nove de outubro 2005 foi o período que compreendeu o quarto ano do *Terra de Minas* no ar. O primeiro programa a abrir a temporada foi temático, fazendo um recorte de uma região importante para a história de Minas e que tem uma natureza exuberante e preservada: o Parque Nacional da Serra do Cipó. Foram três reportagens, uma em cada bloco.

A primeira mostrou a exuberância da natureza da serra, com abordagens ainda pouco mostradas em TV em locais de difícil acesso e entrevistando especialistas que conhecem os mistérios da região da serra do Espinhaço. A segunda veio também mostrar a riqueza ambiental, com foco nas aves que ali vivem. Mas, no meio da matéria, há uma mudança: “A serra de belezas naturais tem também um patrimônio cultural. Os bandeirantes em busca de pedras preciosas passavam por essas montanhas em caminhos abertos pelos escravos”, diz a repórter Fernanda Almeida (TERRA..., 2004). Esse é o texto da repórter para sair da serra e entrar em uma fazenda colonial.

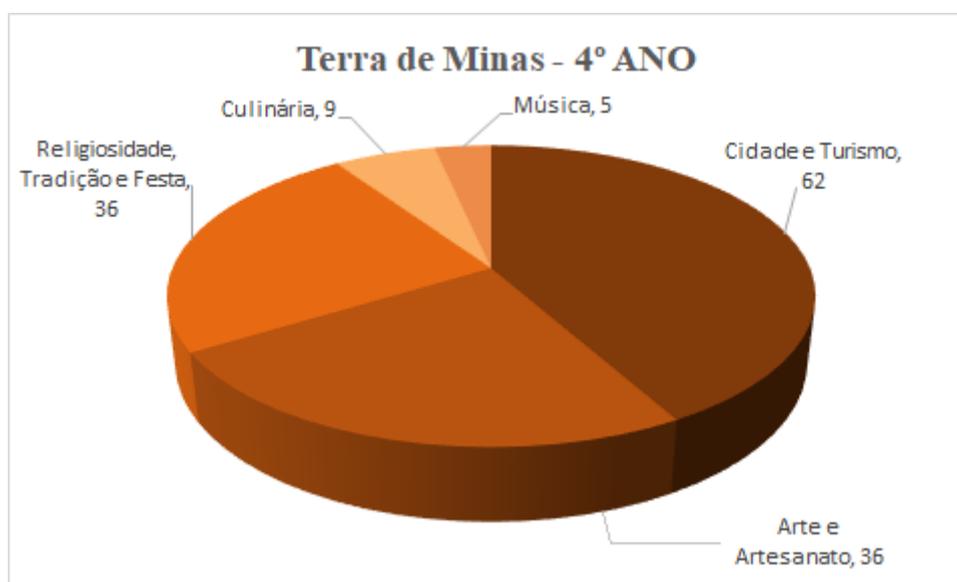
É nessa hora que as memórias de uma parte importante da história do lugar são reviradas por moradores descendentes dos desbravadores da região. As personagens relembram histórias e o período de riquezas. A velha Fazenda Cipó, construída por escravizados, era pouso para os bandeirantes, e desse tempo ficaram marcas e muitas lembranças. Hoje o lugar é uma vila, onde

vivem três gerações que se dizem orgulhosas do passado. A repórter entra na casa, nos cômodos, mostra fotografias, a capela construída ao lado da sala e a senzala, que uma das herdeiras pretendia transformar em um memorial.

As duas reportagens seguem com uma abordagem parecida: imagens bem produzidas, com a participação do repórter em cena, acompanhado de especialistas e personagens. Há o uso de algumas imagens em tons quentes. Há nascer e pôr do sol, uma referência à passagem do tempo na TV. E o programa é encerrado com a terceira matéria que leva o telespectador a conhecer a flora da serra. A equipe está acompanhada por especialistas e passeia por campos de flores e vales rupestres. É mostrada a Minas para se ver e guardar nas lembranças.

Nesse ano foi realizado mais de um programa temático fora do eixo: cidades do ouro. Teve um programa sobre a Belo Horizonte de antigamente e outro sobre Tancredo Neves, além de outras abordagens específicas mostrando o passado e as tradições no interior de Minas. O telespectador pôde acompanhar no *Terra* um mutirão para levar o milho da roça à fazenda por meio do velho meio de transporte do período colonial: o carro de boi, em três dias de viagem. Teve ainda, encerrando o quarto ano, um especial sobre congada em Minas.

Gráfico 5 – Categorias x números de reportagens – 4º ano



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 10 – Retranças de reportagens exibidas no 4º ano

**ANO 4**

CATEGORIAS	RETRANCAS	QTD.	
TURISMO & CIDADE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• OS MISTÉRIOS DA SERRA DO CIPÓ</li> <li>• O AMANHECER DOS PÁSSAROS NA SERRA DO CIPÓ</li> <li>• FLORES E SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA SERRA DO CIPÓ</li> <li>• A SUNTUOSIDADE DO PALÁCIO DA LIBERDADE</li> <li>• A ESTRADA DE FERRO BAHIA-MINAS</li> <li>• FERROVIA BAHIA-MINAS: TRECHO DO VALE DO MUCURI</li> <li>• ESTRADA DE FERRO BAHIA-MINAS: O PONTO FINAL</li> <li>• REGIÃO VAI DESAPARECER PARA CHEGADA DA HIDRELÉTRICA DE IRAPÉ</li> <li>• AS JABUTICABEIRAS DE ARAXÁ</li> <li>• PANORAMA DO PARQUE NACIONAL SERTÃO VEREDAS</li> <li>• JESUÂNIA, A TERRA DE JESUS, NO SUL DE MINAS</li> <li>• PANORAMA DA CIDADE DE SACRAMENTO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• UMA RESERVA ECOLÓGICA EM UBERABA</li> <li>• AS HISTÓRIAS DO TREM QUE LIGA BH A VITÓRIA</li> <li>• TREM BH-VITÓRIA NO TRECHO DO RIO DOCE</li> <li>• O TREM QUE LIGA MINAS E O ESPÍRITO SANTO</li> <li>• UM PASSEIO POR GLAURA, DISTRITO DE OURO PRETO</li> <li>• COLHEITA DE SEMPRE-VIVA EM DIAMANTINA</li> <li>• PARQUE MUNICIPAL, UM REFÚGIO NO CENTRO DA CIDADE</li> <li>• EXPEDIÇÃO AO PICO DA PEDRA DA MINA</li> <li>• CAVALGADA EST REAL DO NORTE</li> <li>• MARIANA, CIDADE PLANEJADA DE MINAS GERAIS</li> <li>• O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE MARIANA</li> <li>• OS DISTRITOS DE MARIANA</li> <li>• UMA VIAGEM PELO CURSO DO RIO JEQUITINHONHA</li> </ul>	62
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• MORADORES TÊM ORGULHO DA CIDADE MADRE DE DEUS DE MINAS</li> <li>• RIO SÃO FRANCISCO E AS CARRANCAS DE PIRAPORA</li> <li>• <b>PROGRAMA ESPECIAL SOBRE BH DE ANTIGAMENTE</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ O TRÂNSITO E O COMÉRCIO</li> <li>○ DATILOGRAFIA E COMO ERAM AS ESCOLAS</li> <li>○ DÉCADAS DE CHARME E HORAS DE LAZER</li> <li>○ COMO FOI A ESCOLHA DA NOVA CAPITAL</li> <li>○ DO ARRAIAL DO CURRAL DEL REI A BELO HORIZONTE</li> <li>○ A INAUGURAÇÃO DA NOVA CAPITAL</li> </ul> </li> <li>• A HISTÓRIA DO VAPOR BENJAMIM GUIMARÃES, CONSTRUÍDO NOS EUA, É O ÚNICO VAPOR DO MUNDO QUE CONTINUA FUNCIONANDO</li> <li>• NAVEGAÇÃO, PELO VAPOR BENJAMIM GUIMARÃES, DE PIRAPORA ATÉ BARRA DO GUAICUÍ</li> <li>• AS BELEZAS DE SANTANA DO PIRAPAMA</li> <li>• AS ATRAÇÕES DE AMARANTINA, DISTRITO DE OURO PRETO</li> <li>• A HISTÓRIA DE RESENDE COSTA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• MINAS NOVAS, ANTIGA DO VALE</li> <li>• ÚLTIMO TRECHO DE VIAGEM PELO RIO JEQUITINHONHA</li> <li>• AS ATRAÇÕES DE MONTE VERDE</li> <li>• FAZ. CENTENÁRIO EM BARRA LONGA</li> <li>• UM DIA NA FAZENDA</li> <li>• TEMPOS ROMÂNTICOS DO FUTEBOL</li> <li>• MINEIRÃO, UM PROJETO GRANDIOSO</li> <li>• CURIOSIDADES SOBRE O PARQUE ESTADUAL DO IBITIPOCA</li> <li>• JANELA DO CÉU, UM DOS RECANTOS DE IBITIPOCA</li> <li>• OS ENCANTOS DE CONCEIÇÃO DO IBITIPOCA</li> <li>• AS RUÍNAS VILA DE GONGO SOCO</li> <li>• AS BLZ SANTANA DO PIRAPAM</li> <li>• VISITA A UMA FAZENDA ANTIGA DE BRUMADINHO</li> <li>• MINEIROS QUE VIVEM NA BÉLGICA E NA ALEMANHA</li> </ul>	

- UM DIA DE PESCARIA NO RIO GRANDE
- A SERENIDADE DA SERRA DA PIEDADE
- FAZENDA HISTÓRICA EM SIMÃO PEREIRA
- O QUE ATRAI JOVENS DO MUNDO TODO AO PICO DA IBITURUNA
- AS BELEZAS DA SERRA DA MANTIQUEIRA
- JEQUITIBÁ CENTENÁRIO EM MACHADO
- PESSOAS QUE VIERAM DE FORA PARA VIVER EM MINAS
- ESTRANGEIROS DECLARAM SEU AMOR POR MINAS
- **ESPECIAL SOBRE TANCREDO NEVES**
  - A CARREIRA POLÍTICA
  - A MORTE DO GRANDE ARTICULADOR POLÍTICO

RELIGIOSIDADE,  
TRADIÇÃO &  
FESTA

- MORADOR DE MARIANA APAIXONADO POR CARROS ANTIGOS
- A RELIGIOSIDADE DA CIDADE DE NAZARENO
- JESUÂNIA, A TERRA DE JESUS, NO SUL DE MINAS
- FAMÍLIAS QUE AINDA VIVEM EM FAZENDAS ANTIGAS OU MODERNAS
- HISTÓRIA DE AMOR ENTRE UM SEMINARISTA E UMA LAVRADORA
- O HOMEM QUE TEM UMA BIBLIOTECA NA ROÇA
- PRODUÇÃO DE HÓSTIAS DE UM GRUPO DE IRMÃS ENCLAUSURADAS
- CURIOSIDADES SOBRE SACADAS E JANELAS DE OURO PRETO
- DE QUE SENTEM SAUDADES MINEIROS QUE MORAM FORA DO BRASIL?
- UM PASSEIO POR ALGUMAS IGREJAS DE BH
- ROTEIRO POR IGREJAS DE BELO HORIZONTE
- PREPARATIVOS PARA PROCISSÃO DE RESSURREIÇÃO, EM OP.
- FESTA DE SÃO JOSÉ DE ALTO BELO
- CATIRA, TRADIÇÃO EM SÃO BENTO ABADE
- AS LAVADEIRAS DE MINAS
- COLECIONADORES MOSTRAM SUAS PRECIOSIDADES
- PREPARATIVOS PARA O MUTIRÃO DO MILHO
- MUTIRÃO DO MILHO: CARREIROS VIAJAM ATÉ FAZENDA EM FORMIGA
- MUTIRÃO DO MILHO: DIA DA CARREATA
- VAQUEIROS E VAQUEIRAS TOCANDO BOIADA EM IPOEMA
- FESTA DA MOAGEM DA CANA, EM UNAÍ
- CURIOSIDADES SOBRE AS IGREJAS DE MARIANA
- TRÊS IGREJAS DO SUL DE MINAS
- CARROS DE BOI USADOS EM BORDA DA MATA
- ENCONTRO DE CONGADEIROS EM IBIÁ, ALTO PARANAÍBA
- A NOSSA SENHORA DA ABADIA, EM ROMARIA
- FESTA DA QUEIMA DO ALHO, UM ENCONTRO DE TROPEIROS
- GRUPO FOLCLÓRICO DE DIVINÓPOLIS DANÇA A CATIRA
- AS VÁRIAS HISTÓRIAS EM
- TORNO DAS IGREJAS
- CENAS, PERSONAGENS E EXPRESSÕES TÍPICAS DE MINAS
- AS FESTAS DE CONGADO
- MISSA CONGA EM CLÁUDIO
- GRUPOS DE CONGADO DO CENTRO-OESTE DE MINAS
- SEU NENÉM CONHECE O MAR
- A DEVOÇÃO A PADRE VÍTOR

36

ARTE &  
ARTESANATO

- A ARTE DAS MULHERES DE UM ASSENTAMENTO DE TERRA
- ARTESANATO DE BURITI, ÁRVORE SÍMBOLO DO CERRADO
- O TRABALHO DAS FIADEIRAS
- OS TEATROS DE NOVA LIMA E CURVELO
- ARTESANATO FEITO COM TABOÁ
- CATIRA, TRADIÇÃO EM SÃO BENTO ABADE
- ARTESANATO FEITO COM O TALOS E FOLHAS DA MANDIOCA

36

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• VÁRIOS ARTESÃOS QUE TRABALHAM COM CABAÇAS</li> <li>• FAMÍLIA DE ARTESÃOS QUE TRABALHA UNIDA E CANTANDO, EM LAMBARI</li> <li>• GAMELAS E COLHERES DE PAU FABRICADAS ARTESANALMENTE, EM CAETÉ</li> <li>• ARTESÃ DE SANTA LUZIA FAZ PANEIAS E POTES DE BARRO</li> <li>• OS ARTESÃOS DE RESENDE COSTA</li> <li>• UM LAVRADOR QUE ESCREVE POESIAS</li> <li>• ARTESÃOS QUE FAZEM TERÇOS</li> <li>• ARTESÃO DE ARAGUARI QUE TECE BARRIGUEIRAS DE CAVALO</li> <li>• CONFECÇÃO DE TAPETES E PROCISSÃO EM OURO PRETO</li> <li>• CARPINTEIRO DE IBIÁ FABRICA VIOLÃO E CAVAQUINHO</li> <li>• CRIANÇAS DE SANTA BÁRBARA APRENDEM A FAZER ORATÓRIOS</li> <li>• OS SANTEIROS DE CAMPANHA E CAMBUQUIRA</li> <li>• TEATRO MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL REI E SEU PRESTÍGIO</li> <li>• TEATRO CENTRAL DE JUIZ DE FORA, UM DOS MAIS BELOS DE MG</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• AS LAVADEIRAS DE MINAS</li> <li>• MULHERES ENSINAM A FAZER SABÃO</li> <li>• ARTESÃO CRIA ESCULTURAS COM PALITOS DE FÓSFOROS</li> <li>• ARTESANATO FEITO COM A FIBRA DA BANANEIRA</li> <li>• INCONFIDENTES, A CIDADE DO CROCHÊ</li> <li>• ARTESÃS CRIAM BONECAS COM PALHA DO MILHO</li> <li>• ARTESÃOS MOSTRAM COMO FABRICAM OS BERRANTE</li> <li>• ARTESANATO FEITO COM BAMBU</li> <li>• ARTESANATO EM CHAPAS DE COBRE</li> <li>• ANTÔNIO DIAS E NOVA ERA FAZEM ARTESANATO COM PALHA</li> <li>• GRUPO FOLCLÓRICO DE DIVINÓPOLIS DANÇA A CATIRA</li> <li>• A OBRA DE ALEIJADINHO, DUZENTOS ANOS DEPOIS</li> <li>• O OFÍCIO DO FERREIRO</li> <li>• A FABRICAÇÃO DE SINOS EM UBERABA</li> <li>• BONECAS DAS ARTESÃS DE CARMO DO RIO CLARO</li> </ul>	
CULINÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• GOIABADA CASCÃO FEITA POR DOCEIRA DE ARAXÁ</li> <li>• DONA DE CASA PREPARA DOCE DE LEITE COM PEQUI</li> <li>• DOCEIRA ENSINA A FAZER A FARINHA DE BANANA</li> <li>• DELÍCIAS FEITAS DO MILHO</li> <li>• FESTIVAL DO PORCO NO ROLETE, EM PATROCÍNIO</li> <li>• PÉ-DE-MOLEQUE, RECEITA TRADICIONAL DE PIRANGUINHO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• BISCOITEIRAS/QUITANDA TRADICIONAL DE BARRA LONGA</li> <li>• DOCEIRA DE ARAXÁ ENSINA A FAZER AMBROSIA</li> <li>• QUINTADEIRAS E DOCEIRAS DE SANTANA DE PIRAPAMA</li> <li>• DOCES CASEIROS COM FRUTA COLHIDA NOS QUINTAIS DE PEIRÓPOLIS</li> </ul>	9
MÚSICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• BANDAS DE MÚSICA EM TODO O CANTO DE MINAS</li> <li>• VIOLEIROS E CATIREIROS DE ARAXÁ</li> <li>• O CORAL DAS LAVADEIRAS DE ALMENARA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• MENINOS DO SUL DE MINAS ESTÃO DESCOBRINDO A MÚSICA</li> <li>• DOIS MÚSICOS DO INTERIOR DE MINAS</li> </ul>	5

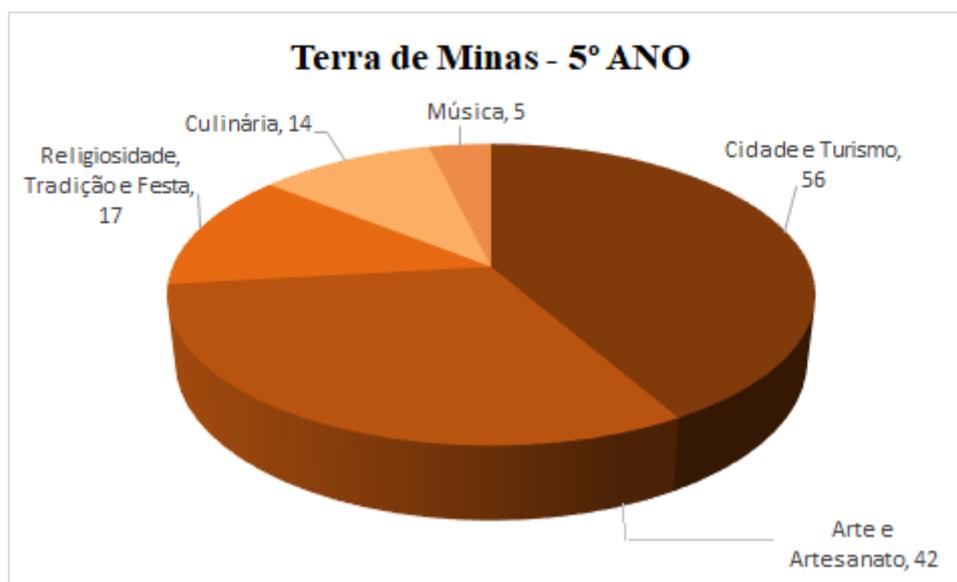
Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.4.5 Quinto ano: “Minas são Muitas”

Cinco de novembro de 2005 a 28 de outubro de 2006. O quinto ano do *Terra de Minas* foi iniciado com uma série especial sobre receitas de Natal. Foram seis reportagens para mexer com a memória do paladar mineiro logo no início de dezembro de 2005. O ano seguiu com viagens pelo estado, principalmente por abordagens em cidades do interior, como Paracatu (noroeste), Araxá (Alto Paranaíba), Passa Tempo (centro-oeste), São Tomé das Letras e Carrancas (sul de Minas), Caminho Luz e Pico da Bandeira (Zona da Mata). As quatro reportagens que abordaram o tema musical também foram feitas no interior do estado.

A efeméride pelos cinco anos do programa foi sendo preparada ao longo dos meses e só foi ao ar no início de novembro, quando o programa entrava no seu sexto ano.

Gráfico 6 – Categorias x número de reportagens – 5º ano



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 11 – Retranças de reportagens exibidas no 5º ano

ANO 5		
CATEGORIAS	RETRANÇAS	QTD.
• OS QUINTAIS DE SANTA LUZIA E SABARÁ	• OS CRISTOS DAS CIDADES MINEIRAS	56

TURISMO  
&  
CIDADE

- DESEMBOQUE, ONDE COMEÇOU A HISTÓRIA DO TRIÂNGULO
- MUSEU REGISTRA A MEMÓRIA DO TRABALHO NO BRASIL
- ARAXÁ, CIDADE DAS ÁGUAS MINERAIS
- OUTRAS ATRAÇÕES DE ARAXÁ
- PASSEIO PAISAGENS DO NORTE DE MINAS
- AS CURIOSIDADES SÃO TOMÉ DAS LETRAS
- BAEPENDI, UM PARAÍSO PRA QUEM GOSTA DOS ESPORTES RADICAIS
- TURISMO RURAL EM CARRANCAS
- OS FASCÍNIO DO CAMINHO DA LUZ, NA REGIÃO DA ZONA DA MATA MINEIRA
- CAMINHO LUZ: PARTE PEREGRINAÇÃO
- CAMINHO LUZ: TERCEIRA PARTE / DESTINO AO PICO DA BANDEIRA
- TIRADENTES ENCANTA TURISTAS
- SERRA SÃO JOSÉ: PROTEÇÃO NATURAL
- PÁSSAROS RAROS NA RESERVA DA BARRAGEM DE JURAMENTO
- FAZENDAS NA REGIÃO CENTRAL MG
- OS CENÁRIOS- JK VIVEU, EM DIAMANTINA
- AMIGOS CONTAM HISTÓRIAS DO EX-PRESIDENTE JK
- JK RUMO À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
- MENDANHA, DISTRITO DE DIAMANTINA
- OS ENCANTOS DE BIRIBIRI E CURRALINHO
- AS BLZS DE CONSELHEIRO MATA
- A HISTÓRIA DA EXPLORAÇÃO DO OURO EM MINAS GERAIS
- AS RESERVAS DE OURO MAIS SIGNIFICATIVAS DE MINAS
- MINAS, O MAIOR PRODUTOR MUNDIAL DE PEDRA PRECIOSA
- NASCE, EM MINAS GERAIS, O AVIADOR SANTOS DUMONT
- PRIMEIRO VOO DO 14 BIS
- MUSEUS QUE CONTAM A HISTÓRIA DE SANTOS DUMONT
- OUTRAS IMAGENS DE CRISTO PROTEGEM CIDADES DE MINAS
- CORDISBURGO INSPIROU HISTÓRIAS DE GUIMARÃES ROSA
- CASINHAS COLORIDAS INTERIOR DE MINAS
- CRISTO DE LAFAIETE E BOM JESUS DO GALHO
- OS CRISTOS DAS CIDADES MINEIRAS
- OUTRAS IMAGENS DE CRISTO PROTEGEM CIDADES DE MINAS
- PARACATU, A TERRA DO OURO
- MUSEU DO ESCRAVO, EM BELO VALE
- AS ATRAÇÕES DE MARIANA
- PASSEIO DE MARIA-FUMAÇA ENTRE MARIANA E OURO PRETO
- PONTOS TURÍSTICOS DE OURO PRETO
- CIRCUITO DAS MALHAS EM MINAS
- HISTÓRIA DAS CIDADES DO CIRCUITO DAS MALHAS
- ENCANTOS DA SERRA DA CANASTRA
- CIDADES EM TORNO DA SERRA DA CANASTRA
- VISITA À CIDADE DE CONQUISTA
- A EMOÇÃO DE UM VOO LIVRE
- CARTÕES COM FLORES SECAS
- BLZ DA SERRA DO ROLA MOÇA
- ARVORISMO NA SERRA DO ROLA MOÇA
- CAVALGADA PELA REGIÃO DA SERRA DO ROLA MOÇA
- COMUNIDADES BUDISTAS DE EXTREMA
- ESTILO DE VIDA ALTERNATIVO NO VALE DO MATUTU
- CAVALGADA PARA COMEMORAR 30 ANOS DE AMIZADE
- CAMINHADA ATÉ A SERRA DO CURRAL
- PASSEIO PELA FEIRA DE FLORES DA BERNARDO MONTEIRO
- BELAS PAISAGENS NA REPRESA DE FURNAS
- FAZENDEIRO TEM COLEÇÃO DE CARROS DE BOI
- O TRABALHO DE PADRE EUSTÁQUIO NAS CIDADES MINEIRAS

RELIGIOSIDADE,  
TRADIÇÃO &  
FESTA

- MERCEARIAS TÍPICAS DO INTERIOR DE MINAS
- CLIMA DE NATAL NO SALÃO DO ENCONTRO, EM BETIM
- DONA BEJA, UMA MULHER QUE MARCOU ÉPOCA
- ALPINÓPOLIS CONTA A PAIXÃO DE JESUS CRISTO
- SANTEIROS DE CONSELHEIRO LAFAIETE
- COMUNIDADES DE PARACATU, REMANESCENTES DE QUILOMBOS
- MARCAS DA ESCRAVIDÃO EM MINAS
- OS DEVOTOS DE PADRE EUSTÁQUIO
- PADRE EUSTÁQUIO E A CURA DE UM CÂNCER
- GADO DE RAÇA DIFERENTE, EM PAINS - COLEÇÃO
- OS VETERANOS QUE LUTARAM NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL
- A FÉ NO CÔNEGO LAFAIETE
- RELÍQUIAS GUARDADAS AO LONGO DOS ANOS
- LOCAIS QUE PRESERVAM TRADIÇÕES DOS ESCRAVOS

ARTE &  
ARTESANATO

- ARTESANATO COM TAQUARAS EM LAVRAS NOVAS
- BONEQUINHAS DE ARGILA FEITAS POR ARTESÃS DE ITABIRITO
- PASSA TEMPO E TAPETE ARRAIOLO
- SEU JOSÉ MARIA, UM EMPALHADOR DE OURO PRETO
- ARTESÃO DE AREADO DECORA MÓVEIS COM MARCHETARIA
- CONFECÇÃO DE ORATÓRIOS EM SABARÁ
- O ARTESANATO NA CIDADE DE TIRADENTES
- ARTESANATO COM CABAÇA E BUCHA VEGETAL
- PINTORA TIRA TINTAS DA TERRA
- TOLEDO TEM COMUNIDADE DE TECELÃS
- FABRICAÇÃO DE PAPEL COM A FIBRA DA BANANEIRA
- FABRICAÇÃO DE BONECAS EM POUSO ALEGRE
- TRABALHOS DE ARTESÃOS DE CAMPOS ALTOS
- PEÇAS FEITAS COM CHIFRE DE BOI
- SANTEIROS DE CONSELHEIRO LAFAIETE
- ARTESÃOS QUE TRABALHAM COM MADEIRA, EM PASSOS E ALFENAS
- MANDALAS FEITAS COM SEMENTES
- OS CENÁRIOS DO LIVRO GRANDE SERTÃO VEREDAS
- VIAGEM PELOS CENÁRIOS DE GRANDE SERTÃO VEREDAS
- MADEIRA DOS PÉS DE CAFÉ VIRA OBJETO DE DECORAÇÃO
- VIAGEM PELO VALE DO JEQUITINHONHA - ARTESÃOS DA REGIÃO
- VIAGEM PELO VALE DO JEQUITINHONHA - ARTESANATO DA REGIÃO
- TÉCNICA DO DOURAMENTO, ARTE QUE MARCOU O BARROCO EM MINAS GERAIS
- SANTEIRO JANGO, DE TIRADENTES
- RENDA MARAFUNDA, ARTESANATO EM OURO PRETO
- MINIATURAS DE IGREJAS MINEIRAS
- AMIGOS MONTAM MAQUETE DE TREM
- FABRICAÇÃO DE SELAS E MONTARIAS
- CARTÕES COM FLORES SECAS
- TERÇOS DE FLORES FEITOS POR ARTESÃS DE BH
- PAISAGENS MINEIRAS RETRATADAS EM PORCELANA POR TÚLIO PILÓ
- CASAL DE CAETANÓPOLIS QUE SE DEDICA AO ARTESANATO
- ARTESÃO QUE FAZ RELÓGIOS DE PEDRA
- ARTESÃS CRIAM PAPEL DE PEDRA
- CASAL DE BUENO BRANDÃO FAZ BONECAS COM PALHA DE MILHO
- TRADIÇÃO DE CONFECÇÃO DE ASAS DE ANJO, EM SABARÁ
- BONECAS DE CABAÇA FEITAS POR ARTESÃ DE JEQUITIBÁ
- MINIATURAS DE CARROS DE BOI FEITAS POR ARTESÃO DE LAFAIETE

	<ul style="list-style-type: none"> <li>LUGARES POR ONDE PASSOU GUIMARÃES ROSA</li> <li>ESCULTURAS FEITAS POR ARTESÃOS DE BICHINHO</li> <li>ARTESÃO DE SETE LAGOAS QUE FAZ BONECAS DE CERÂMICA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>FAMÍLIA TRABALHA COM COURO EM CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO</li> </ul>	
CULINÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> <li>JABUTICABA RENDE DELICIOSAS RECEITAS</li> <li>FAMÍLIA DE CATAS ALTAS FAZ VINHO DE JABUTICABA</li> <li>CAFÉ COLONIAL EM PASSATEMPO</li> <li>NATAL/LOMBO COM CACHAÇA</li> <li>NATAL/ARROZ AO FORNO</li> <li>NATAL/TORTA DE ORA-PRÓ-NÓBIS</li> <li>NATAL / DOCE DE LIMÃO COM CALDA DE MORANGO</li> <li>NATAL / LOMBO AO MOLHO DE JABUTICABA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>NATAL - RABANADA</li> <li>O CUSCUZ DE PADRE VIEGAS</li> <li>IRMÃS DOCEIRAS DE SANTA LUZIA</li> <li>FABRICAÇÃO DE QUEIJOS EM PIUMHI</li> <li>QUEIJOS E DOCES DE BUENO BRANDÃO</li> <li>A FABRICAÇÃO DO QUEIJO CANASTRA</li> <li>PRODUÇÃO DE QUEIJOS COM LEITE DE BÚFALA</li> </ul>	15
MÚSICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>VESPERATA EM SANTA LUZIA</li> <li>ORQUESTRA VIOLA ILUMINADA, DE SANTA LUZIA</li> <li>VIAGEM PELO VALE DO JEQUITINHONHA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>MÚSICAS REGIONAIS</li> <li>VIOLAS DE QUELUZ ENCANTARAM DOM PEDRO II</li> </ul>	5

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.4.6 Sexto ano: a culinária na mesa

Em 2 de novembro de 2006 iniciava-se o sexto ano do *Terra de Minas*, mas o período foi marcado com um mês de programa especial pelos cinco anos no ar. A comemoração ocorreu em todos os fins de semana de novembro de 2006. Uma efeméride buscou dar destaque a uma das pautas recorrentes no programa semanal. Foi lançado um concurso para escolher o sabor que mais representa a mesa mineira. A apresentadora Juliana Perdigão anuncia:

Começa hoje uma série especial para comemorar os cinco anos do programa. Esse mês, nós vamos falar sobre a culinária do nosso estado. E queremos a sua ajuda num desafio. Escolher um sabor para representar a mesa mineira. A proposta foi apresentada primeiro a um grupo de especialistas. A repórter Fabiana Almeida acompanhou a reunião. (TERRA..., 2006).

Essa foi a cabeça da apresentadora Juliana Perdigão, gravada em um casarão colonial, onde ela usava o recurso de duas câmeras e, no segundo tempo da passagem, estava ambientada em uma típica cozinha mineira, com um fogão à lenha ao centro. A matéria mostra o grupo de

especialistas reunido ao redor de uma grande mesa. Era um almoço com pratos típicos mineiros e ali estavam professores de culinária, cozinheiros e historiadores indicados pela TV Globo Minas e todas as emissoras afiliadas do estado. Inclusive foi exibido um mapa para mostrar o caráter regional do concurso.

Figura 22 – *Frame* da reportagem: almoço típico



Fonte: Acervo TV Globo Minas.

Figura 23 – *Frame* do mapa de cobertura de TV Globo e afiliadas



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

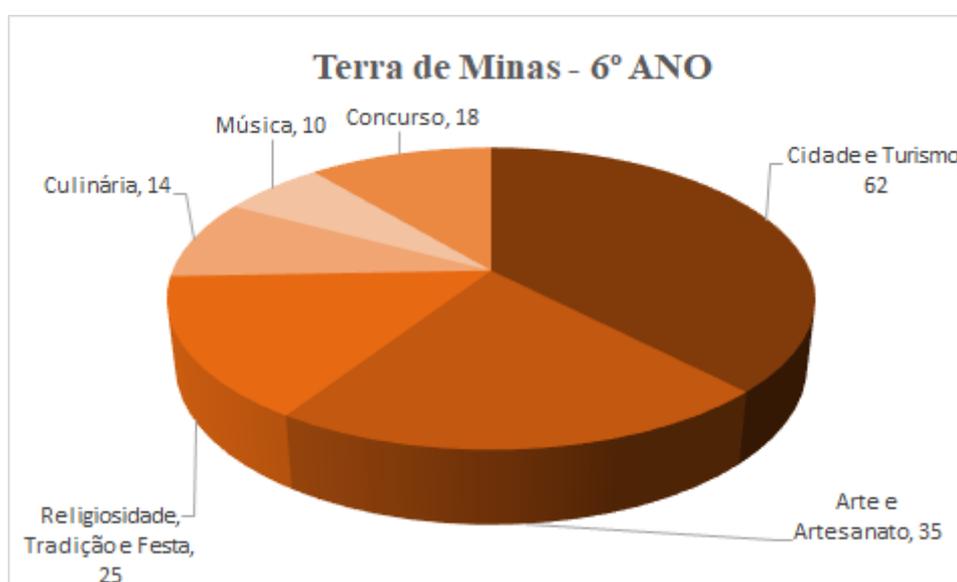
E o mês seguiu, mostrando os pratos típicos do estado e curiosidades que cercam a mesa mineira. Um mês em que a memória culinária do programa foi revirada e revisitada por meio da exibição de velhos cadernos de receitas, objetos e utensílios usados na cozinha das famílias

de diferentes regiões de Minas. As reportagens foram feitas também por repórteres diferentes na capital e no interior.

O enfoque na memória gastronômica do mineiro chamava a atenção em todos os programas. Ao todo, foram exibidas 18 matérias especiais que abordaram não só culinária, mas tudo que lembrava e que era representativo na identidade de quem tem lembranças mineiras.

O sexto ano do programa não ficou marcado apenas nessa série/concurso. Em dezembro houve um programa especial sobre o Natal em Minas Gerais, evidenciando corais e presépios. E no ano seguinte ainda foram exibidas outras duas séries: sobre as Igrejas Matrizas católicas de diferentes cidades e um programa somente mostrando as riquezas culturais de Diamantina.

Gráfico 7 – Categorias x números de reportagens – 6º ano



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 12 – Retranças de reportagens exibidas no 6º ano

ANO 6			
CATEGORIAS	RETRANCAS		QTD.
TURISMO & CIDADE	<ul style="list-style-type: none"> <li>CATAGUASES, A CIDADE MODERNISTA</li> <li>FAZENDA SANTA CLARA, A MAIOR DA AMÉRICA LATINA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>MUSEU DE ARTE SACRA DE MARIANA (POSSE DE D. GERALDO)</li> <li>ARMAZÉNS NO INTERIOR DE MINAS E EM BH</li> <li>UVA NO TRIÂNGULO E NO ALTO PARANAÍBA</li> </ul>	62

- FAZENDA SOLAR - MEMÓRIA DA METALURGIA EM MINAS
- VISITA A ALAMBIQUE DE UBERABA
- TRILHAS DO SERTÃO
- CANA-DE-AÇÚCAR NO TRIÂNGULO
- VISITA A MONTE VERDE
- ATRAÇÕES DO PARQUE ESTADUAL DO ITACOLOMI
- ÁRVORES DO CERRADO NO TRIÂNGULO E ALTO PARANAÍBA
- FUNCIONAMENTO DA USINA DE FURNAS
- PARQUE DO ITACOLOMI - 1ª PARTE
- PARQUE DO ITACOLOMI (2ª PARTE)
- CIDADE DESAPARECEU PARA A CONSTRUÇÃO DE FURNAS
- BELOS CENÁRIOS DO LAGO DE FURNAS
- TRATAMENTO LUXO P GADO ZEBU
- CAPITAIS DE MINAS
- CARTÕES- POSTAIS DAS QUATRO CAPITAIS DE MINAS
- PÁSSAROS NA CAPITAL
- CHAFARIZES HISTÓRICOS MINAS
- CHAFARIZES DE CIDADES MINEIRAS
- MUSEU CASA GUIMARÃES ROSA
- **ESPECIAL DIAMANTINA**
  - DESCOBERTA DE PEDRAS PRECIOSAS
  - XICA DA SILVA/MUSEU/CASA JK/IGREJAS
- MARIA DA FÉ, AS TEMPERATURAS MAIS BAIXAS DE MINAS GERAIS
- PLANTAÇÃO GIRASSÓIS E ROSAS
- MINAS LUGAR ESTRATÉGICO PARA OS ASTRÔNOMOS
- BRASÓPOLIS IMPORTANTE CENTRO PESQUISA PARA OS ASTRÔNOMOS
- AS RESPOSTAS DADAS PELA ASTRONOMIA
- ASTRONOMIA EXERCE FASCÍNIO EM ESTUDANTES E PROFISSIONAIS
- HISTÓRIA DE MARIANA (POSSE DOM GERALDO LYRIO ROCHA)
- CAVALGADA ARAXÁ E TAPIRA
- CIDADES E FAZ. CICLO CAFÉ
- HISTÓRIA DO RIO SAPUCAÍ
- AVES DA REPRESA DE FURNAS
- PREOCUPAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE NO CACI
- PIRATAS FRANCESES SAQUEARAM O OURO NO SÉCULO XVIII
- PARQUE DO RIO DOCE E LAGOS NATURAIS
- PARQUE NACIONAL DO CARAÇA
- AS BELEZAS NATURAIS DO CARAÇA
- SUL DE MINAS TEM 25% DO CAFÉ COLHIDO NO PAÍS
- FAZENDA VALE VERDE, EM BETIM
- BALÉ PARA CRIANÇAS DA ZONA RURAL DE DIVINÓPOLIS
- ARQUITETURA SÃO JOÃO DEL REI
- CULTURA VILA DA LAPINHA
- OS BASTIDORES ZOO DE BH
- MAIOR JEQUITIBÁ EM SÃO FRANCISCO DE PAULA
- IPOEMA: MUSEU DO TROPEIRO
- CRÂNIO ENCONTRADO EM MG: 1ª EVIDÊNCIA DO HOMEM NAS AMÉRICAS
- SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, O COMEÇO DA OCUPAÇÃO EM MG
- PINTURAS RUPESTRES EM BARÃO DE COCAIS, SANTANA DO RIACHO E MATOZINHOS
- PALEONTOLOGIA EM MINAS
- MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UFMG
- GRUTA REI DO MATO, EM SETE LAGOAS
- **\*MATRIZES HISTÓRICAS**
  - OURO PRETO
  - CONGONHAS E CAETÉ
  - SANTA LUZIA E MARIANA
  - SABARÁ E SÃO JOÃO DEL REI
  - BARÃO DE COCAIS, SANTA BÁRBARA E CATAS ALTAS
  - TIRADENTES

RELIGIOSIDADE,  
TRADIÇÃO &  
FESTA

- COLEÇÃO DE SINOS DE JOSÉ SABINO
- CAPELAS PARTICULARES EM SABARÁ
- CAPELAS PARTICULARES EM SETE LAGOAS
- A ORIGEM DE ALGUMAS PALAVRAS E EXPRESSÕES MINEIRAS
- DE ONDE VEM CERTAS EXPRESSÃO DE OBSERVAÇÕES OU DA NATUREZA
- RELAÇÕES ENTRE A NATUREZA E O TEMPO DE CHUVA OU DE SOL
- METEOROLOGIA E CARACTERÍSTICAS DO TEMPO EM MINAS
- QUARESMA EM MORRO VERMELHO
- RITUAIS DA QUARESMA NO INTERIOR DE MINAS
- IMAGENS SACRAS NAS PROCISSÕES DE SEMANA SANTA
- TRADIÇÃO DOS MOTETOS EM ITAPECERICA
- SINEIROS EXPLICAM OS REPIQUES DOS SINOS
- SERRA DA PIEDADE, A DEVOÇÃO CATÓLICA DE MG
- SEU JOSÉ COUTINHO, CAIXEIRO VIAJANTE
- MUTIRÃO DA CAPINA EM PAINS
- IGREJAS E CORO DE MARIANA (ESPECIAL POSSE DE DOM GERALDO LYRIO ROCHA)
- MARIANA, PRIMEIRA DIOCESE DE MG (ESPECIAL POSSE DE D. GERALDO LYRIO ROCHA)
- PERFIL DO NOVO ARCEBISPO DE MARIANA, DOM GERALDO LYRIO (ESPECIAL)
- FIÉIS QUEREM BEATIFICAÇÃO DE DOM LUCIANO (ESPECIAL POSSE D. GERALDO LYRIO)
- RELÍQUIAS DA FAZENDA DO CIPÓ
- CAVALHADA EM NOVA PONTE
- FESTA JUNINA NA CIDADE
- RELÍQUIAS DA IGREJA DO CARAÇA
- NAMORO TEVE IPÊ POR TESTEMUNHA
- ENCENAÇÃO DE LENDAS EM SÃO JOÃO DEL REI

25

ARTE &  
ARTESANATO

- BORDADOS DE FAMÍLIA DE PIRAPORA VAI PARA AS PÁGINAS DOS LIVROS
- ARTESÃ DE CONGONHAS QUE TRABALHA COM CONTAS DE LÁGRIMAS
- CERÂMICA SARAMENHA, TÉCNICA PRESERVADA EM OURO BRANCO
- ARTE DOS CRISTAIS, EM POÇOS DE CALDAS
- ROMENA TRABALHA COM VIDRO EM SÃO GONÇALO DO SAPUCAÍ
- BORDADO BAINHA ABERTA ENFEITA OS ALTARES EM MORRO VERMELHO
- ARTISTA ESCULPE IMAGEM DE FREI GALVÃO
- ARTESÃO DE FORMIGA ESCULPE ANIMAIS ENORMES
- MINIATURAS FEITAS COM ESPINHO DE ÁRVORE
- ARTESANATO: PEÇAS EM ARGILA E BONECAS DE PANO
- ARTESÃ USA TODO TIPO DE MATERIAL EM ESTANDARTES E ORATÓRIOS
- BANANEIRA VIRA ARTESANATO EM NOVA UNIÃO
- VITRAIS DAS IGREJAS DE BH
- ARTISTA RETRATA O PATRIMÔNIO DE MINAS NA PORCELANA
- ARTESÃ TECE PAINÉIS COM VERSOS DE DRUMMOND
- BH TEM MUSEU DO BORDADO
- BERNARDO RIEDEL, UM INVENTOR MINEIRO
- **ESPECIAL DE NATAL:**
  - PRESÉPIO DO PIPIRIPAU
  - ARTESANATO COM BUCHA VEGETAL
  - PRESÉPIO DE ITABIRITO
- PINTURAS DE ARTISTA PLÁSTICO EM RUAS DE DORES DO INDAÍÁ
- ARTESANATO DE PIEDADE DOS GERAIS
- ARTESÃ FAZ OBJETOS COM TIRAS DE PAPEL
- MARIONETISTA CATIN NARDI
- ESCULTOR DÁ SUAVIDADE AO BARROCO
- ARTESANATO EM CACHOEIRA DE BRUMADO
- ARTISTA PLÁSTICA MONTA ESTANDARTES
- PATCHWORK, ARTE FEITA COM RETALHOS
- CAFÉ COMO BEBIDA, COMIDA, COSMÉTICO E ARTESANATO

35

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• COMO SÃO FEITOS OS VITRAIS</li> <li>• IGREJINHAS BARROCAS FEITAS COM PALITOS DE FÓSFOROS</li> <li>• PROCESSO DE MONTAGEM DE UM VIOLÃO</li> <li>• ARTISTA DE BH QUE TRABALHA COM MOSAICOS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ESPANTALHOS FEITOS POR ARTESÃ DE CONSELHEIRO LAFAIETE</li> <li>• FAMÍLIA DE ARTESÃOS DE BETIM</li> <li>• MULHERES DE ARANTINA CONFECCIONAM COLCHAS DE RETALHOS</li> </ul>	
CULINÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• PREPARO DE CALDO DE LEGUMES EM COZINHA DE CENÁRIO DE NOVELA</li> <li>• PRODUÇÃO DE GOIABADA EM INHANÚMA</li> <li>• RECEITA DE CHUTNEY, CONSERVA INDIANA</li> <li>• OVO DE PÁSCOA FEITO EM MONTE VERDE</li> <li>• MUTIRÃO DA PAMONHA EM ITUIUTABA</li> <li>• PRATOS À BASE DE PEIXE, TÍPICOS DA REGIÃO DE FURNAS</li> <li>• COLHEITA DO PINHÃO NA SERRA DA MANTIQUEIRA</li> <li>• FABRICAÇÃO DE VINHO CASEIRO EM CONQUISTA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• DOCE FEITO COM A CASCA DA MEXERICA</li> <li>• FABRICAÇÃO DO QUEIJO DO REINO, EM LIMA DUARTE</li> <li>• QUEIJO ARTESANAL DO SERRO, PRIMEIRO PATRIMÔNIO IMATERIAL DE MINAS</li> <li>• IPOEMA: DONA ANA FIA ALGODÃO E FÁBRICA AZEITE DE MAMONA</li> <li>• GARAPA, RAPADURA E AÇÚCAR MASCAVO PRODUZIDOS EM ENTRE RIOS DE MINAS</li> <li>• BOMBOM FEITO COM A CASTANHA DO BARU, ÁRVORE TÍPICA DO CERRADO</li> </ul>	14
MÚSICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• VELHA GUARDA DO SAMBA FALA DOS ANTIGOS CARNAVAIS DE BH</li> <li>• PREPARATIVOS PARA O CARNAVAL EM BONFIM</li> <li>• ORQUESTRA "VIOLA DE ARAME" DE ARAGUARI</li> <li>• MUSEU DA MÚSICA, EM MARIANA</li> <li>• <b>ESPECIAL DE NATAL:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ APRESENTAÇÃO DO CORAL PUERI CARMELE</li> <li>◦ CORAL CANARINHOS, DE ITABIRITO</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• MILTON NASCIMENTO REALIZA O WOODSTOCK MINEIRO</li> <li>• INSTRUMENTOS MÚSICAIS FEITOS COM CABAÇA</li> <li>• <b>ESPECIAL DIAMANTINA</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ MERCADO VELHO E SERESTA</li> <li>◦ VESPERATA</li> </ul> </li> </ul>	10
CONCURSO & SÉRIE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>5 ANOS DO TERRA DE MINAS:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ ESCOLHA DE PRATOS QUE REPRESENTAM MINAS</li> <li>◦ RECEITAS QUE JÁ FORAM MOSTRADAS NO PROGRAMA</li> <li>◦ COMO A HISTÓRIA INFLUENCIOU A CULINÁRIA MINEIRA</li> <li>◦ VOTAÇÃO DO PRATO QUE REPRESENTA MINAS</li> </ul> </li> <li>• O SABOR MAIS TÍPICO DA MESA MINEIRA</li> <li>• ALMOÇO MINEIRO EM FAMÍLIA</li> <li>• OS CADERNOS DE RECEITA</li> <li>• UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS</li> <li>• PROGRAMA AO VIVO, DE TIRADENTES</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FOLIA DE REIS E CONGADO</li> <li>• ESTRANGEIROS SENTEM FALTA DA COMIDA MINEIRA</li> <li>• PÃO DE QUEIJO, SABOR + TÍPICO DA COZINHA MINEIRA</li> <li>• CAFÉ DA MANHÃ NA FAZENDA</li> <li>• PREPARO DO ALMOÇO NA FAZENDA</li> <li>• RECEITA DE PÃO DE QUEIJO</li> <li>• FOGÃO A LENHA NA CIDADE GRANDE</li> <li>• OBJETOS DA COZINHA MINEIRA NO MUSEU</li> </ul>	15

- O ARTESANATO E A CULINÁRIA DE TIRADENTES

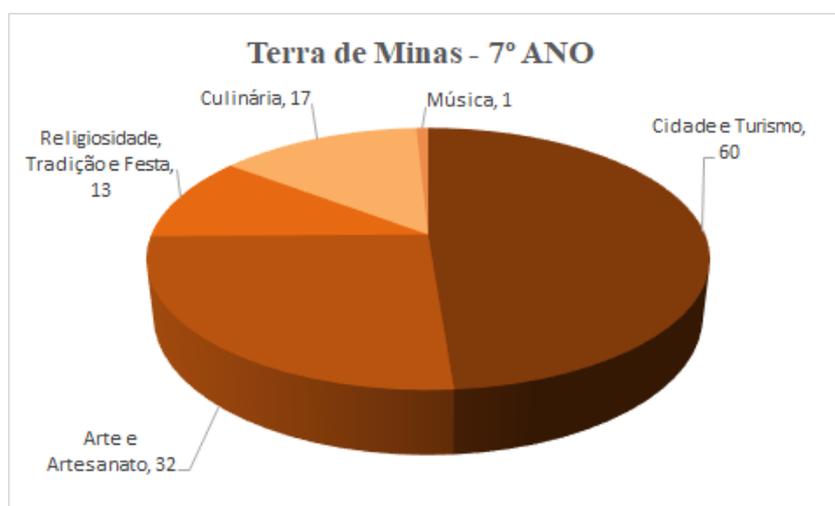
Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.4.7 Sétimo ano: em alta definição

Em 03/11/2007 iniciava-se um novo ciclo do programa. O sétimo ano do *Terra de Minas* foi marcado pela tecnologia. Foi o primeiro programa em Minas Gerais a captar e transmitir todo o conteúdo em HD (*high-definition*) TV. Essa exibição histórica para a televisão mineira foi no dia 26 de abril de 2008, em uma edição pensada para ter as melhores cenas, onde a imagem em alta definição era o principal destaque. E Ouro Preto, na região central de Minas, foi a cidade/tema escolhida.

As reportagens foram: “A importância do ouro em Ouro Preto”, “Como era Ouro Preto no século XIX” e “As irmandades religiosas em Ouro Preto”. As ruas, os casarões, as lavas de ouro, a religiosidade e a arte da cidade barroca, foram exibidas em detalhes em uma qualidade de imagem que era também a marca do programa.

Gráfico 8 – Categorias x números de reportagens – 7º ano



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 13 – Retranças de reportagens exibidas no 7º ano

CATEGORIAS	RETRANCAS	QTD.	
TURISMO & CIDADE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A BELEZA DOS FLAMBOYANTS</li> <li>• ANTIGO COLÉGIO DOM BOSCO, EM CACHOEIRA DO CAMPO</li> <li>• MUTIRÃO DO PLANTIO EM TAPIRA</li> <li>• AS ÁGUAS DE SETE LAGOAS E LAGOA SANTA</li> <li>• LAGOAS URBANAS DE LAMBARI, PATOS DE MINAS E LAGOA DA PRATA</li> <li>• A PRODUÇÃO DE MEL EM SANTA BÁRBARA</li> <li>• O CICLO DOS DIAMANTES PODE NÃO TER ACABADO EM DIAMANTINA</li> <li>• MUSEU DO GARIMPO, EM DIAMANTINA</li> <li>• PEQUI, O OURO DO CERRADO</li> <li>• A MOVIMENTAÇÃO DO MERCADO MUNICIPAL DE MONTES CLAROS</li> <li>• SÃO GONÇALO DO RIO PRETO, BUENÓPOLIS, TRÊS MARIAS E PIRAPORA</li> <li>• CAVALGADA EM CRUZÍLIA, NO SUL DE MINAS</li> <li>• FIGUEIRA NA PRAÇA DA MATRIZ DE IBIÁ SE TORNA PATRIMÔNIO HISTÓRICO</li> <li>• LAGOA DA VÁRZEA: DESCANSO E LAZER NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE</li> <li>• BELO HORIZONTE: CIDADE JARDIM</li> <li>• DONA JOAQUINA E MARIA TANGARÁ, FAZENDEIRAS PODEROSAS DO CENTRO-OESTE MINEIRO</li> <li>• HISTÓRIA DE DONA BEJA, SÍMBOLO DE OUSADIA NO SÉCULO XIX</li> <li>• HISTÓRIA DE MARÍLIA DE DIRCEU, MUSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA</li> <li>• AS REGRAS DE COMPORTAMENTO DAS MULHERES NOS SÉCULOS PASSADOS</li> <li>• SANTO ANTÔNIO DO LEITE ENCANTA TURISTAS ESTRANGEIROS</li> <li>• <b>PRIMEIRO TERRA DE MINAS EM HDTV:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ A IMPORTÂNCIA DO OURO EM OURO PRETO</li> <li>○ COMO ERA OURO PRETO NO SÉCULO XIX</li> <li>○ AS IRMANDADES RELIGIOSAS EM OURO PRETO</li> </ul> </li> <li>• OS ENCANTOS DA GRUTA DE MAQUINÉ</li> <li>• AS BELEZAS DA GRUTA DO REI DO MATO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• LAZER E DESCANSO NO RIO GRANDE</li> <li>• FAZENDA SANTANA DOS MONTES</li> <li>• A HISTÓRIA DE SANTANA DOS MONTES</li> <li>• BELEZAS E HISTÓRIA DA SERRA DA CANASTRA</li> <li>• IMIGRANTES JAPONESES E A HISTÓRIA DA VINDA A MG</li> <li>• OS DESCENDENTES JAPONESES EM SÃO GOTARDO, NO ALTO PARANAÍBA</li> <li>• INFLUÊNCIA NAS FAMÍLIAS DE DESCENDENTES JAPONESES</li> <li>• COSTUMES JAPONESES CONSERVADOR NO TRIÂNGULO E NO ALTO PARANAÍBA</li> <li>• COSTUMES ORIENTAIS PRESERVADOS NO ESPORTE, NA RELIGIÃO E NA SALA DE AULA</li> <li>• DISTRITOS DE OURO PRETO: LAVRAS NOVAS</li> <li>• DISTRITOS DE OURO PRETO: CACHOEIRA DO CAMPO</li> <li>• DISTRITOS DE OURO PRETO: ANTÔNIO PEREIRA</li> <li>• DISTRITOS DE OURO PRETO: AMARANTINA, ONDE FICA O MUSEU DAS REDUÇÕES</li> <li>• AS BELEZAS O PARQUE DA SERRA DO CAPARAÓ</li> <li>• TRILHA PARA CHEGAR AO PICO DA BANDEIRA</li> <li>• A HISTÓRIA DO FERRO EM MINAS GERAIS</li> <li>• A EVOLUÇÃO DA SIDERURGIA EM MINAS GERAIS</li> <li>• AS BELEZAS DO SERRO E SEUS DISTRITOS</li> <li>• MORADORES DE FORTUNA MG LIBERTAM OS PÁSSAROS</li> <li>• AS BELEZAS DO RIO PARANAÍBA</li> <li>• A HISTÓRIA DOS MEIOS DE TRANSPORTE EM BH</li> <li>• HISTÓRIA DA GUERRA DOS EMBOABAS</li> <li>• TURISTAS CAVALGAM PELA SERRA DO CIPÓ</li> <li>• AVENTUREIROS ESCALAM OS PAREDES DA SERRA DO CIPÓ</li> <li>• AVENTURA NA SERRA DO CIPÓ</li> <li>• POVOADO DE SABARÁ: POMPEU</li> </ul>	60

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• SÃO SEBASTIÃO DAS ÁGUAS CLARAS TEM VIDA TRANQUILA AO LADO DA CAPITAL</li> <li>• AS PAISAGENS DA NASCENTE DO RIO GRANDE EM MINAS GERAIS</li> <li>• A IMPORTÂNCIA DA ENERGIA GERADA NO RIO GRANDE</li> <li>• PRESERVAÇÃO DOS PEIXES DO RIO GRANDE</li> <li>• PESSOAS QUE MORAM ÀS MARGENS DO RIO GRANDE</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• POVOADO DE SABARÁ: ARRAIAL VELHO DE SANTANA</li> <li>• HISTÓRIA E BELEZAS DA SERRA DO BRIGADEIRO</li> <li>• CULTIVO DE CAFÉ NA SERRA DO BRIGADEIRO</li> <li>• O MACACO MONOCARVOEIRO NA SERRA DO BRIGADEIRO</li> </ul>	
RELIGIOSIDADE, TRADIÇÃO & FESTA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• QUINTAL DE SABARÁ CARREGADO DE JABUTICABAS</li> <li>• DIA DE SANTA LUZIA</li> <li>• TRADIÇÕES DE NATAL EM FAZENDA DE PASSATEMPO</li> <li>• A DEVOÇÃO CATÓLICA EM BOM REPOUSO, SUL DE MINAS GERAIS</li> <li>• CELEBRAÇÃO DA QUARESMA E SEMANA SANTA EM CIDADES HISTÓRICAS</li> <li>• NO VILAREJO DE BIRIBIRI, EM DIAMANTINA, O TEMPO PARECE NÃO TER PASSADO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FESTA DO DIVINO EM DIAMANTINA</li> <li>• A DEVOÇÃO A SANTO ANTÔNIO EM ABAETÉ</li> <li>• FESTA DE SANTO ANTÔNIO EM ABAETÉ</li> <li>• AS DIVERSAS IMAGENS DE NOSSA SENHORA</li> <li>• A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA EM BH E SABARÁ</li> <li>• A TRADIÇÃO MINEIRA DO ENCONTRO DE FAMÍLIAS</li> <li>• A TRADIÇÃO DOS CARROS DE BOI DE LUZ</li> </ul>	13
ARTE & ARTESANATO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• BALAIOS FEITOS EM CAETANÓPOLIS</li> <li>• TEATRO EM TAQUARAÇU DE BAIXO</li> <li>• ORATÓRIOS E OUTRAS PEÇAS EM MINIATURAS</li> <li>• O PEÃO PINTOR DE DIVINÓPOLIS</li> <li>• ARTESANATO FEITO COM CIPÓ EM CENTRO COMUNITÁRIO DE SETE LAGOAS</li> <li>• ARTESANATO FEITO COM CASCAS DE CEBOLA</li> <li>• OFICINA DE CUTELARIA DE BELO HORIZONTE</li> <li>• ENFEITE DE NATAL</li> <li>• CASA DECORADA COM PAPAÍ NOEL</li> <li>• PRESÉPIOS</li> <li>• GRUPO ARTE MIUDA</li> <li>• PRESÉPIO DE SABARÁ</li> <li>• <b>TERRA DE MINAS ESPECIAL COM OSCAR NIEMEYER</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ ENTREVISTA NIEMEYER</li> <li>○ OSCAR NIEMEYER - IGREJA DA PAMPULHA</li> <li>○ OSCAR NIEMEYER - PRÉDIOS NO CENTRO DE BH</li> </ul> </li> <li>• MINIATURA DE MÓVEIS</li> <li>• MINIATURA DE PRÉDIOS HISTÓRICOS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• NAMORADEIRAS QUE ENFEITAM AS JANELAS DE TIRADENTES</li> <li>• O QUE O TURISTA LEVA PRA CASA COMO RECORDAÇÃO DE MINAS</li> <li>• BORDADEIRAS DE CACHOEIRA DO CAMPO</li> <li>• ARTESANATO COM BUCHA VEGETAL</li> <li>• ARTESÃ FAZ ESTANDARTES EM OURO PRETO</li> <li>• ARTES SACRAS COM MATERIAIS NATURAIS DE ARTISTAS BH</li> <li>• MUSEU DE BRINQUEDOS EM BH</li> <li>• ARTISTA FAZ ARTESANATO COM SEMENTES</li> <li>• INVENÇÕES FACILITAM O TRABALHO NO CAMPO E EM CASA</li> <li>• MATRIZ DE ITAPECERICA ESTÁ SENDO RESTAURADA</li> <li>• OFICINA DE LUTHIER EM WENCESLAU BRAZ, NO SUL DE MINAS</li> <li>• ADOLESCENTES E O OFÍCIO DE LUTHIER EM ORQUESTRA DE BARÃO DE COCAIS</li> <li>• ARTISTAS E A TRANQUILIDADE SÃO SEBASTIÃO DAS ÁGUAS CLARAS</li> <li>• ARTESANATO E CULINÁRIA DE ALTO CAPARAÓ</li> </ul>	32

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• MARIANA RECEBE QUADRO DE MARIA ANA DA ÁUSTRIA</li> </ul>		
CULINÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• TRADIÇÕES DE NATAL EM PASSATEMPO: PREPARO DE ROSCA E FOLIA DE REIS</li> <li>• RECEITAS FEITAS COM PEQUI</li> <li>• PREPARO DO ARROZ TROPEIRO COM CARNE DE SOL E PEQUI</li> <li>• PROCESSO DE DEFUMAÇÃO DÁ SABOR DIFERENTE ÀS CARNES DE BRUMADINHO</li> <li>• CARNE DE PEIXE DEFUMADA EM UM DISTRITO DE CAMANDUCAIA, NO SUL DE MINAS</li> <li>• FABRICAÇÃO DE DOCES CASEIROS E DECORADOS DE CARMO DO RIO CLARO</li> <li>• MAROLO: FRUTA TÍPICA DO CERRADO MINEIRO RECEITA DE SORVETE DE MOROLO</li> <li>• RECEITA DE FRANGO COM ORA-PRO-NOBIS DO TRIÂNGULO MINEIRO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CULINÁRIA INTERNACIONAL DE SÃO SEBASTIÃO DAS ÁGUAS CLARAS</li> <li>• SERRA DA CANASTRA PRESERVA MODO ARTESANAL DE FAZER O QUEIJO DE MINAS</li> <li>• QUEIJO CANASTRA PODE INCREMENTAR A CULINÁRIA</li> <li>• A TROCA DE SABORES ENTRE A CULINÁRIA JAPONESA E MINEIRA</li> <li>• RECEITA DE BOLO DE MANDIOCA CRUA, TRADICIONAL EM ABAETÉ</li> <li>• RECEITAS DE TAQUARAÇU DE BAIXO</li> <li>• RECEITA DE BATATÃO, DE OURO BRANCO</li> <li>• RECEITA DE PASTEL FRITO COM CARNE MOÍDA E QUIABO DE PARAPEBA</li> </ul>	16
MÚSICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• MÚSICOS DE ARAGUARI FAZEM INSTRUMENTOS COM OBJETOS DA NATUREZA</li> </ul>		1

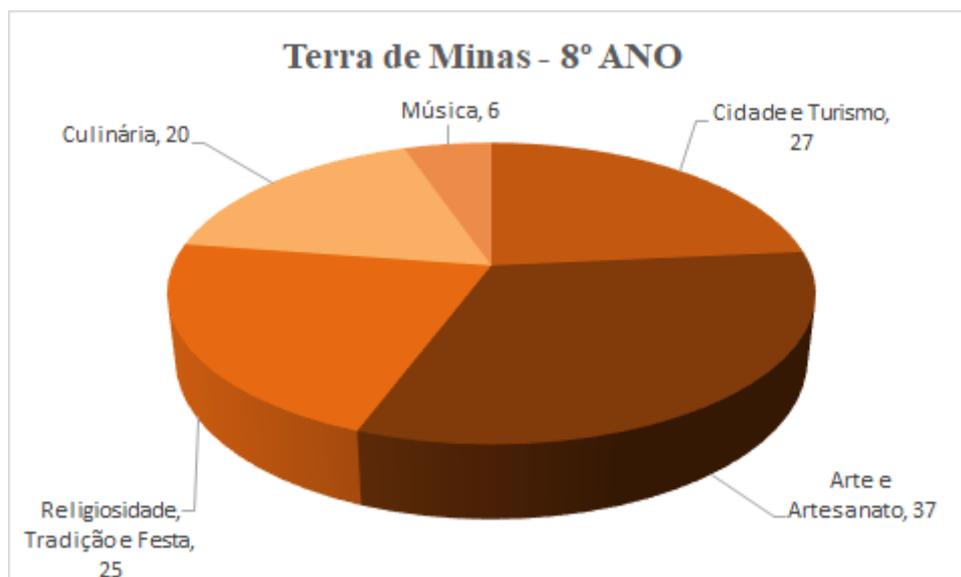
Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.4.8 Oitavo ano: a história que passa pelo colonial

O período de 1º de novembro de 2008 a 31 de outubro de 2009 é considerado o oitavo ano do programa no ar. Fase já bem consolidada, com reportagens em diversas regiões do estado e já é observada por meio das retrancas que alguns temas voltam ao ar com um enfoque diferente. É o caso das ferrovias em Minas Gerais. As histórias do “trem de ferro” são contadas por meio de lembranças de quem as viveu, como os descendentes, de fotografias antigas ou mesmo por meio de artesãos que buscam na memória formas de reavivar a “época de ouro”, das passagens das locomotivas pelos rincões de Minas. O tema de ferrovias retorna, variando os personagens e cidades.

Além de assuntos recorrentes, o programa volta em algumas cidades históricas como Ouro Preto, Congonhas e Tiradentes. Sempre buscando alguma história que ainda não foi contada ou algum enfoque diferenciado.

Gráfico 9 – Categorias x números de reportagens – 8º ano



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 14 – Retranças de reportagens exibidas no 8º ano

ANO 8			
CATEGORIAS	RETRANÇAS	QTD.	
TURISMO & CIDADE	<ul style="list-style-type: none"> <li>FEIRANTES NA FEIRA DO BELVEDERE</li> <li>FEIRA LIVRE DO BAIRRO DE LOURDES</li> <li>TURISTAS APROVEITAM BELEZAS DA SERRA DO CIPÓ</li> <li>AS HISTÓRICAS ESQUINAS DO CENTRO DE BELO HORIZONTE</li> <li>ESQUINAS DO JORNALISMO E DA MÚSICA EM BELO HORIZONTE</li> <li>IMIGRANTES ITALIANOS QUE ESCOLHERAM MORAR EM BELO HORIZONTE</li> <li>LIBANESES ESCOLHERAM A RUA DOS CAETÉS, NO CENTRO DE BH,</li> <li>AS HISTÓRIAS DA ESTAÇÃO DE TREM DE FORMIGA</li> <li>AS CAPELAS CONSTRUÍDAS EM FAZENDAS DE MINAS GERAIS</li> <li>OS SEGREDOS DA CIDADE DE SÃO GONÇALO DO RIO PRETO</li> <li>AS BELEZAS DO PARQUE ESTADUAL DO RIO PRETO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>MORADORES DA CAPITAL QUE VÃO PARA SÍTIOS PERTO DE BELO HORIZONTE PARA DESCANSAR</li> <li>O MUSEU DO TROPEIRO EM IPOEMA, DISTRITO DE ITABIRA</li> <li>CAMINHO DOS TROPEIROS NA SERRA DO CIPÓ</li> <li>AS BELEZAS DE CONGONHAS</li> <li>OS CASARÕES DE VÁRIOS ESTILOS EM BELO HORIZONTE</li> <li>A ARQUITETURA DOS CASARÕES CONTA A HISTÓRIA DE BH</li> <li>A HISTÓRIA DAS PONTES DE SÃO JOÃO DEL REI E TIRADENTES</li> <li>A HISTÓRIA DAS PONTES EM OURO PRETO</li> <li>AQUEDUTO DE CATAS ALTAS</li> <li>HISTÓRIA DA CIDADE DE NOVA PONTE, INTERIOR DE MINAS</li> <li>PARQUE DO ITACOLOMI</li> </ul>	27



	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CASAL FAZ RÉPLICAS DE PEÇAS DO MUSEU DO ORATÓRIO DE OURO PRETO</li> <li>• A HISTÓRIA DOS BORDADOS EM MG</li> <li>• A TRADIÇÃO DOS ENXOVAIS BORDADOS</li> <li>• IRMÃS BORDADEIRAS, TOALHA BORDADA POEMAS E MUSEU DO BORDADO EM BH</li> <li>• PEÇAS E OBJETOS DO MUSEU DE ARTE SACRA DA IGREJA DO PILAR</li> <li>• ARTESANATOS E PRODUÇÃO DE VELAS ARTESANAIS EM MORRO VERMELHO</li> <li>• BONECAS E BRINQUEDOS FEITOS POR MÃOS DE ARTESÃOS</li> <li>• ARTESÃ COM CHITA E TECIDOS COLORIDOS EM ITATIAIA</li> <li>• QUERUBINS, ORATÓRIOS E ESTANDARTES: A RELIGIOSIDADE NO ARTESANATO</li> <li>• MÃE E FILHA JUNTAS PRODUZEM BONECAS ARTESANAIS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A TRADIÇÃO DO TEAR EM RESENDE COSTA</li> <li>• ENXOVAL FEITO POR BORDADEIRAS</li> <li>• A ARTE DO FUXICO</li> <li>• MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS DE BELO HORIZONTE</li> <li>• ARTE COM ARGILA EM LAVRAS NOVAS</li> <li>• GRUPO DE MULHERES QUE FAZ PATCHWORK HÁ DEZ ANOS EM BH</li> <li>• ARTISTA PLÁSTICO E AS ESCULTURAS AFRO-BRASILEIRAS</li> <li>• FAMÍLIA CATÓLICA FAZ COLEÇÃO DE ORATÓRIOS</li> <li>• FÓRUM DAS LETRAS 2009, EM OURO PRETO - A HISTÓRIA</li> <li>• POESIAS INSPIRADAS NO CENÁRIO DE OURO PRETO</li> </ul>	
CULINÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• QUITANDEIRAS DE IPOEMA MOSTRAM COMO FAZEM AS DELÍCIAS</li> <li>• QUITANDEIRAS DE CONGONHAS ENSINAM RECEITAS TRADICIONAIS</li> <li>• QUITANDEIRA TRANSFORMA RECEITAS EM PEQUENA FÁBRICA DE BOLOS E BISCOITOS</li> <li>• VERDUREIRAS E VENDEDOR DE DOCE DE OURO PRETO MOSTRAM SEU OFÍCIO</li> <li>• DONA IZILDA VENDE DOCES E SALADAS DE FRUTAS PELAS RUAS DE SABARÁ</li> <li>• TRADIÇÃO DA CULINÁRIA É MANTIDA COM IMIGRANTES PORTUGUESES QUE VIVEM EM BH</li> <li>• COSTUME DOS LIBANESES EM BH E RECEITA DE TABULE</li> <li>• RODEIOS - CULINÁRIA FEITA POR TROPEIROS E PEÕES</li> <li>• CIDADE DE CATAS ALTAS E UMA RECEITA DA REGIÃO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• PRODUÇÃO E FABRICAÇÃO DO QUEIJO MINAS</li> <li>• AULA DE CULINÁRIA NO MERCADO CENTRAL DE BH</li> <li>• CLUBE GASTRONÔMICO</li> <li>• CULINÁRIA VARIADA EM TIRADENTES</li> <li>• O HÁBITO DE CULTIVAR HORTAS EM TIRADENTES</li> <li>• OS BANQUETES DE TIRADENTES</li> <li>• GASTRONOMIA SE TRANSFORMOU EM AMIZADE NO GRUPO 'ELAS'</li> <li>• CONFRARIA CHEFS DO CORAÇÃO FORMADA POR CARDIOLOGISTAS</li> <li>• SÃO TIAGO É A TERRA DO CAFÉ COM BISCOITO</li> <li>• HORTA DA FAZENDA CENTENÁRIA PONTE ALTA, EM PITANGUI</li> </ul>	20
MÚSICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O ÓRGÃO DA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO EM TIRADENTES FOI REFORMADO</li> <li>• A HOMENAGEM AO "MENINO DA PORTEIRA" EM OURO FINO</li> <li>• ÓRGÃOS ANTIGOS DE CERIMÔNIAS RELIGIOSAS EM BELO HORIZONTE</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ENCONTRO DOS MÚSICOS TADEU FRANCO E PAULINHO PEDRA AZUL</li> <li>• SOU DO MUNDO SOU MINAS GERAIS</li> <li>• TADEU FRANCO - ARRUMAÇÃO</li> </ul>	6

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.4.9 Nono ano: os costumes da roça

Em 7 de novembro de 2009 iniciava-se o nono ano do *Terra de Minas*, que durou até trinta de outubro de 2010. Na análise de retrancas feita em todo esse período, percebemos que não foi realizada nenhuma matéria específica de música. As diferentes melodias estavam apenas nos *BG's* das reportagens, em *sobe som* ou em música relacionada com o assunto exibido.

Citamos aqui a matéria da categoria Culinária, que foi ao ar no dia 17 de outubro de 2010 em um programa específico sobre os costumes que cercam as mulheres grávidas. Uma das reportagens fala sobre comidas típicas que as mulheres do interior adotavam no passado, para estimular a produção de leite: “Costumes que cercam mulheres grávidas”<sup>29</sup>. É um bate-papo entre a repórter, que está grávida, e mulheres de diferentes gerações.

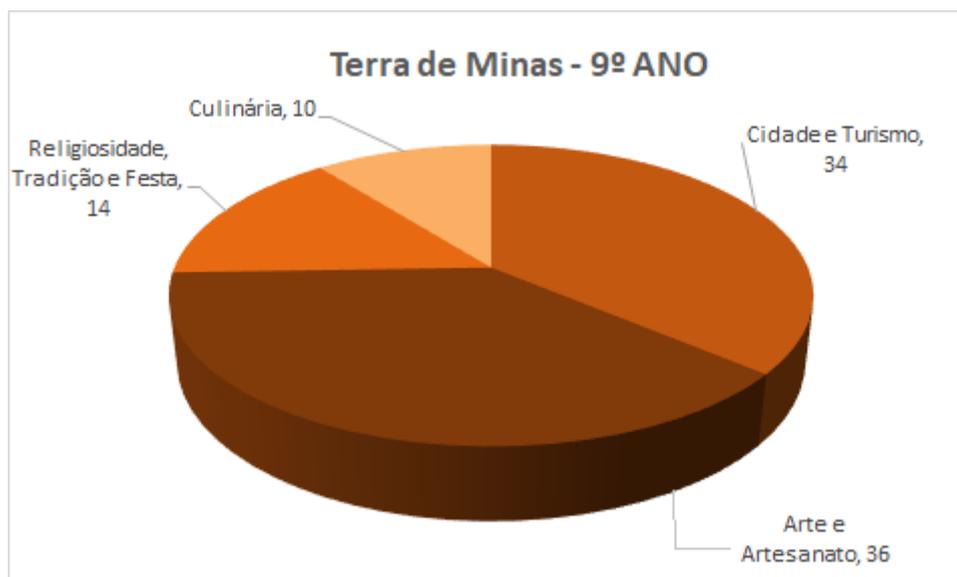
As duas mulheres mais experientes relembram dicas que aprenderam com as antepassadas: canjica doce para aumentar o leite materno e uma mistura de leite com goiabada para também estimular a amamentação. Ao fim da reportagem, um coral com crianças canta para as mulheres que participam da matéria. A canção *Minas*, de autoria do músico Gê Lara, fala sobre o lugar feliz e cheio de histórias para criar os filhos. Faz o encerramento do programa sobre tradição mineira, sobre a passagem de costumes para as gerações futuras.

E o último programa desse nono ano foi temático, sobre carro de boi. Mais um assunto recorrente no *Terra de Minas*. Mas com uma nova roupagem, enfoque diferente para falar de mineiros que colecionam carros de boi, que são apaixonados pelo carro que no passado levava a carga pelos diferentes caminhos dessas Gerais.

---

<sup>29</sup> VT Costumes que cercam mulheres grávidas: canjica doce. Exibido no dia 17/07/2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cd6g59ZrIyI&t=103s>

Gráfico 10 – Categorias x números de reportagens – 9º ano



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 15 - Retranças de reportagens exibidas no 9º ano

ANO 9			
CATEGORIAS	RETRANCAS	QTD.	
TURISMO & CIDADE	<ul style="list-style-type: none"> <li>HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DO PALÁCIO DA LIBERDADE</li> <li>PARQUE DAS ANDORINHAS</li> <li>PARQUE ESTADUAL SERRA DO ROLA MOÇA</li> <li>A HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DE BELO HORIZONTE</li> <li>BARES DE BH NO CENTRO DOS ACONTECIMENTOS POLÍTICOS</li> <li>MUSEU DE CIÊNCIA E TÉCNICA DE OURO PRETO</li> <li>MUSEU DO OURO DE SABARÁ</li> <li>BARÃO DE PARAPEBA</li> <li>BARÃO DE CATAS ALTAS</li> <li>BARÃO E BARONESA DE CAMARGOS</li> <li>BARONESA MARIA ALEXANDRINA</li> <li>FAZENDA TIMBORÉ, DE SEU JOSÉ SERAFIM EM PAINS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>PARQUE BURLE MARX OU PARQUE DAS ÁGUAS, NO BARREIRO</li> <li>PARQUE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE</li> <li>PLANTAS DO JARDIM BOTÂNICO DE BELO HORIZONTE</li> <li>APOSENTADA CULTIVA FLORES NATURAIS E ARTESANAIS</li> <li>VALE DO JEQUITINHONHA</li> <li>RIO JEQUITINHONHA</li> <li>FEIRA DE ARAÇUAÍ</li> <li>BANCA DE ABÓBORAS NO MERCADO CENTRAL</li> <li>EXPEDIÇÃO À SERRA DE SÃO JOSÉ</li> <li>CULTIVO DE ABÓBORAS EM CORDISBURGO</li> <li>PASSEIO DE TREM ENTRE SÃO JOÃO DEL REI E TIRADENTES</li> <li>VESTIDOS DE NOIVA</li> </ul>	34

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CINE BRASIL DE BELO HORIZONTE</li> <li>• A HISTÓRIA DA MINERAÇÃO E DO FUTEBOL DE NOVA LIMA</li> <li>• MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, EM OURO PRETO</li> <li>• PARQUE LAGOA DO NADO, EM BELO HORIZONTE</li> <li>• PARQUE DAS MANGABEIRAS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CENTRO DE CULTURA DE SANTA LUZIA</li> <li>• CASAL QUE MORA EM CASARÃO DE SANTA LUZIA</li> <li>• TORRES DO INTERIOR DE MINAS GERAIS</li> <li>• TORRES DE BELO HORIZONTE</li> <li>• MÁQUINAS DE COSTURAS VIRAM ACERVO DE MUSEU</li> </ul>	
RELIGIOSIDADE, TRADIÇÃO & FESTA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FAZENDA TIMBORÉ, DE SEU JOSÉ SERAFIM EM PAINS</li> <li>• MUTIRÃO DE FABRICAÇÃO ARTESANAL DE RAPADURA EM PAINS</li> <li>• A HISTÓRIA E AS IGREJAS DE NOVA LIMA</li> <li>• CENTRO DE MEMÓRIA MORRO VELHO</li> <li>• COLECIONADOR DE CÂMERAS FOTOGRÁFICAS</li> <li>• COLECIONADOR DE ORATÓRIOS, LOUÇAS E COMPOTEIRAS</li> <li>• COLEÇÃO DE APARELHOS DE RÁDIO ANTIGOS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• VITROLA ANTIGA</li> <li>• MÁQUINAS DE COSTURA QUE SE TORNAM HERANÇAS DE FAMÍLIA</li> <li>• IGREJAS CONSTRUÍDAS POR ESCRAVOS</li> <li>• TRADIÇÃO DA SANTA CRUZ</li> <li>• TRADIÇÃO DO VESTIDO DE NOIVA NAS FAMÍLIAS</li> <li>• COLECIONADOR DE OBJETOS ANTIGOS</li> <li>• COLECIONADOR DE CARROS DE BOI</li> <li>• CARRO DE BOI</li> </ul>	14
ARTE & ARTESANATO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ARTESANATO MORADORES SABARÁ 1</li> <li>• ARTESANATO MORADORES SABARÁ - 2</li> <li>• ARTESANATO MORADORES SABARÁ - 3</li> <li>• A ARTE DA RENDA DE FILÉ</li> <li>• ARTESÃO FAZ MINIATURAS DE CASAS DAS CIDADES HISTÓRICAS</li> <li>• VIOLAS FEITAS DE CABAÇA</li> <li>• BORDADOS COM MACRAMÊ</li> <li>• CERAMISTAS DA REGIÃO DA SERRA DO ROLA MOÇA</li> <li>• ARTESANATOS DE NATAL FEITOS POR DUAS AMIGAS</li> <li>• ARTESÃO DE TAQUARA</li> <li>• RELOJOEIRO QUE CONSERTA E COLECIONA RELÓGIOS</li> <li>• FOLHINHA ECLESIAÍSTICA DE MARIANA</li> <li>• BORDADEIRAS DE CALENDÁRIOS</li> <li>• HORTO DOS CONTOS</li> <li>• A ARTE DA LAPIDAÇÃO</li> <li>• EXPOSIÇÃO DE ARTE DE WILLI DE CARVALHO</li> <li>• ARTESANATO RENDA DE PAPEL</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• MOBILIÁRIO ANTIGO SABARÁ</li> <li>• ESCULTOR DILO FERNANDINO MOSTRA SUAS PEÇAS</li> <li>• COLCHAS BORDADAS PARENTES</li> <li>• MÁQUINAS DE COSTURA NO SEU COTIDIANO</li> <li>• ARTESÃO FAZ MINIATURAS DE PRÉDIOS HISTÓRICOS DE MINAS</li> <li>• MORADORA DE OURO PRETO REVIVE MARÍLIA DE DIRCEU</li> <li>• CASA DO ARTISTA PLÁSTICO MARCOS MAZONI</li> <li>• PANEIS DE BARRO DO VALE DO JEQUITINHONHA</li> <li>• CERÂMICA SARAMENHA</li> <li>• ARTISTA PLÁSTICA QUE SE INSPIRA NAS FLORES PERPÉTUAS</li> <li>• ATELIÊ EM PRADOS</li> <li>• BONECAS DE PANO</li> <li>• ARTESÃO FAZ ENFEITES DE ABÓBORA</li> <li>• ORATÓRIOS ARTESANAIS FEITOS EM MADEIRA</li> <li>• MUSEU DOS BORDADOS DE BELO HORIZONTE</li> <li>• ALMOFADAS PARA AJOELHAR NA IGREJA</li> </ul>	36

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• TIA E SOBRINHA DEDICADAS AO ARTESANATO</li> <li>• MARINHEIRO FRANCÊS APOSENTADO FAZ MINIATURAS DE EMBARCAÇÕES EM GARRAFAS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• COLEÇÃO DE PORCELANA</li> </ul>	
CULINÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• RECEITA DE QUIBE ASSADO À MINEIRA</li> <li>• RECEITA FILÉ COM PURÊ</li> <li>• RAPADURA USADA EM PRATOS REQUINTADOS</li> <li>• COSTUMES DOS MORADORES DE CARMO DA MATA</li> <li>• COSTUMES SOPA MULHER PARIDA ITAPECERICA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• COSTUME CANJICA GRÁVIDA DIVINÓPOLIS</li> <li>• ABERTURA DO FESTIVAL DE GASTRONOMIA DE TIRADENTES</li> <li>• FESTINS DO FESTIVAL DE GASTRONOMIA DE TIRADENTES</li> <li>• DONAS DE CASA QUE PASSARAM A SER CHEFS DE COZINHA</li> <li>• COZINHAS DE IGARAPÉ</li> </ul>	10

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.4.10 Décimo ano: no seio de Minas

No dia 6 de novembro de 2010 iniciava-se o décimo ano do *Terra de Minas* no ar, exibindo mais uma série de reportagens sobre Minas, a memória e a mineiridade. Esse programa, de número 447, foi aberto com uma reportagem sobre a fabricação artesanal de terços, em Tiradentes, e a edição foi encerrada com a apresentação da nova trilha sonora do programa.

A música *Pátria Minas*, de autoria de Marcus Viana, que entoava a abertura, passagens de bloco e encerramento do *Terra* foi substituída. A partir dessa data, a marca sonora do programa passava a ser a música *Seio de Minas*, da cantora e musicista Paula Fernandes. A música tema de abertura, que por dez décadas era somente instrumental, passava a ter uma letra:

Eu nasci no celeiro da arte/No berço mineiro/Sou do campo, da serra/Onde impera o minério de ferro/Eu carrego comigo no sangue um dom verdadeiro/De cantar melodias de Minas/No Brasil inteiro/Sou das Minas de ouro/Das montanhas Gerais/Eu sou filha dos montes/E das estradas reais/Meu caminho primeiro/Vem brotar dessa fonte/Sou do seio de Minas/Desse estado um diamante/(...) Sou de Sete Lagoas/A cidade diamante.

Conforme analisado pelos pesquisadores Janaína de Oliveira Campos e Rennan Lanna Martins Mafra no artigo: “‘Das minas de ouro e das montanhas gerais’: a representação do *Terra de Minas* sobre a identidade mineira” (2018), a letra tem elementos que contribuem para a criação de representações sobre a mineiridade. “A artista faz alusão também a diversos cenários que são próximos aos mineiros, como a arte, por exemplo, da vasta obra de

Aleijadinho, o minério de ferro, que é abundante em algumas regiões, e as Estradas Reais que são conhecidas atrações turísticas do estado e que, no passado serviram de ligação entre o interior e a capital do Império” (CAMPOS; MAFRA, 2018, p. 197).

A música *Seio de Minas* marcava o início de uma nova década, e com uma representação mineira consolidada. Além da música, o público passava a ver uma vinheta com novas imagens de Minas Gerais, mas continuava o predomínio dos tons dourados e esquentados. Havia cenas do interior do estado, como o homem do berrante, o carro de boi e também ruas da capital.

Figura 24 – Frames da vinheta do *Terra de Minas* com a música de Paula Fernandes



Fonte: Elaborado pela autora, com imagens do Acervo da TV Globo Minas.

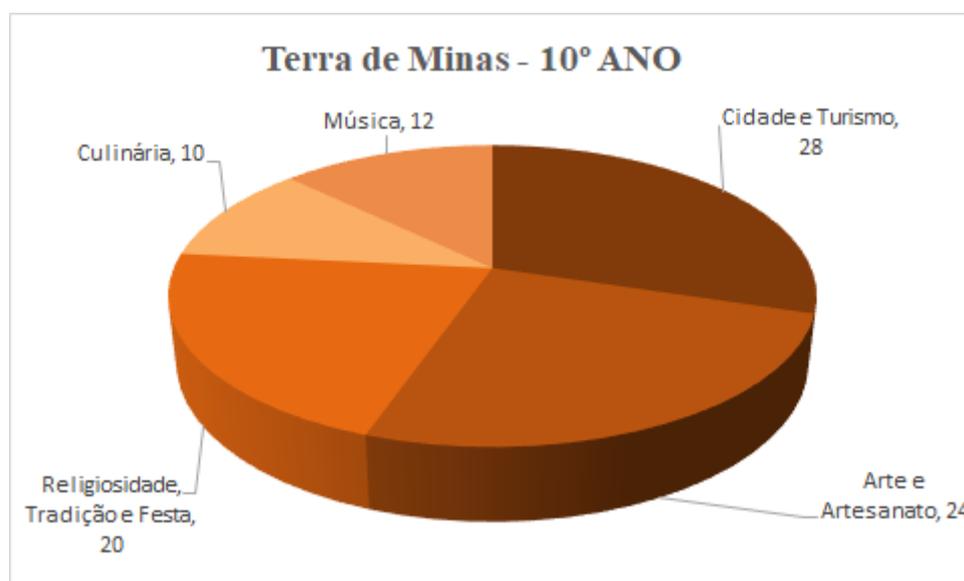
Depois do primeiro ano, foi a temporada com maior dedicação à música mineira. E a efeméride pelos dez anos do *Terra de Minas* foi comemorada em duas edições especiais, nos fins de semana de 22/10/2011 e no dia 29/10/2011. Foram dois programas temáticos que abordaram somente a música mineira, com entrevistas dos músicos João Bosco, Fernando Brant e Tavinho Moura, os integrantes da banda Tianastácia, do Skank, do grupo 14 Bis e o cantor Lô Borges.

O programa do dia 29/10/2011 seguiu a mesma linha do anterior, homenageando a música mineira por meio de talentos consagrados. E foram também três blocos no mesmo formato e com o mesmo repórter conduzindo a reportagem com depoimentos e música. No

bloco 1, a entrevista foi com o grupo 14 Bis, onde os quatro integrantes lembraram canções como *Pedra Menina*, de Flávio Venturini. No segundo bloco, o entrevistado foi Lô Borges que cantou *Paisagem da Janela*. O programa de 10 anos do *Terra de Minas* é encerrado com a banda Skank, com Samuel Rosa e amigos, falando sobre como é escrever e cantar Minas e a capital Belo Horizonte.

Do programa 01 ao número 497 foram exibidos conteúdos da Minas plural, mas também única na forma de ser mostrada, fotografada, contada e cantada, também televisionada e muito filmada. Captada em uma ótica de estética romântica, capaz de mostrar a Gerais bucólica e de identidade singular, de mineiro para mineiro.

Gráfico 11 – Categorias x números de reportagens – 10º ano



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 16 – Retranças de reportagens exibidas no 10º ano

ANO 10		
CATEGORIAS	RETRANCAS	QTD.
TURISMO & CIDADE	<ul style="list-style-type: none"> <li>ESCALADA DE MONTANHA EM CAETÉ</li> <li>HISTÓRIAS DA CIDADE DE PIRAPORA</li> <li>MINAS ESCONDIDAS DE OURO PRETO HISTÓRIAS DAS MINAS DE OURO PRETO</li> <li>VOLUNTÁRIOS QUE PREPARAM SOPÃO PARA MORADORES DE RUA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>REFORMA DA CASA DOS CONTOS, EM OURO PRETO</li> <li>MORADORES DE MACACOS TRANSFORMAM PLANTAS EM MEDICAMENTOS FITOTERÁPICOS</li> <li>AVENTURAS NA SERRA DE SÃO JOSÉ</li> <li>PEIRÓPOLIS, E FÓSSEIS DE DINOSSAUROS</li> </ul>
		28

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ESTUDANTES DESCOBREM OURO PRETO ATRAVÉS DOS SENTIDOS</li> <li>• PEIXES DOS RIOS DE MINAS GERAIS</li> <li>• PASSEIO DE TREM DE OURO PRETO À MARIANA</li> <li>• VISITA AO MUSEU DO CONHECIMENTO</li> <li>• AVENTURAS NO DISTRITO DE CASA BRANCA, EM BRUMADINHO</li> <li>• CIDADES QUE COMPÕEM O CIRCUITO DO VALE DO PARAOPÉBA</li> <li>• COMO VIVEM OS MORADORES DA SERRA DA MANTIQUEIRA</li> <li>• HISTÓRIA DOS JAPONESES QUE ESCOLHEREM BH PARA MORAR</li> <li>• CASARÕES ANTIGOS EM BELO HORIZONTE</li> <li>• CONSTRUÇÕES ENFEITADAS COM AZULEJOS</li> <li>• GRUPO DE VIZINHOS QUE PREPARA FESTA JUNINA NO BAIRRO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A ROTINA DOS ESCAVADORES DE FÓSSEIS EM PEIRÓPOLIS</li> <li>• AS IMAGENS QUE REPRESENTAM O ESTADO DE MINAS GERAIS</li> <li>• OBJETOS MINEIROS DECORANDO A CASA COR 2011</li> <li>• QUINTAIS SUSTENTÁVEIS</li> <li>• AS HISTÓRIAS DO VALE DO PIRANGA, NO INTERIOR DE MINAS GERAIS</li> <li>• CASARÃO EM SANTANA DOS MONTES, NO VALE DO PIRANGA</li> <li>• RECUPERAÇÃO DE FAZENDAS CENTENÁRIAS, NO VALE DO PIRANGA</li> <li>• ANIVERSÁRIO DE 300 ANOS DE VENDA NOVA</li> <li>• A HISTÓRIA DE PESSOAS QUE ESCOLHERAM VENDA NOVA PARA MORAR</li> </ul>	
RELIGIOSIDADE, TRADIÇÃO & FESTA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• LENDAS SOBRE AS MINAS DE OURO PRETO</li> <li>• PARTEIRAS DA CIDADE DE BALDÍM</li> <li>• PAPAÍ NOEL QUE SE EMOCIONA COM CARTAS DE CRIANÇAS</li> <li>• HISTÓRIA DE MORADORES DE BH QUE COMPÕEM A CORTE MONESCA DO CARNAVAL</li> <li>• PRAÇA DO BAIRRO DE SANTA TEREZA ABRIGA FOLIÕES NO CARNAVAL</li> <li>• PREPARATIVOS DE TRÊS ESCOLAS DE SAMBA DE BH PARA O CARNAVAL</li> <li>• A TRADIÇÃO DA NAMORADEIRAS</li> <li>• A FÉ DE SANTA LUZIA</li> <li>• COSTUMES DOS MORADORES DA SERRA DA MANTIQUEIRA, QUE FICA NO ALTO DAS MONTANHAS</li> <li>• A RELIGIOSIDADE E A FÉ DOS MORADORES DA SERRA DA MANTIQUEIRA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FAZENDAS QUE CONSERVAM OBJETOS ANTIGOS DOS TEMPOS DOS BARÕES</li> <li>• ORIGAMI E DANÇA JAPONESES</li> <li>• HISTÓRIAS DE CARREIROS E CANDEEIROS</li> <li>• A FESTA DO CARRO DE BOI</li> <li>• GRUPO DE VIZINHOS QUE PREPARA FESTA JUNINA</li> <li>• MORADORES DE BETIM QUE RESTAURAM A CAPELA DO ROSÁRIO</li> <li>• MORADORES DE LAPINHA, QUE PRESERVAM O JEITO PECULIAR DE CONVERSAR (DIALETO)</li> <li>• TÉCNICA ANTIGA PARA SE TOCAR O GADO: ABOIO, UM CANTO QUE ACALMA A BOIADA</li> <li>• A TRADICIONAL DANÇA DA CATIRA</li> <li>• A TRADIÇÃO DOS CADERNOS DE RECEITA CULINÁRIA</li> </ul>	20
ARTE & ARTESANATO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FABRICAÇÃO ARTESANAL DE TERÇOS, EM TIRADENTES</li> <li>• FAMÍLIA QUE BORDA COLCHAS</li> <li>• MULHER QUE SUPEROU A DOR BORDANDO</li> <li>• PAISAGENS DO RIO SÃO FRANCISCO QUE INSPIRARAM RONALDO FRAGA</li> <li>• BORDADEIRAS DE PIRAPORA SE ENCONTRAM COM RONALDO FRAGA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• MORADORES DE MINAS QUE VIRARAM FIGURANTES DE FILMES</li> <li>• FILMES RODADOS EM MINAS GERAIS</li> <li>• EXPOSIÇÃO COM OBRAS DA ARTISTA PLÁSTICA YARA TUPINAMBÁ</li> <li>• VISITA AO MUSEU DOS BRINQUEDOS, EM BELO HORIZONTE</li> <li>• OBRAS NO ANTIGO CINE BRASIL EM BELO HORIZONTE</li> </ul>	24

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• RADIONOVELA</li> <li>• TEATRO CASEIRO EM SÃO GONÇALO DO BAÇÃO</li> <li>• ROTINA DA ATRIZ DE TEATRO, WILMA HENRIQUES</li> <li>• ATRIZ WILMA HENRIQUES NO TEATRO</li> <li>• FACAS ARTESANAIS</li> <li>• ESCULTOR DE PEÇAS SACRAS</li> <li>• CORDELTECA DE SABARÁ</li> <li>• CIDADES MINEIRAS CENÁRIO DE FILMES</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• OBRAS DO PINTOR MINEIRO JOSÉ ASSUNÇÃO DE CARVALHO</li> <li>• ARTESÃOS DE LUMINÁRIAS, EM TIRADENTES</li> <li>• ARQUITETO ITALIANO RAFFAELLO BERTI</li> <li>• CINE OURO</li> <li>• AS MERCADORAS DA ARTE, GRUPO DE MULHERES QUE VIVEM DO ARTESANATO</li> <li>• ARTESANATOS DE TAQUARA, EM SABARÁ</li> </ul>	
CULINÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A ORIGEM DO NOME DOS DOCES</li> <li>• FAMÍLIA QUE TRABALHA NA FABRICAÇÃO DE DOCES</li> <li>• ESPECIARIAS E TEMPEROS QUE REALÇAM O SABOR DA COMIDA</li> <li>• FLOR DE ORA-PRO-NÓBIS</li> <li>• MULHERES: CONHECIMENTO NA COZINHA EM NEGÓCIO</li> <li>• ADAPTAÇÃO DAS RECEITAS DE ANTIGAMENTE PARA HOJE</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• MORADORA DE ESMERALDAS FAZ DOCES EM SUA FAZENDA PARA DOAR</li> <li>• OS FUTUROS CHEFS DE COZINHA</li> <li>• GRUPO DE SÃO JOÃO DEL REI PRESERVA A PRODUÇÃO DE DOCES ANTIGOS</li> <li>• RESULTADO DO CONCURSO MINHA RECEITA, MINHA HISTÓRIA</li> </ul>	10
MÚSICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CANTORA PAULA FERNANDES APRESENTA A NOVA TRILHA SONORA DO PROGRAMA</li> <li>• GRUPO DE ADOLESCENTES QUE ESTUDAM MÚSICA E FAZEM VIOLAS CAIPIRAS</li> <li>• FAMÍLIA QUE SE UNIU E FORMOU BANDA DE MÚSICA, EM ROÇAS NOVAS</li> <li>• CORAL LÍRICO DO PALÁCIO DAS ARTES</li> <li>• O SOM DE INSTRUMENTOS ANTIGOS, DA ÉPOCA DO BARROCO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• APRESENTAÇÃO DE BANDA DE MÚSICA EM CACHOEIRA DO CAMPO</li> <li>• <b>ESPECIAL MÚSICA – 10 ANOS</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ CANTOR JOÃO BOSCO</li> <li>○ CANTORES FERNANDO BRANT E TAVINHO MOURA</li> <li>○ BANDA TIANASTÁCIA</li> <li>○ CANTOR LÔ BORGES</li> <li>○ BANDA SKANK</li> <li>○ BANDA 14 BIS</li> </ul> </li> </ul>	12

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

## 5 ANÁLISE DE CONTEÚDO: TEMAS GERAIS

Buscamos, neste capítulo, identificar os elementos memorialísticos representados no programa *Terra de Minas* ao longo de 10 anos de exibição semanal. O que foi mostrado e que remete ao passado: as lembranças familiares, as histórias contadas e organizadas? A partir do instante em que a memória familiar passa a ser coletiva e ganha um arquivo oficial, ela vai além das gerações, afirma Candau (2021).

“Não se deve romper o fio da memória e, para isso, o registro em alta tecnologia da trajetória familiar é apresentado como suporte eterno” (CANDAU, 2021, p.139). Depois das

entrevistas gravadas, o programa conserva em mídia, suspiros, expressões, “causos” e fatos que poderiam se perder com o passar das gerações.

Mas antes de iniciarmos a parte empírica, fazendo um retrato mais detalhado das pautas e reportagens abordadas nos 10 primeiros anos do programa, vamos explicar qual a metodologia usada na pesquisa. Para desenvolver o trabalho optamos por recorrer à Análise de Conteúdo (AC), que é um conjunto de técnicas de análises que busca ultrapassar as incertezas coletadas e enriquecer a leitura dos dados. Bastante utilizada no estudo das comunicações, a Análise de Conteúdo, segundo Laurence Bardin, é uma metodologia que consiste em “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (2016, p. 15).

O método permite abordagens quantitativas e qualitativas com ampla aplicabilidade no estudo de produções da mídia, na definição de categorias de análise e na interpretação dos dados.

Na análise quantitativa, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a presença ou ausência de uma característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomada em consideração (BARDIN, 2016, p. 27).

As categorias de análise serão baseadas na forma e no conteúdo, levando em conta o uso das linguagens audiovisual e textual. Na forma: qualidade da imagem captada (locação, ângulo, iluminação, escolha do cenário) e do texto (fala dos personagens e texto do repórter, que valoriza as falas dos entrevistados), assim como dos elementos de áudio ambiente e *BG* (*background*). Em termos de conteúdo, foram levadas em conta categorias previamente estabelecidas a partir do relatório emitido pela TV Globo Minas. Definimos as categorias analisando personagens, costumes, ambientes, sotaques, receitas e expressões registradas. Por meio delas, a pesquisa buscará identificar como essa narrativa transmite e eterniza saberes de geração em geração.

Será analisada a primeira reportagem de um programa especial de cada uma das cinco categorias. Os programas especiais ao longo de 10 anos abordavam temas específicos com um assunto norteador. Exemplo de Especiais: Especial sobre a Inconfidência Mineira e Ouro Preto (4 programas), Congonhas, Diamantina, Tiradentes, Centenário de Drummond, Matrizes Históricas, Oscar Niemeyer, Congado Mineiro, Música em Minas, Tradição do Queijo, Natal em Minas, Comidas para Mulheres Grávidas e outros. Ainda podemos destacar os Concursos, que tiveram três edições: o primeiro foi um concurso de culinária do programa *Terra de Minas* (lançado em 09/11/2002); em 2004 foi lançado outro para escolher a imagem que melhor

identificava Minas Gerais (19/06/2004). E na efeméride de cinco anos do *Terra* foi realizado um concurso para escolher pratos que representavam Minas (2/11/2006). Não fizemos análise da categoria Concursos, já que foram realizados apenas três ao longo de dez anos.

Nos primeiros 10 anos do Terra ainda não havia o *streaming* da TV Globo, no caso, o *Globoplay*,<sup>30</sup> e os programas ficavam arquivados somente no departamento de documentação da emissora. Encontramos algumas reportagens especiais na internet, em plataformas como o *Youtube*, que foram gravadas por telespectadores e postadas na rede. Contamos também com o acervo pessoal da pesquisadora, que trabalhou como repórter nesse período do programa.

Mas o departamento de acervo da TV Globo cedeu à pesquisa um material muito rico: a primeira edição do *Terra de Minas*, exibida em 21/10/2001, o programa sobre arte e artesanato no Vale do Jequitinhonha e a edição especial de 10 anos do programa – sobre a música mineira. As reportagens foram disponibilizadas pela TV Globo, desde que não fossem exibidas em canais de vídeo, redes sociais ou qualquer outra plataforma. Elas deveriam servir apenas à pesquisa. Por isso, alguns frames de reportagens aqui no trabalho estão com o selo da Globo no centro da tela. Além dos vídeos, o Acervo Globo nos enviou um relatório com as retrancas e datas dos programas nos primeiros dez anos que foi de extrema importância para a realização deste trabalho.

A escolha do material a ser analisado levou em conta a disponibilidade de acesso. Na categoria Cidade e Turismo, analisamos o primeiro VT do programa especial sobre Ouro Preto. Essa reportagem está disponível no canal Fabrício Veloso, no Youtube. Na categoria Arte e Artesanato, analisamos a primeira reportagem do programa dedicado ao Vale do Jequitinhonha – todo o Especial foi disponibilizado pelo Acervo Globo. Na categoria Religiosidade, Tradição e Festa, a opção foi pela reportagem que abre o Especial de Congado Mineiro e faz parte do acervo pessoal da pesquisadora. Em Culinária, a escolha foi por uma matéria que apresenta o assunto comida para mulheres grávidas no interior de Minas, e está disponível no acervo da pesquisadora. Na categoria Música, analisaremos a primeira reportagem especial em comemoração aos dez anos do Terra. Foram dois programas sobre a musicalidade mineira e nomes que marcaram a nossa música. Esse material também é parte do Acervo Globo e foi cedido para a pesquisa.

Seguindo o que orienta Bardin (2016), a amostragem deve conter representatividade, com uma grande variação de dados para a análise, homogeneidade (o universo escolhido são os

---

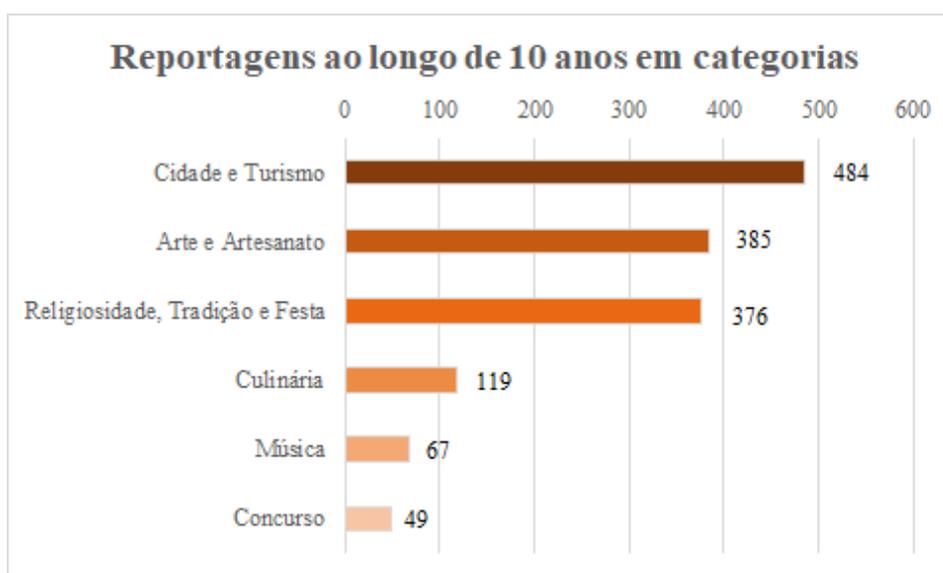
<sup>30</sup> Globoplay: é um serviço de *streaming* de vídeo oferecido pelo Grupo Globo. A programação da TV aberta pode ser acessada pelo *streaming*, logo após ser exibida.

10 anos de um mesmo programa semanal) e pertinência (documentos em consonância com os objetivos da pesquisa). As reportagens analisadas são do arquivo da TV Globo Minas e também do arquivo pessoal da pesquisadora.

### 5.1 NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS NA TELA

Após o levantamento dos dados, optou-se por responder à questão: os elementos memorialísticos são presentes na narrativa jornalística? E quais estratégias são utilizadas para garantir o caráter memorial do *Terra de Minas*? Ao longo do levantamento das categorias em dez anos do programa, foi possível fazer algumas análises quantitativas, tais como os temas mais abordados. Em todas as categorias verificou-se que há elementos relacionados à memória.

Gráfico 12 – Reportagens ao longo de 10 anos, em categorias.



Fonte: Elaborado pela autora.

O número de reportagens e programas relacionados à Cidade e Turismo é bem maior que as demais categorias. Ao todo foram 484 abordagens do assunto mais amplo, já que por meio dessa, era possível mostrar a história das cidades, as atrações turísticas, as belezas naturais de diferentes regiões, curiosidades sobre lugares e personagens, caminhos a serem percorridos ou simplesmente para serem mostrados e contemplados. Estavam nessa classe reportagens com abordagens apresentando as Minas Gerais para os mineiros, por meio da História oficial e também pelos causos contados por personagens comuns.

E a representação do passado é uma característica nas reportagens do programa, em todas as categorias. É como se o passado em Minas fosse um elo, representando a mineiridade

nas mais diferentes regiões e ou gerações. Campos e Mafra (2018) ressaltam que o *Terra de Minas* vai na contramão de uma leitura globalizada. Os pesquisadores observam que é evidente enxergar tentativas de resistência das identidades locais: “Assim como a identidade é responsável pelo sentimento de pertencimento do indivíduo a grupos e comunidades por meio de ideais, discursos, rituais ou práticas comuns, revisitar o passado de uma população é uma forma de reforçar esse sentimento” (CAMPOS; MAFRA, 2018, p. 199-200).

## 5.2 CIDADE E TURISMO

O mistério desvendado, o pôr do sol inimaginável um *causo* para ser ouvido ou uma lembrança para ser despertada. Trabalhar a curiosidade por trás da história ou de uma imagem são possibilidades que vêm sendo adotadas pela televisão. Arlindo Machado reforça essa constatação ao ir além sobre a TV e o encanto que proporciona: “dispositivo audiovisual através do qual uma civilização pode exprimir a seus contemporâneos os seus próprios anseios e dúvidas, as suas crenças e descrenças, as suas inquietações, as suas descobertas e os voos de sua imaginação” (MACHADO, 2000, p. 11).

A categoria que mostra a paisagem, conta a história e leva o telespectador a conhecer um recorte das Minas Gerais é a que mais aparece, com 484 reportagens em dez anos. Seria o estado que habita também nos folhetins turísticos: uma Minas de cores quentes, de sotaque forte, de uma influência colonial grande, de paisagens exuberantes e de tradição e apego à mineiridade. Uma Minas que está entre e passa pelas montanhas.

Já dizia Alceu Amoroso Lima (1983), “A montanha comunica realmente aos seus habitantes o bom hábito de viver sem pressa, de andar com lentidão. O homem da montanha, habituado a subir ladeiras, anda compassadamente, sabe que não pode impunemente correr, que deve poupar o coração e que tudo deve ser feito com calma” (LIMA, 1983, p. 45).

Com calma e mineiramente, a vida passa por Minas. Drummond eternizou essa tranquilidade em poesia: “Um homem vai devagar. Um cachorro vai devagar. Um burro vai devagar. Devagar... as janelas olham. Êta vida besta, meu Deus” (ANDRADE, 1944). Vida que, para Drummond, era sublime. O grande poeta era um mineiro simples, das montanhas e falava de Minas com propriedade. Como uma pessoa que sentia o minério na alma, dizia: “Itabira é só uma fotografia na parede, mas como dói”. O apressado à relíquia está presente na vida do mineiro, que soube mostrar sua terra sob diferentes aspectos, inclusive sob o ponto de vista da exploração desenfreada do minério na terra natal.

E observamos, pela análise, que o *Terra de Minas* é um programa que também tem uma estima pelo passado. Os ângulos reproduzidos nas reportagens eram captados e cuidadosamente editados a partir do olhar de profissionais que fazem com suas lentes e suas ilhas de edição uma leitura do mineiro e para o mineiro. Na categoria Cidade e Turismo eram feitas matérias com abordagens históricas, turísticas e com o intuito de enfatizar riquezas: sendo elas naturais, culturais ou econômicas. E essa herança abonada fazia referência ao passado, por meio de diferentes formas: pelos depoimentos, pelas imagens, pelos cenários.

Para a pesquisadora Fernanda Maurício Silva (2020), o programa usa referências ao passado para legitimar o modo de vida do presente. “O programa refere-se ao passado como um tempo onde se viviam as autênticas (e puras) relações sociais, ao contrário do presente, que é definido pela correria” (SILVA, 2020, p. 5).

Dentre as reportagens relacionadas na categoria Cidade e Turismo, vamos analisar a primeira matéria de um programa especial sobre Ouro Preto. Foi ao ar no dia 03/04/2004<sup>31</sup>, no terceiro ano do *Terra de Minas*. Na abertura do programa a apresentadora já informa que se trata de uma série e que a proposta era fazer uma volta ao passado.

Figura 25 – *Frame* da apresentadora na abertura do programa especial sobre Ouro Preto



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

O VT é iniciado com imagens abertas, mostrando a localização da antiga vila. “Entre as montanhas, uma cidade monumento” (TERRA..., 2004). Assim o repórter Emerson Penha

<sup>31</sup> VT Especial – Fundação de Ouro Preto. Disponível no canal: Fabrício Veloso <https://www.youtube.com/watch?v=dkGvampfEeSk&t=1116s>

começa a contar a história de Ouro Preto. Ao fundo, uma música clássica faz o *BG* para uma edição cadenciada. O repórter, às margens de um riacho, explica a origem do nome Ouro Preto, cidade aos pés do Pico do Itacolomi, uma referência em diferentes épocas.

Figura 26 – *Frames* da passagem do repórter Emerson Penha



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

A matéria evidencia uma Ouro Preto cinematográfica: as imagens abertas mostram a antiga Vila Rica enquadrada entre montanhas e destacam a arquitetura em ângulos artísticos, para encantar por meio de enquadramentos que buscam a beleza do lugar, enfatizando um olhar seletivo. Uma seleção feita pela pauta, pela direção de fotografia e pela edição. A Ouro Preto vista é uma Vila Rica, de contornos evidenciados à contraluz, capazes de destacar ainda mais nuances delicadas. A ladeira de casario agrupado é um convite ao turismo. Não há letreiros comerciais, não há lixo na rua e nem pessoas. Na tela vê-se um passado limpo na fotografia.

Figura 27 – *Frames* externos de Ouro Preto



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

A narrativa do repórter é fiel à História oficial contada nos livros. Em uma cidade de um passado escravocrata, não se vê e nem se fala de resquícios deixados pelos negros, responsáveis por erguer toda a suntuosidade daquela que chegou a ser a capital da província de Minas Gerais. “Durante a primeira metade do século XVIII, o desenvolvimento da Província e a riqueza gerada para a Coroa tornaram sua capital Vila Rica (atual Ouro Preto) um dos maiores centros populacionais do interior do território” (SOBREIRA, 2014, p. 55).

Todos os entrevistados estão em cenários que ajudam a corroborar as riquezas do lugar. São bem enquadrados em locais que têm muito a dizer sobre o que falam e contam. Lugares construídos por pessoas escravizadas (como sabemos, todas negras, trazidas do continente africano), pedra sobre pedra. Só que não há negros na reportagem.

Figura 28 – *Frames* dos entrevistados da reportagem especial sobre Ouro Preto



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

A menção à escravidão é feita quando o narrador, sem se aprofundar na questão, conta que em um período houve suicídio de escravizados. E, em seguida, fala de uma lenda: “A corrida do ouro também gerou lendas. Uma delas, a de Chico Rei”, diz o repórter Emerson Penha. Sobre esse passado lendário, é uma dona de casa quem conta *causos* sobre Chico Rei e mostra a mina por onde era extraído o ouro. E a reportagem segue, falando da cobrança dos impostos.

Figura 29 – *Frames* de casarões em Ouro Preto



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

Uma Ouro Preto rica em histórias e em belezas arquitetônicas. Esse foi o recorte adotado e exibido no primeiro VT do programa Especial do *Terra de Minas* sobre a cidade. Uma abordagem que privilegiou a estética, a imagem de cinema, *takes* com enquadramento de folhetim e que nos levaram a rememorar a Vila Rica de encantos e lendas. Uma memória que faz uma extensão dos livros da História oficial.

Ainda na mesma edição do Especial foram exibidas outras duas reportagens: uma sobre o movimento da Inconfidência Mineira e outra específica relacionada à arquitetura da cidade patrimônio mundial.

Quadro 17 – Decupagem – *Terra de Minas* – Especial Ouro Preto

<b>Imagens: Francisco Peixoto</b>	<b>Reportagem: Emerson Penha</b>
<p><b>Edição: Soraia Vasconcelos e Elias Cacharrel</b></p> <p>Plano americano, com vista panorâmica da cidade.</p>	<p><b>(Cabeça - Juliana Perdigão)</b></p> <p>Quatro programas sobre Ouro Preto. Em abril, mês da Inconfidência, nós vamos contar a história, mostrar o conjunto arquitetônico, a vida na cidade patrimônio histórico mundial. Você vai conhecer os artistas, os artesãos, os moradores de Ouro Preto. E hoje, no primeiro programa da série, o <i>Terra de Minas</i> volta ao passado para contar como essa história começou.</p>
<p>Tomadas aéreas da cidade.</p>	<p><b>(OFF)</b></p> <p>Entre as montanhas, uma cidade monumento. O casario colonial reconta, no olhar, boa história parte da História do Brasil.</p>
<p>Repórter agachado, à beira de um córrego. <i>Take</i> em plano médio e aberto.</p>	<p><b>(PASSAGEM – repórter Emerson Penha)</b></p> <p>Dizem que no século XVII, quando os bandeirantes andavam por esta região à procura de riquezas, um mulato que viajava com o grupo deles encontrou em um córrego umas pedras meio escurecidas, mas que brilhavam com a luz do sol.</p>
<p>Percurso da água do córrego; capela e o Pico do Itacolomi.</p>	<p><b>(OFF)</b></p> <p>A descoberta atraiu gente de toda parte e deu nome ao vilarejo que começou a se formar: Arraial do Ouro Preto. Dias, meses de viagem, a pé, ou a cavalo, e o caminho chegava a este morro de onde se avista o Pico do Itacolomi. Sinal de que o lugar era esse. Uma referência desde a passagem dos primeiros viajantes.</p>
<p>Sentado em frente a uma capela.</p>	<p><b>(SONORA - historiador Rafael de Freitas)</b></p> <p>Deixaram relatos que no córrego que passava aos pés do Pico do Itacolomi haviam encontrado ouro. Ouro preto. Um ouro coberto de uma camada de óxido de ferro. E retirando essa camada o ouro tinha um ouro de excelente qualidade.</p>

	E foi aos pés do Pico do Itacolomi.
A cidade, capelas e igrejas; há também <i>takes</i> em uma cruz de uma igreja.	<b>(OFF)</b> O vilarejo surgiu com a bandeira de Antônio Dias. Os bandeirantes chegaram no dia de São João e uma capela foi erguida em homenagem ao Santo. Muito simples, ao contrário das Igrejas que seriam construídas depois. Começou assim a história que se confunde com a do país que nasceu.
Sentada em frente a uma capela. Usa-se <i>takes</i> da cidade para cobrir a fala da entrevistada.	<b>(SONORA - professora de urbanismo Fernanda Borges)</b> Imediatamente a Coroa se preocupa em demarcar essas terras, né, em denominadas datas, para organizar a exploração do ouro. Formam-se então pequenos arraiais, pequenos agrupamentos humanos e imediatamente se localizam junto a região de Lavras que se articulava formando a Vila.
Tomadas da cidade.	<b>(OFF)</b> Vila Rica surgiu em 1711 e cresceu de forma assustadora. Estima-se que chegou a ter mais de 100 mil habitantes na metade do século XVIII.
Sentada em frente a capela com enquadramento em plano médio. Usam-se também tomadas da cidade para cobrir a fala da entrevistada.	<b>(SONORA - professora de urbanismo Fernanda Borges)</b> Minas nasce urbana. Ela nasce de um intenso processo de urbanização com a vinda de milhares de pessoas aqui atrás do ouro. O rancho do ouro gera uma urbanização que não se viu no século XVIII no novo mundo. Minas é uma referência inclusive na cartografia mundial do século XVIII, XIX. Aparece Ouro Preto, Vila Rica já nos mapas produzidos não só pelos portugueses, né, mas pelos alemães.
Tomadas da cidade tanto em plano aberto quanto em fechado	<b>(OFF)</b> No início as construções eram muito simples. Casas de pau-a-pique e pedra. Em quase todas havia um só cômodo com pouco espaço e quase nenhuma comida.
Sentada em frente à capela com enquadramento em plano médio.	<b>(SONORA - professora de urbanismo, Fernanda Borges)</b> Por volta de 1698, 99, acontece uma grande fome na região porque as pessoas vieram atrás do ouro, mas elas tinham que cultivar e era muita gente, não havia alimento para todo mundo. Há relatos inclusive de que cérebro de macaco era uma iguaria; que se comia formigas.
Mais tomadas da cidade tanto em plano aberto quanto em plano fechado. Usa-se também <i>take</i> fechado em um documento.	<b>(OFF)</b> A aglomeração de pessoas, a ganância, os conflitos entre as classes sociais geraram muitos crimes. Nos processos antigos, chamados de devassas, há casos dramáticos, como o suicídio de escravos.

<p>Sentada com os braços sob a mesa mexendo nos documentos. <i>Take</i> aberto.</p>	<p><b>(SONORA - pesquisadora do Museu Inconfidência, Carmen Lemos)</b>  Duas devassas, dois suicídios, extremamente violentos, todos os dois por repreensão do próprio senhor. Uma das testemunhas são até taxativas em falar que ele ficou muito apaixonado de ter sido repreendido. Ele cometeu o suicídio porque ele roubou uma abóbora no quintal do senhor.</p>
<p>Imagens da parte interna de uma Igreja</p>	<p><b>(OFF)</b>  E processos curiosos como o roubo do brinco de uma imagem.</p>
<p>Sentada – <i>take</i> fechado.</p>	<p><b>(SONORA - pesquisadora Museu Inconfidência, Carmen Lemos)</b>  Foi feito um auto de corpo de delito na Santa que vai falar das arranhaduras na orelha dela. E a grande acusada vai ser uma mulher que se chamava Rita e que na fala das testemunhas, ela o tempo inteiro vai sendo qualificada como doida e muito louca. Ela fez isto porque o padre pediu que ela desse o brinco dela, grande, para a Santa. Que ele, padre, daria a ela um brinco menor. Ela simplesmente deu o brinco dela e não ganhou o brinco menor. Isso é o relato de uma testemunha.</p>
<p>Imagens dos túneis de uma mina de mineração de ouro. Usa-se também a imagem do Chico Rei.</p>	<p><b>(OFF)</b>  A corrida do ouro também gerou lendas. Uma delas, a de Chico Rei.</p>
<p>Em pé dentro de uma mina de ouro – enquadramento médio.</p>	<p><b>(SONORA - dona de casa Maria Bárbara de Lima)</b>  Aqui, trabalhou um rei Africano que o nome dele lá na África é Calangamozinga, que lá é um nome tribal e aqui no Brasil, como ele foi batizado por Francisco, veio o apelido Chico Rei.</p>
<p>Imagens de Maria Bárbara de Lima andando pelos túneis da mina de ouro.</p>	<p><b>(OFF)</b>  A mina, que seria de Chico Rei, seria descoberta no quintal de Dona Mariazinha, que com 88 anos caminha com desenvoltura pelos quase 2 km de túnel. E de tanto guiar turistas fala quase como historiadora.</p>
<p>Entrevistada em pé tocando nos veios de quartzo presentes na parede da mina - <i>take</i> fechado.</p>	<p><b>(SONORA - dona de casa Maria Bárbara de Lima)</b>  Um veio de quartzo. Era o veio mais rico em ouro. Ouro em pó. De 23 a 24 quilates e paladiado. O paládio é um produto que tem nas terras de Ouro Preto que escurece o ouro.</p>
<p>Imagens da parte interna da mina – <i>take</i> fechado no chamado “bucho”.</p>	<p><b>(OFF)</b>  Os homens que trabalhavam aqui nunca viam a luz do dia. Entravam de madrugada e saíam à noite. Guardavam o produto das extrações nesses buracos chamados “buchos”.</p>

Entrevistada em pé tocando na parede da mina – enquadramento em plano fechado.	<b>(SONORA - dona de casa Maria Bárbara de Lima)</b> Cada negro tinha seu “bicho” sobre um código do dono da mina. Só ele sabia quem pertencia os “buchos”. Se o negro errasse ao colocar os minerais, aí à noite ele era castigado. Ele dormia enrolado em correntes com gargalheiras no pulso e nos tornozelos.
O repórter caminha agachado pela mina escura. Usam-se também imagens internas da mina enquanto segue o <i>off</i> do repórter.	<b>(OFF)</b> Imagina como ficavam as pessoas que trabalhavam aqui todos os dias. Vila Rica, no auge do ciclo do ouro, teve cerca de 2.200 minas. Tanta riqueza fez com que a metrópole disciplinasse a cobrança dos tributos.
Entrevistada sentada com enquadramento em plano médio.	<b>(SONORA - historiadora Guiomar de Grammont)</b> O fisco era o que mais interessava, era o que mais importava para o governo português. Como fiscalizar bem? Então, por exemplo, as entradas e saídas dessa região bastante controladas. Havia taxas para tudo.
Imagens da cidade dando foco na sacada de um casarão.	<b>(OFF)</b> Parte dessa história está guardada na casa dos contos.
Entrevistado sentado sob o pé de uma escada na parte interna da Casa do Conto. Usa-se também imagens da parte interna da Casa.	<b>(SONORA - historiador Rafael de Freitas)</b> Essa casa era do conto redator de impostos reais, João Rodrigues de Macedo. É uma construção de 1782 até 1784. O que é impressionante nela é essa rapidez da construção.
Imagens internas da Casa.	<b>(OFF)</b> Rápida porque o contratador tinha muito dinheiro. Ele era responsável pela arrecadação dos impostos.
Entrevista em pé – <i>take</i> fechado.	<b>(SONORA - diretor do Museu Inconfidência Rui Mourão)</b> O João Rodrigues era um banqueiro. Ele arrematava a cobrança dos impostos. Portugal não cobrava diretamente, deixava isso a cargo de uma pessoa que ganhasse a licitação, vamos dizer; a concorrência para a cobrança disso. Então, ele alegava sempre que precisava de três, quatro anos, para cobrar um ano porque era muito problemática essa cobrança. Com isso, ele foi acumulando um capital fora do comum. Ele tinha mais dinheiro que o país todo. Essa que é a verdade. Ele devia a Portugal mais do que o país.
Imagens do prédio tanto na parte de fora quanto na parte interna. Usa-se também imagens dos documentos. <i>Take</i> fechado em parte específicas da Casa.	<b>(OFF)</b> Até hoje o prédio, majestoso, pertence ao Ministério da Fazenda e guarda 3 milhões de documentos em microfilme e em papel. Um dos maiores arquivos sobre o período colonial do país. A truculência na cobrança provocou revoltas, como a de Felipe dos Santos.

Entrevistada sentada com enquadramento em plano médio.	<b>(SONORA - historiadora Guiomar de Grammont)</b> Esses personagens desceram a Vila né, teriam descido a Vila e tentado se rebelar numa espécie de manifestação pública contra o governo português. E foram duramente massacrados. Inclusive, o Felipe dos Santos é amarrado em um cavalo, o corpo dele, né, é arrastado pela cidade.
<i>Take</i> fechando em uma bandeira dentro da Casa. Usa-se também um plano fechado em uma estátua.	<b>(OFF)</b> Mas, o mais conhecido dos levantes de Vila Rica ainda estava por acontecer.
<b>Sobe som</b>	<b>Sobe som com imagens gerais</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

### 5.3 ARTE E ARTESANATO

O segundo tema mais abordado no programa está na categoria Arte e Artesanato. Foram 385 matérias mostrando o artesanato variado pelo estado, em diferentes regiões, e reportagens sobre literatura e artes plásticas. E o que percebemos, analisando as retrancas da produção, é que a religiosidade católica estava muito presente nessa categoria, sendo um norteador. Como nos lembra Alceu Amoroso Lima: “Houve, no século XVIII, um surto artístico em Minas, que nos deu igrejas coloniais, as esculturas do ciclo do Aleijadinho, os quadros do ciclo do Ataíde e os poemas arcádicos. A religião foi o centro inspirador desses primórdios artísticos” (LIMA, 1983, p. 81).

Um artesanato que tem referências na religião, mas também na natureza, na culinária e na simplicidade mineira tão explorada no *Terra de Minas*. Pudemos observar por meio das retrancas, que a influência regional também afetaria no jeito de fazer arte e artesanato no estado e, conseqüentemente, isso se refletiu nas escolhas das pautas abordadas.

Analisando o relatório de retrancas emitido pelo Acervo Globo, viajamos pela diversidade de cada canto das Gerais. No programa 01 pudemos ver uma reportagem sobre os artesãos de Cachoeira do Brumado, onde são feitas painéis de pedra, uma tradição no entorno de Ouro Preto. Já no Vale do Jequitinhonha, as paneleiras usam o barro como matéria prima. Assim, o *Terra de Minas* seguia explorando o artesanato regional: as bonecas de palha de milho no Triângulo, as bordadeiras da capital, os teares no Alto Paranaíba, a arte em cobre nas Vertentes ou as peças de vidro soprado no sul de Minas.

Minas em detalhes simples, esculpida em pedras, na madeira, ou a Minas gigante, de *Grande Sertão: Veredas*, tudo isso pode ser visto na categoria Arte e Artesanato. O programa

mostrou, no dia 20/05/2006, “Os Cenários do Livro Grande Sertão: Veredas”, “Viagem pelos Sertões” e “Lugares por onde passou Guimarães Rosa”. O centenário de Carlos Drummond de Andrade foi lembrado em uma reportagem que mostrava a generosidade do poeta de Itabira, em particular quando Drummond incentivou uma outra mineira a começar na poesia. À equipe do *Terra de Minas*, Adélia Prado contou que começou a fazer poesias incentivada pelo grande mestre Drummond, com quem se correspondia.

Figura 30 – *Frame* da entrevista de Adélia Prado.



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

“Foi um encontro assim, definitivo pra mim. Foi um marco. Eu falei, mas é isso aqui que eu quero. Eu só quero isso. Eu fiquei encantada com a beleza daquele verso longo, aquele ritmo, aquela coisa. Eu falei, é isso que eu quero. Eu gostaria de escrever assim”, diz a poeta (TERRA..., 2002). Revelações de uma escritora que retoma o passado para falar do agora.

Seja no artesanato, nas artes plásticas ou na literatura, a Minas de Guimarães Rosa, de Adélia Prado é também de Afonso Romano de Santana, de Carlos Bracher, Aleijadinho, do Zé Santeiro e da dona Isabel paneleira de Itinga. Vimos por meio da seleção feita pelo *Terra de Minas* uma variedade de assuntos dentro dessa categoria, com predomínio de pautas que mostravam artesãos e suas obras nos mais diferentes rincões.

Optamos por analisar a matéria que abriu o programa especial sobre o vale do Jequitinhonha, em 27/09/2006. A reportagem de Juliana Perdigão começa localizando o vale, que segundo a repórter é cercado por montanhas. O rio passa por mais de 800 quilômetros, atravessando cidades. E esse é o cenário escolhido para contar a história e mostrar o ofício de artesãos que vivem do barro retirado do Jequitinhonha.

As imagens abertas dão a dimensão do lugar. São *takes* cuidadosamente captados, explorando a posição do sol e a característica do bioma, com presença forte de cerrado e da

caatinga, em Minas. “Em tempos de estiagem, a terra é castigada pelo sol forte”, diz a repórter. (TERRA..., 2006). O texto da apresentação do vale é curto. A edição trabalha e explora a força da imagem, usando *takes* panorâmicos longos, com movimentos lentos, contraluz de sol na paisagem ou em detalhes.

Figura 31 – *Frames* da abertura da reportagem: artesanato no Vale do Jequitinhonha



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

Esse foi o cenário escolhido para a passagem da repórter. Ela gravou a participação do início da reportagem em um leito de riacho seco, enfatizando a terra de contrastes. Onde há a abundância da água do Jequitinhonha e a aridez de pequenos afluentes.

Figura 32 – *Frame* da abertura da repórter no Vale do Jequitinhonha.



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

A partir deste momento da narrativa são inseridos os personagens: Lira Marques Borges e as máscaras. “Tem peças que às vezes eu dou o nome e às vezes não tem nome, mas qualquer um que olha vê que é uma peça que tá dizendo alguma coisa. Que mostra a luta, a opressão e o povo que sofre, né?” (LIRA, 2006).

Figura 33 – *Frames* de Lira Marques Borges e as máscaras de barro



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

Com a mesma argila, Ulisses Mendes faz personagens que fazem parte da sua vida: o tropeiro da caatinga, o retirante, o violeiro, as lavadeiras.

Figuras 34 – *Frames* de Ulisses Mendes e os personagens



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

As paneleiras fazem as peças e vendem à beira da rodovia que corta a região. A matéria segue o curso da estrada e mostra que a oficina é a céu aberto, um lugar que dona Maria Helena conhece bem. Ela trabalha sentada ao chão, de pés descalços. Mas a reportagem busca uma angulação poética e nada aborda sobre as condições de vida daquelas pessoas do Vale.

Figura 35 – *Frames* da Maria Helena e as panelas de barro

Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

A viagem continua para outra cidade em busca de histórias contadas a partir das experiências de vida de quem vive e tira do barro e da argila o sustento do dia a dia.

Figura 36 – *Frames* externos do Vale do Jequitinhonha

Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

O ofício do artesanato é passado para as gerações. Filhos e netos da dona Isabel trabalham com a artesã, que é uma das mais afamadas da região.

Figura 37 – *Frames* da d. Isabel Mendes da Cunha e peças de artesanato



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

E a reportagem é encerrada com um pôr do sol. Uma imagem bem representativa de um vale e suas belezas.

Figura 38 – *Frame* do último *take* da reportagem



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

Mesmo em terras áridas, em uma região de pobreza extrema, o que se mostra no programa é a beleza e a poesia do sertão. Esse é o recorte escolhido pela edição.

Quadro 18 – Decupagem – *Terra de Minas* – Artesanato no Vale do Jequitinhonha

<b>Imagens: Francisco Peixoto</b>	<b>Reportagem: Juliana Perdigão</b>
<p><b>Edição: Soraia Vasconcelos e Elias Cacharrel</b></p> <p>Imagens Vale, Rio Jequitinhonha. Canoeiro no rio. Terra árida, vegetação de cerrado.</p>	<p><b>(OFF)</b></p> <p>No alto da serra, a paisagem nos indica a essência deste lugar. Para ver a beleza do Vale é preciso observar as cenas de um dia comum. A travessia do rio, a volta pra casa. Tudo pode formar cenários. As montanhas cercam quase todos os caminhos. O rio Jequitinhonha nasce perto de Diamantina. Abre passagem por mais de 800 km e atravessa dezenas de cidades do Vale. Mas este é também um sertão de contraste. Em tempos de estiagem a terra é castigada pelo sol forte. E a falta de chuva deixa marcas nas plantações. E as plantas que conseguem resistir desenham a vegetação que mais identifica a região: o cerrado.</p>
<p>Repórter no leito de um rio seco, entre pedras e um caminho de areia e terra seca.</p>	<p><b>(PASSAGEM – repórter, Juliana Perdigão)</b></p> <p>É comum encontrar aqui caminhos abertos por ribeirões totalmente sem água. Como este aqui em Berilo. O solo desta região enfrenta longos períodos de seca. Ainda assim, muitos moradores conseguem encontrar nele a matéria-prima para que a arte no Vale ajude no sustento de muita gente.</p>
<p>Artesão na oficina, entre peças e matéria prima.</p>	<p><b>(OFF)</b></p> <p>As jazidas de barros estão por toda parte. Em Araçuaí as mãos dessa artesã criam expressões na argila. Nas máscaras, Lira mostra influência africana na cultura dessa região.</p>
<p>Personagem sentada entre as peças prontas.</p>	<p><b>(SONORA – artesã, Lira Marques Borges)</b></p> <p>Tem peças que às vezes eu dou o nome e às vezes não tem nome, mas qualquer um que olha vê que é uma peça que tá dizendo alguma coisa. Que mostra a luta, a opressão e o povo que sofre, né?</p>
<p>Personagem em campo. <i>Take</i> aberto e com as mãos na argila.</p>	<p><b>(OFF)</b></p> <p>Ulisses encontra o que precisa perto de casa, em Itinga. Barro de boa qualidade e resistente. No Vale, esta é uma riqueza que parece não ter fim.</p>
<p>Ele mexendo na argila, enquanto fala.</p>	<p><b>(SONORA – artesão, Ulisses Mendes)</b></p> <p>Há argilas que têm uma procedência pra fazer peças maiores e menores. Há procedência também de cores. A gente pode extrair da argila o extrato para poder fazer pintura vermelha, branca, colorir as peças pra poder ficar bem bonita. Então essa argila aqui, pra nós, representa o ouro. O ouro bege na nossa região.</p>
<p>Personagem na oficina, em uma área externa da casa.</p>	<p><b>(OFF)</b></p> <p>Na oficina, a argila rapidamente ganha uma forma: boca, nariz, um olhar. Ulisses cria o rosto de um homem cansado</p>

	do trabalho sob o sol. Ele sempre retrata o que vê e mostra os personagens do barro.
Personagem entre as peças. Ele vai mostrando cada uma.	<b>(SONORA – volta Ulisses)</b> O tropeiro de cantiga é um dos personagens mais característicos do Vale do Jequitinhonha. Essa daqui mesmo é uma peça real, uma personagem real. Todo dia eu chegava lá e ela ‘tava’ em cima do fogão. Aí eu perguntava ela: o que que você tem? Ela falou assim. Eu não tenho nada amanhã. Não sei. Eu tô preocupada com o dia de amanhã.
<i>Takes</i> das peças citada no <i>off</i> .	<b>(OFF)</b> Assim surgiram o caçador, o retirante, as lavadeiras. Personagens que ele encontra na pequena Itinga e por todo o Vale do Jequitinhonha.
Repórter à beira da rodovia, mostrando a feira de artesanato de panelas.	<b>(PASSAGEM, Juliana Perdigão)</b> O trabalho com as cerâmicas no Vale do Jequitinhonha começou com as paneleiras. As mulheres antigamente usavam argila e produziam seus próprios utensílios domésticos. Perto de Itinga, às margens da estrada. Uma feira de artesãos mostra que as panelas de barro ainda fazem parte da história do vale.
<i>Takes</i> dos potes e panelas expostos na feira. <i>Takes</i> da parte externa das casas, onde são feitas as peças.	<b>(OFF)</b> Panelas de todos os tamanhos. Potes, moringas. Tudo é feito nas casas, ao lado da feira. É trabalho de mutirão. Peneirar o barro, amassar e moldar. As paneleiras de hoje aprendem com dona Maria Helena, que criou os filhos nessa função.
Personagem sentada no chão, com a argila nas mãos. Ela fala enquanto trabalha.	<b>(SONORA – artesã, Maria Helena Monteiro)</b> A gente tirava com a enxada. ‘Cavacava’ assim, assim. Aí pegava, colocava o barro num saco. Aí colocava, pegava outra pessoa, me ajudava a pôr na cabeça e eu vinha com o saco cheio de barro na cabeça. E era assim. Depois que eu tava com as vasilhas prontas eu enchia outra cesta de panela e levava de novo pra vender. É, a vida foi dura, viu.
Transição <i>Takes</i> de estrada e cenas da cidade. Personagem na varanda de casa, oficina.	<b>(OFF)</b> Em Santana do Araçuaí, encontramos uma das ceramistas mais famosas do Vale. Filha de paneleira, dona Isabel deixa a imaginação da infância dar vida ao barro.
Personagem ao lado de uma boneca pronta.	<b>(SONORA – artesã, Isabel Mendes da Cunha)</b> Eu fazia aquela ideia. Eu pensava, assim que a minha mãe faz outras peças, eu vou fazer uma bonequinha pra mim brincar.
<i>Takes</i> de peças prontas. Bonecas expostas.	<b>(OFF)</b> As bonecas não retratam a realidade da pobreza. São

Uma sala onde ficam expostas as peças.	mulheres vestidas para uma festa. Penteados, maquiagem. Noivas impecáveis. Uma de suas criações já foi premiada pela Unesco. Dona Isabel concorreu com noventa obras de dezesseis países da América Latina e ganhou em primeiro lugar.
Oficina, aberta. <i>Take</i> começa na repórter e vai para as mãos da d. Isabel.	<b>(PASSAGEM – Juliana Perdigão)</b> Hoje as bonecas de dona Isabel vão para bem longe daqui. Ela vende para os EUA e para vários países da Europa. Mas mesmo com todo esse reconhecimento e com tantos anos de experiência, ela não mudou nada na forma de fazer. Em todas as etapas não existem equipamentos. Só a habilidade das mãos.
<i>Takes</i> fechados, das mãos manipulando o barro Forno e barro colorido.	<b>(OFF)</b> Em poucos minutos um pedaço de argila vira a base da boneca. O forno de barro também é feito por ela. Daqui a boneca sai pronta. As cores do vestido, da pele, tudo veio do barro.
Repórter ao lado da personagem.	<b>(ENTREVISTA)</b> Para a dona Isabel saber a cor de cada barro, ela testa os pedacinhos e queima, né? Leva ao forno. Como que é, dona Isabel?
Personagem fala e mostra os tipos de argila.	<b>(SONORA - Dona Isabel responde)</b> Esse amarelo, é esse aqui. Ficou vermelho. Depois de ir ao forno. E esse aqui, é esse aqui (mostra). Ficou a mesma cor. Agora, se misturar esse vermelho aqui, fica rosa.
Oficina aberta. <i>Takes</i> fechados. Outra oficina, onde trabalham os filhos.	<b>(OFF)</b> Oitenta e um anos. Mais de sessenta dedicados ao barro. O método artesanal foi passado para uma geração de artistas do Vale. Os filhos da dona Isabel também vivem dessa arte e ela faz questão de sempre ensinar.
Personagem sentado, manipulando a peça. Dona Isabel ao lado.	<b>(SONORA - filho da dona Isabel)</b> Ela fica aqui olhando e fala. Essa boca tá meio torta, essa orelha tem que ser assim. Ela fica pondo defeito nas coisa da gente. (rsrs) <b>(Dona Isabel)</b> Quando eu vejo que eles estão trabalhando e pegando encomenda eu fico satisfeita como se fosse comigo.
Imagens da personagem pintando as peças. Loja ou show room.	<b>(OFF)</b> Glória foi a primeira filha a aprender a técnica. A artista segue o ensinamento da mãe, em pequenos detalhes. Nessa peça, até os grãos de feijão recebem tinta natural. Carvão misturado à argila.

Personagem ao lado das peças maiores.	<b>(SONORA – artesã, Glória Maria Andrade)</b> A gente bota no forno p queimar. E fica doido para amanhecer o dia pra ver o que aconteceu. Se a peça ficou perfeita e tudo. E quando dá tudo certo, nossa! É uma alegria!
Diferentes peças e detalhes das obras.	<b>(OFF)</b> As peças que ela faz, também já são conhecidas fora do Brasil e levam a história da vida no Vale.
Personagem ao lado de uma boneca de vestido florido.	<b>(SONORA – artesã, Glória Maria Andrade)</b> Naquela época que mãe comprava roupa pra ela, sempre comprava pra gente também e fazia aqueles vestidinhos de babado. E ela fazia com lacinho na saia, lacinho no cabelo. Acho que tá bonito. Isso é um pouco da nossa história.
Takes em movimento em estrada. Rio Jequitinhonha. Pôr do sol, imagem em tom quente.	<b>(OFF)</b> Deixamos Santana do Araçuaí e seguimos viagem. No caminho, uma paradinha para admirar o fim de tarde no Rio Jequitinhonha. Quando o sol se põe, o tom da argila se espalha e toma conta do Vale.

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 5.4 RELIGIOSIDADE, TRADIÇÃO E FESTA

Em Religiosidade, Tradição e Festa foram 376 reportagens nas mais diversas regiões de Minas. De festas e quermesses a lendas e folclores pagãos, passando pela fé dos mineiros. Tudo isso foi uma forma de retratar costumes que são baseados nas nossas origens mineiras e rurais. França (1998) destaca a religiosidade dos mineiros: “As numerosas festas, cheias de pompa e exibicionismo, contavam com a participação de toda sociedade – uma participação ritualizada e hierarquizada, ricos, pobres, escravos e até índios” (FRANÇA, 1998, p. 78).

E os rituais festivos de séculos passados estão na memória e transcendem o tempo. São contados, cantados e refeitos de acordo com o que dizem os mais antigos. Tradições passadas de geração em geração e mantidas. É o que o filósofo Maurice Halbwachs chama de “laço vivo das gerações”. Na verdade, ele se refere ao conjunto de lembranças que os membros de uma família compartilham entre si e que podem ser apropriados em uma reportagem, por meio de uma entrevista de um uma pessoa da família a compartilhar um caso ou uma situação.

Nessa categoria, a viagem pelo interior do estado foi importante para mostrar a diversidade de tradições, de norte a sul e de leste a oeste. Da Catira, no Triângulo, do Congado no centro-oeste, passando pelas vaquejadas no norte de Minas, as festas e as tradições são também uma forma de delimitar espaço, de mostrar uma identidade regional. Daí, é importante

deixar registrado o que bem disse França (1998): “A diversidade de Minas e a pluralidade de suas sub-regiões criam também a necessidade de coesão, e a mineiridade exerce igualmente a função de unificação” (FRANÇA, 1998, p. 92).

Mesmo que o programa não tenha o compromisso com a fidelidade da pesquisa acadêmica, ele tem um papel importante na captação de histórias. “Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época!” (BOSI, 2018, p. 16-17).

As reportagens exibem testemunhos não oficiais, mas impregnados de significações, referências e representações. No dia 22/10/2005 foi ao ar um programa especial com o enfoque religioso, carregado de tradições e retratando uma festa religiosa pagã, o congado<sup>32</sup>, com muito sincretismo e tipicamente mineira, nas regiões central, do Triângulo, sul e norte de Minas –.

Foram ao ar três reportagens sobre a festa de cores, símbolos e fé. Uma tradição que é mantida por diferentes famílias, a maioria descendentes de africanos. É o que o antropólogo Joel Candau (2021) diz ser um passado atualizado no presente. “Aquilo que denominamos como tradição própria a um grupo é a combinação entre transmissão protomemorial e memorial que interage uma sobre a outra fazendo, por exemplo, da tradição religiosa um sistema organizado de pensamentos e gestos” (CANDAU, 2021, p. 121).

Seria “uma memória imperceptível” (2021), por isso cheia de sentidos para os mineiros que a vivem, cantam e dançam em homenagem aos santos de devoção, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Edwiges. O programa sobre o congado levado ao ar tem personagens que contam histórias, relembram fatos e mostram por meio de “objetos biográficos” (BOSI, 2018) a sensação de continuidade.

Optamos por analisar a primeira reportagem desse programa temático sobre o Congado mineiro por entender que na categoria Religiosidade, Tradição e Festas ela dialoga com as três definições da categoria em questão, já que o congado é uma festa cheia de sincretismo religioso, é também uma tradição típica do interior do estado e também promove uma grande festa nas datas comemorativas, entre maio e outubro.

O que pudemos observar de uma maneira geral foi o uso de elementos visuais que remetem ao passado por meio das imagens em tons quentes: seja no pôr do sol, na fogueira ou na roda de tambores. As referências ao passado estão também nos cenários de captação de

---

<sup>32</sup> VT 1 História do Congado em Minas. Exibido em 22/10/2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GwAJN8GCRLI&t=2s>

imagens com símbolos religiosos, nas fotografias de antepassados, mas principalmente nos depoimentos de personagens ávidos em falar e perpetuar a tradição. “No Brasil, as lembranças africanas revividas se modificam ao mesmo tempo em que muda a sociedade global, mobilizada por uma luta de raças contra a alienação cultural dos negros” (CANDAUI, 2021, p. 121-122). Mas as lembranças e a herança orgulhosamente vividas ajudam na preservação de uma memória presente nos cantos, nas danças, nos adereços, indumentárias e na fé.

A primeira reportagem do programa leva o telespectador a uma viagem por três cidades da região centro-oeste de Minas: Cláudio, Itaúna e Bom Despacho. A história do congado é contada por meio de uma fonte oficial. Um historiador vai revelando a tradição, mas são os personagens populares de cada cidade que mostram a fé, os costumes e a religiosidade presente. Os três personagens são descendentes de escravizados e eles têm a fala carregada de simbologias nostálgicas. Relembra o passado, os familiares e mostram uma vivência com o que acreditam. A fala carregada de emoção mostra que a experiência com a religião transcende épocas e está viva enquanto eles tiverem força para viver a fé, pagar promessas e perpetuar a tradição.

Todas as locações têm um significado simbólico. A capela colonial, o altar e oratório no quarto da rainha, o terreiro de fazenda, o salão de umbanda e o terreiro onde todos dançam e cantam ao redor do fogo.

Figura 39 – *Frames* da reportagem temática sobre o congado mineiro



Fonte: Arquivo pessoal da autora e acervo da TV Globo Minas.

A nostalgia não está presente em apenas um elemento, mas ao longo dos sete minutos de reportagem. Os instrumentos musicais ornados com fitas coloridas e os tambores castigados

pelas batidas parecem desgastados, depois de muitas festas, de muitas procissões, assim como as roupas dos integrantes dos grupos de congado: passadas de pai para filho, na tradição.

Figura 40 – *Frames* de instrumentos musicais do congado



Fonte: Arquivo pessoal da autora e acervo da TV Globo Minas.

França (2018) fala do alto grau de religiosidade de Minas. É o que vemos em todo o decorrer da reportagem. Observamos também que é por meio de objetos simbólicos que a matéria vai sendo construída. Andreas Huyssen já bem colocou: “Não há dúvida de que o mundo está sendo “musealizado” e que todos nós representamos os nossos papéis neste processo. É como se o objetivo fosse conseguir a recordação total” (HUYSSSEN, 2000, p.15). Uma recordação por meio de fotografias, objetos, cenários e depoimentos cheios de lembranças e vivências.

Quadro 19 – Decupagem – *Terra de Minas* – Especial congado mineiro

<b>Imagens: Cledson Ferreira</b>	<b>Reportagem: Fernanda Lília</b>
<b>Edição: Soraia Vasconcelos e Elias Cacharrel</b>	<b>(CABEÇA – apresentadora Juliana Perdigão)</b> O programa de hoje mostra uma das tradições populares mais fortes em Minas. Nossa equipe visitou cidades da região centro-oeste para registrar as festas de congado. Manifestações de fundo religioso, mas que também revelam muito sobre a história da colonização. A mistura das culturas portuguesa, africana e indígena resultou num espetáculo de cores e ritmos.
Tambores, fitas coloridas, bandeiras, passos de dança, homens em grupos.	<b>(OFF)</b> Uma festa de símbolos. Uma festa religiosa. Entre maio e outubro, os sons dos tambores mineiros são ouvidos nas Gerais, especialmente na região centro-oeste, onde quase todas as cidades preservam essa tradição.
Sentado em frente a uma capela colonial – <i>take</i> fechado.	<b>(SONORA – historiador Mauro Eustáquio)</b> Em 1532 já havia manifestações com essas características que temos no congado. Naturalmente, naquela época, a denominação não era essa. Já no século XVIII, por exemplo, a denominação já aparece em alguns escritos.

Grupos dançam com penachos na cabeça e muitas fitas.	<b>(OFF)</b> A festa de cores e sons tem elementos fortes de duas culturas.
Entrevistado e repórter em quadro – em frente à capela colonial.	<b>(SONORA – historiador Mauro Eustáquio)</b> Os negros incorporaram para a festa elementos da cultura europeia, a questão do próprio reinado, das figuras da festa.
Grupos dançam com pandeiros e fitas – cores.	<b>(OFF)</b> Congado, reinado.
Sentado em frente à capela colonial. <i>Take</i> fechado e com a repórter em quadro. Usam-se 2 ângulos.	<b>(SONORA – historiador Mauro Eustáquio)</b> - São duas denominações para um mesmo significado. Só que as pessoas utilizam o congado, muitas vezes, para dizer que é uma festa dos negros e o reinado que seria uma festa da elite, dos reis, que tem esse componente um pouco discriminatório. Mas, na verdade, reinado e congado compõem a mesma festa. É uma festa dramática, justamente pelo fato de seus componentes interpretarem, dramatizarem um fato ou fatos da sua região.
Transição para noite. Repórter em frente a uma fazenda colonial com um grupo dançando e iluminação indireta, refletindo a sombra na fachada do casarão. Cidade: Cláudio.	<b>(PASSAGEM – repórter Fernanda Lília)</b> Os terreiros das fazendas eram o lugar onde, antes, os escravos se reuniram para o Canto do Lamento. Hoje, em frente à Casa Grande, eles dançam livres lembrando o passado. Agora, são recebidos pela porta da frente.
<i>Takes</i> fechados nos pés. Coreografia e sombras.	<b>(OFF)</b> Os passos marcados reproduzem a vida de muitas gerações.
Entrevistado sentado com repórter em quadro. Grupo dança em segundo plano.	<b>(SONORA – trabalhador rural José Herculano Filho)</b> - Meu avô veio da África para cá. Aí do meu bisavô, do meu avô e veio passando até sobrar pra <i>nóis</i> .
Terreiro da fazenda, com sombras projetadas na parede e dança em ritmo lento.	<b>(OFF)</b> Mas o passado deixou sombras na história desse povo. Lembranças de uma época em que os rituais eram escondidos.
<i>Take</i> mais fechado no rosto do entrevistado. Pouco mostra o local.	<b>(SONORA – historiador Mauro Eustáquio)</b> - A festa do Congado foi durante, talvez, um século, dois séculos, excluída da Igreja Católica de brancos. Os negros, por exemplo, no período colonial, construíram as próprias capelas onde eram realizados seus cultos e também a festa do reinado.
Arquivo: imagens de igrejas de N.S. Rosário em Mariana, Ouro Preto e Sabará.	<b>(OFF)</b> Um tempo com registro no patrimônio de Minas. Nas cidades históricas, a devoção à Nossa Senhora do Rosário ergueu muitas igrejas, pelas mãos dos escravos. Em Mariana, a construção é de 1752. Em Ouro Preto, há duas igrejas e uma capela em homenagem à santa. Em Sabará, a igreja ficou inacabada por causa da decadência do ouro e da abolição da escravatura.
Repórter mostra duas igrejas. Uma ao lado da outra – uma grande e outra menor. Cidade: Itaúna.	<b>(PASSAGEM – repórter Fernanda Lília)</b> Mas os templos erguidos em homenagem à Nossa Senhora do Rosário não estão somente nas cidades históricas. Não importa se é grande ou menor, se está perto ou longe do centro. Algumas capelas são pequenas, como essa em Itaúna. Símbolo de uma fé imensa.
Igreja do Rosário dos Brancos e igreja do Rosário dos Pretos.	<b>(OFF)</b>

<p>Cidade: Itaúna. Dona Sãozinha no quarto, em frente ao altar - entre imagens de santos e fitas.</p>	<p>Tão grande que é capaz de erguer uma igreja ao lado da outra. A maior é a mais antiga e, durante muito tempo, ficou fechada para o reinado. Para realizar as festas, a comunidade construiu a igreja menor. É a que dona Sãozinha costuma frequentar. Ela também faz as orações em casa. Mantém um altar no quarto com as imagens dos santos protetores. Bem ao lado, coroas, usadas nas cerimônias.</p>
<p>Dona Sãozinha mostra as coroas no altar.</p>	<p><b>(SONORA – Rainha Conga, Maria da Conceição)</b> -Essa coroa é a princesa e essa é de promessa. Essa daqui é a coroa de Santa Efigênia, que já trabalha e foi coroada com 19 anos, e eu já fiz 80.</p>
<p>Dona Sãozinha arruma o altar com flores artificiais, bandeiras e fitas</p>	<p><b>(OFF)</b> Entre quadros e bandeiras, dona Sãozinha arruma as flores e costura as fitas que a família vai usar no Reinado.</p>
<p>Dona Sãozinha, sentada, costurando a roupa que vai usar.</p>	<p><b>(SONORA – Rainha Conga, Maria da Conceição)</b> - Eu tive 14 filhos, tem sete vivos e tudo dança Congado. Os netos, os bisnetos que vêm dançam Congado. Então, nós fazemos essa festa com muito amor, com muito carinho, muita rosa. Mas tem muito espinho. Mas, em nome de Nossa Senhora do Rosário, <i>nós chega lá.</i></p>
<p>Mulheres vestidas com roupas brancas e turbantes cantam enquanto costuram em terreiro de umbanda, entre altares, colares, acessórios e pérolas. Cidade: Bom Despacho.</p>	<p><b>(OFF)</b> Em Bom Despacho, dona Sebastiana e as filhas também preparam a festa. (Repórter fala em quadro). Na sala, as mulheres passam boa parte do tempo costurando. Elas estão preparando as roupas que serão usadas na missa conga. (Repórter, em quadro, pergunta). Por que tanto brilho, tantas pedras, pérolas?</p>
<p>Dona Sebastiana com a repórter em quadro.  Filha em <i>take</i> fechado. Fala enquanto costura.</p>	<p><b>(SONORA – Capitã de guarda Maria Sebastiana)</b> - Isso é a riqueza do negro. O ouro, a prata. O que sobrou a gente aproveitou para a gente poder trabalhar em prol de Nossa Senhora. - Já alcancei muitas graças com Nossa Senhora do Rosário, com São Benedito. Então, aí é onde a fé da gente aumenta mais ainda e a gente dança com muito mais carinho, mais força de vontade por estar agradecendo. Porque a única coisa que a gente pode fazer é cantar e dançar.</p>
<p><i>Take</i> noturno – ao redor de uma fogueira. Grupo dança e canta.</p>	<p><b>(OFF)</b> Cantar e dançar. Exatamente o que os negros faziam para abrandar o sofrimento.</p>
<p>Repórter no meio do grupo – dança ao redor da fogueira. Começa em <i>take</i> fechado e abre a imagem.</p>	<p><b>(PASSAGEM – repórter Fernanda Lília)</b> A luta dos escravos é representada de várias maneiras. Esse grupo canta, pedindo força a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito para o sofrimento. Só que, hoje, essa dança significa muita alegria.</p>
<p>Ela dança enquanto fala com a bandeira e o cajado nas mãos.</p>	<p><b>(SONORA – Capitã de guarda, Maria Sebastiana)</b> - <i>Nós não sente</i> cansaço. A gente anda por essas ruas aí até 23h, 0h. E no outro dia estamos saindo cedo com a mesma resistência que saiu hoje.</p>
<p>Imagens esquentadas, no tom do fogo. Danças e <i>takes</i> fechados de pés. Ela canta.</p>	<p><b>(OFF)</b> Ao redor da fogueira, todos dançam sob o comando de dona Sebastiana, capitã de guarda aos 69 anos (sobe som de versos).</p>
	<p><b>(SONORA – Capitã de guarda, Maria Sebastiana)</b></p>

Ela dança, e faz as marcações com a batida do cajado no chão.	- É a fé, alegria, o lamento do negro, toda dor e sofrimento do negro que traz dentro do coração a gente põe pra fora, despeja ele pra dar força. Essa coroa de Nossa Senhora do Rosário, os negros da senzala, <i>pegou</i> a madeira, foi cortando ela, virou o formato da coroa de Nossa Senhora do Rosário. As fitas, a branca é pedindo paz, a verde, pedindo fartura, e o vermelho, para dar proteção para os negros. E o azul, para Nossa Senhora da Conceição. A marrom, São Benedito, a cor-de-rosa, as crianças de Cosme e Damião, encerra a capitã.
Música/dança/versos	<b>(SOBE SOM)</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

E em reportagens televisivas com um tempo maior e com um só tema, o narrador/repórter pode conversar e levar o telespectador junto com ele, para dentro do tema. Para isso observamos que os entrevistados que são levados a conduzir a história, sejam eles fontes oficiais como pesquisadores, historiadores, professores ou uma fonte popular, podem voltar no decorrer da história. A ele não cabe apenas uma sonora, mas a entrevista que conduz a narrativa. Por isso, vimos a importância de uma apuração bem criteriosa.

Podemos aqui, fazer uma analogia do produtor ou repórter com um pesquisador, destacado por Bosi (2018). Ela orienta o entrevistador a colher o máximo de informação sobre a pauta para estimular boas respostas na hora da entrevista. E vai além: “Se o local do encontro for a casa do depoente, estaremos mergulhados na sua atmosfera familiar e beneficiados pela hospitalidade” (BOSI, 2018, p. 59). E as dicas para a condução de uma boa entrevista, onde se obtém revelações memorialísticas, continuam de forma bem prática. Bosi sugere que o repórter vá a campo com o entrevistado

Figura 41 – *Frames* de enquadramentos variados na captação de entrevistas



Fonte: Arquivo pessoal da autora e acervo da TV Globo Minas.

Essa participação do repórter na narrativa é observada como uma forma de levar o telespectador para dentro da história contada.

## 5.5. *TERRA NA COZINHA: A CULINÁRIA*

Nesse tempo analisado, a categoria Culinária contou com 119 reportagens que nos mostraram que havia uma continuidade e uma frequência nos programas. Esse era um assunto de grande apelo à memória do telespectador, já que as receitas mostradas tinham, na maior parte, uma referência afetiva ao meio rural e às raízes mineiras: a começar pelos cadernos de receitas das avós, com folhas amareladas, sem falar nos utensílios exibidos e filmados. Xícaras de porcelana nas fazendas coloniais ou gamelas de madeira e pratos esmaltados, numa referência aos quitutes e quitandas feitos por descendentes de escravizados. O fogão à lenha era mais do que um cenário, já que o *Terra de Minas* o tinha em cena em grande parte das receitas feitas fora da capital.

“A culinária mineira é frequentemente associada a objetos portadores de significados que, juntos, constroem uma ideia de experiência rural” (CAMPOS; MAFRA, 2018, p. 201). Experiência vivida pelos narradores, em participação no processo de construção da reportagem: ajudando a fazer o prato, provando no decorrer da narrativa e na maioria das vezes experimentando a comida ao fim da matéria. Sodré e Ferrari lembram que, no telejornalismo, “o repórter participa da ação e deixa de ser um mero observador para tornar-se parte da narrativa” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 52). Dessa forma, o jornalista ajuda a levar a experiência para o telespectador, aproximando as realidades em uma viagem imaginária de “testemunhalidade”, da qual falam Barbeiro e Lima (2002, p. 95).

Testemunhar o que é raiz, buscar referência com o que o mineiro se identifica. Assim o programa seguia de cidade em cidade, mostrava a capital, mas também o que era tradição nas pequenas cidades, passando por fazendas e, nesse caminho, encontrava o que um dia foi ressaltado por viajantes.

Saint Hilaire foi um dos que falou da culinária mineira. Ele escrevia o que via, sentia e experimentava. Numa descrição em uma de suas viagens, ressaltou a mineiridade por meio dos costumes observados e que são até hoje tradição no interior do estado: “Galinha e porco são as carnes que se servem mais comumente em casa de fazendeiros da Província de Minas. O feijão preto forma prato indispensável na mesa do rico, e esse legume constitui quase a única iguaria do pobre” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 96).

Galinha, carne de porco e feijão estão entre os pratos dos mineiros. Observando as pautas do *Terra de Minas*, estão nas mais diferentes variações: galinhada no Triângulo Mineiro, galinha com pequi no norte ou ao molho pardo na Zona da Mata. E a carne de porco? Também foi mostrada em diversas variações: pernil, lombo, costelinha ou no feijão tropeiro. Aliás, essa

iguaria está presente nos pontos turísticos icônicos de Belo Horizonte, como o Mercado Municipal e o Estádio do Mineirão, assim como em todo o interior de Minas, na pauta de reportagens culinárias do programa e na mesa de quem vive em Minas. Assim segue o que os viajantes ressaltaram e que o programa mostrou. Outro prato típico do interior destacado na obra de Saint-Hilaire e que foi evidenciado no programa da Globo foi o melado de cana de açúcar e suas variações.

Serviram o caldo de cana, o qual reduzido pela evaporação à consistência do melaço comum. Essa espécie de xarope, que ainda teve ocasião de saborear em outro lugar, é de vermelho dourado, um pouco transparente. Cada um a seu gosto mistura-o a seu prato com farinha de milho ou de mandioca, e forma assim uma pasta de sabor bastante agradável. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 173).

O programa que foi ao ar no dia 06/03/2010<sup>33</sup> mostrou um mutirão na fazenda Timboré, em Pains, no centro-oeste do estado, para fazer melado de cana e a rapadura. Uma tradição de família, viva entre amigos. Na fazenda, a família do senhor José Serafim se reúne para fazer o melado e a rapadura.

Enquanto os homens fazem a função no engenho, as mulheres preparam os doces. Tudo feito como antigamente: o fubá para fazer a broa é socado na trapizonga<sup>34</sup>; na fonalha é feito o melado evaporado em tachos de cobre, até ficar da cor transparente, como ressaltada pelo pesquisador francês. A massa é batida em canaletas de madeira. Assim a rapadura é produzida e vira matéria-prima para os doces caseiros. A reportagem mostrou todo o processo, fazendo um resgate do que hoje é difícil de se ver e de se encontrar. A matéria mostra o processo hoje, mas em todas as entrevistas os personagens reforçam que esse era o jeito se fazer antigamente. Eles buscam referência no passado para um ofício, que na fazenda ainda está vivo. O melado e a rapadura são usados em receitas na cozinha da fazenda e o apelo às lembranças estão, não só nos objetos para fazer o produto, mas na imagem que vemos, no enquadramento onde enfocasse a mesa posta com toalha bordada e na simplicidade comum no interior.

---

<sup>33</sup> VT melado e rapadura. Exibido em 06/03/2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e2kOsyOcMRA>

<sup>34</sup> Trapizonga é uma engenhosidade composta por diversos elementos, como pilões, moedores e raladores. Alguns são móveis, movidos com a força da água e na maioria das vezes a sua operação principal é para triturar, socar, grãos como por exemplo, arroz, amendoim, milho, cana-de-açúcar.

Figura 42 – *Frames* da reportagem sobre a produção de rapaduras na fazenda



Fonte: Arquivo pessoal da autora e acervo da TV Globo Minas.

Receitas engavetadas em cadernos de anotações de famílias, pratos típicos comuns em festas religiosas e curiosidades culinárias estavam nas pautas do *Terra de Minas*: Mané Pelado, Pudim de Gabinete, Romeu e Julieta na Roça, Sopa de Mulher Parida, comida ideal para se alimentar mulheres que acabaram de ter filhos.

Assim, prendendo o telespectador pela curiosidade, o *Terra* ia levando aos mineiros algumas tradições. E o “lombo com farinha para fortalecer lactante”<sup>35</sup>: essa foi uma das pautas do dia 17/07/2010. Foi um programa especial sobre tradições culinárias passadas por diferentes gerações. Foram exibidas matérias em que as personagens tinham muito a contar, porque elas viveram a experiência, aprenderam em casa com mães, avós e tias. Dessa forma, o programa foi capaz de intensificar passados.

<sup>35</sup> VT Tradição de comida para grávidas. Exibido em 17/07/2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1b0ZtZ0tZps>

Neste sentido, podemos dizer que o tom coloquial, a produção de diálogos e a construção de personagens arrancados do mundo comum não devem ser explicados apenas como simulação do que é familiar para o público, e sim como exigência dos telespectadores, que a partir do texto compõem sua própria expressividade (BARBOSA, 2007, p. 136).

Reportagem especial gravada no centro-oeste de Minas Gerais mostrou uma tradição típica do interior. Seriam crendices populares? Talvez uma avó ou uma parente mais velha tenha contado que, nas fazendas, as galinhas eram separadas, para quando a mulher parisse, tivesse a canja diariamente durante o resguardo.

Esses são costumes, conversas *dos antigos*, mas que circundam o imaginário de famílias tradicionais de diferentes rincões das Gerais e por meio de narrativas e depoimentos de personagens que estão longe das páginas históricas oficiais, mas que são significativos no contexto da preservação da memória e da identidade. Os diferentes depoimentos ajudam a eternizar histórias que poderiam se perder com o tempo.

“A memória funciona como um laço de pertencimento, uma referência de estabilidade, que reúne pessoas em torno do prazer, às vezes acompanhado da nostalgia, de lembrar” (MUSSE, 2013, p. 283). Uma volta que a partir da reportagem exibida na TV fica registrada para as futuras gerações. As reportagens do programa especial do *Terra de Minas* sobre as tradições para alimentar grávidas têm em comum as vivências dos entrevistados.

As entrevistas falam de lembranças, de conselhos: elas são ilustradas por algumas imagens de objetos de família ou que nos levam a tempos passados, privilegiando o tempo de reflexão do espectador, o tempo de rememoração. Assim, o *Terra de Minas* vai encontrando histórias de pessoas que, sem sair do interior, do seu meio – cidade, fazenda, janela ou varanda – têm muito a contar.

Diante das duas linhagens de narradores de Benjamin, as reportagens vão sendo montadas. “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1985, p. 217).

A reportagem foi ambientada na cidade de Carmo da Mata. Na encosta da montanha, com seu casario colonial e uma rua de pedras que leva à praça da Matriz. As casas são bem conservadas, preservadas por famílias tradicionais. Assim começa a reportagem, levando o telespectador a entrar na cidade e a descobrir histórias e costumes junto com o narrador, com a repórter.

Na janela de um bem preservado casarão de paredes verdes, a moradora de meia idade logo explica que ali ela cresceu e vive feliz entre amigos e vizinhos. Parece uma grande família.

Na cidade tranquila a vida passa devagar. A imagem continua a passear por Carmo da Mata até chegar em uma casa de varanda amarela: mãe e filha fazem tricô e bordados, sentadas ao redor de uma mesa. Tecem mineiramente peças de enxovais para bebês, e começa assim a conversa com a repórter. As duas personagens contam como aprenderam o ofício. Não em formato de entrevista formal, mas em um bate-papo, típico do interior.

Figura 43 – *Frames* da reportagem sobre culinária para grávidas



Fonte: Arquivo pessoal da autora e acervo da TV Globo Minas.

Dessa forma, o telespectador é levado a descobrir sobre o costume familiar das duas senhoras que fazem peças de roupas para os recém-nascidos da família. Presenteiam amigas. A conversa é boa, mas até esse momento o telespectador não percebeu a gravidez da repórter.

Após a *prosa* sobre casaquinhos e sapatinhos de lã, a repórter faz a revelação. Em um cenário ensolarado, a técnica de contraluz valoriza a silhueta, que de maneira subliminar sugere o momento luz: “E para preservar a tradição é preciso que diferentes gerações respeitem e valorizem quem tem muito a ensinar. Dessa forma os costumes são passados, da maneira mais natural. Normalmente de geração para geração” (TERRA..., 2010). Com esse texto, a imagem vai sendo aberta e é mostrada a barriga da repórter, grávida de 5 meses.

Figura 44 – *Frame* da passagem da repórter Fernanda Lília, gestante.



Fonte: Arquivo pessoal da autora e acervo da TV Globo Minas

A cena seguinte é em uma casa típica do interior: varanda coberta de flores, onde a repórter é recebida por uma das irmãs Resende, personagem central. Guiada pela repórter, ela vai contando sobre a família de 11 irmãos. Nas cenas pelo quintal da casa, a repórter acompanha curiosa a plantação de ervas de dona Lúcia Resende, que explica: “Uai, quando a minha mãe estava grávida assim como você, ela gostava muito de tomar chá. E ela tomava de erva cidreira e funcho pra ficar calminha. E o chá se tomava com biscoito torradinho. (...) vamos lá dentro que eu vou fazer um chazinho pra você” (TERRA..., 2010). Personagem e repórter saem de cena.

No livro *O Tempo Vivo da Memória*, Ecléa Bosi fala sobre a importância da aproximação do personagem e do entrevistador: “É de muito bom alvitre sair com ele, caminhar ao seu lado nos lugares em que os episódios lembrados ocorreram” (BOSI, 2018, p. 60). Dessa forma, repórter e personagem levam junto o telespectador para um bate-papo.

Consuelo Lins, sobre a elaboração de documentários, diz que quando a equipe aparece na tela e interage, se colocando na reportagem, ela leva o telespectador junto a descobrir e a lembrar com ela (2004, p. 35). Consuelo chama o formato de interação explícita, uma herança do cinema-verdade francês. “(...) as imagens em movimento das chegadas aos locais são tributárias aos cinemas novos que surgiram nos anos 60, das tecnologias mais leves e da experiência da televisão” (LINS, 2004, p. 35).

Após saída de cena de repórter e personagem, elas retornam à mesa cuidadosamente posta com louças herdadas da família e quitandas caseiras, onde estão quatro das irmãs Resende e duas sobrinhas que ouvem atentas, assim como a repórter. “Minha mãe, ela já reservava aquelas galinhas gordas, quarenta galinhas, para quando o neném nascesse, já tinha a sopa para

os quarenta dias de resguardo” (TERRA..., 2010). Afonsina complementa: “A gente ficava ansiosa para o neném nascer. Só pra tomar a sopa também e comer as coisas gostosas que a minha mãe comia”. “Meu pai, como criava gado, tinha a vaca leiteira. Quando a vaca dava cria junto com o neném que nascia, o leite daquela vaca era separado para dar para o neném, quando a minha mãe parava de amamentar”. E na conversa à mesa, Lúcia Resende complementa a tradição que não podia faltar: “Só a grávida comia. Aquele feijão ‘cuadinho’ com farinha de ‘munho’ e lombo bem frito, defumado na fumaça”.

Figura 45 – *Frames* da conversa à mesa



Fonte: Arquivo pessoal da autora e acervo da TV Globo Minas.

Os ensinamentos não estão apenas nos depoimentos, mas na forma simples de ir revirando as memórias. As irmãs fazem revelações, relembram histórias, de maneira a contar *causos* de família. Uma intimidade que Ecléa Bosi diz ser importante em uma boa entrevista: a formação de laços de amizade (2018, p. 60).

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de lembrar quanto o das pessoas importantes (BOSI, 2018, p. 61).

A mensagem de família não é passada só pela tradição oral. Os objetos caprichosamente distribuídos no cenário, aliados a uma iluminação indireta, criam um ambiente que nos leva para um tempo não vivido. E a reportagem segue, convidando o telespectador a continuar a *prosa* em uma cozinha de fazenda.

É na conversa ao redor do fogão à lenha que mais lembranças vêm à memória. Nessa parte da reportagem há uma música ao fundo, um *BG*, de viola caipira. Todos os detalhes dispostos no cenário contribuem para criar uma atmosfera de volta ao tempo. Pannelas de pedra e de ferro, bules e xícaras esmaltados. A luz, em mais esse ambiente, é indireta, valorizando a imagem do fogo e da fumaça. Na trempe de ferro sobre o fogo, as panelas para fazer a farinha,

tudo bem explicado. Depois é feito o feijão. Os sentidos do telespectador são aguçados com a valorização do áudio ambiente: ouve-se o barulho da lenha queimando, do alho na panela, do feijão fervendo e da carne sendo frita.

Figura 46 – *Frame* da cozinha e fogão à lenha



Fonte: Arquivo pessoal da autora e acervo da TV Globo Minas.

Quadro 20 – Decupagem – *Terra Minas* – Especial Comida para Mulheres Grávidas

<b>Imagens: Cledson Ferreira</b>	<b>Reportagem: Fernanda Lília</b>
<p><b>Edição: Soraia Vasconcelos e Elias Cacharrel</b></p> <p>Em pé, em uma cozinha. <i>Take</i> vai abrindo. Depois ela se senta.</p>	<p><b>(CABEÇA - Juliana Perdigão)</b> Olá! Hoje nós estamos numa cozinha bem mineira. E é daquelas cozinhas que despertam o paladar e a vontade de sentar um pouquinho e parar para conversar. Aliás, as conversas que envolvem o fogão a lenha sempre rendem boas histórias e ótimas receitas. O programa de hoje tem tudo isso. A nossa equipe foi até a região centro-oeste conhecer os costumes que cercam as mulheres durante a gravidez. A nossa primeira parada é em Carmo da Mata.</p>
<p>Imagens da fachada de um casario.</p>	<p><b>(OFF)</b> O casario construído nas ruas íngremes guarda histórias de muitas famílias.</p>
<p>Personagem apoiada com os braços sobre a janela do casarão. Usam-se também imagens das fachadas de casarões.</p>	<p><b>(SONORA – aposentada, Cláudia Lobato)</b> Aqui a gente cresceu, viveu os momentos felizes e vivemos até hoje. Enxergamos a cada vizinho um amigo, porque nós nos tornamos pelo tempo que a gente vive aqui, neste lugar, uma família só.</p>
<p>Imagens das fachadas, das entrevistadas dona Maria e dona Raimunda sentadas nas varandas fazendo tricô. Dá-se foco nos bordados feitos pela dupla.</p>	<p><b>(OFF)</b> Todos orgulhosos de um passado rico. Na varanda de casa, dona Maria e a mãe, dona Raimunda, fazem tricô e bordados. Peças de enxoval delicadamente traçadas.</p>
<p>Entrevistada sentada –</p>	<p><b>(SONORA – aposentada, Raimunda Borges)</b></p>

enquadramento fechado.	Aprendi com a minha tia. Olhava ela fazer e aprendi e faço até hoje. 87 anos e continuo fazendo.
Repórter, sentada, com uma das roupas de neném nas mãos - <i>take</i> vai abrindo.	<b>(PASSAGEM - repórter Fernanda Lília)</b> Bordado, tricô, são ofícios ensinados ainda bem cedo. A dona Maria aprendeu a tricotar com uma professora. Isso aos 8 anos de idade. Hoje, o conjuntinho de lã é para presentear uma prima. Mas, na família muitos já ganharam né, dona Maria?
Entrevistada sentada com uma linha enrolada ao redor do pescoço e as agulhas de tricô na mão – <i>take</i> começa aberto, mostrando a repórter e outra entrevistada, mas depois fechada apenas na Maria Borges. Usa-se também enquadramento em detalhe nos sapatinhos e paletó.	<b>(SONORA - funcionária pública Maria Borges)</b> Já, já. Primos, sobrinhos, todos já foram presenteados com meus trabalhos. Sapatinho, paletozinho, toquinha. E todo esse trabalho que eu faço, faço com muito carinho, com muita dedicação. Eu gasto um dia para fazer um par de sapatinho. Paletozinho já é mais tempo... uma semana. De oito a dez dias. Cada sapatinho que a gente faz, cada paletozinho, a gente faz imaginando como é que vai ser o bebezinho naquela roupa.
Repórter em pé em frente a um casario. <i>Take</i> vai se abrindo para mostrar a repórter fazendo um carinho na barriga, revelando que está grávida.	<b>(PASSAGEM – repórter Fernanda Lília)</b> E para preservar a tradição é preciso que diferentes gerações respeitem e valorizem quem tem muito a ensinar. Assim, os costumes são mantidos da maneira mais natural. Normalmente, passados de geração para geração.
Imagens de um casarão rosa com um jardim. Usam-se também imagens da moradora cuidando das flores.	<b>(OFF)</b> Em Carmo da Mata, no casarão bem florido, mora uma das irmãs Resende. Seja no alpendre ou no jardim interno, dona Lúcia é quem cuida de todas as flores.
Entrevistada em pé em frente a plantas – enquadramento em plano médio.	<b>(SONORA - aposentada, Lúcia Resende)</b> Sempre gostei de planta. Meu pai era fazendeiro, nasci na roça, né, na fazenda, e sempre mexi na terra, então a gente sempre gosta de planta.
Imagens de Dona Lúcia na horta de casa colhendo algumas plantas – <i>take</i> fechado nas plantas.	<b>(OFF)</b> Mas é na horta que a dona de casa tem plantas especiais. Funcho, erva-cidreira.
Repórter em pé caminha na horta e para em frente a entrevistada – <i>take</i> vai abrindo.	<b>(PASSAGEM - repórter Fernanda Lília)</b> E algumas ervas a dona Lúcia aprendeu a cultivar na época que os irmãos mais jovens ainda nem eram nascidos. Como que é essa história, dona Lúcia?
Entrevistada em pé, de frente para a repórter, com plantas na mão – enquadramento em	<b>(ENTREVISTA- aposentada Lúcia Resende)</b> Uai, quando a minha mãe estava grávida assim como você, ela gostava muito de tomar chá. E ela tomava chá de erva-

plano médio. Depois, entrevistada e repórter saem andando juntas.	cidreira e funcho para ficar bem calminha e o chá se tomava com biscoito torrãozinho. “Ah, isso a senhora sempre fazia?” Questiona a repórter. “Sempre fazia para ela. E ela teve 11 filhos, né. Eu sou a terceira”. “Muita gente, hein?!” - Diz a repórter. “Vamos lá dentro que eu vou fazer um chazinho para você” “Então vamos lá. Chá com biscoito! - Afirma a repórter. “Chá com biscoito para ficar calma, de polvilho. Torrãozinho”
Imagens da repórter e entrevistadas sentadas à mesa. <i>Takes</i> em detalhes do café e dos biscoitos.	<b>(OFF)</b> Biscoitinhos e chá. À mesa, irmãs, sobrinhas e muitos casos.
Entrevistada sentada à mesa. Enquadramento em plano médio.	<b>(SONORA - aposentada Marisa Resende)</b> Minha mãe, ela já reservava aquelas galinhas gordas para quando o neném nascesse, já tinha as 40 galinhas para fazer a sopa com 40 dias de resguardo.
Entrevistadas sentadas juntas em uma mesa.	<b>(SONORA – aposentada, Afonsina Resende)</b> A gente ficava ansiosa para o neném nascer. “Só para tomar sopa” - Diz outra mulher. Tomar sopa e comer coisas gostosas que minha mãe comia. Então tudo que chegava era para minha mãe, né, então a gente ficava ali na beirada da cama querendo comer tudo.
Entrevistada sentada - <i>take</i> fechado.	<b>(SONORA – aposentada, Luci Resende)</b> Meu pai, como criava gado, tinha o gado leiteiro. A vaca dava cria junto com o neném que nascia, então o leite daquela vaca era separado só para dar de mamar para o neném. Quando a minha mãe parava de amamentar, então aquele leite era só do neném.
Entrevista sentada em na parte interna do casario – <i>take</i> fechado.	<b>(SONORA – aposentada, Lúcia Resende)</b> Não podia faltar o feijão coado com farinha do moinho e lombo na fumaça. Ele ia secando e tirando as fatias. Só a grávida comia aquele feijão coadinho com farinha do moinho e o lombo bem frito. E era uma delícia.
Repórter sentada à mesa. A frente dela, um bule, xícara e prato.	<b>(PASSAGEM – repórter, Fernanda Lília)</b> E é esse lombo na fumaça que a gente vai aprender a fazer agora. Vamos então para uma cozinha de fazenda.
Imagens de fogão a lenha.	<b>(OFF)</b> As chamas do fogão a lenha acendem as lembranças.
Entrevistada em pé na cozinha. Ela segura uma faca e a frente dela há uma tábua	<b>(SONORA - aposentada Lúcia Resende)</b> Na fazenda do meu pai a gente matava um porco por mês. E, quando tinha grávida pegava o lombo, abria, temperava

com um lombo em cima.	com alho e sal, e punha na fumaça pra ir comendo fatia por fatia.
Imagens de panelas, em cima do fogão a lenha, soltando fumaça para cobrir o texto.	<b>(OFF)</b> Com o calor e a fumaça, o lombo vai secando aos poucos sobre o fogão.
Repórter em pé, na cozinha, ao lado da entrevistada. A repórter pega um recipiente de tempero e aponta para as panelas no fogão.	<b>(PASSAGEM - repórter Fernanda Lília)</b> O lombo é o ingrediente principal, mas a gente ainda vai usar tempero, de alho e sal, gordura. Isso, para o feijão que já está aqui cozido. E também, no caso do fubá, que está aí um dos segredinhos do prato, não é, dona Lúcia?
Entrevistada em pé, na cozinha, de frente para a repórter. Ela mexe na panela onde está a farinha	<b>(SONORA - aposentada Lúcia Resende)</b> Isso. Tem que preparar o fubá de véspera com gordura. Molha ele bem com gordura e deixa repousar. No outro dia tome mais farinha.
Em pé, ao lado da entrevistada, repórter também mexe na panela com a farinha.	<b>(PASSAGEM - repórter Fernanda Lília)</b> E tem que ser bem fininho? No caso desse, eu estou vendo que está fininho demais.
Ao lado da repórter, entrevistada segue mexendo na panela com farinha.	<b>(SONORA – aposentada Lúcia Resende)</b> Não precisa ficar tão fininho não. Pode ser até um fubá um pouco mais grosso, que fica uma farinha até mais gostosa. “Então vamos lá” – afirma a repórter.
Entrevistada ao lado do fogão – ela prepara o prato. <i>Takes</i> fechados e abertos.	<b>(SONORA - aposentada Lúcia Resende)</b> Tem que colocar o fubá na frigideira. Não pode ter muito fogo porque senão queima. Tem que mexer rapidinho. Sempre mexendo, não pode parar de mexer até virar farinha. Ela vai mudando de cor, vai ficando mais escurazinha e mais granulada. Conforme a quantidade de fubá, demora mais meia hora para ela ficar bem torradinha
Repórter, em pé, se aproxima da entrevistada.	<b>(PASSAGEM – repórter Fernanda Lília)</b> E na medida que ela vai ficando mais escura, torradinha, vai subindo um aroma diferente, né?!
Entrevistada em pé ao lado da repórter mexe na frigideira enquanto fala.	<b>(SONORA – aposentada Lúcia Resende)</b> Vai, ela vai virando farinha, ó. Já está cheirando farinha, ó. Tá pronta, tá pronta. Prontinha, aí. Agora eu vou fazer o feijão. Botar gordura. Vou colocar o tempero para fazer o feijão.
Entrevistada em pé e vai preparando o prato. <i>Takes</i> de detalhes da comida.	<b>(SONORA - aposentada Lúcia Resende)</b> O feijão já está pronto, agora vamos fritar o lombo. Esse pedaço de lombo aqui. Agora já está pronto, vou tirar o lombo e colocar na travessa.
Repórter em pé, ao lado da	<b>(PASSAGEM - repórter Fernanda Lília)</b>

entrevistada que monta o prato.	Com feijão, farinha e lombo prontos, agora é só montar o prato. A dona Lúcia está aqui coando o feijão. Ele deve ficar com o caldo bem ralinho, né, dona Lúcia?
Entrevistada em pé, ao lado da repórter, coa o feijão – enquadramento em plano médio e depois fechado no feijão sendo coado.	<b>(SONORA - aposentada Lúcia Resende)</b> É bem ralinho para engrossar com a farinha e para dar um sabor e ficar bem forte.
Entrevistada em pé, ao lado da repórter, continua montando o prato.	<b>(ENTREVISTA - aposentada Lúcia Resende)</b> Agora vamos a farinha aos pouquinhos para a textura que a pessoa gostar. “Engrossadinho” - diz a repórter. - Engrossadinho. “Fica tipo um tutu?”, pergunta a repórter. - Fica tipo um tutuzinho. Se gosta do tutu mais mole, menos farinha. Se gosta mais grosso, mais farinha. “Hum, vai engrossando assim na hora?” – Pergunta a repórter. - Vai engrossando assim na hora.
<i>Take</i> fechado no prato com o lombo e o feijão e depois vai abrindo, mostrando a repórter com o prato na mão e, ao seu lado, a entrevistada.	<b>(PASSAGEM - repórter Fernanda Lília)</b> O lombo na fumaça com o engrossado de feijão torrado é aqui mesmo à beira do fogão a lenha. Muito bom!
Imagens gerais do prato.	<b>(SOBE SOM FINAL)</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

## 5.6 MÚSICA PARA CONTAR E OUVIR

E o tema escolhido para marcar a efeméride de 10 anos do programa foi música. Apesar dessa categoria ter sido a que especificamente menos apareceu ao longo dos 10 anos do *Terra de Minas*, é importante lembrar que todos os VT's do Terra eram sonorizados com músicas instrumentais. O *BG* sempre foi uma característica nas reportagens. Mesmo que o som ambiente do local sobressaísse e tivesse prioridade, em algum momento notávamos um background. É importante lembrar que o programa tinha a música tema, *Pátria Minas*, de Marcus Viana, na abertura, nas passagens de bloco e no encerramento de cada edição: uma marca forte, que remetia à viagem por Minas Gerais.

Nas reportagens, as canções eram variadas, vimos VT's sendo sonorizados por clássicos internacionais, mas também com Villas Lobos, por exemplo: *O Trenzinho do Caipira* esteve presente no encerramento de mais de uma reportagem sobre ferrovias.

Podemos citar aqui o VT que encerrou o programa especial sobre ferrovias. no dia 14/02/09, onde foram exibidas três reportagens sobre trens. “As histórias da indústria de locomotivas de Divinópolis”; “Famílias de apaixonados pelo trabalho de ferroviário” e “As histórias da estação de trem de Formiga”<sup>36</sup>. A reportagem é encerrada mostrando um instrumento musical: um órgão com 918 tubos, da igreja matriz de São Vicente Ferrer, de Formiga, que veio da Alemanha em um dos vagões do trem de passageiros. Ele é tocado pela instrumentista que aprendeu música clássica ainda criança. Ao fim da reportagem o texto da repórter diz: “Elizabeth está costumada às músicas sacras, mas hoje é a canção de Villa Lobos que ressoa na matriz centenária. E nos acordes de *O Trenzinho do Caipira*, toda a força que o trem de ferro tem na vida e na história dos mineiros”, diz a repórter Fernanda Lilia (TERRA..., 2009).

Figura 47 – Frames da reportagem sobre ferrovias em Formiga.



Fonte: Arquivo pessoal da autora e acervo da TV Globo Minas.

Essa referência musical mesmo em reportagens que não falavam diretamente do assunto “música” era comum no *Terra*, como vimos, por exemplo, no anterior no ano 10, onde uma reportagem de culinária é encerrada com um coral. Podemos citar outras reportagens que não são sobre música, mas têm canções para buscar na memória alguma história para contar.

O programa do dia 04/06/2005 foi temático. Mostrou a tradição de um mutirão de carros de bois na colheita de milho, nos municípios de Formiga e Pains, no centro-oeste do estado. Foram três reportagens evidenciando a tradicional carreata pelas estradas de terra empoeiradas, mas cheias de histórias, lembranças e passagens de costumes entre diferentes gerações.

No VT 2<sup>37</sup>, que exibe o segundo dia de viagem, os carreiros lembram canções pelo caminho e dormem em um acampamento, onde reúnem violeiros e sanfoneiros para cantar o

<sup>36</sup> VT As histórias da Estação de Trem em Formiga. Exibido no dia 14/02/2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Go289awSkfI&t=120s>

<sup>37</sup> VT 2 Mutirão de carros de bois, Formiga e Pains. Exibido no dia 04/06/2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ftmu4tupog&t=122s>

passado em “moda de viola”. Um dos personagens entrevistados, que não é identificado na reportagem, diz: “É bom lembrar, porque se não lembrar morre, né”. E a matéria é encerrada com a música *Tchau amor*, de Tião Carreiro e Pardinho. Portanto, a categoria “música” vai além das reportagens relacionadas na tabela específica sobre música, onde são retratados cantores, corais e orquestras.

Figura 48 – *Frames* de uma roda de viola no mutirão do carro de boi



Fonte: Arquivo pessoal da autora e acervo da TV Globo Minas.

No programa que celebrou os 10 anos do *Terra*, vimos reportagens que traziam músicos que cantavam as lembranças do passado em versos consagrados. Fernando Brant e Tavinho Moura musicaram a poesia de Carlos Drummond de Andrade onde ele narra suas lembranças de Itabira, terra do escritor mineiro.

O programa foi iniciado com o texto: “A religiosidade dos mineiros, a beleza das cidades históricas e a jovialidade da capital. Cenas que marcaram os dez anos do *Terra de Minas* e inspiraram músicos por todo o estado” (abertura do *Terra de Minas*, 22/10/2011) e seguiu com o clipe de Paula Fernandes cantando a música *Seio de Minas*, coberto com imagens feitas em diferentes programas ao longo dos anos.

A apresentadora Juliana Perdigão surge, fazendo a abertura do *Terra de Minas* especial, com Belo Horizonte ao fundo, e narra:

Há dez anos era exibido o primeiro programa, Terra de Minas. Nesse tempo nós já mostramos o artesanato, a história e o patrimônio de várias cidades de Minas. Mas pra comemorar essa data nós preparamos um especial sobre música. E pra começar nós fomos atrás de um mineiro que tem o talento conhecido no mundo todo. (TERRA..., 2011).

A partir dessa apresentação, entra a reportagem feita por Odilon Amaral, no Rio de Janeiro, na casa do músico João Bosco. Os 10 anos do programa que fala e exalta a mineiridade, foram iniciados longe das “montanhas gerais”. “Pra contar essa história a gente veio fazer uma

visita para o mineiro João Bosco. Pra cá ele trouxe e pro mundo, as influências, histórias e as marcas da juventude em Ouro Preto, a infância em Ponte Nova onde nasceu e também em Oratórios, onde morou aos oito anos”

Figura 49 – *Frame* da passagem de Odilon Amaral, na casa do músico João Bosco.



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

A casa no Rio de Janeiro traz, em objetos caprichosamente espalhados, algumas referências do passado. Não há como desconsiderar o que há de mais íntimo ao redor: as lembranças do tempo passado em Minas estão nas fotografias da juventude vivida em Ouro Preto. A gravação poderia ter sido em uma praça, em um estúdio ou em um hotel. Mas a escolha pela casa do artista revela a busca por uma relação com as memórias. João Bosco canta e conta sobre a vivência nas ruas e cidades mineiras.

Figura 50 – *Frames* da casa do artista João Bosco



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

A primeira música cantada foi *Das Dores de Oratórios*, canção que mexe com as memórias do autor. João Bosco explica que a inspiração para escrever a letra veio da infância no pequeno município de Oratório, próximo a Ponte Nova, onde viveu alguns anos, quando criança. E a conversa entre repórter e cantor continua em busca de histórias e lembranças do

passado em Minas Gerais. Bosco conta que é de Ponte Nova de onde vem toda a referência para escrever a letra de *Sinceridade*: uma música que fala das águas de um rio à beira do cais.

O Rio Piranga é um rio que eu cresci ouvindo as histórias dele. Um rio que você não controla. Ao mesmo tempo é um rio que trazia uma certa beleza a cidade. Um rio que tinha um cais, com aquela beleza da época, e você se debruçava ali sobre o cais, no cair da tarde, no princípio da noite. Era uma luz muito bonita, uma luz muito bonita da cidade. Então esse rio, eu fiquei pensando nele.

Enquanto João Bosco canta, a edição do Programa insere imagens do Rio Piranga<sup>38</sup> na reportagem.

Figura 51 – *Frame* do Rio Piranga.



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

Quadro 21 – Decupagem – *Terra de Minas* – Especial Música Mineira

<b>Imagens: Saulo Luís</b>	<b>Reportagem: Odilon Amaral</b>
<b>Edição: Gleison Barreto e Elias Cacharrel</b>  Imagens de algumas cidades mineiras. Usam-se também imagens de músicos, incluindo o João Bosco.	<b>(CABEÇA - apresentadora Juliana Perdigão)</b> A religiosidade dos mineiros. A beleza das cidades históricas e a jovialidade da capital. Cenas que marcaram os 10 anos do <i>Terra de Minas</i> e inspiraram músicos por todo o estado. Na primeira parte do especial de 10 anos do programa, vamos mostrar clipe e canções de artistas mineiros consagrados. Agora, <i>Terra de Minas</i> .
	<b>(Roda a Vinheta)</b>
Apresentadora com imagem da cidade ao fundo –	<b>(PASSAGEM - apresentadora Juliana Perdigão)</b> Há 10 anos era exibido o primeiro programa <i>Terra de</i>

<sup>38</sup> Rio Piranga: nasce no município de Ressaquinha, possuindo 320 km da nascente até se tornar Rio Doce. É um rio de médio porte com presença de vegetação e, entre as cidades por onde passa, está Ponte Nova.

<p>enquadramento em plano médio. Em um certo momento ela começa a caminhar e o <i>take</i> vai abrindo.</p>	<p><i>Minas</i>. Nesse tempo nós já mostramos o artesanato, a história e o patrimônio de várias cidades de Minas. Mas, para comemorar essa data nós preparamos um programa especial sobre música. E para começar, nós fomos atrás de um mineiro que tem um talento reconhecido no mundo todo.</p>
<p>Imagens do músico João Bosco cantando e tocando. Ele está sentado em um sofá.</p>	<p><b>(SOBE SOM - João Bosco canta)</b> Porque o amor é como fogo. Se rompe a chama, não há mais remédio.</p>
<p><i>Take</i> do músico tocando.</p>	<p><b>(OFF)</b> A música é <i>Das dores de Oratórios</i>, sobre um acontecimento em uma pequena cidade na Zona da Mata. É aqui que começa nossa viagem musical.</p>
<p>Repórter, em pé, caminha por uma parte da casa e se senta no sofá ao lado do músico.</p>	<p><b>(PASSAGEM – repórter, Odilon Amaral)</b> Para contar essa história, a gente vem fazer uma visita ao mineiro João Bosco, no Rio de Janeiro. Para cá ele trouxe e para o mundo ele levou as histórias, as influências e das marcas da juventude em Ouro Preto. Da infância em Ponte Nova, onde nasceu, e também de Oratórios, onde morou aos 8 anos.</p>
<p>Músico em enquadramento médio e depois vai fechando e termina na mão dele tocando o violão.</p>	<p><b>(SOBE SOM - João Bosco canta)</b> Foi por amar que ela iô iô iô... se amasiou com a tal solidão.</p>
<p>Repórter sentado no sofá ao lado do músico.</p>	<p><b>(ENTREVISTA - repórter Odilon Amaral)</b> E das dores, a história existiu mesmo? Houve a inspiração real?</p>
<p>Imagens do músico e repórter sentados no sofá. Enquadramento em plano aberto e depois vai fechando.</p>	<p><b>(SONORA - músico João Bosco)</b> Verdade. Porque eu passei... eu morei em Oratórios no ano que o Getúlio Vargas faleceu. Se suicidou, né?! Que foi no ano de 54, e eu tinha de 8 para 9 anos e passei 1 ano nessa vila. Vi situações que ficaram no meu inconsciente gravadas nitidamente até hoje. E essa... e esse momento foi um momento em que eu andando talvez numa das poucas ruas dessa vila né, tinha um cemitério né?! Tinha uma praça, uma igreja, um cemitério que era uma ladeira. Eu vi um personagem feminino que chorava, assim, compulsivamente. Então, <i>Das dores de Oratórios</i> fala de uma pessoa abandonada no altar por um ente que ela imaginava ser a paixão dela, né?! E ela então... esse abandono, esse sofrimento, ela então vive a sua via crucis e com esse sofrimento, né?! Então foi essa a canção. Por isso que a canção tem muitos gritos, né?! A canção, ela é toda... ela começa com uma citação, né?! “Porque o amor é como fogo. Se rompe a chama. Não há mais remédio”. Uma coisa meio bélica, meio passional. Mas foi por amar que essa</p>

	mulher sofreu tudo isso. Então a canção fala disso aí.
Repórter segue sentado no sofá diante do músico - <i>take</i> aberto.	<b>(ENTREVISTA - repórter Odilon Amaral)</b> É uma coisa que fica muito evidente na interpretação que você dá, né?! Nos próprios gritos, nos gemidos de dor mesmo, né?!
Imagens do músico sentado no sofá tocando o violão e cantando – <i>take</i> começa aberto e vai fechando no entrevistado.	<b>(SONORA – músico João Bosco)</b> É, porque tem todo um... “Foi por amar que ela iô iô iô. Se amasiou com a tal solidão do lugar. Foi por amar que ela iô iô iô. Só pecou nas noites de sonho ao gozar. Foi por amar que ela iô iô iô. Só ficou só. Ele a deixou só... humm foi por amar”.
Imagens do Rio Piranga, em Ponte Nova.	<b>(ENTREVISTA)</b> Tem uma inspiração inusitada que veio de Ponte Nova, você confessou aqui. O Rio Piranga.
Rio Piranga. Depois voltam imagens do músico, sentado no sofá com o violão na mão.	<b>(SONORA - músico João Bosco)</b> É... o Rio Piranga, o rio que eu cresci ouvindo as histórias dele, né! Um rio assim indômito, né?! Um que você não controla. Ao mesmo tempo era um rio que trazia uma certa beleza à cidade, porque era um rio que tinha o cais – que era aquele cais muito bem construído na época, com aquelas garrafinhas e tudo. E você se debruçava ali naquele cais ao cair da tarde, no princípio da noite e era uma luz muito bonita, era uma vista muito bonita da cidade. E esse rio então eu fiquei pensando nele. “Quero viver uma vez mais... esse amor que às margens lambe invade e traz. Castanhas gotas de cristais. Teu rio à beira do meu cais. O amor é cego quando vê. Que é o coração quem sabe escolher. Haja razão pra entender esse simples querer. Olha pra mim um remanso por fim. Espelho d'água a refletir. Até que tudo resolva por si. Novas canções vão surgir. Para viver uma vez mais. Outro amor nascente dessas ancestrais. Castanhas gotas de cristais que não morrem jamais...”.
Repórter sentado no sofá diante do músico - <i>take</i> aberto.	<b>(ENTREVISTA - repórter Odilon Amaral)</b> Você já fazia um tempo que tinha saído de Minas, né, que tinha se mudado... deixado Ponte Nova por Ouro Preto, Ouro Preto por aqui, Rio de Janeiro. Como que isso se aflorou tanto tempo depois?
Sentado no sofá, o músico está com o violão na mão respondendo à pergunta do repórter – <i>take</i> aberto. Usam-se também imagens, em plano fechado, de detalhes da casa, como os quadros. Volta para o repórter e músico sentados.	<b>(SONORA - músico João Bosco)</b> Olha... a gente sai de Minas, mas Minas não sai da gente, né?! Como dizia o Tom Jobim, quer dizer, “Outras notas vão entrar, mas a base é uma só”, não é isso? Então eu acho que eu vivi minha infância, minha juventude entre Ponte Nova, Oratórios e Ouro Preto. E saí de Minas Gerais, eu devia estar com 25 para 26 anos. Essa época da vida é a época que você fixa mais as coisas... é aonde você está

<p>Por fim, enquadramento vai fechando no músico cantando e tocando violão.</p>	<p>buscando as bases do amadurecimento. Então isso tudo vem de Minas Gerais. Então depois você sai, anda pelo mundo afora, mas carrega essa base com você, né?! Eu acho que Minas sabe dizer, sabe falar e sabe ouvir, né?! Na música de Minas ela tem a expressão dela, né, aonde está a fala e o silêncio. O silêncio é quando você escuta o que está em torno. Isso é muito difícil, você descobrir na música de outras regiões do Brasil. Isso na música de Minas é impressionante, né?! Entre uma palavra e outra, uma melodia e outra, existe esse silêncio que Minas sabe construir muito bem. E eu aprendi isso... Você escuta “Faces sob o sol, os olhos na cruz. Os heróis do bem prosseguem na brisa na manhã. Vão levar ao reino dos minaretes. A paz na ponta dos arietes. A conversão para os infiéis”. Essa espera, sabe?! “Para trás ficou a marca da cruz. Na fumaça negra vinda na brisa da manhã. Ah, como é difícil tornar-se herói. Só quem tentou sabe como dói. Vencer satã só com orações”. É muita história, cara. Se for contar as histórias, são muitas histórias, né?!</p>
<p>Imagens do músico sentado no sofá cantando e tocando – enquadramento em plano médio.</p>	<p><b>(OFF)</b> E é com a música que esse mineiro conta todas as histórias que vive.</p>
<p>Ainda imagens do músico sentado cantando e tocando - <i>take</i> fechado. Depois plano detalhe em um quadro do artista.</p>	<p><b>(SONORA - músico João Bosco)</b> “Outro amor nascente dessas ancestrais. Castanhas gotas de cristais que não morrem jamais...”.</p>
<p>Clipe de imagens gerais da reportagem.</p>	<p><b>SOBE SOM</b></p>

Fonte: Elaborado pela autora.

O programa especial segue para o segundo bloco com a música de Fernando Brant, mineiro de Caldas e Tavinho Moura, de Juiz de Fora. Toda a conversa e bate-papo entre repórter e entrevistados é sobre as lembranças de Minas.

Figura 52 – *Frames* das imagens que cobriram a música de Fernando Brant e Tavinho Moura



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

Histórias que estão registradas nas mais diferentes letras e melodias de músicas consagradas pelos dois artistas. E eles cantam. Levam às telas o que a memória não deixa esquecer, por meio da música *Paixão e Fé*:

E sai o povo pelas ruas a cobrir/De areia e flores as pedras do chão/Nas varandas vejo as moças e os lençóis/Enquanto passa a procissão/Louvando as coisas da fé.

O trecho da música é coberto com imagens de uma procissão pelas ruas de pedras desordenadas, em Ouro Preto, decoradas com figuras bíblicas feitas de areia colorida, serragem e flores. A imagem aberta ainda mostra mulheres debruçadas nas janelas coloniais, enquanto passa a imagem do Santíssimo Sacramento, carregado pelo padre e por fiéis. É a Minas do passado eternizada em versos e musicada em melodias e agora, em clipe de TV.

Figura 53 – *Frames* de imagens dea procissão pelas ruas de pedra desordenadas de Ouro Preto



Fonte: Acervo da TV Globo Minas.

O último bloco do programa foi dedicado à música contemporânea de Belo Horizonte, em uma entrevista com o grupo de rock Tianastácia. Os músicos falam das referências, mas cantam a capital. Aliás, a Belo Horizonte é cantada e versada nas esquinas do passado e até hoje lembradas por diferentes artistas da música nacional.

O programa do dia 29/10/2011, que encerra as comemorações pelos dez anos do *Terra de Minas*, seguiu a mesma linha do anterior, homenageando a música mineira por meio de talentos consagrados. Foram também três blocos no mesmo formato e com o mesmo repórter conduzindo a reportagem com depoimentos e é claro música.

No bloco 1, a entrevista foi com o grupo 14 Bis, onde os quatro integrantes relembrou canções como *Pedra Menina*, de Flávio Venturini. No segundo bloco, o entrevistado foi Lô Borges, que cantou *Paisagem da janela*. O programa de 10 anos do *Terra de Minas* é encerrado com a banda Skank, com Samuel Rosa e amigos falando como é escrever e cantar Minas e a capital Belo Horizonte.

Por meio da música, a história também pode ser contada e guardada em versos. Uma lembrança saudosista, percebida nas falas dos entrevistados e também na condução dos repórteres. Uma memória aprisionada em estrofes, cobertas com imagens de uma Minas Gerais religiosa, de uma Minas bucólica e poética: das terras, serras e dos sertões gerais. Uma narrativa que destaca a poesia, que evidencia a riqueza cultural e a memória romântica de uma paisagem da janela. De uma janela lateral, vê-se uma igreja e um sinal de glória. Assim as Gerais são cantadas e eternizadas por meio das lentes de um programa de TV.

Mas em 10 anos o programa não trouxe à tona uma diversidade musical. No relatório de reportagens vimos que a música representada na maioria dos VT's é clássica e religiosa ou de compositores de Belo Horizonte conhecidos nacionalmente. A típica herança musical dos descendentes de povos escravizados, por exemplo, não é retratada. Há uma reportagem apenas sobre samba, não há matéria que aborde o sertanejo universitário, tão comum no interior. A música escolhida para representar Minas tem uma referência poética na capital Belo Horizonte ou na igreja católica.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs investigar como o programa semanal *Terra de Minas*, exibido na TV Globo Minas e afiliadas, diante da Minas Gerais diversa e multicultural, escolhe um determinado enquadramento editorial e dá visibilidade a uma narrativa singular sobre a memória e a identidade mineira. O trabalho de busca e de aprofundamento da análise dos episódios do programa foi importante para termos um retrato, um recorte do que foi pautado ao longo de 10 anos no *Terra de Minas*, e entender quais foram as narrativas memorialísticas e identitárias que mais surgiram nas reportagens. Isto é, na disputa entre o lembrar e o esquecer, identificamos qual a memória e identidade o programa constrói a partir da seleção editorial dos temas a serem pautados, e dos conteúdos textuais e imagéticos a serem veiculados.

Do programa 01 ao número 497 foram exibidas matérias de assuntos variados, porém destacando uma Minas bucólica na forma de ser mostrada, fotografada, contada, também televisionada, e muito filmada. Uma Minas de montanhas gerais, de silhuetas delineadas por um olhar singular, captada em uma ótica lírica, emotiva, sensível, reforçando o saudosismo nas mais diversas situações: saudades do campo, da vida na fazenda, da comida de vó, da Minas idealizada em folhetos turísticos, das bandas de rua, ou do entardecer no horizonte nem sempre presenciado, mas mineiramente imaginado.

Observamos que essa busca frequente pelo passado se dava, no programa, de diferentes formas: por meio dos depoimentos sonoros de personagens que contavam e relembavam um tempo vivido; por meio de uma narrativa, onde o repórter se colocava mais próximo do entrevistado, buscando confissões e emoções; também pelas imagens, cuidadosamente trabalhadas e pela edição de vídeo sem pressa. A montagem de imagens, *off*, sonora, sobe som, assim como a escolha de *bg's* privilegiava, nas reportagens, as sequências lentas, em uma forma de narrar o conteúdo que levasse o telespectador a assistir ao programa mineiramente, em uma tranquilidade idealizada, como se a vida, repentinamente, desse uma trégua, e fosse possível perceber o mundo ao redor de outra forma, desaceleradamente.

O programa falava de uma cultura tão diversa, agora condicionada às escolhas editoriais de um telejornal, que seguia um modelo previsível ao longo das edições, dentro do formato de qualidade escolhido pela emissora. Cabeças gravadas em um belo cenário, capaz de captar a essência da cidade ou assunto, iluminação cuidadosa, sem sombras e sem surpresas. Notava-se um elevado nível de preocupação estética, visual e técnica com o que era colocado no ar aos fins de semana. Quando a apresentadora chamava as reportagens, entravam matérias com imagens limpas, onde o enquadramento enfatizava características e cenários típicos,

realçando traços da mineiridade em quadro, motivo de orgulho de mineiros de diferentes cantos das Gerais. Com isso, percebemos no material analisado, que, do ângulo captado pelo cinegrafista, passando pelo texto de frases curtas, até a edição que destacava o som ambiente, as frases e suspiros sequenciando a história, o foco estava em um tipo de mineiro: aquele ser feliz, orgulhoso de sua terra. Mas, como não se deixar encantar?

Percebemos, no desenvolvimento do trabalho, que o programa tinha como principal característica uma narrativa cadenciada, valorizando imagens que acompanhavam o dia a dia do personagem com a fala mais pausada, sendo ele do interior ou não. Os tons quentes da vinheta de abertura eram como se estivessem levando o telespectador a voltar no tempo, em uma busca pelas lembranças afetivas da memória, com a música tema *Pátria Minas – Imaculada* de Marcus Viana. Essa volta ao passado se dava por diferentes simbologias e experiências: música, imagens, fotografias, também pelas entrevistas e até por meio das locações, em igrejas, museus e cenários compostos com elementos de diferentes épocas. Nas reportagens analisadas vimos altares com imagens de santos, terços e fotos de família; mesas postas com objetos antigos e que remetiam à ancestralidade ou artesãos fazendo objetos de forma arcaica. Tudo evidenciado com poesia, emoção e como se fossem relíquias.

As agruras da capital movimentada, com problemas sociais ou de pequenas cidades, dos arraiais, das comunidades quilombolas ou de regiões mineradoras não são enfatizadas, pelo contrário. O *Terra de Minas* busca mostrar que há beleza na terra árida do Vale do Jequitinhonha, por exemplo, dando destaque ao trabalho duro de artesãos que sobrevivem da lama amarronzada, que é transformada em diferentes objetos como estátuas, potes, panelas e em bonecas com feições africanas. A reportagem de Juliana Perdigão sobre o artesanato no Jequitinhonha faz um resgate da tradição por meio de texto e fotografia, levando ao público um Vale poético e belo, na concepção da estética imagética. A condição precária do ofício dos artesãos não é abordada, mesmo que a imagem mostre uma mulher negra, trabalhando descalça e sentada no chão.

Assim como as manchas deixadas pela escravidão não são aprofundadas, quando se fala da história da fundação de Ouro Preto. A cidade do Ciclo do Ouro foi erguida pelas mãos dos escravizados, mas a reportagem especial sobre a origem da Vila Rica opta por outra angulação, levando à tela pesquisadores de órgãos públicos que reforçam a história oficial, presente em livros e em folhetos turísticos comerciais. A ascendência africana não está presente nem nas pessoas que contam sobre a história. Todos os entrevistados são brancos e somente uma dona de casa não tem formação acadêmica. É ela quem leva a equipe e o telespectador a conhecerem a Mina de Chico Rei. Ela fala de uma história, que ouviu ao longo dos anos, e menciona o

homem escravizado que virou lenda por não aceitar a opressão e por lutar pela liberdade do seu povo.

Dentro da análise feita nas reportagens especiais, encontramos outra menção à escravidão mineira, por meio da tradição passada por gerações. A matéria que exhibe a tradicional festa de congado, também segue um viés folclórico, poético e opta por um enquadramento em que se enfatiza a herança cultural deixada pelos negros, como a dança e a música. Mostra que, por meio da religiosidade, os descendentes de homens escravizados encontravam formas de manter viva a tradição dos antepassados. Os enquadramentos buscam uma fotografia cinematográfica, com o uso de contraluz como forma de evidenciar o belo por trás da simplicidade e da penumbra. E os traços memorialísticos, ao longo da matéria, vão além da cor amarelada sépia, estão também nos depoimentos sonoros carregados de lembranças.

Traços do passado e resgate de tradições são bem evidentes na reportagem da categoria de culinária. Há uma história por trás da receita, uma história típica do interior do estado de Minas. E a matéria começa mostrando as ruas calçadas de pedra e o casario colonial. Os personagens estão bem enquadrados, na janela e em uma varanda. O cenário cuidadosamente escolhido é uma forma de fazer menção às memórias por meio das imagens da pequena cidade. A edição escolhe frases saudosistas dos personagens: “Aqui a gente cresceu, viveu os momentos felizes”, “aprendi com minha tia”, “meu pai era fazendeiro, nasci na roça”. A locação de todas as entrevistas foi feita em quadros que remontam às lembranças do interior: as fachadas das casas, a varanda florida, a horta de ervas, a mesa posta com louças de família, a cozinha com fogão à lenha e os utensílios dispostos e iluminados de forma a evidenciar um passado rico em lembranças. Poderíamos observar aí a tendência a cenografar o espaço, prepará-lo para a gravação, não simplesmente captá-lo na sua quotidianidade. Não há a típica mesa simples.

E a abordagem da música? Em um estado com tantas influências, retratar um tipo de canção e a classificar como mineira já é fazer curadoria. No material estudado, observamos que a escolha musical no primeiro programa do *Terra de Minas* foi pelo resgate raiz, pela moda de viola. A abordagem ao longo dos anos foi por uma opção pelo clássico, erudito e pela música sacra. O popular estava presente nas reportagens sobre bandas de música pelo interior e nos corais. Buscando no relatório de retrancas, vimos que em dez anos foi feita apenas uma reportagem sobre samba: “A Velha Guarda do Samba Fala dos Antigos Carnavais de BH”, em 17 de fevereiro de 2007. Assim como não há enfoque para outros estilos como funk ou sertanejo universitário. Mas a efeméride pelos 10 anos homenageou a música, identificada pela equipe do programa, como mineira. Uma escolha pela poesia de compositores consagrados nacionalmente, na MPB e no rock. O resgate memorialístico estava presente nas letras e poesias

sobre as recordações que esses artistas têm das Gerais. Uma musicalidade representada pela capital, Belo Horizonte. E ficou bem evidente que o programa em comemoração aos dez anos não mostrou uma diversidade musical com recortes do interior.

Em suma, podemos dizer que a abordagem emotiva, envolvente e bucólica foi uma seleção editorial, indo ao encontro de uma representação singular da mineiridade, reforçando os mitos existentes, sem uma ruptura, uma desconstrução. Foram apresentados ao longo de 10 anos personagens conhecidos, até repetitivos, falando de uma história bem oficial. E isso foi possível verificar a partir da análise de conteúdo dos episódios e do relatório de retrancas, cedido pelo departamento de acervo da TV Globo Minas.

Mas é importante ressaltar que a construção da memória coletiva foi acontecendo no decorrer das edições do *Terra de Minas*, por meio da valorização das histórias e tradições locais, do resgate do afeto, das lembranças e da promoção da preservação de um patrimônio artístico, cultural e ambiental. Ao longo de diferentes reportagens, nota-se que foram utilizados recursos audiovisuais e narrativos que buscavam a emoção para criar uma conexão afetiva entre personagens da história e o telespectador, contribuindo assim com a construção de uma memória quase que ficcionalizada, imaginada, desejada de uma Minas Gerais rural e que tem nas tradições, uma marca forte.

Nessa seara, vimos também que o *Terra de Minas* desempenha um papel na contribuição para se preservar a cultura, ao apresentar temas variados relacionados à memória do estado. Dessa feita, ajuda na construção de uma identidade afetiva, fazendo o resgate de tradições e costumes que poderiam se perder com o tempo. Para isso o programa opta por uma abordagem direta, objetiva e acessível, combinando imagens atuais, com fotografias, documentos de museus, depoimentos de especialistas e relatos de pessoas comuns, o que o torna diverso e fundamental para que histórias interioranas, às vezes pouco mencionadas nas grandes cidades, às margens dos grandes centros urbanos, sejam conhecidas.

O programa *Terra de Minas*, de caráter documental, buscava dar visibilidade a costumes passados entre famílias do interior do estado de Minas Gerais. E por mais que tenhamos visto repórteres diferentes, podemos falar que a narrativa seguia um padrão de resgate das lembranças: imagens abertas no início das reportagens, movimentos lentos, repórteres mais informais, humanizando e aproximando realidades por meio da simplicidade. Com isso, pudemos ver que as memórias narradas iam além das imagens, elas se mostravam vivas nos depoimentos que estabeleciam um elo entre as pessoas, suas lembranças e suas histórias de vida. Os testemunhos eram exibidos como forma de ajudar o telespectador a reconstruir histórias, reviver tempos e a ter experiências com o que parecia distante.

Uma época longínqua se torna próxima com os artifícios televisivos: áudio e imagem podem ser uma combinação aliada ao texto simples e direto, não sobressaindo à história. Uma forma de valorizar a tradição, que é passada há muitas gerações. E a representação do passado foi uma característica nas reportagens analisadas em todas as categorias.

Esta dissertação não é uma pesquisa fechada sobre as representações acerca dos estudos de memória no programa de TV *Terra de Minas*. Analisamos o programa sob a ótica de cinco categorias: Cidade e Turismo; Arte e Artesanato; Religiosidade, Tradição e Festa; Culinária e Música. Mas o universo do relatório de retrancas pode apontar outros direcionamentos para trabalhos futuros, que venham fazer um aprofundamento sobre um período onde havia uma maior integração das emissoras afiliadas da Globo, do interior, com a Globo Minas.

Depois de mais de vinte anos, o programa *Terra de Minas* ainda está no ar na capital, mas já não entra em cadeia com as demais emissoras do interior e nem tem a parceria de viagens como teve nos primeiros dez anos. Hoje o foco é na região metropolitana e nas cidades históricas da região central. O formato também foi alterado: o repórter que faz a matéria é o mesmo que grava as cabeças, chamando os VT's, o que demonstra um movimento na grade de programação da emissora, com um menor olhar para o interior do estado e suas características histórico-culturais.

Mas é importante ressaltar: o que foi feito, resgatado e valorizado em um determinado período na TV aberta foi importante para a contribuição daquilo que ousamos chamar de uma memória mineiramente imaginada. É como se o passado em Minas fosse um elo, representando a mineiridade nas mais diferentes regiões e pelas mais diferentes gerações. Existem maneiras infinitas de narrar, o *Terra de Minas* privilegiou uma delas, em que o jornalismo encontra a história, a memória, a emoção, até mesmo a ficção, para dar conta do encantamento do mundo.

## REFERÊNCIAS

- ADÉLIA Prado e Drummond – Terra de Minas 2002. [S.n.; s.l.]. 1 vídeo. (3min e 52 seg). Reportagem exibida em 02 nov. 2002. *Terra de Minas*. Publicado pelo canal do Youtube de Fernanda Lília. Almeida. 27 fev. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fJRtxU2gBvs> Acesso em: 30 mar. 2023.
- AMARAL, O. Especial Música – cantor João Bosco. Reportagem exibida em 22 out. 2011. **Terra de Minas**. Centro de Documentação da TV Integração. Uberlândia (MG), 2022.
- AMARAL, P. A. **Telejornalismo no Cerrado: do Triângulo à Integração, uma busca da audiência** (Rede Integração — MG). 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) — Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Sorocaba, 2008.
- ANDRADE, C. D. **Confissões de Minas**. Rio de Janeiro: Americ-Edit, 1944.
- ARANTES, H. S. MUSSE, C. F. A construção da identidade mineira: uma análise da cobertura do aniversário de Belo Horizonte através do jornal Estado de Minas. *In: XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM)*. 2012, Fortaleza, CE. **Anais [...]**. São Paulo: 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0571-1.pdf> Acesso em: 18 set. 2022
- BARBEIRO, H; LIMA, P. R. **Manual de Telejornalismo: o segredo da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BARBOSA, M. C. **Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória**. Niterói: EdUFF, 2007.
- BARBOSA, M. C. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Contracampo**. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. V. 35, n. 01, abr./jul. Niterói, 2016.
- BELCAVELLO, F. **A TV Industrial de Juiz de Fora: memórias da Juizdeforaneidade (1964-1979)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) — Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 2010.
- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Obras Escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BOSCO, J. Especial Música – cantor João Bosco. Reportagem exibida em 22 out. 2011. **Terra de Minas**. Centro de Documentação da TV Globo Minas. Belo Horizonte (MG), 2022.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

BRANDÃO, C., LINS, F., MAIA, A. Itacolomi – uma TV para Minas Gerais. **FAMECOS**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 18 (3), 877–893, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/10387> Acesso em: 5 jun. 2022.

BRASIL COBERTURA, 2022. **Globo Ads**. Rede Globo. Disponível em <https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Brasil.aspx>. Acesso em: 17 maio 2022.

BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMPOS, L. S. **Telejornalismo e Identidade regional**. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/2/22/GT3-03-Telejornalismo-Lenir-Naira.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022.

CAMPOS, J. de O.; MAFRA, R. L. M. Das minas de ouro e das montanhas gerais: a representação do Terra de Minas sobre a identidade mineira. **Lumina**. Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 188–206, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21321>. Acesso em: 29 mar. 2022.

CANAVILHAS, J. Internet como memória. **BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2004. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=canavilhas-joao-internet-como-memoria.html> Acesso em: agosto de 2022

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. Editora Contexto. São Paulo, 2021.

CARVALHO, A. L. P. de. O turismo como produto da indústria cultural nas enunciações da mídia. In: PAIVA, C.C. de; BARRETO, E.B; SÁ, V. (orgs.). **Mídia & culturalidades: análises de produtos, fazeres e interações**. João Pessoa: Universitária, 2007, p. 277-297.

CASTRO, D. Afiliado acusa Globo de forçar venda de TV. Outro Canal. Ilustrada. **Folha de S. Paulo**. 15 jul. 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1507200804.htm> Acesso em: 22 mar. 2020.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA TV INTEGRAÇÃO, Uberlândia (MG), 2019.

CONHEÇA a TV Globo em Minas. **Globo Minas**. 27 maio 2015. Disponível em: <http://glo.bo/RkhwYc> Acesso em: 22 mar. 2020.

COUTINHO, E. In: LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

COUTINHO, I.; FERNANDES, L.; MATA, J. A. P.; SCAFUTO, N. Telejornalismo e identidade local: uma reflexão sobre a produção jornalística nas emissoras de TV de Juiz de Fora. In: Ana Maria Fadul; Maria Cristina Gobbi. (Org.). **Mídia e região na era digital: diversidade cultural, convergência midiática**. V. 1. São Paulo: Arte & Ciência, 2006.

COUTINHO, I., & MATA, J. (2010). Telejornalismo a serviço do público: a voz do povo em cena. Revista **FAMECOS**. N. 17. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2010.1.6881>. Acesso em: 12 out. 2022.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EMERIM, C. O texto na reportagem de televisão. *In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM)*. 2010, Caxias do Sul, RS. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2010. v. 33. p. 01-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0879-1.pdf> Acesso em: 23 mar. 2022

EPTV. **Conheça a história da EPTV**. 2022. Disponível em <https://institucional.eptv.com.br/televisao/aeptv.aspx> @2023 Acesso em: 22 mar. 2022.

ESTADO Minas Gerais. Cobertura. **Globo Ads**. Rede Globo. Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/paginas/estados.aspx?uf=MG> . Acesso em: 22 mar. 2022.

FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. **Galáxia**. Revista da Pós-Graduação em Comunicação da PUC de São Paulo. N. 24, p. 10-21, dez. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/12939/9406/30960> . Acesso em: 12 dez. 2022.

FRANÇA, V. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1998.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HISTORIA TV Industrial, por Geraldo Mendes. 70 Anos TV Brasileira. [*S.n.; s.l.*]. 1 vídeo [9min e 33 seg]. Reportagem exibida na TV Integração no dia 28 de setembro de 2020. Publicada pelo canal Fernanda Lilia Almeida. 14 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2prmfUDQoTY> Acesso em: 20 mar. 2022.

HUYSSSEEN, A. Passados presentes: mídia, política, amnésia. P.9-40. *In: Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2000.

INTERTV. *In: Wikipedia: the free encyclopedia*. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010]. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/InterTV\\_Grande\\_Minas](https://pt.wikipedia.org/wiki/InterTV_Grande_Minas). Acesso em: 16 abr. 2022.

JAMBEIRO, O. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2002.

LEAL, B. S; VALLE, F.P. Informação e imagem no telejornal: reflexões sobre um regime visibilidade. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, V.32, N.1. 2009.

LILIA, F. As histórias da Estação de Trem em Formiga [S.n.; s.l.]. 1 vídeo (9min e 16 seg.). Reportagem exibida em 14 fev. 2009. **Terra de Minas**. Publicado pelo Canal do Youtube de Fernanda Lilia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Go289awSkfI&t=120s>. Acesso em: 15 abr. 2022.

LILIA, F. Comida para mulheres grávidas. [S.n.; s.l.]. 1 vídeo (10 min). Reportagem exibida em 17 jul. 2010. **Terra de Minas**. Publicado pelo Canal do Youtube de Fernanda Lilia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1b0ZtZ0tZps&t=58s>. Acesso em: 15 abr. de 2022.

LILIA, F. Congado: História do Congado em Minas. [S.n.; s.l.]. 1 vídeo (8min e 21 seg). Reportagem exibida em 22 out. 2005. **Terra de Minas**. Publicada pelo Canal do Youtube de Fernanda Lilia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GwAJN8GCRLI&t=2s>. Acesso em: 15 abr. 2022.

LIMA, A. A. **Voz de Minas**: ensaio de sociologia regional brasileira. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983.

LINS, C. **O documentário de Eduardo Coutinho**: televisão, cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LINS, F. R. **TV Mariano Procópio**: “Cariocas-do-brejo” entrando no ar. Juiz de Fora: Ed. UFJF/Funalfa, 2010.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Ed. Senac SP, 2000.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MATHEUS, L. C. **Comunicação, tempo, história**: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — 2010. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

MATTOS, S. **História da Televisão Brasileira**: uma visão econômica, social e política. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MEU GUIA. **Rede Globo**. Disponível em: <https://meuguia.tv/programacao/canal/GRD>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MINAS GERAIS. **MG app cidadão**. Geografia. 2010. Disponível em: <https://www.mg.gov.br/pagina/geografia>. Acesso em: 16 abr. 2022

MAFRA, R. **Entre o espetáculo, a festa e a argumentação** – mídia, comunicação estratégica e mobilização social. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MORAES, L.A.; GANDARA, J. M.G. Miatização e espetacularização do turismo. **Turismo & Sociedade**. V. 9, N. 1, janeiro-abril. Biblioteca Digital de Periódicos da Universidade

Federal do Paraná. Curitiba, 2016. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/40435>. Acesso em: 12 jul. 2022.

MUSSE, C. F.; MEDEIROS, Theresa; HENRIQUES, R. **Nostalgias e memórias nos tempos das mídias**. Selo PPGCOM. Juiz de Fora: UFJF, 2020.

MUSSE, C. F.; THOMÉ, C. A. Telejornalismo e poder: memórias (re) construídas pelo “Jornal Nacional”. In: **Telejornalismo e Poder**. Cárilda Emerim, Cristiane Finger, Flávio Porcello (Orgs.). Florianópolis: Insular. 2016.

MUSSE, C.F; MUSSE, M. A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações. **Rumores**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). São Paulo, v. 4, n. 8, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51209>. Acesso em: 29 mar. 2022.

MUSSE, C. F. Telejornalismo e imaginário urbano: a cidade na TV. 6º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA (ALCAR), Niterói, RJ, 2008, In: [Anais...] Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1kMhPbExBXsVV8YzgPwmN0QYfNttWlg0b/view> Acesso em: 25 mar.2022

MUSSE, C. F. **A imprensa local e os grandes veículos nacionais**: relações associativas e complementares. Juiz de Fora: Facom/UFJF, 1985.

TV Panorama agora é TV integração. **Globo.com**. 08 fev. 2012. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/mg/tvintegracao/noticia/2012/02/tv-panorama-agora-e-tv-integracao.html>. Acesso em: 23 mar. 2022.

PASTERNOSTRO, V. Í. **Globonews, 10 anos, 24 horas no ar**. Rio de Janeiro: Globo, 1996.

PERDIGÃO, Juliana. Viagem pelo Vale do Jequetinhonha. Artesãos da Região. Reportagem em vídeo, exibida em 29/07/2006. **Terra de Minas**. Centro de Documentação da TV Globo Minas. Belo Horizonte, 2023.

PERNISA, M. B. **A construção simbólica da identidade mineira no telejornal da Rede Minas**. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). 2011. Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2011.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. São Paulo: Siciliano, 1993.

PROGRAMAS. **Rede Globo**. Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/programas> Acesso em: 16 mar. 2022.

QUADROS e Colunas. **Memória Globo**. 28 jan. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-hoje/noticia/quadros-e-colunas.ghtml>

RAMALHO, W. S. C. **Uma história da mineiridade**: o sentido “essencialista” de uma representação. XIX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA DA REDE ALCAR. Juiz de Fora, 2014. In: [Anais ...]

Disponível em:

[http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/34/1398480269\\_ARQUIVO\\_Mineiridade-Walderez.pdf](http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/34/1398480269_ARQUIVO_Mineiridade-Walderez.pdf)

Acesso em: 10 abr.2022

ROCHA, S. M. **Identidade regional, produção e recepção:** a “mineiridade” na televisão. Congresso Nacional em Comunicação Social. Salvador: UFBA, 2003.

ROSA, J. G. **Ave, palavra.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às Nascentes do Rio São Francisco.** 2ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

SANTOS, Vívian. **Terra de Minas.** Centro de Documentação da TV Globo. Belo Horizonte (MG), 2022. Vídeo.

SILVA, F. M. Tramas do tempo no telejornalismo local: temporalidades sociais no programa Terra de Minas. **FAMECOS.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, V. 27, p. 1-11, jan. -Dez, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.33837>. Acesso em: 8 jan. 2022.

SIUFI, E. Entrevista concedida ao jornalista João Edwar. Especial em comemoração aos 30 anos da TV em Montes Claros. **TV MONTES CLAROS 30 ANOS.** MGTV. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GrI6Bkht6dY>. Acesso em: 22 mar. 2022.

SOBREIRA, F. **Mineração do ouro no período colonial:** alterações paisagísticas antrópicas na serra de Ouro Preto, Minas Gerais. Biblioteca Digital de Periódicos da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abequa/article/view/34432>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TEMER, A.C.R.P. **Colhendo notícias, plantando imagens.** A reconstrução da história da TV Triângulo a partir da memória dos agentes do seu jornalismo triângulo. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

TERRA da gente. **Globoads.** Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/programas/paginas/terradagente.aspx>. Acesso em: 20 jun.2022.

TERRA de Minas. **Globoads.** 2021. Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/programas/paginas/terrademinas.aspx>. Acesso em: 27 jul.2021.

TERRA de Minas. **Rede Globo.** Disponível em <https://negocios8.redeglobo.com.br/programas/paginas/terrademinas.aspx>. Acesso em: 9 de jul. 2022.

THOMÉ, C.; REIS, M.A Novas funções e competências no telejornalismo regional. *In*: COUTINHO, I; EMERIM, C. (org). **Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões**. Florianópolis: Insular, 2009.

THOMÉ, C. A.; REIS, M. A. **Videoteratura nostálgica nas crônicas audiovisuais da quarentena**. *In*: MUSSE, C.; MEDEIROS, T.; HENRIQUES, R. (org.). Nostalgias e memórias no tempo das mídias. Florianópolis: Insular, 2020.

TRADIÇÃO da rapadura. [S.n.; s.l.] 1 vídeo (5min e 50 seg.) Reportagem exibida em 06 mar. 2010 no *Terra de Minas*. Publicada pelo canal Fernanda Lilia Almeida. 30 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e2kOsyOcMRA&t=270s>. Acesso em: 15 jul. 2022.

TV LESTE – HISTÓRIA. **TV Leste**. Disponível em: <https://web.archive.org/web/19990921084430/http://www.tvleste.com.br/tvhis.html>. Acesso em: 20 jan. 2022.

TV Montes Claros 30 anos [S.l.; s.n.]. 2021. 1 vídeo (14min e 35seg). Especial 30 anos de TV. MGTV. Publicado pelo canal **Loride Delta**. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GrI6Bkht6dY> Acesso em: 22 mar. 2022.

VASCONCELOS, Soraia. *In*: LILIA, Fernanda. Terra De Minas, as Gerais “Tipo Exportação” – por Fernanda Lília. Blog do Concine: comunicação, cidade e memória. Disponível em <<https://pesquisafacomufjf.wordpress.com/2023/04/17/terra-de-minas-as-gerais-tipo-exportacao-por-fernanda-lilia/18> de outubro de 2022>. Acesso em 18 de abril de 2023.

VIZEU, Alfredo. Telejornalismo: cotidiano e lugar de segurança. Estudos em Jornalismo e Mídia. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (UFSC)**. Florianópolis, v. III, n.1, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2246>. Acesso em: 2 jan. 2022.

VT 2 CARREATA de carro de boi. Pains, MG. [S.n.; s.l.] 1 vídeo (8min e 4seg). Reportagem exibida no *Terra de Minas* em 04 jun. 2005. Publicada pelo canal Fernanda Lilia Almeida. 04 jul. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fttmu4tupog>. Acesso em: 2 ago. 2022.

WIRTH, John. **O fiel da balança**: Minas Gerais na confederação brasileira – 1889/1937. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.